



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Projecto para Edifício sede da AMI em Alcântara:
A prática da investigação aplicada ao projecto

Inês Tavares Manso Dias

Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientadores:

Doutora Teresa Maria Ribeiro Belo Rodeia, Professora Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2020



TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitectura e Urbanismo

Projecto para Edifício sede da AMI em Alcântara:
A prática da investigação aplicada a projecto

Inês Tavares Manso Dias

Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientadores:

Doutora Teresa Maria Ribeiro Belo Rodeia, Professora Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

PROJECTO PARA EDIFÍCIO SEDE DA AMI EM ALCÂNTARA:

A prática da investigação aplicada ao
projecto

PROJECTO PARA EDIFÍCIO SEDE DA AMI EM ALCÂNTARA:

A prática da investigação aplicada ao projecto

Trabalho submetido para obtenção do grau de
Mestre em Arquitectura

Discente
Inês Tavares Manso Dias

Orientador
Doutora Teresa Maria Ribeiro Belo Rodeia, Professora Auxiliar
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

ISCTE-IUL
Departamento de Arquitectura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitectura

Novembro 2020

O trabalho presente está redigido de acordo com as normas de ortografia anteriores ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Respeita as “Normas de apresentação e harmonização gráfica para dissertação ou trabalho de projeto de mestrado e tese de doutoramento” definidas pelo ISCTE-IUL. As referências bibliográficas seguem a Norma Portuguesa 405.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Miguel Gomes e à professora Teresa Rodeia, pelo conhecimento partilhado, pela crítica, paciência, adaptabilidade e disponibilidade que demonstraram, ao longo do ano lectivo.

Ao professor Ricardo Venâncio Lopes, pelo apoio, acompanhamento e disponibilidade que demonstrou desde o primeiro dia que o convidei a fazer parte deste percurso.

À Joana e ao Sérgio, do atelier Office ina, que me acompanharam ao longo dos últimos anos e que com paixão e dedicação me mostraram e iniciaram na prática da arquitectura.

Aos colegas e amigos que me acompanharam e apoiaram ao longo dos últimos 5 anos. Especialmente ao Eduardo, Luísa e Joana, que se fizeram presentes pelo trabalho em equipa, companheirismo e compreensão.

Ao João que nos últimos 8 anos tem me acompanhado na minha formação, por todo o apoio e companheirismo, pelas longas conversas e pelas palavras sábias que tantas vezes me tranquilizaram.

À minha mãe e avós, por todo o carinho, apoio e motivação que sempre demonstraram. Pelas oportunidades que me proporcionaram, por acreditarem em mim e percorrerem este caminho comigo, certamente convosco tudo foi e será mais fácil.

Ao Tiago, pelo apoio, ajuda, carinho, paciência e compreensão, por estar sempre presente, pelas vezes que me ouve a divagar sobre a arquitectura e a cidade. Por me apoiar e motivar a alcançar os meus objectivos.

RESUMO

Palavras-chave: Alcântara, Projecto de Arquitectura, Desenho Urbano, Dinâmicas urbanas, Pesquisa Formal Em Arquitectura

O presente trabalho propõe uma intervenção num quarteirão vazio em Alcântara, tendo por base o programa do concurso realizado em 2007 para o edifício sede e creche/infantário da AMI.

Na realização deste trabalho procurámos explorar a prática de uma arquitectura integrada na cidade, que atendesse às suas dinâmicas, fluxos e população. Como tal desenvolvemos uma análise do território que abordou aspectos históricos, físicos, sociais, económicos, ecológicos e institucionais. Esta análise procurou uma compreensão alargada do território, que informasse a intervenção proposta e permitisse uma revitalização integrada da mesma. A correlação entre a análise e o projeto estabelece-se através da implantação, do desenho urbano e da organização programática e formal do projecto.

Outro objectivo deste trabalho foi a aproximação à prática da profissão, procurando desta forma o desenvolvimento de um projecto desde a escala da implantação até à escala da pormenorização. Procurávamos assim entender que a definição de um projecto não se esgota nos aspectos formais, podendo-se aprofundar com diversas temáticas que se prendem com a caracterização dos diferentes espaços.

Ao longo do trabalho foram abordados diferentes autores e arquitectos que, por terem estudado e aprofundado os objectivos acima enunciados, contribuíam para o resultado projectual que se apresenta.

ABSTRACT

Key-words: Alcântara, Architectural Project, Urban Design, Urban dynamics, Formal Research in Architecture

The present work proposes an intervention in an empty block in Alcântara, based on the competition's program held in 2007 for the headquarters building and daycare/nursery of AMI.

During this work we sought to explore the practice of an integrated architecture in the city, which would meet its dynamics, flows and population. As such, we developed a territory analysis that addressed historical, physical, social, economic, ecological and institutional aspects. This analysis sought a broader understanding of the territory, which would inform the proposed intervention and allow an integrated revitalization of it. The correlation between the analysis and the project is established through the implantation, the urban design and the programmatic and formal organization of the project.

Another objective of this work was to get closer to the practice of the profession, seeking the development of a project from the scale of implementation to the scale of detailing. We tried to understand that the definition of a project is not limited to the formal aspects, being able to deepen with several themes that are related to the characterization of the different spaces.

Throughout the work, different authors and architects were mentioned, who, having studied and deepened the objectives set out above, contributed to the presented project result.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES, FIGURAS E QUADROS

0_INTRODUÇÃO

Figura 0.01 - Local de Intervenção

Fonte: Elaboração a partir de uma ortofotografia do Google Earth consultada em Novembro de 2019

Figura 0.02 - Limite definido no decorrer das análises e locais considerados para observação

Fonte: Elaboração a partir de uma ortofotografia do Google Earth consultada em Janeiro de 2020

Figura 0.03 - Dimensão e temas para registo fotográfico

Fonte: Costa, P. e R. Lopes - Desenho Urbano, Espaço Público e da dinâmica da Creative milieux: uma abordagem fotográfica ao Bairro Alto (Lisboa), Gràcia (Barcelona) e Vila Madalena (São Paulo): Journal of Urban Design, 2015

1_CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Figura 1.01 - Imagem Panorâmica sobre o Vale de Alcântara na actualidade

Fonte: Imagem retirada do Google Maps e modificada pela própria.

Figura 1.02 - Extracto da planta topográfica da marinha das cidades de Lisboa ocidental e oriental. Zona de Alcântara. 1727

Fonte: SILVA, A. Vieira – A Ponte de Alcântara. In Olisipo. Amigos de Lisboa. p.79.

Figura 1.03 - Extracto da Panorâmica de Lisboa relativo ao baluarte do Sacramento, em meados do século XVIII.

Fonte: Foto de M. Soares publicada em ROSSA, Walter – Além da Baixa Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista. Lisboa. Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998. p.33.

Figura 1.04 - Presença do Baluarte do Livramento na actualidade.

Fonte: Fotografia de autora, Alcântara, Setembro de 2019.

Figura 1.05 - Planta de Lisboa de Eugénio dos Santos de Carvalho e Carlos Mardel. Zona de Alcântara. 1755

Fonte: [http://purl.pt/27804/1/ca-212-a_JPG/ca-212-a_JPG_24-C-R0150/ca-212-a_0075_t24-](http://purl.pt/27804/1/ca-212-a_JPG/ca-212-a_JPG_24-C-R0150/ca-212-a_0075_t24-C-R0150.jpg)

[C-R0150.jpg](#)

Figura 1.06 - Carta Topográfica de Lisboa e seus subúrbios de José Bento de Sousa Fava. Zona de Alcântara. 1807

Fonte: http://purl.pt/27804/1/ca-212-a_JPG/ca-212-a_JPG_24-C-R0150/ca-212-a_0075_t24-C-R0150.jpg

Figura 1.07 - Desenho da ponte de Alcântara por Luiz Gonzaga Pereira em 1826

Fonte: <https://historiaschistoria.blogspot.com/2016/08/a-ponte-de-alcantara.html>, consultado em Setembro de 2019.

Figura 1.08 - Planta Topográfica da Cidade de Lisboa de Filipe Folque. Zona de Alcântara. 1856/58

Fonte: <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=79856&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>

Figura 1.09 - Pormenor dos portões que condicionavam o acesso à cidade de Lisboa na ponte de Alcântara em meados do séc. XIX

Fonte: <https://historiaschistoria.blogspot.com/2016/08/a-ponte-de-alcantara.html>, consultado em Setembro de 2019.

Figura 1.10 - Estação ferroviária de Alcântara-Terra em 1887

Fonte: <https://historiaschistoria.blogspot.com/2016/08/a-ponte-de-alcantara.html>, consultada em Setembro de 2019

Figura 1.11 - Extracto do levantamento da planta de Lisboa de Silva Pinto, Zona de Alcântara. 1911

Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>

Figura 1.12 - Carta topográfica de Lisboa, tendo sobrepostas a tinta encarnada as alterações feitas até 1911. Zona de Alcântara. 1871

Fonte: <http://purl.pt/27804/1/index.html#/87/html>

Figura 1.13 - Obras do Porto de Lisboa, Doca de Alcântara. 1891

Fonte: <https://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/o-aterro-em-alcantara-102553?thread=35481>, consultada em Setembro 2019.

Figura 1.14 - Construção da Doca de Alcântara em 1915

Fonte: <https://www.portodelisboa.pt/memoria-institucional>. Consultada em Novembro 2019

Figura 1.15 - Planta de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Zona de Alcântara. 1950

Fonte: <http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/>

2_CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

Figura 2.01 - Vale de Alcântara e limites administrativos da freguesia da Estrela e da freguesia de Alcântara

Fonte: Elaboração a partir de uma ortofotografia do Google Earth consultada em Dezembro de 2019

Figura 2.02 - Delimitação de freguesias e identificação de nó viário existente no limite de ambas

Fonte: Elaboração a partir de uma ortofotografia do Google Earth consultada em Dezembro de 2019

Figura 2.03 - Representação abstracta em cheios e vazios das freguesias da Estrela e Alcântara

Fonte: Elaboração pela autora, Dezembro 2020

Figura 2.04 - Caracterização do edificado

Fonte: Elaboração pela autora a partir de dados dos censos 2011 disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE) em https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=377750&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554

Figura 2.05 - Equipamentos turísticos com registo activo em 2018

Fonte: Elaboração pela autora a partir de dados disponibilizados pela Câmara Municipal de Lisboa (CML) na publicação Estudo Urbanístico do Turismo de Lisboa, 2018 disponibilizada em http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/Noticias/Estudo_Turismo_15102018.pdf?fbclid=IwAR1VPiYdA56x87ZlHamwRRT5iN31uRyKKMjn4Ys--RDLKf1J8Ropy8se2bk

Figura 2.06 - Evolução da abertura de alojamentos locais nas freguesias Alcântara e Estrela

Fonte: Elaboração pela autora a partir de dados disponibilizados pela Câmara Municipal de Lisboa (CML) na publicação Estudo Urbanístico do Turismo de Lisboa, 2018 disponibilizada em http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/Noticias/Estudo_Turismo_15102018.pdf?fbclid=IwAR1VPiYdA56x87ZlHamwRRT5iN31uRyKKMjn4Ys--RDLKf1J8Ropy8se2bk

Figura 2.07 - Alojamentos locais do município de Lisboa por freguesia em Agosto de 2018

Fonte: CML. Estudo Urbanístico do Turismo de Lisboa, 2018 disponibilizado em http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/Noticias/Estudo_Turismo_15102018.pdf?fbclid=IwAR1VPiYdA56x87ZlHamwRRT5iN31uRyKKMjn4Ys--RDLKf1J8Ropy8se2bk

Figura 2.08 - Distribuição da população no município de Lisboa

Fonte: Elaboração pela autora a partir de dados dos censos 2011 disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE) em https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=377750&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554

Figura 2.09 - Caracterização da população residente ao nível da idade

Fonte: Elaboração pela autora a partir de dados dos censos 2011 disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE) em https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=377750&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554

Figura 2.10 - Caracterização da população residente ao nível da ocupação

Fonte: Elaboração pela autora a partir de dados dos censos 2011 disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE) em https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=377750&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554

Figura 2.11- Território definido para a análise do sucapítulo vigente

Fonte: Elaboração a partir de uma ortofotografia do Google Earth consultada em Dezembro de 2019

Figura 2.12 - Pontos marcantes na estrutura do território analisado

Fonte: Elaboração a partir de uma ortofotografia do Google Earth consultada em Dezembro de 2019

Figura 2.13 - Dimensões e temas para recolha fotográfica

Fonte: Costa, P. e R. Lopes - Desenho Urbano, Espaço Público e da dinâmica da Creative milieux: uma abordagem fotográfica ao Bairro Alto (Lisboa), Gràcia (Barcelona) e Vila Madalena (São Paulo): Journal of Urban Design, 2015

Figura 2.14 - Projecto de um concurso de ideias lançado para a renovação da zona ribeirinha de Lisboa

Fonte: Imagem utilizada em trabalho de grupo e retirada de: Associação dos Arquitectos Portugueses - Lisboa a cidade e o rio: Concurso de ideias para a renovação da zona ribeirinha de Lisboa. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988; página de origem desconhecida

Figura 2.15 - Alcântara XXI, Plano de Intervenção

Fonte: http://img8.photobucket.com/albums/v26/Marco77/Projectos_maquetes/Alcantara_

Plano_urbanistico/Slide13.jpg

Figura 2.16 - Maquete da proposta para Alcântara do Arquitecto Slza Vieira, 2004

Fonte: Imagem retirada de um trabalho de grupo; Autor desconhecido

Figura 2.17 - Proposta para um quarteirão em Alcântara do arquitecto Jean Novel

Fonte: <http://www.jeannouvel.com/en/projects/logements-alcantara-mar/>

Figura 2.18 - Planta da proposta para um quarteirão em Alcântara do arquitecto Jean Novel

Fonte: <http://www.jeannouvel.com/en/projects/logements-alcantara-mar/>

Figura 2.19 - Proposta para quarteirão em Alcântara Mário Sua Kay

Fonte: <https://www.suakay.com/alcantara-xxi?lightbox=dataItem-j46v4vj9>

Figura 2.20 - Projecto Jardins de Alcântara do grupo Krea

Fonte: <https://emrearolat.com/project/alcantara-gardens/>

Figura 2.21 - Projectos futuros ou em desenvolvimento no território de Alcântara

Fonte: Elaboração a partir de uma ortofotografia do Google Earth consultada em Dezembro de 2019

3_PROJECTO EDÍFICIO SEDE DA AMI

Figura 3.01 - Fotografia sobre Avenida 24 de Julho

Fonte: Fotografia de autora, Alcântara, Setembro de 2019

Figura 3.02 - Fotografia sobre Avenida Rua Vieira da Silva

Fonte: Fotografia de autora, Alcântara, Setembro de 2019

Figura 3.03 - Fotografia sobre Rua do Arco a Alcântara

Fonte: Fotografia de autora, Alcântara, Setembro de 2019

Figura 3.04 - Fotografia sobre Travessa do Baluarte

Fonte: Fotografia de autora, Alcântara, Setembro de 2019

Figura 3.05 - Estudo da Implantação

Fonte: Esquícios e fotografias da autora, Outubro 2019

Figura 3.06 - Implantação proposta

Fonte: Fotografia da autora, Outubro 2019

Figura 3.07 - 1º classificado - projecto da autoria do arquitecto Pedro Reis

Fonte: https://casa.sapo.pt/en_gb/news/pedro-reis-vence-concurso-para-sede-da-ami-em-cascais/?id=3381

Figura 3.08 - 2º classificado - projecto da autoria dos arquitectos Cristina Veríssimo e Diogo Burnay

Fonte: <http://www.cvdbarquitectos.com/sede-ami/nhcbfwavttp3zts84x45xocb1mxe1t>

Figura 3.09 - 3º classificado - projecto da autoria da arquitecta Paula Santos

Fonte: <https://www.paulasantosarq.com/pt/futuras-instalacoes-da-ami/>

Figura 3.10 - Organogramas e esquemas

Fonte: Esquícios da autora, Outubro 2019

Figura 3.11 - Análise da implantação proposta

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.12 - Estudo das entradas e da localização das principais áreas do programa

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.13 - Esquícios de investigação

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.14 - Planta apresentadas em entregas intermédias

Fonte: Peças técnicas da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.15 - Esquícios de investigação creche/infantário AMI

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.16 - Esquícios de investigação recreio creche/infantário AMI

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.17 - Análise da zonas com risco de inundação

Fonte: CLM. Plano de Urbanização de Alcântara, 2015

Figura 3.18 - Plantas piso cave apresentadas em entregas intermédias ao longo do ano lectivo

Fonte: Peças técnicas da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.19 - Esquícios de investigação piso 0 - sede AMI

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.20 - Esquícios de investigação piso 0 - sede AMI

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.21 - Praça do Los Fueros (esq.) e Montaña de Tindaya (dir.)

Fonte: <https://pt.foursquare.com/v/foru-plaza--plaza-de-los-fueros/4bc9719c937ca593d4dba592>

http://architectuul.com/architecture/view_image/montana-tindaya/7253

Figura 3.22 - Esquícios de investigação zona do cais de cargas e descargas

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.23 - Esquícios de investigação piso 1 e2

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.24 - Esquícios de investigação piso 1 e2 - organização

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.25 - Esquícios de investigação piso 1 e 2 poço de luz

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.26 - Esquícios de investigação piso 1 e 2 (biblioteca e outras áreas)

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.27 - Plantas do auditório apresentadas em entregas ao longo do ano lectivo

Fonte: Peças técnicas da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.28 - Esquícios de investigação auditório

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.29 - Esquícios de investigação fachada

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.30 - Escola de Música em Itália do atelier Aires Mateus

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/762499/aires-mateus-plus-gsmm-architetti-recebem->

[mencao-honrosa-em-concurso-para-uma-escola-de-musica-na-italia/54e4bcdce58ecef2f4000023?next_project=no](https://www.archdaily.com.br/br/794558/mar-do-oriente-aires-mateus/50137c4e28ba0d1507000397-mar-do-oriente-aires-mateus-photo)

Figura 3.31 - Edifício Mar do atelier Aries MAtheus

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/794558/mar-do-oriente-aires-mateus/50137c4e28ba0d1507000397-mar-do-oriente-aires-mateus-photo>

Figura 3.32 - Kunsthaus Zurich de David Chipperfield Architects

Fonte: https://davidchipperfield.com/project/kunsthaus_zurich

Figura 3.33 - Museum Island Berlin do atelier David Chipperfield Architects

Fonte: https://davidchipperfield.com/project/james_simon_galerie

Figura 3.34 - Esquícios de investigação fachada

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.35 - Esquícios de investigação fachada

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.36 - Esquícios de investigação fachada

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.37 - Esquícios de investigação zonas exteriores

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.38 - Peças técnicas estudo

Fonte: Peças técnicas da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.39 - Esquícios de investigação IS

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.40 - Esquícios de investigação sobre sistema de cabine IS

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

Figura 3.41 - Esquícios de investigação núcleo de escdas

Fonte: Esquícios da autora, ano lectivo 2019/2020

GLOSSÁRIO DE ABREVIATURAS

AMI - Assistência Médica Internacional
CML - Câmara Municipal de Lisboa
INE - Instituto Nacional de estatísticas
PUA - Plano de Urbanização de Alcântara
UC - Unidade Curricular

O presente trabalho realizado no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitectura leccionado pelo ISCTE-IUL, propõe um projecto urbano para um quarteirão vago em Alcântara, compreendido entre a Avenida 24 de Julho, a Rua Vieira da Silva, a Rua do Arco a Alcântara e a Travessa do Baluarte. O projecto urbano apresentado, procura dar resposta ao concurso para o novo edifício sede da AMI, lançado em 2007 e agora relançado no âmbito estritamente académico. Através da articulação do equipamento com as dinâmicas sociais do território propõe-se um processo de revitalização integrado para este quarteirão vazio da cidade.

Alcântara foi um território que sofreu grandes alterações ao nível da sua fisionomia e morfologia entre os séculos XVIII e XX. Localizando-se inicialmente na periferia da cidade, caracterizava-se pelo seu ambiente rural, que a pouco e pouco com a revolução industrial deu lugar a um território de carácter industrial e urbano. Com o crescimento da cidade de Lisboa, este território acabou por ser absorvido nas sucessivas extensões dos seus limites, deixando assim de ser um território periférico às dinâmicas da cidade. A industrialização desta zona, como em outras cidades, deixou uma marca profunda na sua matriz de urbanização (Fortuna, 2012). Marcas ainda hoje presentes no território, que se revelam em grandes extensões de solo abandonadas, expectantes, vagas e sem qualquer uso após o período industrial. Estes são vazios na cidade que se dissociam do resto da sua dinâmica, que “ficam fora dos circuitos e estruturas produtivas” (Solà-Morales, 2002, p.187) e que sendo lugares aparentemente esquecidos encerram em si uma referência



Figura 0.01 - Local de Intervenção

ao passado (Solà-Morales 2010). Estas grandes extensões de solo por serem áreas desocupadas e livres, são ainda áreas onde é possível fazer cidade e por isso áreas de grande expectativa. Se no passado a indústria transformou a cidade, hoje a cidade é regida por instrumentos económicos e financeiros que olham para o espaço como ‘produto’ que pode ser transacionado, ou como uma oportunidade para uma revalorização do território (Fortuna 2012). Esta realidade que hoje se presencia nas cidades pode ter efeitos muito positivos, como a revalorização do território e a reabilitação do parque construído, mas também pode dar origem a processos de gentrificação que podem levar à expulsão de moradores e actividades económicas que não conseguem acompanhar a valorização patrimonial e o aumento de rendas. Neste sentido, o espaço urbano e, especialmente, os projectos urbanos que envolvem estes grandes vazios, encerram em si grandes oportunidades de mudança. Podem acelerar as questões acima enunciadas, por um lado, ou pelo contrário contribuir, para o desenvolvimento sustentável da cidade -físico, social, ecológico, económico e cultural.

Nos dias de hoje somos assim confrontados com a interrogação do que significa construir cidade. Partindo do

pressuposto que construir nos remete para a edificação de algo ou para a organização de algo (dicionário língua portuguesa 2008), quando associamos a palavra construir com a palavra cidade, somos automaticamente remetidos para a ideia abstrata de que a cidade se constrói pelo seu edificado. Porém a “cidade não é uma coisa” (Fortuna, 2012) e poder-se-ia, em jeito de comparação, afirmar que a cidade se assemelha mais a um ser vivo. Encontrando-se em constante transformação, a cidade é uma construção colectiva, que se gere segundo uma teia complexa de “interesses, agentes, poderes e estratégias” (Seixas, 2018). Construir cidade em continuidade significa estar atento às transformações aos mais diferentes níveis no desenvolvimento sustentável (social, económico, físico, ecológico e institucional), significa também estar atento à vida que ocorre entre edifícios (Gehl 2015) e aos diferentes fluxos que a mesma provoca na cidade.

Sendo o presente trabalho um projecto urbano para uma área que se encontra actualmente sem qualquer uso e que por isso desassociada do resto da dinâmica da cidade, procurámos desenvolver um projecto que se articulasse com as dinâmicas do território. Para tal procurámos caracterizar e compreender a malha urbana em estudo, mas também a sua dinâmica e as transformações de que tem sido alvo ou que poderá sofrer no futuro. Assim, a análise do território focou-se em cinco indicadores: social, económico, físico, ecológico e institucional. Com a análise focada nestes cinco níveis pretendemos obter um conhecimento mais profundo do território e deste modo, munirmo-nos de ferramentas que permitam desenvolver um pensamento

crítico da área da cidade a intervir e, posteriormente, alcançar um projecto urbano coeso com o território e com as suas dinâmicas.

Na realização do presente trabalho recorremos a autores que reflectiram sobre as cidades e a sua construção. Sendo um dos objectivos compreender e analisar as dinâmicas do território procurámos autores com o Jan Gehl que em *A vida entre os Edifícios* reflectiu sobre a importância das actividades ocorrentes em espaços públicos para a vitalidade de uma cidade. E que ainda aborda como a qualidade dos espaços interfere directamente na frequência com que essas actividades ocorrem. Outro autor estudado foi Ignasi Solà-Morales que aborda os espaços expectantes nas cidades e como eles se caracterizam por serem espaços disponíveis para receber novos pensamentos. Este autor alerta ainda que estes espaços são lugares de oportunidade, que podem construir cidade ou desassociar-se totalmente dela. Autores como Carlos Fortuna, no texto *Henri Lefebvre e O Direito à Cidade* uma Apresentação, e Oriol Nel.lo foram também importantes para perceber como as cidades são construções colectivas que se encontram em permanente transformação. Estes autores alertam ainda que pensar cidade não pode ser um acto isolado, mas sim uma acto colectivo que está atento às constantes transformações na mesma.

Os estudos dos autores acima enunciados evidenciam questões contemporâneas no debate das cidades. Em complementaridade com a revisão bibliográfica, realizamos, ao longo do trabalho, análises territoriais com recurso a metodologias quantitativas, recorrendo a dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) e da Câmara

Municipal de Lisboa (CML), e qualitativas, com base nas metodologias de investigação-acção desenvolvidas por Costa e Lopes, 2015, e pela análise de material bibliográfico disponível no arquivo municipal da CML.

A análise, como referido acima, desenvolver-se-á a partir de cinco níveis analíticos: físico, social, ecológico, económico e cultural. Iniciar-se-á com uma abordagem história, com o objectivo de perceber como se consolidou o território hoje existente em Alcântara. A abordagem histórica focar-se-á no período compreendido entre o século XVIII e o século XX. O espaço temporal analisado deve-se ao facto de, neste período, esta área da cidade ter sofrido alterações significativas e aceleradas que marcaram para sempre a morfologia e paisagem que hoje persiste. Para a realização desta abordagem recorreremos a bases cartográficas, fotografias e gravuras disponíveis no arquivo municipal da CML e na bibliografia consultada. Esta investigação revelou que Alcântara nem sempre esteve inserida dentro dos limites da cidade de Lisboa e que o território nos séculos passados delimitado como ‘Alcântara’ encontra-se hoje dividido entre duas freguesias: Alcântara e Estrela. Após esta investigação e as consequentes conclusões retiradas da mesma, considerou-se relevante perceber as relações que estas duas freguesias estabelecem com município de Lisboa.

A análise do território hoje existente parte, deste modo, de uma escala macro que é a cidade de Lisboa para se focar numa escala micro a intervít. Esta aproximação de escala ao local em estudo levou à definição de um novo limite dentro dos limites jurídicos da cidade. A definição deste novo limite foi estabelecida tendo por base o estudo do Projecto de

Urbanização de Alcântara 2015 (PUA) e através da percepção das barreiras que constituem os limites físicos no espaço. A definição de um novo limite permitiu a descodificação das dinâmicas presentes no mesmo, assim como os seus utilizadores. Deste modo, e de forma a aprofundar melhor as dinâmicas e os utilizadores presentes no território, foram definidos seis locais de estudo que foram analisados à microescala: Largo do Calvário, Praça da Armada, Condomínio Alcântara Rio Fase 1, Condomínio Alcântara Rio Fase 2, Rua de Alcântara e Rua Prior do Crato, em três horários distintos de observação (09:00h, 13:00h e 17:00h).

A escolha dos locais para observação, partiu da leitura do espaço urbano realizada anteriormente. Tendo em consideração a sua diversidade, seleccionaram-se praças, largos e ruas de forma a compreender as diferentes vivências sociais presentes e como as mesmas são condicionadas pela morfologia do lugar. Os horários escolhidos consideraram as características económicas e sociais da área em estudo (horário de empresas, horários de maior deslocação populacional), procurando-se perceber a vivência do território em períodos diversos no que concerne à dinâmica urbana e seus intervenientes.

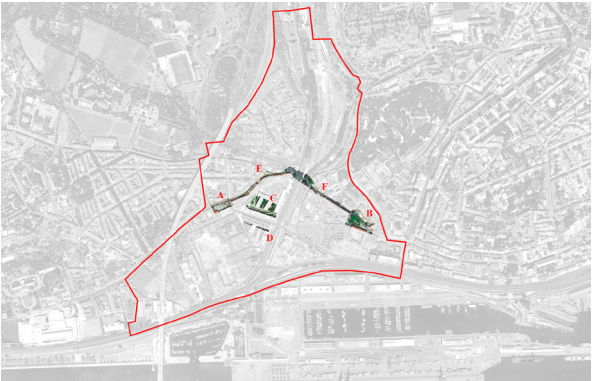


Figura 0.02 - Limite definido no decorrer das análises e locais considerados para observação

Como suporte aos diferentes níveis da análise do território recorreremos a dados quantitativos disponibilizados pelo INE (censos 2011) e pela CML, a notícias, a instrumentos legais como PUA e a metodologias visuais como observação em campo e recolha fotográfica. Nesta última seguimos como orientação a tabela apresentada na figura 0.3 e que tem como autores Pedro Costa e Ricardo Lopes (2015).

A análise acima enunciada teve como principal objectivo informar o projecto urbano para um quarteirão vago em Alcântara. No subcapítulo 3.1 - A prática de investigação aplicada a projecto-, expomos as principais questões que a análise realizada levantou e que procurámos desenvolver no projecto.

O projecto apresentado tem como objecto de trabalho o programa do concurso lançado em 2007 para o novo Edifício Sede e Creche da AMI. Com este projecto procuraremos desenvolver não só o edifício e a creche da AMI, como desenvolver áreas de usufruto público. Outro objectivo que pretendemos alcançar com este trabalho é a caracterização construtiva e material do edifício projectado, recorrendo para tal ao apoio de referências bibliográficas, arquitectónicas, materiais e construtivas. Este processo será desenvolvido no subcapítulo 3.2, Desenvolvimento do projecto: do estudo do programa à caracterização

No final deste caderno, incorporaremos nos anexos as peças técnicas finais do projecto desenvolvido. As mesmas serão apresentadas seguindo um crescendo de pormenorização (da escala 1:1500 até à 1:5). Ressalvamos que, como este caderno será visualizado apenas em modo digital, a aplicação utilizada na sua

visualização poderá alterar a qualidade de imagens e desenhos técnicos. Ressalvamos ainda que todos os desenhos técnicos estão pensados para ser observados à escala natural e aconselhamos que se aguarde sempre alguns segundos para que a aplicação de visualização alcance a nitidez máxima na escala de visualização utilizada.

Não.	Dimensão	Tema
1	A - O espaço material	A relevância (morfologia, os volumes, topografia, ...)
2		Os equipamentos urbanos (equipamento urbano, mobiliário público)
3	B - A vida do espaço	Os espaços verdes
4		O 'light' / a luminosidade / dos ambientes '
5		A diversidade funcional no bairro
6		A diversidade social na vizinhança
7		Para 'habitar' / 'habitar' o bairro
8	C - A dimensão simbólica	Para 'circular' na vizinhança
9		Para 'ao vivo' / 'no diário' o bairro
10		Os conflitos de uso
11	dimensões 'transversal'	Os sinais e símbolos
12		As características de identidade de cada trimestre
13		Os espaços de inclusão e exclusão (simbólico / cultural)
14		Os diferentes tempos / ritmos do trimestre
15		Os diferentes 'espaços' do trimestre

Figura 0.03 - Dimensão e temas para registo fotográfico

A cidade é um território em constante mudança, onde acontecimentos das mais diversas ordens vão alterando pouco a pouco a imagem e a identidade dos lugares. Ao percorremos um território somos confrontados com esta realidade nas construções que persistem com o tempo, nas diferentes malhas urbanas do território, assim como nas memórias que são passadas de geração em geração.

Considerando que a análise de um território deve abranger diferentes temáticas, procurei neste capítulo desenvolver uma abordagem histórica focada nas transformações urbanas ocorridas em Alcântara entre os séculos XVIII e XX. O espaço temporal analisado deve-se ao facto de, neste período, esta área da cidade ter sofrido alterações significativas que marcaram para sempre a morfologia e paisagem hoje existentes. Na realização desta análise recorri a bibliografia, bases cartográficas, fotografias e gravuras disponíveis no arquivo municipal e na bibliografia consultada. Este capítulo apresenta primeiramente um enquadramento à área analisada e ao espaço temporal em estudo, continuando posteriormente para subcapítulos, onde é realizada aproximação a cada um dos séculos de forma individualizada.

O vale de Alcântara situado na zona ocidental de Lisboa, caracterizou-se durante muito tempo não só pela sua ligação ao rio Tejo, assim como também pela presença de uma ribeira que nascendo na Brandoa, percorria a zona de Sete Rios, contornava a mata de Benfica e desaguava neste vale da cidade. A existência de uma ponte sobre esta ribeira, desde a ocupação muçulmana (Marques, 2015, p.211) terá contribuído para

a toponímia desta zona da cidade, visto que Alcântara vem da palavra árabe “Al-quantãra” que significa “a ponte”.

O vale de Alcântara sendo um território localizado fora dos limites da cidade de Lisboa apresentava um carácter rural onde progressivamente iam surgindo moinhos de maré e de vento (Marques, 2015, p.211), assim como alguns fornos de cal que tratavam o calcário, vindo das pedreiras presentes no vale de Alcântara e da zona do Monsanto (Silva, s.d., p.78). A paisagem rural e a proximidade com a cidade de Lisboa contribuiu para que desde os finais do século XVI e até meados do século XVIII esta fosse uma área atractiva para a nobreza e família real (Marques, 2009, p.25). Esta atractividade impulsionou a construção de palácios e quintas como a Quinta Real no Calvário (residência real de campo), Palácio Fiuza, Palácio dos Condes da Ponte, Quinta da Cabritinha (Marques, 2009, p.25), entre outros.

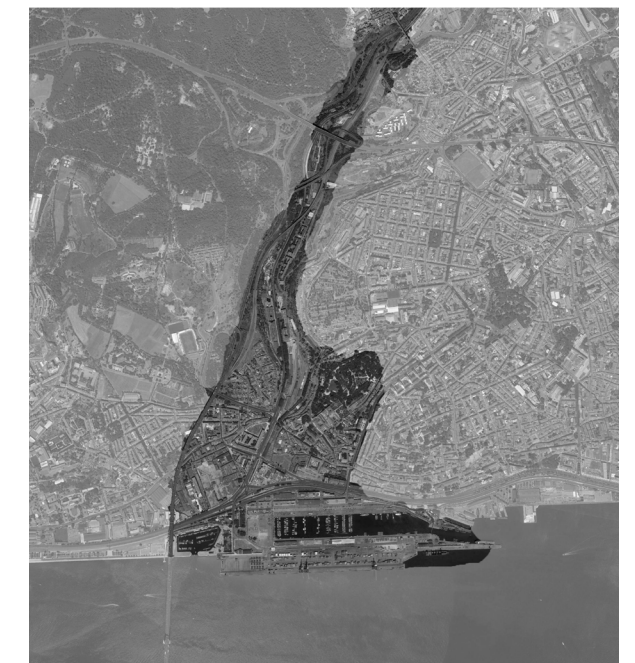


Figura 1.01 - Imagem Panorâmica sobre o Vale de Alcântara na actualidade

1.1 Século XVIII

A partir do século XVIII podemos observar uma mudança de paradigma do Vale de Alcântara, iniciando-se assim uma ocupação urbana efectiva do mesmo.

No extrato da planta topográfica da marinha das cidades de Lisboa ocidental e oriental (figura 1.2) podemos observar que Alcântara em 1727 era um território ainda com pouca construção, destacando-se deste modo a caldeira que funcionava como “reservatório de água” (Silva, s.d., p.77) para o moinho de marés ou moinho salgado localizado a sul da mesma. Destacamos ainda, as duas grandes fortificações situadas na margem direita da ribeira: o baluarte do Sacramento e o baluarte do Livramento/Necessidades.

Estas duas fortificações surgem no seguimento do plano da Linha Fundamental de Fortificação de 1650 que D. João IV ordenou elaborar. Esta linha defensiva contava com 32 baluartes e terá sido projectada pelo holandês Jean Gilot, pelo francês Charles Legarte e o belga Jean Cosmader (Rossa, 1998, p.17). Com início no “Vale de Alcântara, fechava a cidade a norte” (Rossa, 1998, p.17) e terminaria na Cruz de Pedra, porém a mesma nunca chegou a ser terminada ou utilizada para fins defensivos.

A 1 de Novembro de 1755 a cidade de Lisboa sofreu um violento abalo sísmico seguido de um Tsunami. A zona central da cidade e que albergava a maior parte da população, a actual baixa, ficou totalmente destruída. No extrato da Planta de Lisboa, de Eugénio dos Santos de Carvalho e Carlos Mardel de 1755 (figura 1.5), encontramos a vermelho assinalado os edifícios que tiveram pouca ruína. Alcântara foi, deste modo, uma das zonas mais poupadas

à destruição. Apesar disso, os baluartes do Sacramento e do Livramento “ficaram bastantes danificados” (Marques, 2009, p.25) com o terramoto o que gerou uma oportunidade para o redesenho desta área da cidade.

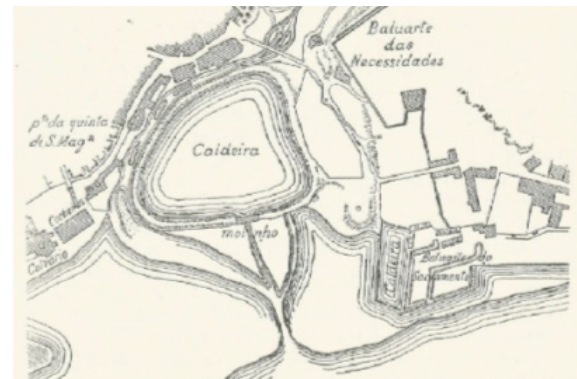


Figura 1.02 - Extracto da planta topográfica da marinha das cidades de Lisboa ocidental e oriental. Zona de Alcântara. 1727



Figura 1.03 - Extracto da Panorâmica de Lisboa relativo ao baluarte do Sacramento, em meados do século XVIII.

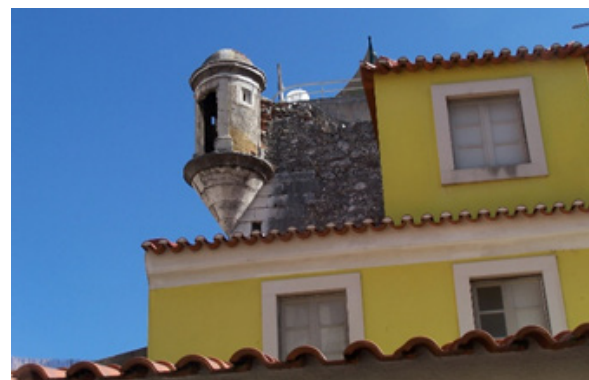


Figura 1.04 - Presença do Baluarte do Livramento na actualidade



Figura 1.05 - Planta de Lisboa de Eugénio dos Santos de Carvalho e Carlos Mardel. Zona de Alcântara. 1755

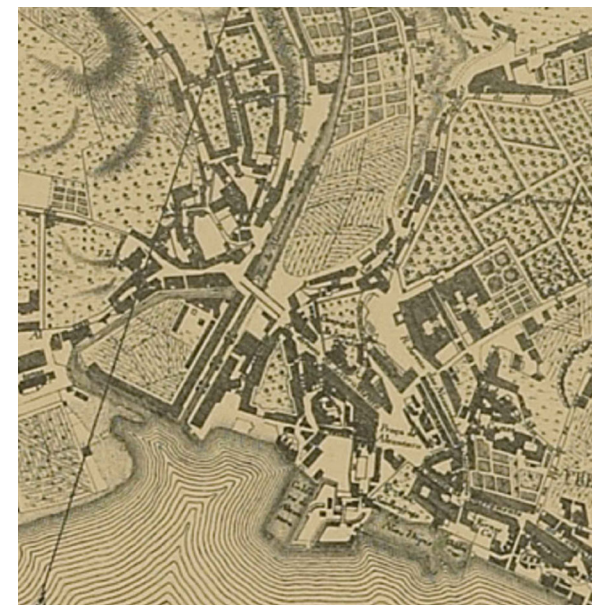


Figura 1.06 - Carta Topográfica de Lisboa e seus subúrbios de José Bento de Sousa Fava. Zona de Alcântara. 1807

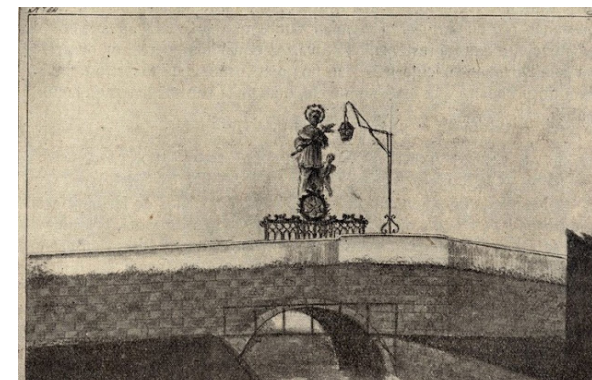


Figura 1.07 - Desenho da ponte de Alcântara por Luiz Gonzaga Pereira em 1826

Como se pode observar na carta topográfica de Lisboa e seus subúrbios de José Bento de Sousa Fava de 1807 (figura 1.6), foi assim possível a abertura da Rua Direita do Livramento (actual Rua Prior do Crato) desde a ponte sobre a ribeira até á Praça da Armada. Este eixo viria a tornar-se deste modo, um eixo principal para as trocas comerciais, substituindo a Rua do Arco de Alcântara.

O facto de Alcântara ter sido uma das zonas mais poupadas à destruição provocada pelo terramoto de 1755, levou “que uma parte da população procurasse refúgio” (Marques, 2009, p.27) nesta zona da cidade. À partida este deveria ser um factor que fomentaria um aumento exponencial da área construída, porém isso não se veio a reflectir. O decreto legal de 3 de Dezembro de 1755 (Marques, 2009, p.27) proibia qualquer construção fora das fortificações, procurando “evitar todo e qualquer transbordamento da cidade anterior” (França, 2008, p.350).

Na segunda metade do século XVIII, Alcântara foi palco de algumas obras de melhoramento que procuravam dar resposta ao aumento do movimento de pessoas e de mercadorias. Um destes melhoramentos foi o alargamento e o restauro da ponte que passou de 5.20m para 13.50m (Silva, s.d., p.70), passando também a ser ornamentada com a estátua de S. João Nepomuceno. Na carta topográfica de Lisboa e seus subúrbios de José Bento de Sousa Fava de 1807 (figura 1.6) observamos ainda outro grande melhoramento que se prende com a regularização da ribeira, a sul da ponte junto à foz onde é visível o encanamento de um dos seus ramaís. Este seria o primeiro passo para que a ribeira deixasse de ser entendida como uma barreira no território

Mais tarde, no final do século XVIII, observou-se também o desaparecimento da caldeira através de aterro e do moinho através do entulhamento. Esta área passou assim a fazer parte das Tercenas da Marquiza de Pombal (Marques, 2009, p.26).

1.2 Século XIX

Desde finais do século XVII, Alcântara recebia a instalação de pequenas unidades fabris como é o caso da Fábrica da pólvora presente nesta área deste 1690 até 1728, data da sua transferência para a Barcarena. Porém foi no final do século XVIII que se começa a observar um grande desenvolvimento industrial desta zona da cidade, com o aumento da actividade de fornos de cal (Marques, 2009, p.28), que dispunham não só de fácil acesso à matéria-prima das pedreiras das imediações, assim como, de uma boa localização para fornecer material à reconstrução da cidade.

A presença do rio que permitia a importação de matéria-prima e o escoamento da produção e a presença da ribeira que permitia o abastecimento de água tão necessária para as produções fabris, foram cruciais para que Alcântara apresentasse uma situação privilegiada para a fixação industrial. Observa-se assim no final do século XVIII, mas também ao longo do século XIX a instalação de inúmeras indústrias ligadas à indústria química, à indústria dos curtumes, dos lanifícios, dos têxteis e moagem de cereais (Marques, 2009, p.23, 32-35).

Alcântara era deste modo no início do século XIX um importante foco industrial da cidade. A nova dinâmica industrial que se instalara em Alcântara provocou, transformações ao nível imagem deste território, assim como uma densificação populacional do mesmo. Esta última, provocada pelo aumento de população que vinha trabalhar para esta área da cidade (Mateus, 2009, p.24), gerou problemas ao nível da habitação. De forma a atenuar este

problema, “algumas indústrias recorreram à construção de casas operárias, a fim de acolher os seus operários, na proximidade do local de trabalho” (Mateus, 2009, p.24). Outra solução encontrada foi a densificação dos quarteirões existentes, onde privados através da construção de pátios e vilas tinham a oportunidade de obter um rendimento extra. Deste modo, observamos no extracto da Planta Topográfica da Cidade de Lisboa, Filipe Folque de 1856/58 (figura 1.8) uma Alcântara com maior área construída, que vai perdendo pouco a pouco a mancha verde inicial que tanto a caracterizava. Outro aspecto que podemos observar na cartografia nomeada é o aumento pontual de área conquistada ao rio.



Figura 1.08 - Planta Topográfica da Cidade de Lisboa de Filipe Folque. Zona de Alcântara. 1856/58

Ao mesmo tempo que Alcântara ia construído uma nova página no desenvolvimento do seu território, também os limites urbanos de Lisboa iam ganhando uma nova dimensão. Assim durante o século XIX, Alcântara é confrontada com a alteração dos limites urbanos de Lisboa através de dois marcos importantes. O primeiro trata-se da passagem da porta da cidade existente na Praça da Armada para o lado oriental da Ponte de Alcântara, com a instalação de portões de ferro (Marques, 2015, p.225). O segundo acontece em 1852 (Marques, 2009, p.30) com a materialização da estrada da circunvalação, que veio desenhar um novo marco na acessibilidade da zona ribeirinha de Alcântara ao resto da cidade. Estes dois momentos, juntamente com os sucessivos alargamentos dos limites urbanos de Lisboa de 1885, 1886 e 1903 (Marques, 2015, p.225) terminariam com ideia deste território como periferia.

O final século XIX ficou marcado por grandes transformações ao nível dos transportes e das acessibilidades. A cidade de Lisboa recebe assim uma relevante melhoria nos transportes públicos que permitiram uma circulação mais facilitada entre as diferentes zonas da mesma. A expansão dos caminhos de ferro foi outro aspecto que marcou irreversivelmente a paisagem de Portugal, mas também a fisionomia de Alcântara. Em Abril de 1887 (Marques, 2015, p.226), este território recebe um grande incentivo ao desenvolvimento através da inauguração da ligação de caminhos de ferro entre Alcântara-Terra e Sintra. Como se pode observar no extracto do levantamento da Planta de Lisboa de Silva Pinto de 1911 (figura 1.11), a introdução dos caminhos de ferro em Alcântara

conduziu ao encanamento parcial da ribeira a norte da ponte, assim como também o encanamento da ribeira a sul da mesma. Esta obra permitia a ligação ferroviária entre as estações Alcântara-Terra e Alcântara-Mar que se desenvolveria mais tarde.



Figura 1.09 - Pormenor dos portões que condicionavam o acesso à cidade de Lisboa na ponte de Alcântara em meados do séc. XIX

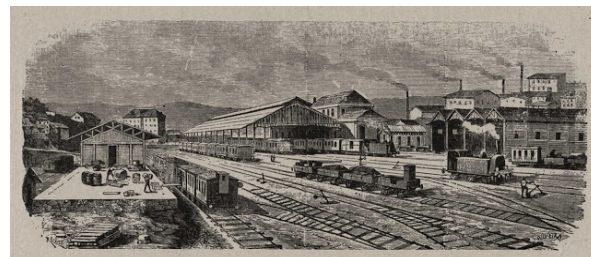


Figura 1.10 - Estação ferroviária de Alcântara-Terra em 1887



Figura 1.11 - Extracto do levantamento da planta de Lisboa de Silva Pinto, Zona de Alcântara. 1911



Figura 1.12 - Carta topográfica de Lisboa, tendo sobrepostas a tinta encarnada as alterações feitas até 1911. Zona de Alcântara. 1871

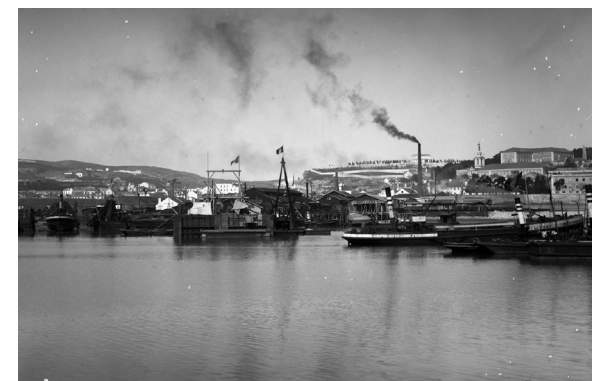


Figura 1.13 - Obras do Porto de Lisboa, Doca de Alcântara. 1891



Figura 1.14 - Construção da Doca de Alcântara em 1915

A morfologia urbana de Alcântara foi bastante alterada pelas inovações do sector das acessibilidades, porém outros melhoramentos na frente de rio iriam alterar para sempre a ligação entre a cidade e o mesmo.

Desde meados do século XIX, que o então recém-criado Ministério das Obras Públicas (1851), concentrava a sua atenção nos melhoramentos do espaço litoral, focando-se numa extensão entre Belém e Xabregas (Barata, p.2). Surgiram assim várias propostas (figura 1.12) que previam a construção de um porto, novas áreas de aterro e melhoramentos de algumas áreas desta extensão. A construção deste grande aterro foi faseada, começando em 1858 pelo troço entre o Cais do Sodré e Santos-o-Velho. Em 1876 a cedência do Baluarte do sacramento á Câmara Municipal (Marques, 2009, p.31) permitiu o rasgamento da Avenida 24 de Julho (1877). Logo de seguida começaram os planos e mais tarde as obras para a abertura do novo porto de Lisboa e em 1898 (Mateus, 2009, p.31) dá-se por concluído os aterros com a abertura da Avenida da Índia.

A frente ribeirinha de Lisboa sofreu profundas alterações no final do século XIX que modificaram para sempre a relação entre a cidade e o rio. Ana Barata expõe como muita clareza esta ideia em Lisboa “Caes da Europa”, 1860-1940 onde enuncia que “entre a Lisboa e o Tejo se tinha começado, em 1887, a erguer uma muralha constituída pelos edifícios portuários” (Barata, p.8).

1.3 Século XX

O excerto da planta de Lisboa, da CML de 1950 (figura 1.15) remete-nos para a imagem de um território urbanizado, que conquistou terra ao mar e que viu desaparecer em grande escala as suas áreas verdes. Remete-nos também para os problemas que se fizeram sentir durante o século XX nesta área da cidade.

A construção de infraestruturas industriais levou a um grande aumento populacional, aumento este que não terá sido acompanhado por um igual aumento de construção. Observou-se assim um desequilíbrio entre a oferta do parque habitacional e a procura o que originou o aparecimento de habitações de cariz ilegal e a densificação dos espaços privados. Em 1945 a câmara em conjunto com o governo procurou solucionar os problemas de falta de habitação e da salubridade das mesmas através do Programa de Casas para Alojamento de Famílias de Pobres, como é exemplo o Bairro da Quinta do Jacinto em Alcântara (Marques, 2009, p.34).

Ainda durante o século XX as lógicas de deslocação ganham novos rumos, o crescente aumento de circulação de pessoas e mercadorias em transportes individuais passa a ser uma realidade que leva a cidade a ser pensada numa nova escala., tornando-se assim necessário a construção de novas infraestruturas viárias que permitam uma eficaz resposta a esta nova lógica.

Os anos 40 ficam desta forma marcados pela introdução de uma nova lógica viária no território de Alcântara. O início do projecto da Avenida de Ceuta é um exemplo desta nova



Figura 1.15 - Planta de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Zona de Alcântara. 1950



Figura 1.16 - Vista geral do vale de Alcântara nos anos 30, foto Eduardo Portugal



Figura 1.17 - Vale de Alcântara, vista tirada do viaduto Duarte Pacheco. Obras de encanamento da ribeira de Alcântara em 1945.

entre a Avenida 24 de Julho e Campolide. Porém este novo traçado obrigou ao total encanamento da ribeira de Alcântara, perdendo-se para sempre este elemento que em tempos fora tão caracterizador desta zona da cidade. Outra obra que teve grande impacto na fisionomia e na morfologia deste território foi a construção do Viaduto Duarte Pacheco que permitia a ligação entre a autoestrada de Cascais e a área de Campolide

Na segunda metade do século XX, Alcântara recebeu ainda a construção da Ponte sobre o Tejo e dos acessos necessários á mesma. Esta obra veio não só densificar este novo nó viário que aqui nascia deste o início do século, como intensificar os movimentos pendulares ocorrentes neste território.

A tendência industrial que era presente em Alcântara desde o século XVIII começa a esmorecer na segunda metade do século XX (Mateus, 2009, p.26). A construção de novas redes viárias que obrigaram á expropriação de terrenos, os novos meios de transportes que tinham surgido e a necessidade em termos de expansão que as indústrias tinham, foram factores que levaram que a pouco e pouco se observasse uma transferência das mesmas para outros pontos da cidade que ofereciam não só mais espaço como novas oportunidades (Mateus, 2009, p.26-28).

A desindustrialização de Alcântara provocou uma mudança de paradigma deste território. Novas questões surgiam á medida que a mesma acontecia. A marca de uma cidade industrial ia sendo apagada dando origem a novas lógicas de cidade ou ficando esquecida e perdida no tempo através do abandono do património industrial.

Actualmente encontramos nos grandes

vazios de Alcântara e nas unidades fabris que apesar desocupadas ainda persistem na malha, vestígios deste passado industrial. Outro grande vestígio ainda persistente no vale de Alcântara é o tratamento do mesmo como um canal de fluxos tanto de mercadorias como de passageiros. Inicialmente através da ribeira e do rio, actualmente através das ligações viárias, do porto e das ligações ferroviárias, sendo visível que este canal de fluxos se foi adaptando às novas exigências e necessidades. Nos próximos capítulos iremos analisar o território de Alcântara na actualidade, resgatando algumas informações recolhidas nesta análise histórica.

No capítulo anterior observámos que o território de Alcântara sofreu profundas alterações desde o século XVIII até ao presente. Com a sucessiva extensão dos limites e densificação urbana da cidade de Lisboa, a área denominada por Alcântara entre os séculos XVIII e XX, perdeu aos poucos o carácter rural e a sua localização periférica em relação à cidade. Actualmente, este território apresenta um carácter urbano e encontra-se inserido dentro dos limites administrativos da cidade de Lisboa. Apesar das transformações ao nível da sua fisionomia e morfologia, a correlação estabelecida entre o lugar e o nome permaneceram inalteradas. Conforme analisado anteriormente, a toponímia de Alcântara remete-nos para a existência de uma ponte sobre a ribeira. Ainda hoje, e apesar, das transformações urbanas, mantêm-se essa dimensão física e simbólica.

A evolução das cidades e a gradual complexidade da sua gestão levou ao estabelecimento de sub-áreas administrativas. Deste modo, o território denominado por Alcântara entre os séculos XVIII e XX, encontra-se actualmente dividido em duas freguesias (Alcântara e Estrela). Desta forma é possível associar a palavra Alcântara a dois territórios: - um mais circunscrito e que é influenciado pela memória do lugar e pelas suas raízes históricas; outro associado aos seus limites administrativos e por isso um território mais alargado. Esta dualidade de associação de significado de uma toponímia ocorre, porque um limite administrativo é uma simplificação de um território que nem sempre que corresponde às questões simbólicas presentes no mesmo (Lynch, 1960, 2017).

Para a investigação apresentada em

seguida, e, considerando que o lugar em estudo e de intervenção se encontra dentro do limite da freguesia da Estrela, mas também dentro da área denominada por Alcântara, optou-se por desenvolver uma análise que considere ambas as freguesias. Deste modo, procurou-se em primeiro lugar perceber as dinâmicas e as relações que estas estabelecem com a cidade de Lisboa. Partindo-se posteriormente para a sua caracterização, de forma a perceber as diferentes realidades do território. Em termos metodológicos foram utilizados dados quantitativos disponibilizados pelo INE (censos 2011) e pela CML e notícias dos média nacionais. No caso dos dados retirados dos censos de 2011 e considerando que a freguesia da Estrela, à data correspondia ao território das freguesias dos Prazeres, Lapa e Santos-o-Velho, optou-se por considerar o somatório dos dados relativos às três freguesias existentes antes da reorganização administrativa territorial das freguesias ocorrida em 2013.

As freguesias (Alcântara e Estrela) em análise encontram-se localizadas na zona ocidental da cidade de Lisboa. Distribuídas por uma área de 9.67km² ¹, possuem uma forte



Figura 2.01 - Vale de Alcântara e limites administrativos da freguesia da Estrela e da freguesia de Alcântara

¹ Freguesia de Alcântara 5.07km² (5.1% da área do concelho de Lisboa), Freguesia da Estrela 4.60km² (4.6% da área do concelho de Lisboa). Dados fornecidos pelo DGT através CAOP2019, retirados em 2020

ligação ao rio Tejo, sendo este o limite sul de ambas as freguesias. Outro limite importante de salientar é o limite administrativo que as separa, desenhado pelo vale de Alcântara e coincidente com um importante nó viário da cidade de Lisboa. Encontramos nesta zona da cidade localizados os múltiplos acessos à Ponte sobre o Tejo, assim como a importante ligação viária entre a zona ribeirinha e o centro da cidade, realizado através da Avenida de Ceuta; bem como o acesso à Avenida 24 de Julho e à Avenida da Índia que percorrem a zona ribeirinha de Lisboa.

O Vale de Alcântara apesar da sua grande intensidade viária, é também um importante ponto de chegada e partida de pessoas e de mercadoria. Nesta zona da cidade, encontramos localizado parte do Porto de Lisboa, assim como duas estações ferroviárias: Alcântara-Terra (com ligação à Azambuja) e Alcântara-Mar (com ligação ao concelho de Cascais e Oeiras) que retificam a ideia deste vale como um importante canal de fluxos da cidade.

Após estudar a localização das duas freguesias em relação à cidade de Lisboa,



Figura 2.02 - Delimitação de freguesias e identificação de nó viário existente no limite de ambas.

²A localização do Porto de Lisboa no início da freguesia da Estrela, possivelmente encontra-se relacionado com a profundidade do leito do rio que permitiu a instalação das docas naquela área.

procurámos realizar uma caracterização física das mesmas. Para tal representei-as através do seu edificado, dos espaços vazios resultantes do mesmo e dos diferentes espaços verdes que as constituem. Com esta análise foi possível observar que a freguesia da Estrela possui uma maior área ribeirinha comparativamente à freguesia de Alcântara. Concluiu-se também que os usos desta área junto ao rio são bastante diferenciados entre as duas freguesias. Na freguesia da Estrela a área mencionada é maioritariamente de domínio privado do Porto de Lisboa, não se encontrando, desta forma, acessível à população. Na restante área encontramos: - áreas de estacionamento; armazéns convertidos em espaços de diversão noturna, restaurantes, associações ou empresas de diversas áreas. Por sua vez, na freguesia de Alcântara encontramos uma área com maior enfoque na utilização pública, é possível também observar a presença de áreas de restauração, diversão noturna, áreas de desporto colectivo assim com uma grande área ajardinada que se estende até Belém. A frente ribeirinha de Alcântara, sendo uma frente pedonal e ciclável acaba por fomentar uma maior ligação com o rio e com a paisagem sobre a margem sul, se comparado com a freguesia da Estrela. Esta frente pedonal e ciclável que está presente desde de Belém, é interrompida pelo Porto de Lisboa², sendo retomada mais tarde no final da Avenida Brasília, junto ao estabelecimento de diversão noturna “Urban Beach”, em Santos. Porém, o troço que aqui retoma apresenta características bastantes diferentes comparativamente ao troço de Alcântara, visto que a relação existente entre a cidade e a frente de rio é interrompida pelos vazios resultantes da desindustrialização.

Outros dos aspectos, bastante diferenciado em ambas as freguesias, são os espaços verdes existentes e a sua utilização. A freguesia de Alcântara por abranger parte do parque florestal de Monsanto apresenta uma maior área verde, contudo a mesma não se encontra totalmente disponível à população, devido aos diferentes domínios administrativos que gerem o acesso à mesma. A freguesia da Estrela apresenta, por sua vez, uma maior área construída e uma reduzida mancha verde quando comparada com Alcântara. Esta mancha verde surge pontualmente em algumas áreas da freguesia e associada a áreas de utilização pública maioritariamente pensadas e planeadas para responder a determinados objectivos ou suprimir necessidades. Estas áreas, surgem, deste modo, nesta freguesia associadas a rotinas ou momentos de pausa e fruição da população. À semelhança da freguesia de Alcântara, também na freguesia da Estrela encontramos áreas em que o acesso é condicionado, porém não é por isso que estas áreas deixam de fazer parte da esfera pública.

Esta análise permitiu ainda estudar ambas as freguesias através da abstracção de cheios e vazios. Para tal definiu-se que o edificado assumiria o cheio da abstracção, enquanto o espaço público e interiores de quarteirão assumiriam o vazio. Ao analisar a abstracção de cheios e vazios observa-se que a freguesia da Estrela é uma área bastante consolidada e com uma malha bastante definida, sendo que o espaço vazio existente se limita maioritariamente a vias de circulação, parques urbanos, interiores de quarteirão e jardins privados. A freguesia de Alcântara apresenta por sua vez uma menor densidade de construção e uma maior incidência de

espaços vazios, também nesta freguesia encontramos uma maior diversificação destes espaços. Ao percorrermos o território de ambas as freguesias é possível perceber que em Alcântara para além das vias de circulação, jardins urbanos, interiores de quarteirão e jardins privados, encontramos também áreas não urbanizadas e áreas que tendo recebido grandes infraestruturas durante o período industrial se vazaram no período pós-industrial, permanecendo vagas até à contemporaneidade.

Se por um lado os vazios na cidade são espaços de oportunidade e especulação, por outro o edificado constitui um importante meio para a criação de algumas dinâmicas no território. A fixação de pessoas, serviços, empresas, comércio, entre outros, condiciona a caracterização do território. Assim territórios com edifícios exclusivamente destinados à habitação, serviços ou indústria, terão dinâmicas diferentes de territórios constituídos por edifícios de usos mistos.



Figura 2.03 - Representação abstracta em cheios e vazios das freguesias da Estrela e Alcântara

Neste seguimento e de forma a antever as dinâmicas em cada freguesia procuramos caracterizar o seu edificado em termos de uso, para tal recorremos aos dados fornecidos pelos censos de 2011 (figura 2.6). Ao analisar os dados confirmou-se que a freguesia de Alcântara possui um menor número de edificações (1659) do que a freguesia da Estrela (2879).

Contudo em ambas as freguesias observa-se que a maioria dos edifícios destinam-se à utilização exclusivamente residencial, confirmando, deste modo, que nestes territórios é possível encontrar dinâmicas associadas a esta realidade. Ao comparar ambas as freguesias observa-se ainda que a freguesia de Alcântara tem uma maior evidência de edifícios exclusivamente residências e uma menor presença de edifícios cuja a maior parte da sua área destina-se a fins não habitacionais. Com uma análise em campo percebemos que a freguesia de Alcântara apresenta duas áreas bastantes diferentes ao nível da sua utilização. Encontramos, deste modo uma com maior enfoque em serviços e equipamentos e outra com uma maior presença de edifícios destinados há habitação. A freguesia da Estrela por sua vez apresenta um território, menos segmentado ao nível da sua utilização e por isso com uma maior homogeneidade entre equipamentos e habitação.

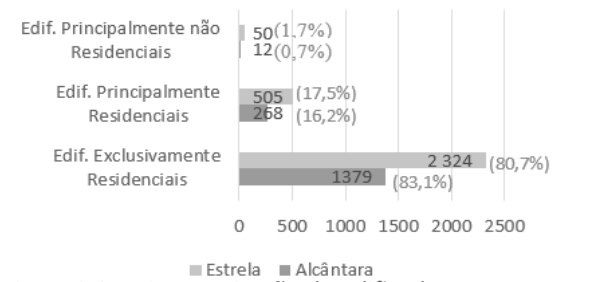


Figura 2.04 - Caracterização do edificado

Contudo em ambas as freguesias observa-se que a maioria dos edifícios destinam-se à utilização exclusivamente residencial, confirmando, deste modo, que nestes territórios é possível encontrar dinâmicas associadas a esta realidade. Ao comparar ambas as freguesias observa-se ainda que a freguesia de Alcântara tem uma maior evidência de edifícios exclusivamente residências e uma menor presença de edifícios cuja a maior parte da sua área destina-se a fins não habitacionais. Com uma análise em campo percebemos que a freguesia de Alcântara apresenta duas áreas bastantes diferentes ao nível da sua utilização. Encontramos, deste modo uma com maior enfoque em serviços e equipamentos e outra com uma maior presença de edifícios destinados há habitação. A freguesia da Estrela por sua vez apresenta um território, menos segmentado ao nível da sua utilização e por isso com uma maior homogeneidade entre equipamentos e habitação.

Após a caracterização do edificado em ambas as freguesias e conhecendo o aceleração do sector do turismo nos últimos anos e as modificações que o mesmo tem provocado nas cidades, consideramos relevante considerá-lo nesta caracterização do território. Ao longo dos últimos anos o sector do turismo tem vindo a se desenvolver-se a um ritmo acelerado e hoje encontramos nas cidades não só o surgimento de novas unidades hoteleiras, mas também a massiva transformação de habitações em apartamentos turísticos. Esta nova realidade conduz ao aumento de população flutuante nas cidades, originando, deste modo, novas dinâmicas nas mesmas. O crescimento deste

sector, no município de Lisboa foi sentido em aspectos como a reabilitação urbana, no aumento do preço/m2 e na constituição da população presente nas diferentes freguesias. Esta nova realidade é especialmente sentida em Lisboa a partir do ano 2012, através da multiplicidade de oportunidades que a cidade passou a oferecer, os múltiplos eventos que se sucederam, os prémios de turismo alcançados, entre outros factores . Apesar desta realidade ser mais notória no centro histórico, todas as freguesias do município foram afectadas. Desta forma procurou-se perceber a evolução e a relevância do turismo nas freguesias estudadas. Tendo-se até ao momento apenas considerado os dados relativos ao ano 2011, considerou-se que por esta ser uma temática em que o impacto na cidade é bastante recente tomar em consideração dados mais recentes. Para tal recorreu-se aos dados disponibilizados pela CML no caderno do Estudo Urbanístico do Turismo de Lisboa referente ao ano 2018.

Para a análise destes dados consideramos ainda relevante salientar que ambas as freguesias possuem aspectos simbólicos, físicos e culturais diversos que influenciam o seu nível de competitividade turística. A freguesia da Estrela, com grande presença histórica é caracterizada por uma grande oferta cultural (museus, igrejas, basílicas, conventos, entre outros), por dois jardins marcantes na cidade de Lisboa (Jardim da Estrela e Tapada das Necessidades), por parte da rota da típica carreira do Electrico 28, pelo bairro histórico da Madragoa, pela localização do Palácio São Bento e ainda por ser uma das freguesias com maior número de embaixadas localizadas no seu território. Todos estes elementos tornam a freguesia da

Estrela mais competitividade, se comparada com a freguesia de Alcântara. Alcântara está localizada no permeio de duas freguesias marcantes na cidade de Lisboa (Estrela e Belém), possui uma oferta mais direccionada para um turismo ‘urbano’, através da oferta da diversão noturna, da “Lx-Factory” e da experiência do “Pilar 7”. Tendo por base esta imagem de ambas as freguesias partimos para a análise dos dados relativos aos equipamentos turísticos, considerando para tal apenas equipamentos devidamente registados nas entidades competentes.

Ao analisar os dados da figura 2.5, conclui-se que a freguesia da Estrela tem uma maior carga turística do que a freguesia de Alcântara. Esta carga é principalmente notória ao nível do número de alojamentos locais registados e pode ser justificada pela sua imagem turística e com a maior proximidade ao centro histórico simbólico da cidade Lisboa. Considerando que os alojamentos locais são os que tem uma maior presença em ambas as freguesias, optou-se por isolar os dados

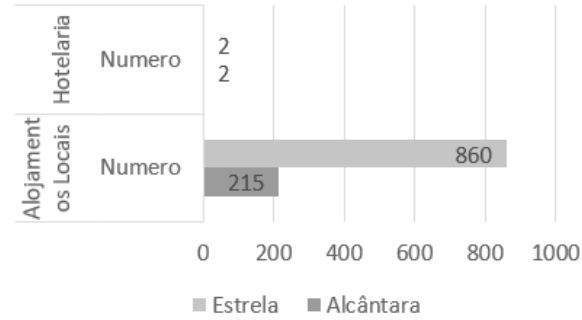


Figura 2.05 - Equipamentos Turísticos com registo activo no ano 2018

Conceitos equipamentos turísticos:
Hoteleria - Hoteis, Hoteis-apartamentos, Pousadas, Apartamentos Turísticos, Empreendimentos Turísticos de Habitação, Parque de Campismo/Caravanismo
Estabelecimentos AL (alojamento local) - Moradia, Apartamentos, Estabelecimentos de Hospedagem, Estabelecimentos de Hospedagem Hostel

relativos a estes e estudar a sua evolução no período entre 2011 e 2018 (Figura 2.6).

Os dados apresentados revelam que há um crescimento gradual em ambas as freguesias, contudo na freguesia da Estrela esse crescimento apresenta-se como sendo mais acelerado. Para esta análise foram apenas considerados os alojamentos locais devidamente registados nas autoridades competentes, não contemplando outros que possam existir. Contudo através deles é possível extrapolar a realidade não representada e concluir que a freguesia da Estrela terá uma maior taxa de população flutuante resultante do sector do turismo. Ao nível do Município de Lisboa a presença de alojamentos locais é bastante variável entre

Freguesia/Ano	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Alcântara	0	0	2	0	22	42	66	83
Estrela	1	4	9	33	126	156	258	268

Figura 2.06 - Evolução da abertura de alojamentos locais nas freguesias Alcântara e Estrela

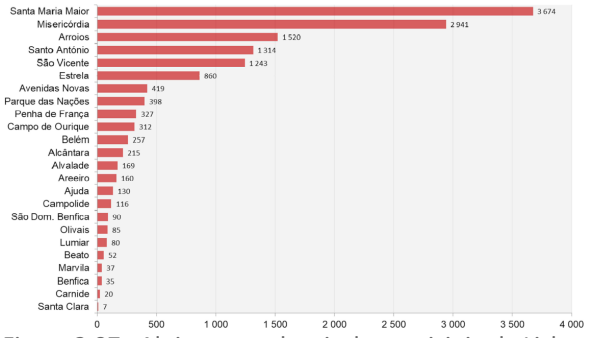


Figura 2.07 - Alojamentos locais do município de Lisboa por freguesia em Agosto de 2018

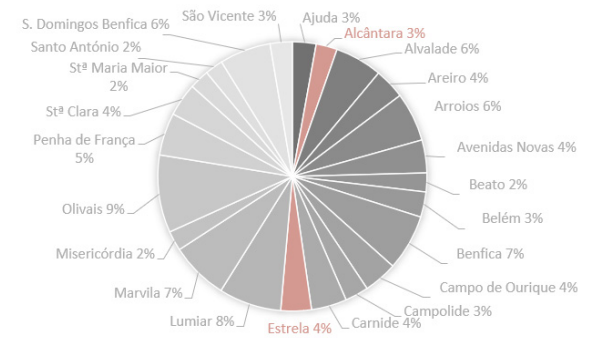


Figura 2.08 - Distribuição da população no município de Lisboa

freguesias, verificando-se uma maior presença dos mesmos na zona da Baixa, Misericórdia, Avenidas Novas, Arroios, Estrela e Parque das Nações, e uma menor presença nas freguesias mais periféricas como é o caso de Alcântara. Este enquadramento do município, ajuda a sustentar a ideia anteriormente defendida que aspectos simbólicos, físicos ou a oferta cultural influenciam a pressão turística e consequentemente a população flutuante resultante da mesma.

O estudo do espaço físico, do edificado e dos respectivos usos permite-nos identificar vários tipos de utilizadores no território. Habitantes, trabalhadores, turistas, ou frequentadores da área por lazer ou de passagem, criam ligações diferenciadas com território, seja no horário, nas zonas que frequentam ou no período em que são parte integrante das dinâmicas do mesmo.

Como tal e considerando que a intervenção proposta é um projecto urbano e que prevê áreas destinadas à população, considerou-se relevante perceber qual seriam os possíveis usuários do mesmo. Para tal procedeu-se à caracterização da população com base em dados quantitativos relativos a ambas as freguesias. A análise apresentada de seguida procura caracterizar a população ao nível da idade, ocupação e nível de escolaridade, recorrendo, deste modo, aos dados dos censos 2011 disponibilizados pelo INE.

A freguesia de Alcântara tem 13 943 habitantes (INE, 2011), o que representa 3% da população do município de Lisboa; e, a freguesia da Estrela 20 116, o que representa 4% da população do município de Lisboa. Como podemos observar na figura 2.8, estas

freguesias não são as mais numerosas e por isso com maior expressão na população total do município de Lisboa (547 733), contudo encontram-se dentro da média do mesmo. A análise dos dados referentes às duas freguesias, demonstra que os habitantes presentes em ambas se encontram maioritariamente na faixa entre os 25-64 anos. Conclui-se também que a faixa etária com menor presença se encontra 15-24 anos em ambas as freguesias. Porém, é possível constatar que a freguesia de Alcântara é uma freguesia mais envelhecida comparativamente com a freguesia da Estrela que possui um maior equilíbrio entre as faixas etárias mais baixas (0-24) e a faixa etária mais alta (65 ou mais).

De seguida procurámos caracterizar a população residente ao nível da ocupação. Considerou-se, deste modo, três situações distintas: população empregada³, população desempregada⁴ e população inactiva⁵. Como seria expectável pela análise das faixas etárias da população, ambas as freguesias são confrontadas com uma elevada taxa de população inativa. Sendo que a freguesia de Alcântara é apresenta um maior valor neste campo. Comparando ainda ambas as freguesias concluímos que Alcântara possui uma maior percentagem de desempregados.

Outro indicador analisado foi a escolaridade da população. Esta análise permitiu observar que ambas as freguesias apresentam uma percentagem elevada na conclusão do ensino superior. Contudo a freguesia de Alcântara apresenta menor percentagem de conclusão do nível do ensino superior, comparativamente à freguesia da Estrela. A percentagem de nenhum nível de escolaridade é também um pouco elevada em

ambas as freguesias, contudo esta pode-se justificar pela elevada presença de residentes com mais de 65 anos. É importante notar que grande parte da população de ambas possui apenas o um dos três níveis do ensino básico, o que vai de encontro não só á população envelhecida presente em ambas as freguesias como, à percentagem de crianças entre os 0-14 anos.

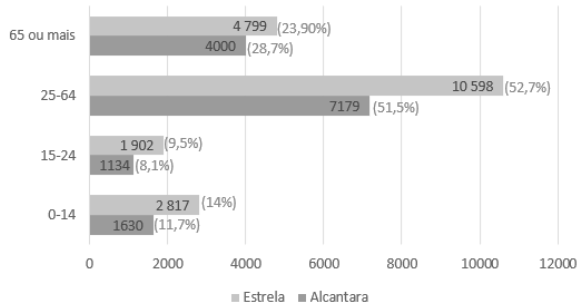


Figura 2.09 - Caracterização da população residente ao nível da idade

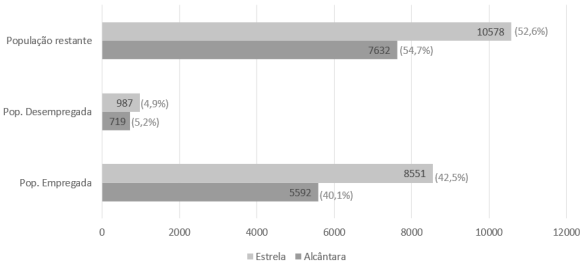


Figura 2.10 - Caracterização da população residente ao nível da ocupação

³ **População empregada** – população com 15 anos ou mais que na semana da recolha dos dados respeitava as situações descritas no caderno Preparação, Metodologias e Conceitos relativo ao censos de 2011 disponibilizado pelo INE

⁴ **População desempregada** - considerou-se os dados relativos á população que não tendo qualquer rendimento remuneratório se encontra á procura do 1º emprego ou que de um novo emprego.

⁵ **População inactiva** – população que não pode ser considerada população activa (no sentido restrito), ou seja que não se encontra empregada nem desempregada. (mais pormenorizado no caderno Preparação, Metodologias e Conceitos relativo ao censos de 2011 disponibilizado pelo INE)

A análise do território a uma escala alargada, permitiu não só perceber as diferentes relações que existem nesta área da cidade, como a população presente na mesma. Consideramos, deste modo, importante realçar as divisões e fracturas físicas existentes: o caminho de ferro, o Porto de Lisboa e os grandes vazios presentes na cidade, originam apropriações bastantes diferentes do espaço público e espaços da esfera pública. Após a análise realizada constata-se que Alcântara é um território com uma leitura mais fragmentada não só devido à forma como a habitação, serviços e empresas se localizam no território, mas também devido às fracturas presentes no mesmo. A freguesia da Estrela por sua vez é um território mais uniforme na sua composição, sendo que a grande divisão existente se encontra presente na zona ribeirinha devido ao Porto de Lisboa. Outro ponto a realçar tem a ver com população presente neste território, estando a maioria na idade activa, há ainda uma grande percentagem de população envelhecida. A população presente num território influencia as dinâmicas presentes no mesmo, assim como a utilização e apropriação do espaço público.

No próximo subcapítulo iremos procurar estudar algumas das dinâmicas internas do território, assim como a apropriação dos espaços da esfera pública em diferentes horários. Como tal iremos trabalhar um território sem barreiras administrativas, onde são trabalhados seis espaços que se consideraram relevantes na dinâmica do território.

2.1 Um território várias dinâmicas: casos de estudo

No subcapítulo anterior focamo-nos na caracterização de um território alargado ao sítio de intervenção (freguesia da Estrela e Alcântara), para tal recorremos a dados quantitativos e qualitativos e procuramos caracterizá-lo ao nível físico, social, económico institucional e ecológico. Esta caracterização permitiu-nos analisar algumas das relações existentes entre o território e o concelho de Lisboa, assim como, relações existentes entre o espaço público, actividades económicas e a população presente no território.

Neste subcapítulo procurámos realizar uma análise mais próxima das dinâmicas de bairro, perceber o movimento nas ruas, a apropriação do espaço público e espaços da esfera pública, os utilizadores presentes, entre outros aspectos. Consideramos que este estudo mais profundo iria não só ajudar no conhecimento do território, assim como ajudar a estabelecer princípios para a intervenção proposta. Neste sentido, consideramos que os limites administrativos sob os quais estudamos anteriormente não iam de encontro aos novos objectivos e como tal optou-se pela definição de um novo território.

O território apresentado foi definido através da análise e reinterpretação da área analisada no PUA 2015, assim como, da leitura do espaço urbano realizada anteriormente que permitiu estabelecer limites físicos e simbólicos.

Esta análise permitiu ainda identificar pontos marcantes na estrutura do território (figura15), como praças, largos ou ruas que possuem diferentes relações com o mesmo e com os seus usuários. De seguida iremos

aprofundar a análise destes espaços das cidades, tendo em conta as vivências presentes no mesmo, a sua fisionomia e a carga simbólica que lhes associa.

Na realização deste estudo, recorreu-se à observação directa e levantamento fotográfico sistémico. A análise fotográfica realizou-se em três horários distintos (9h, 13h e 17h), de forma a documentar a diversidade e heterogeneidade de dinâmicas e utilizadores. Os horários escolhidos consideraram as características económicas e sociais (horário



Figura 2.11 - Território definido para a análise do subcapítulo vigente



Figura 2.12 - Pontos marcantesna estrutura do território analisado

- A - Largo do Calvário
- B- Praça da Armada
- C - Condomínio Alcântara-Rio Fase 1
- D - Condomínio Alcântara-Rio Fase 2
- E - Rua de Alcântara
- F- Rua Prior do Crato

de empresas, horários de maior deslocação populacional) da área em estudo e procuram perceber a vivência do território nos períodos com maior diversidade de dinâmicas e intervenientes. Ainda se considerou realizar uma análise no período da noite, porém com as medidas de confinamento essa ideia ficou acabou por ser abandonada, por se considerar não ser possível a obtenção de dados que extrapolassem a normalidade. O ensaio fotográfico, por sua vez procura complementar e documentar a observação directa realizada.

A análise aos locais acima apresentados procura decodificar a diversidade social e funcional, os conflitos decorrentes desta diversidade, as diferentes morfologias e como as mesmas condicionam as vivências presentes e as identidades dos lugares. Para apoiar esta análise, recorreu-se à tabela apresentada na figura X que procura sistematizar a leitura das dinâmicas dos urbanas dos bairros, abordando o espaço público através de 3 dimensões, subdivididas em temáticas. Acrescentamos ainda, que a análise efectuada é apresentada neste subcapítulo de forma sintética, apresentamos assim uma pequena análise física do local e as conclusões retiradas da observação directa e recolha fotográfica, estando disponível a análise detalhada no Anexo B.

Não.	Dimensão	Tema
1	A - O espaço material	A relevância (morfologia, os volumes, topografia, ...)
2		Os equipamentos urbanos (equipamento urbano, mobiliário público)
3		Os espaços verdes
4	B - A vida do espaço	O 'light' / a luminosidade / dos ambientes '
5		A diversidade funcional no bairro
6		A diversidade social na vizinhança
7		Para 'habitar' / 'habitar' o bairro
8		Para 'circular' na vizinhança
9		Para 'ao vivo' / 'uso diário' o bairro
10		Os conflitos de uso
11	C - A dimensão simbólica	Os sinais e símbolos
12		As características de identidade de cada trimestre
13	dimensões 'transversal'	Os espaços de inclusão e exclusão (simbólico / cultural)
14		Os diferentes tempos / ritmos do trimestre
15		Os diferentes 'espaços' do trimestre

Figura 2.13 - Dimensões e temas para recolha fotográfica

A | Largo do Calvário

O Largo do Calvário localizado no final de uma das ligações (Rua da Junqueira) mais importantes entre Belém e Alcântara caracteriza-se pelo seu elevado tráfego automóvel, assim como por ser um ponto marcante no acesso a transportes, afluindo a si diversas carreiras de autocarro e de eléctrico. Intervencionado no ano 2017 pelo programa Uma Praça em Cada Bairro da CML , ganhou uma nova organização com novas áreas destinadas à população. Rodeado de comércio e restauração, este largo tem uma área reservada a esplanadas, alguns bancos que se direccionam para diferentes pontos da praça, é ponteadado por algumas árvores ainda jovens e um pavimento que marca o limite do espaço pedonal. A análise nos períodos anteriormente referidos, revelou algumas constantes como o elevado tráfego e o elevado número de pessoas em deslocações rápidas ou que tinham como objectivo aceder aos transportes públicos. Verificou-se ainda, uma ocupação regular dos bancos existentes, sendo que os mais utilizados são os que se encontram junto à paragem e se direccionam para as vias de trânsito. Ao nível das esplanadas observou-se maior utilização no período das 13h e alguma utilização no período das 17h.

B | Praça da Armada

A Praça da Armada localizada no fim da Rua Prior do Crato caracteriza-se por duas áreas divididas por uma faixa de trânsito. As duas áreas são bastante diferentes entre si, sendo quase o oposto uma da outra. Uma das áreas caracteriza-se por uma elevada densidade arbórea, vistas encerradas e direccionadas sobre si própria e uma grande área de sombra,

possui alguns bancos que permitem o desfrute desta área e ainda um parque infantil. A outra área da praça é mais ampla e apenas ganha alguma dinâmica através das esplanadas da restauração que a ladeiam é delimitada por algumas árvores, não possuindo qualquer sombreamento na maioria da sua área. A análise nos períodos anteriormente referidos, revelou uma maior utilização da Praça da Armada nos períodos da 13h e das 17h. Porém comparando, ambos os períodos, é possível observar alguma diferenças. O período da 13h é claramente mais caracterizado pela utilização das esplanadas e dos bancos existentes. Enquanto que no período das 17h verifica-se que a apropriação da praça se centra mais ao nível dos bancos, do parque infantil e da área circundante das paragens de autocarro.

C | Condomínio Alcântara Rio – Fase 1

O Condomínio Alcântara Rio fase 1 caracteriza-se por vários edifícios de uso habitacional e serviços que delimitam um interior desocupado com algumas variações de cota que dinamizam a área. O interior deste quarteirão sendo de livre acesso oferece algumas zonas arborizadas e com sombra em contraste com outras que não tem sombreamento. Encontramos ainda algum mobiliário urbano que acompanha as áreas verdes, ao nível do piso térreo encontramos localizados alguns serviços e restauração. A análise nos períodos anteriormente referidos, revelou que o período com menor utilização e apropriação do espaço público é o das 8h30. Já no período das 13h e das 17h observamos que o espaço é apropriado para momentos de descontração ou para actividades rotineiras como passear os animais domésticos.

D | Condomínio Alcântara Rio – Fase 2

O condomínio Alcântara Rio fase 2 caracteriza-se por edifícios de habitação e serviços distanciados entre si, criando, deste modo, ruas pedonais que permitem a passagem entre a Rua Cascais e a Rua Cozinha Económica. Ao nível do piso térreo, estes edifícios oferecem alguns serviços, comércio e restauração. Nas ruas pedonais encontramos canteiros que delimitam corredores que ao longo do dia são ocupados por esplanadas e pessoas a circular. A análise nos períodos anteriormente referidos, revelou que a dinâmica existente neste quarteirão se deve principalmente à localização do Pingo Doce e à presença de alguns estabelecimentos de restauração. Verificou-se ainda que o período de maior utilização e apropriação é o período das 13h. Neste período observa-se uma predominância de actividades de lazer com recurso às esplanadas existentes. Já no período das 17h verifica-se que a maioria das actividades tendem a estar relacionadas com a supressão de necessidades e que por isso estão relacionadas com o estabelecimento Pingo Doce. Outro facto interessante de observar é a apropriação dos estabelecimentos de restauração das ruas pedonais através de esplanadas. Esta apropriação vai variando ao longo do dia e por isso condicionando e alterando o percurso das pessoas.

E | Rua de Alcântara

A Rua de Alcântara é o eixo que efectua a ligação entre o largo do Calvário e a área da estação de Alcântara-Terra. Esta rua caracteriza-se pela predominância de comércio e restauração ao nível do piso térreo, existindo ainda alguns edifícios sem qualquer

uso ao nível do mesmo. Tendo esta rua sido intervencionada recentemente, apenas parte dela recebe trânsito em ambos os sentidos. Não sendo uma rua com grandes alterações de cota o atravessamento da mesma é agradável e rápido. Ao longo da mesma é ainda possível encontrar pontualmente alguns bancos que permitem momentos de pausa. A análise nos períodos anteriormente referidos, revelou que os períodos de maior circulação são o das 8h30 e o das 17h, sendo que se verifica uma maior intensidade no primeiro. Outro dado interessante de analisar foi a direcção da circulação, no período das 8h30 a direcção maioritariamente era da estação de Alcântara-Terra para o Largo do Calvário, já no período das 17h a circulação pedonal assumia maioritariamente a direcção oposta.

F | Rua Prior do Crato

A Rua Prior do Crato é o eixo que liga a estação de Alcântara-Terra à Praça da Armada. Esta caracteriza-se pelo elevado tráfego automóvel, por ser uma importante ponte de acesso a transportes e pela presença de comércio e restauração ao nível do piso térreo. A análise nos períodos anteriormente referidos, revelou que o nível de circulação pedonal é idêntica nos mesmo, porém a velocidade de circulação e a direcção é diferente consoante o período. No período das 8h30 os percursos são maioritariamente realizados no sentido da estação Alcântara-Terra e Praça da Armada, sendo caracterizados por uma maior velocidade. Já no período das 13h os percursos assumem ritmos mais lentos e procuram maioritariamente áreas com maior sombra. No período das 17h os percursos voltam a ganhar um ritmo mais acelerado,

realizando-se maioritariamente no sentido Praça da Armada e estação Alcântara-Terra. Outro facto curioso é maior a ocupação dos bancos no alargamento da rua junto à estação, estes encontravam-se no diferentes períodos analisado ocupados por habitantes que por ali desfrutavam da multiplicidade de rotinas que existem.

Esta análise permitiu observar como as dinâmicas são influenciadas pelo mobiliário urbano, pelo próprio desenho urbano, pelos utilizadores do espaço e pelas rotinas dos mesmos. No próximo subcapítulo e iremos analisar como a reintrodução de espaços vazios na cidade poderá alterar ou intensificar esta dinâmicas.

2.2 Análise e expectativas de um território em mutação

No subcapítulo anterior abordou-se uma área mais restrita do território, de forma a aproximar a análise das dinâmicas de bairro. Para tal identificou-se seis pontos marcantes na estrutura do território com dinâmicas e apropriações bastante diferentes. A análise decorreu em diferentes períodos do dia, e permitiu reunir dados sobre as diferentes transformações, dinâmicas, usuários e apropriações que um lugar sofre durante o dia. Ao mesmo tempo permitiu analisar como as características físicas de um lugar condicionam as dinâmicas presentes no mesmo. Esta análise aproximada da escala de bairro veio ainda revelar a presença de vários edifícios desocupados e ao abandono, assim como a existência de grandes vazios. De certa forma este dado vai de encontro ao abordado no início do capítulo três, onde foi realizada uma análise física do território ao nível das freguesias da Alcântara e Estrela.

Neste subcapítulo iremos retomar a análise dos vazios presentes no território, porém numa perspectiva de continuação de construção de cidade, deste modo procuraremos identificar as mudanças e as novas dinâmicas que estarão presentes no território em estudo. Para a investigação apresentada de seguida recorri a notícias dos média nacionais e informação disponibilizada online pela CML.

Como vimos anteriormente o território analisado, entre os séculos XVII e XVIII foi um importante pólo industrial da cidade Lisboa. No século XIX com a transferência das indústrias para zonas mais afastadas da cidade de Lisboa, Alcântara vê grandes infraestruturas

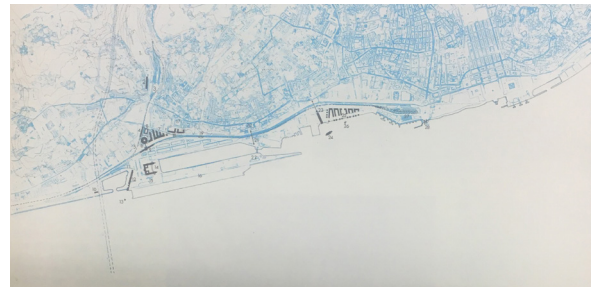


Figura 2.14 - Projecto de um concurso de ideias lançado para a renovação da zona ribeirinha da Lisboa



Figura 2.15 - Alcântara XXI, plano de intervenção



Figura 2.16 - Maquete da proposta para Alcântara do Arquitecto Siza Vieira, 2004



Figura 2.17 - Proposta para um quarteirão em Alcântara do arquitecto Jean Novel



Figura 2.18 - Planta da proposta para um quarteirão em Alcântara do arquitecto Jean Novel

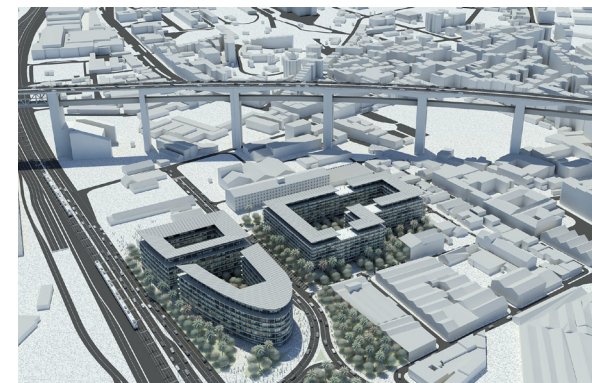


Figura 2.19 - Proposta para quarteirão em Alcântara de Mário Sua Kay



Figura 2.20 - Projecto Jardins de Alcântara do grupo Krea



Figura 2.21 - Projectos futuros ou em desenvolvimento no território de Alcântara

fecharem e saírem das dinâmicas do território. Algumas destas estruturas receberam novos usos e entraram de novo na dinâmica do território, outras permaneceram vazias até à actualidade. São sobre estas últimas que nos iremos focar. Estes vazios, como explica Solá-Morales, são áreas “aparentemente esquecidas” que encerram em si memórias do passado e deixam em aberto oportunidades para um futuro, tornando-se, deste modo, áreas de grande especulação e locais de grande interesse para investidores. Ao longo dos anos vão surgindo propostas e concursos que procuram ocupar este locais e reintroduzir os mesmos na dinâmica do território. Através de um trabalho de grupo realizado no início do ano lectivo foi possível analisar vários projectos (figura 2.13 a 2.19) para este território que nunca chegaram a ser construídos, mas que corroboram a especulação presente sobre o mesmo.

Após a análise anterior e tendo em consideração que a cidade de Lisboa atravessa um período de grande revitalização ao nível do edificado e dos vazios presentes na mesma, consideramos relevante analisar os projectos que se encontram aprovados ou em desenvolvimento no território em estudo (Estrela e Alcântara). Esta análise permitiu identificar as áreas que estão afectas a estes projectos, assim como as dinâmicas que os mesmos trazem para o território.

Os seis projectos identificados abrangem áreas como a saúde (CUF Tejo), equipamento urbano com áreas verdes e corredores ciclo-pedonais (Corredor Verde Estruturante do Vale de Alcântara), habitação, escritórios e retalho (Pedreira do Alvito e Alcântara Complex), hotelaria e espaços

expositivos (Museu-Hotel Palácio Condes da Ribeira e Hotel-Apartamento Centro de Congressos). A construção destes projectos trará a esta área da cidade novos habitantes, assim como um maior número de população flutuante resultante dos novos escritórios, das novas unidades hoteleiras e do novo hospital da CUF. Já o equipamento urbano situado no Vale de Alcântara reforçará as lógicas de uma mobilidade mais sustentável assim como o desejo de cidades mais verdes e preocupadas com o ambiente.

A construção deste novos projectos trará para a cidade novas dinâmicas que se cruzarão com dinâmicas já existentes, isto poderá criar novos conflitos ou intensificar problemas já existentes, como por exemplo a intensificação do trânsito viário desta área. Contudo não nos iremos alongar na discussão dos conflitos, não só porque as dinâmicas se alteram nos últimos meses devido à pandemia de Covid-19, assim como alguns complexos ainda não se encontram construídos e activos.

3.1 A prática de investigação aplicada ao projecto

Ao longo dos últimos capítulos realizámos uma análise do território que abrangeu diferentes áreas de estudo. Com esta análise pretendíamos caracterizar a malha urbana da área de intervenção, as dinâmicas presentes na mesma e as alterações que este território tem sido alvo ou poderá vir a ser. Consideramos que esta análise seria relevante para aprofundar o conhecimento do território e deste modo adquirir ferramentas que permitissem desenvolver um pensamento crítico sobre o mesmo.

Com a análise do território em estudo, observámos a presença de dinâmicas bastante vincadas, principalmente ao nível das deslocações, fluxos e apropriação dos espaços da esfera pública. Deste modo, desde o início deste trabalho que percebemos que ao intervirmos num quarteirão vazio iríamos intervir ao mesmo tempo nas dinâmicas presentes na envolvente. Tendo consciência que a arquitectura tem um importante papel na organização do território, procurámos desde o início a articulação do projecto com as dinâmicas urbanas. A análise ajudou-nos ainda a definir algumas questões que deveríamos ter em consideração. A área que estávamos a intervir não seria uma área exclusivamente da AMI, mas ter-se-ia de articular com a envolvente consolidada e por isso definimos à partida que este novo complexo que iríamos proporcionar deveria, para além de responder às necessidades da organização, devolver parte do quarteirão à cidade e à população. Assim, considerámos que a melhor maneira de colocar em prática este desejo, seria atuar a dois níveis.

O primeiro seria ao nível do tratamento

do piso térreo do edifício planeado. Para tal, procurámos no programa, que nos foi disponibilizado, áreas que ao mesmo tempo pudessem estar ao dispor da população e dos trabalhadores da AMI, integrando deste modo a esfera pública. Procurámos também que as restantes áreas presentes neste piso, que mesmo não fazendo parte da esfera pública criassem relações com a mesma.

O segundo nível de actuação seria o tratamento das áreas exteriores. Neste campo procurámos proporcionar um espaço que permitisse vários tipos de usuários (população fixa e população flutuante) e vários tipos de apropriação.

No próximo subcapítulo iremos abordar a evolução do projecto e explicar como desenvolvemos todas as questões acima inumeradas.

3.2 Desenvolvimento do projecto: do estudo do programa à caracterização

O enunciado apresentado no início do ano lectivo, propunha a intervenção num quarteirão vago em Alcântara, compreendido entre a Avenida 24 de Julho, a Rua Vieira da Silva, a Rua do Arco de Alcântara e a Travessa do Baluarte. A intervenção proposta deveria dar resposta ao programa lançado em 2007 para o concurso do edifício sede e creche da AMI. Estando este programa pensado e adaptado para um território em Carcavelos (território original do concurso), teríamos a liberdade de o repensar para o território acima enunciado. Deste modo, foi-nos disponibilizado todo o material pertencente ao concurso, para que pudéssemos analisar e trabalhar a partir do mesmo.

Neste subcapítulo aprofundarei o desenvolvimento formal do projecto. Ao longo do mesmo, recorreremos a diversas formas de exploração, tendo numa primeira fase investigado maioritariamente através de esquissos e numa última fase desenvolvido maioritariamente através de programas computacionais. Todo o processo foi acompanhado por visitas ao local de intervenção, que nos permitiram identificar algumas das dinâmicas presentes no mesmo, características do edificado, entre outros aspectos, que nos apoiaram no desenvolvimento do projecto. Durante estas visitas realizámos um registo fotográfico que é apresentado nas figuras de 3.1 a 3.4.

A primeira fase de desenvolvimento centrou-se em três áreas: o estudo da implantação, o estudo do programa apresentado e a análise e reconhecimento dos projectos melhor classificados no concurso



Figura 3.01 - Fotografia sobre Avenida 24 de Julho



Figura 3.02 - Fotografia sobre Rua Vieira da Silva



Figura 3.03 - Fotografia sobre Rua do Arco a Alcântara



Figura 3.04 - Fotografia sobre Travessa do Baluarte

realizado em 2007.

O estudo da implantação foi desenvolvido com recurso a maquetas e esboços. (Figura 3.5) Experimentámos diversas implantações, sempre com o objectivo de não ocupar massivamente o quarteirão, criando deste modo áreas que pudessem ser usufruídas e apropriadas pela população. Durante este trabalho de desenvolvimento tivemos em atenção os fluxos e ligações que pretendíamos manter ou criar. Desde o início que procurámos criar uma ligação pelo interior do quarteirão entre a cota mais alta do terreno e cota mais baixa, pois com esta ligação permitiríamos um acesso pedonal mais directo entre a zona de Alcântara mais consolidada e a Avenida 24 de Julho. Com o apoio dos documentos relativos ao concurso, sabíamos a área necessária para cada um dos pisos propostos, pelo que procurámos assim criar volumes paralelepípedos de 16m de largura que pudessem desenhar o programa no terreno. Após várias experiências encontrámos uma forma (figura 3.6) que serpenteia o terreno, criando dois espaços exteriores com diferentes características. O primeiro apresenta um carácter mais formal que marca a entrada do quarteirão na Avenida 24 de Julho. O segundo, de maior dimensão, procura maior interligação com o bairro, promove um ambiente mais tranquilo de forma a potenciar diferentes tipos de actividades, ao mesmo tempo que procura devolver parte deste quarteirão à população presente no território. Com esta forma serpenteada procurámos ainda desenhar o alçado que faltava à Avenida 24 de Julho.

Ao mesmo tempo que trabalhámos a implantação, procurámos analisar os projectos

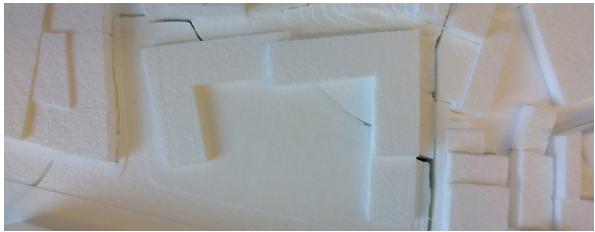
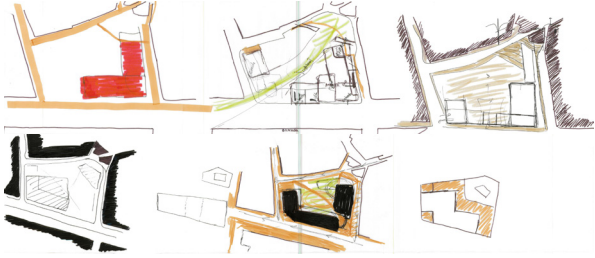


Figura 3.05 - Estudo da Implantação

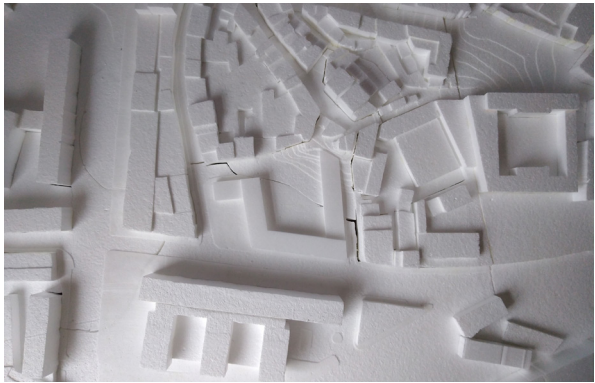


Figura 3.06 - Implantação proposta



Figura 3.07 - 1º classificado projecto da autoria do arquitecto Pedro Reis

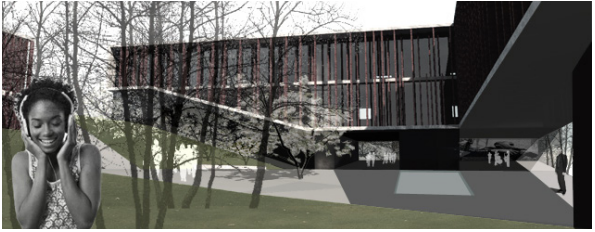


Figura 3.08 - 2º classificado projecto da autoria dos arquitectos Cristina Veríssimo e Diogo Burnay



Figura 3.09 - 3º classificado projecto da autoria da arquitecta Paula Santos

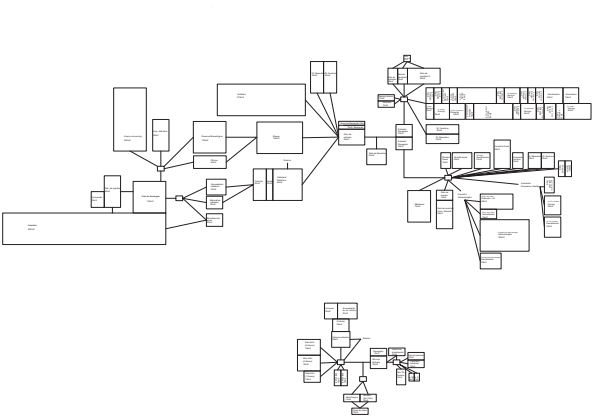
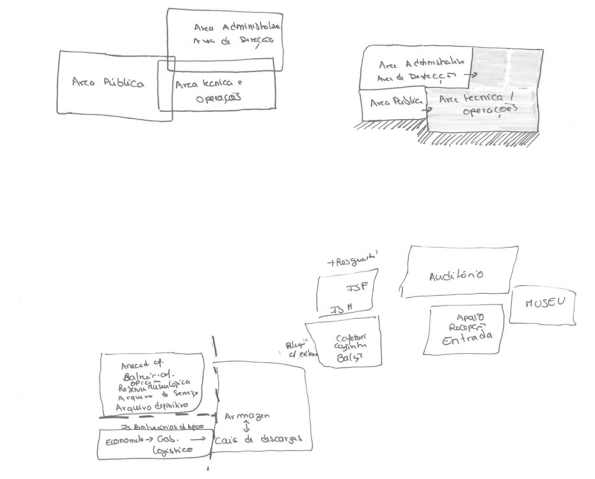


Figura 3.10 - Organogramas e esquemas

melhor classificados no concurso, realizado em 2007, para o edifício sede da AMI (figuras 3.7, 3.8 e 3.9). Ao analisarmos estes projectos compreendemos melhor as ligações que o programa procurava e deste modo partimos com mais informação para a sua análise. Optámos por estudar o conteúdo programático dividido em duas temáticas: a creche/infantário e o edifício sede da AMI. Na creche foram exploradas as relações entre os seus diferentes espaços, tendo em atenção as rotinas presentes neste tipo de equipamento. No edifício sede da AMI, analisámos o programa, por sua vez, em três temáticas: áreas públicas, áreas de administração e serviço e áreas técnicas e de operações. Estas temáticas permitiram-nos trabalhar a gradação de privacidade no programa e consequentemente no edifício.

Após esta análise, considerámos que seria relevante trabalhar o programa em conjunto com a implantação. Para tal, servimo-nos das medidas estabelecidas anteriormente para os edifícios e a par procurámos estabelecer submúltiplos que pudessem representar as áreas de cada um dos espaços do programa. A partir daqui realizámos diferentes tipos de experiências, que passaram por testar diferentes tipos de organização sobre a planta de implantação, tendo sempre por base as conclusões retiradas dos organogramas realizados na fase anterior. O trabalho do programa sobre a planta de implantação, levou-nos a pensar como o mesmo se dividiria pelos pisos e trabalharia a gradação de privacidade. Concluimos deste modo que ao nível do piso térreo trabalharíamos a creche, as áreas técnicas e de operações e as áreas de carácter público do edifício (museu, cafeteria, auditório). Desta forma conseguiríamos

estender a esfera pública para este piso e assegurar acesso directo à área da creche e das operações técnicas. No piso 1 trabalharíamos os diferentes departamentos da AMI e no piso 2 trabalharíamos áreas mais restritas que se dedicam à administração e presidência. Realizámos ainda uma pequena análise da implantação proposta (figura 3.11), que nos permitiu identificar as diferentes realidades e confrontos que a mesma propunha. A partir desta análise e cruzando com as quatro temáticas definidas para o estudo do programa, localizámos as principais áreas ao nível do piso térreo. No volume junto a Rua do Arco de Alcântara localizar-se-ia a creche, que desta forma estaria mais protegida do trânsito da Avenida 24 de Julho, permitindo ainda criar lugares de estacionamento que apoiassem as rotinas de chegada e partida das crianças. No volume junto à Avenida 24 de Julho, ao nível do piso térreo, localizar-se-iam áreas de recepção, cafetaria, museu, entre outras que, tendo um carácter mais público, marcariam também o acesso ao edifício sede. Por último, no volume junto da Travessa do Baluarte implementar-se-iam as áreas técnicas e de operações, que necessitando de um acesso directo à via pública, ficariam localizadas numa zona mais discreta.

De seguida partimos para o desenvolvimento de cada um dos pisos e áreas correspondentes. Desta forma e à semelhança do método de trabalho utilizado durante o ano lectivo, iremos apresentar o desenvolvimento do projecto incidindo em áreas/temáticas específicas.

CRECHE / INFANTÁRIO AMI

A creche/infantário da AMI, localizada

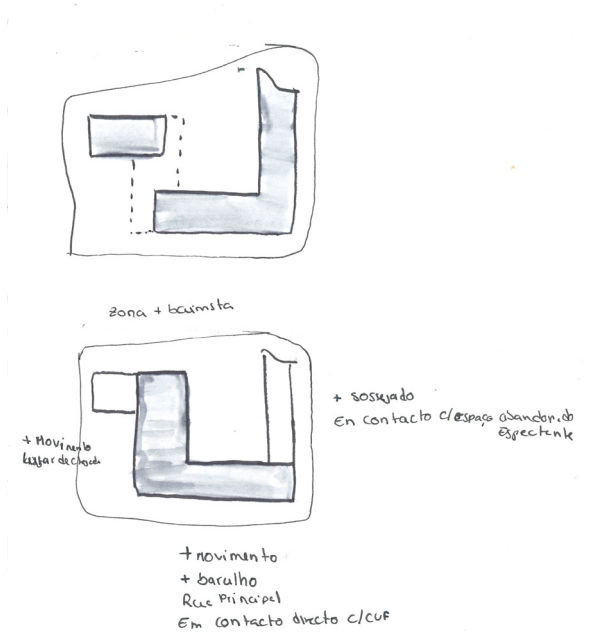


Figura 3.11 - Análise da Implantação Proposta

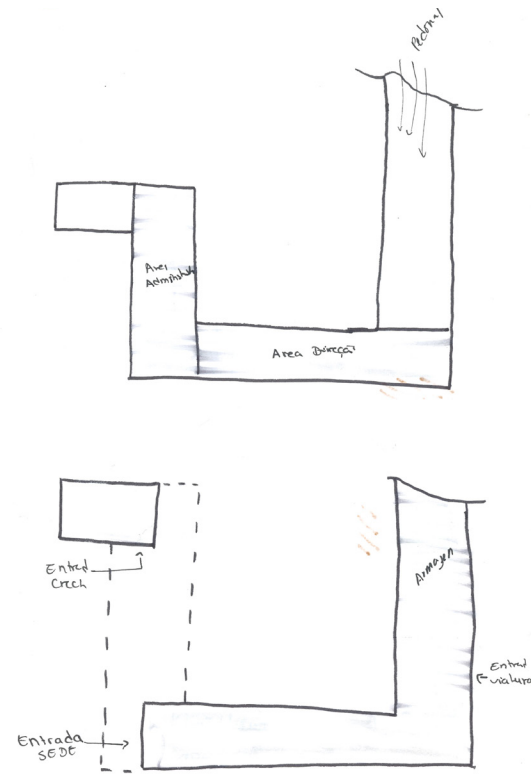


Figura 3.12 - Estudo das entadas e da localização das principais áreas do programa

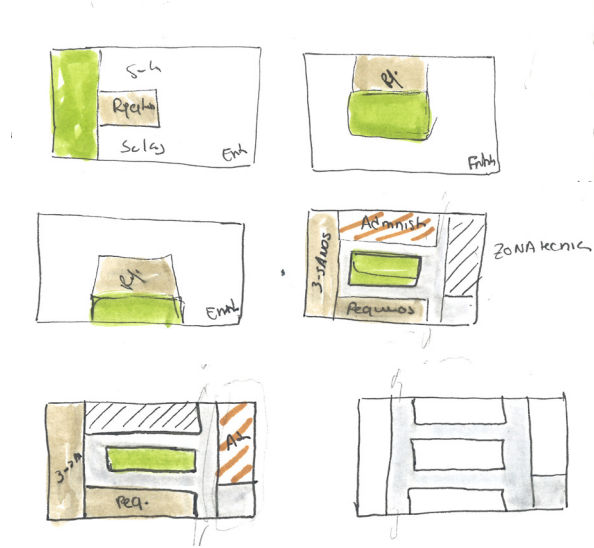


Figura 3.13 - Esquícios de investigação



Figura 3.14 - Plantas apresentadas em entregas intermédias ao longo do ano lectivo

no volume junto ao cruzamento entre a Rua Vieira da Silva e a Rua do Arco de Alcântara, procura afastar-se da zona com maior intensidade de trânsito e ruído do quarteirão. Esta localização permite a tranquilidade necessária a uma creche, ao mesmo tempo que possibilita criar zonas de estacionamento que sirvam este estabelecimento.

O programa da creche, não sendo extramente extenso, previa zonas destinadas às crianças e zonas técnicas ou destinadas ao pessoal. Para além das áreas consideradas no programa a concurso, considerámos que seria benéfico adicionar uma área exterior de utilização exclusiva da creche. Deste modo, começámos pelo seu desenvolvimento, considerando que este seria o espaço onde as crianças estariam mais expostas e por isso a sua localização deveria ter em conta a sua privacidade e segurança. Ao mesmo tempo tínhamos como objectivo que esta zona exterior criasse alguma ligação com as restantes áreas da creche. Desta forma explorámos a sua localização no interior, à semelhança de uma casa pátio romana.

A análise do volume da creche em relação ao conjunto proposto, mostrou que uma pequena área da creche teria pisos para cima, situando-se na zona de passagem entre as duas praças, pelo que considerámos que este facto poderia marcar uma separação dentro da própria creche. Esta área poderia receber espaços técnicos, destinados à gestão, ao pessoal e à recepção das crianças e pais. Na restante área localizar-se-iam espaços destinados às crianças, como salas, recreio e berçário. Nas figuras 3.14 podemos observar as diferentes soluções que fomos testando. No início, tentámos localizar todos os espaços

programáticos ao nível do piso térreo mas, ao longo do processo, percebemos que necessitaríamos de mais área e por isso considerámos que seria interessante ocupar a área do piso 1, que se sobreponha ao piso térreo da creche, com espaços destinados à gestão e ao pessoal técnico. Deste modo, reservaríamos o piso térreo para áreas maioritariamente de uso das crianças, como salas, berçário, recreio, entrada, sala de refeições e algumas áreas de apoio a esta última (cozinha e arrumos).

Como referimos anteriormente, desde o início que procurávamos estabelecer relações ao nível do interior da creche, porém com o desenvolvimento da proposta considerámos que seria também interessante estabelecer relações do interior com o exterior. No seguimento deste interesse, um dos projectos analisados foi a Escola Básica Adriano Correia de Oliveira (nº181) do arquitecto Manuel Tainha. O projecto em questão desenha-se através de cubos que estabelecem relações espaciais e visuais entre si, ao mesmo tempo são criados recantos com diferentes qualidades espaciais que se tornam parte das memórias das crianças. Considerámos que seria interessante explorar estas relações visuais ao nível da circulação da creche e do recreio e criámos, desta forma, um pátio rectangular a que se agrupam dois pátios mais pequenos. A configuração a que se chegou ao nível do recreio permitiu a existência de espaços com diferentes características dentro de um mesmo pátio, ao mesmo tempo que possibilitou alguns pontos de contacto directo com áreas internas da creche e alguns pontos de contacto indirecto com áreas externas da mesma. Mais tarde procurámos desenvolver um sombreamento

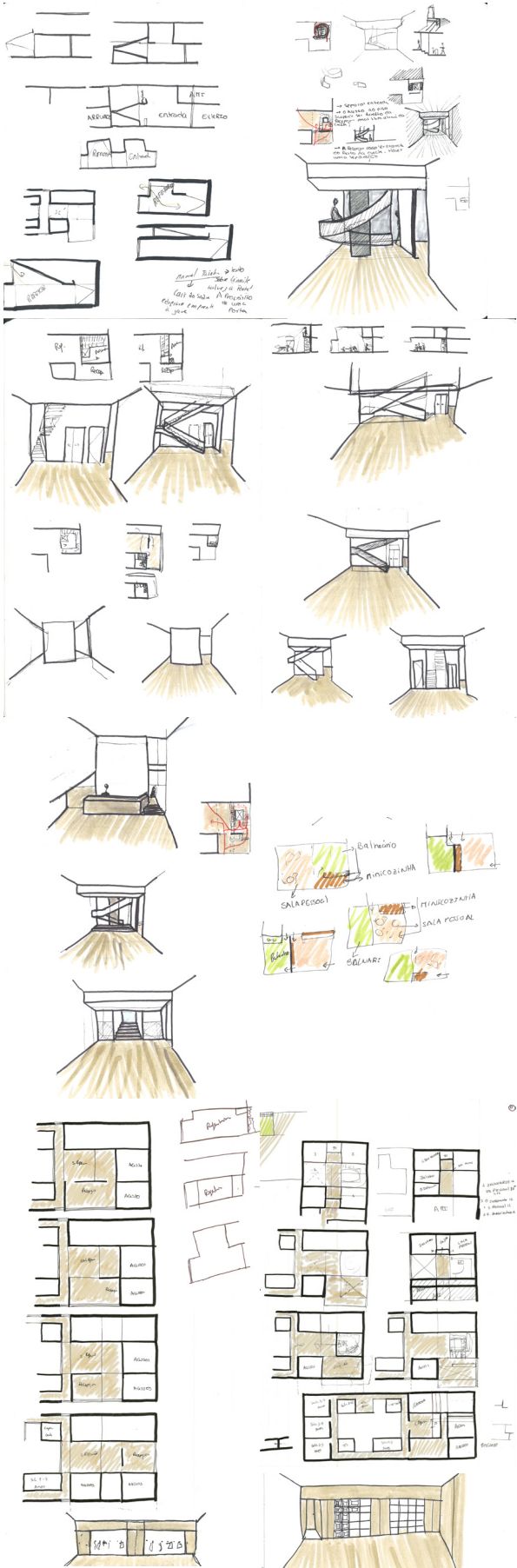


Figura 3.15 - Esquícios de investigação creche/infantário AMI



Figura 3.16 - Esquícios de investigação recreio creche/infantário AMI

para este pátio, testámos coberturas mais concordantes com o desenho do mesmo e coberturas mais irregulares (figura 3.15). Após este estudo optámos por abandonar a ideia da presença de um sombreamento artificial, considerando que as formas que estávamos a estudar podiam marcar diferenças ao nível do pavimento e serem pontuadas com árvores de folha caduca. A introdução destas árvores proporcionar diferentes ambientes ao longo do ano e ao mesmo tempo permitir um sombreamento mais informal e naturalmente adaptado às diferentes estações do ano.

SEDE AMI | Piso Cave

O programa original do concurso de 2007 previa três pisos em cave. Após uma análise rápida ao território de intervenção, concluímos que esta seria uma realidade que poderíamos repensar. Ao trabalhar este piso tivemos em conta factores como a proximidade ao antigo curso da Ribeira de Alcântara, as zonas construídas em aterro e as informações disponibilizadas sobre o risco de inundação no PUA 2015 (figura 3.17), onde é possível observar que parte do lote se encontra vulnerável a esse risco. Tendo em conta estes factores considerámos que devíamos dar preferência apenas a um piso em cave, permitindo que o mesmo não se encontrasse abaixo da linha média de água e procurando desta forma diminuir o risco de inundação deste piso.

Ao considerarmos apenas um piso em cave, partimos para análise do programa procurando definir as áreas que deveriam localizar-se neste piso. Numa primeira fase de análise concluímos que deveríamos localizar no mesmo as áreas de estacionamento do

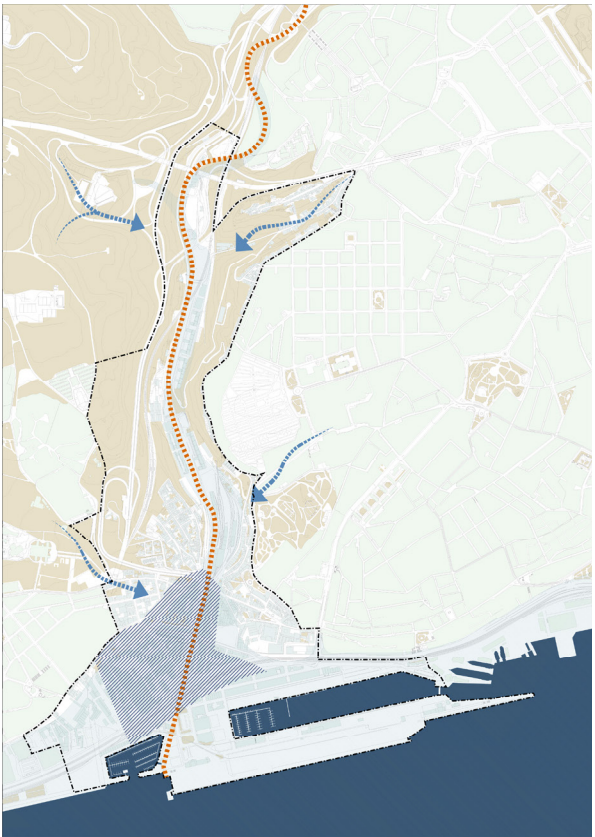


Figura 3.17 - Análise das zonas com risco de inundação (PUA)

edifício, sendo que o acesso seria realizado pela Travessa do Baluarte. Numa segunda fase e devido à área planeada para este piso, considerámos que poderia também receber áreas técnicas (armazém, arrecadação e balneários da cafetaria, economato, reserva museológica e oficina) e de arquivo (arquivo de serviço e arquivo definitivo). A estes espaços associámos ainda áreas de cargas e descargas de forma a possibilitar uma maior eficiência ao nível do acesso dos mesmo e nas tarefas que aí são desempenhadas.

SEDE AMI | Piso 0

Ao nível do piso térreo procurámos colocar as áreas mais públicas do projecto, localizando-as no volume junto à Avenida 24 de Julho, e as áreas mais técnicas e de operações no volume junto à Travessa do Baluarte. Durante o processo de desenvolvimento do projecto, trabalhamos estes dois volumes por vezes em conjunto e por vezes em separado, procurando nunca descurar a relação entre os mesmos. Testámos diversas opções de organização dos diferentes espaços, porém a definição dos núcleos de acessos veio contribuir decisivamente para a definição da localização dos mesmos.

No núcleo junto à Avenida 24 de Julho localizam-se a entrada/recepção, o museu, a cafetaria e a cozinha. Ainda considerámos a localização da biblioteca neste piso, porém ao analisarmos o programa observámos que esta área se destinaria maioritariamente ao uso dos colaboradores da AMI e para investigações autorizadas e neste sentido achámos que seria preferível localizá-la numa zona mais privada do edifício. A localização do restante programa acima descrito procurou criar relações entre os

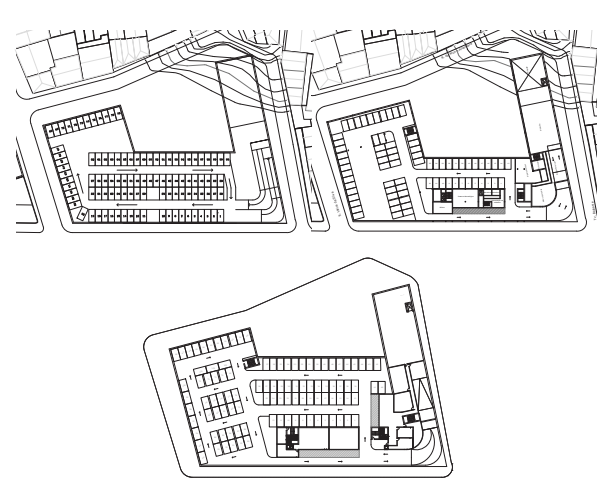


Figura 3.18 - Plantas piso cave apresentadas em entregas intermédias ao longo do ano lectivo



Figura 3.19 - Esquícios de investigação piso 0 - sede AMI

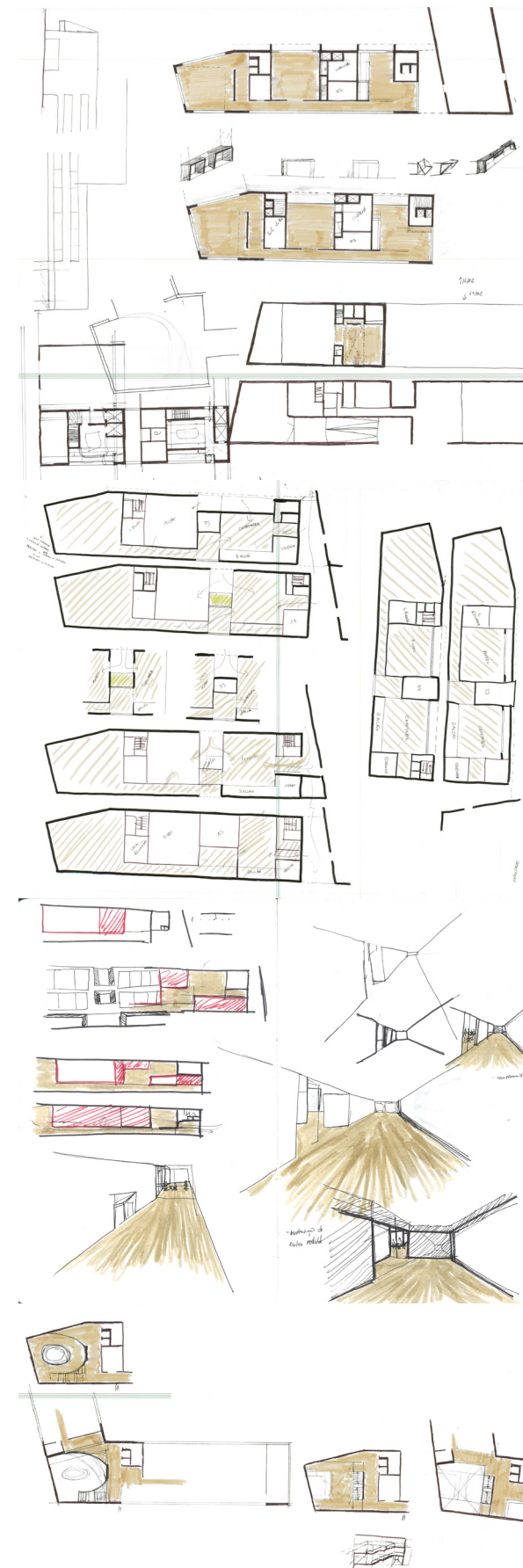


Figura 3.20 - Esquícios de investigação piso 0 - sede AMI

diferentes espaços, tendo sido testados vários sistemas de circulação, alguns mais periféricos, outros que atravessavam as áreas localizadas.

Ao longo do processo fomos sempre regressando aos objectivos traçados inicialmente e, como referido anteriormente, procurávamos que o piso térreo da sede se compreendesse como uma extensão da esfera pública. Ao reavaliar este objectivo considerámos que o mesmo não se cumpria simplesmente pela localização neste piso das áreas de carácter público. Deste modo, regressámos à análise apresentada na figura 3.11 da página 62 e concluímos que as áreas descritas anteriormente deveriam relacionar-se com a praça, que assume um carácter mais informal. Desta forma estimularíamos curiosidade dos que frequentassem esta praça, em conjunto com a oportunidade de promover uma ligação directa entre a cafetaria e este espaço exterior. Por sua vez, na zona mais próxima à Avenida 24 de Julho poderíamos localizar a circulação e a cozinha, quase numa relação de espelho do movimento presente nesta avenida. As constantes experiências que fomos realizando ao longo do desenvolvimento do projecto, levou-nos ao desejo de propor uma segunda passagem entre a Avenida 24 de Julho e a praça maior do projecto. Este novo atravessamento permitiria uma maior permeabilidade do quarteirão no que respeita aos fluxos pedonais. Mais tarde, e com o desenvolvimento do projecto, consideraríamos que esta passagem poderia ser pontuada com um túnel de luz, contribuindo para uma maior iluminação e segurança dos seus utentes.

No volume junto da Travessa do Baluarte, a marcação da entrada para o estacionamento definiu radicalmente o

desenvolvimento das restantes áreas. Ocupando grande parte da extensão junto desta fachada, tivemos de articular as restantes áreas para o interior do lote. Outro factor que pesou na organização deste volume, foi o facto de se encontrar parcialmente enterrado. Após várias experiências considerámos que seria interessante ocupar esta área com o cais de cargas e descargas, a que anexámos espaços como o gabinete logístico e os balneários. A análise de alguns projectos como a Praça do Los Fueros (figura 3.21), em Vitoria, Espanha, da autoria de Eduardo Chillida e Luis Peña Ganchegui, ou a Montaña de Tindaya (figura 3.21), proposta para as Canárias, em Espanha, e também da autoria de Eduardo Chillida, levou-nos a explorar aberturas nos volumes propostos. Esta intenção iria também criar uma ligação, ao nível da forma, com o espaço exterior da creche. Ao nível do piso térreo esta abertura tornou-se mais evidente no volume junto da Travessa do Baluarte, tendo-nos permitido levar alguma iluminação natural para o interior do cais e do gabinete logístico, assim como promover uma relação visual entre ambos e de ambos para com o exterior. Ao mesmo tempo, também possibilitou a criação de um acesso à cobertura que, como explicaremos mais à frente, é uma plataforma que nasce da cota do bairro e permite o acesso ao auditório.

SEDE AMI | Piso 1 e 2

A análise do desenvolvimento do piso 1 e 2 será apresentada em conjunto, visto ambos seguirem as mesmas lógicas e, por isso, terem sido desenvolvidos em conjunto. O piso 1 destina-se aos diferentes departamentos da AMI, enquanto que o piso 2 recebe áreas



Figura 3.21 - Praça do Los Fueros (esq.) e Montaña de Tindaya (dir.)

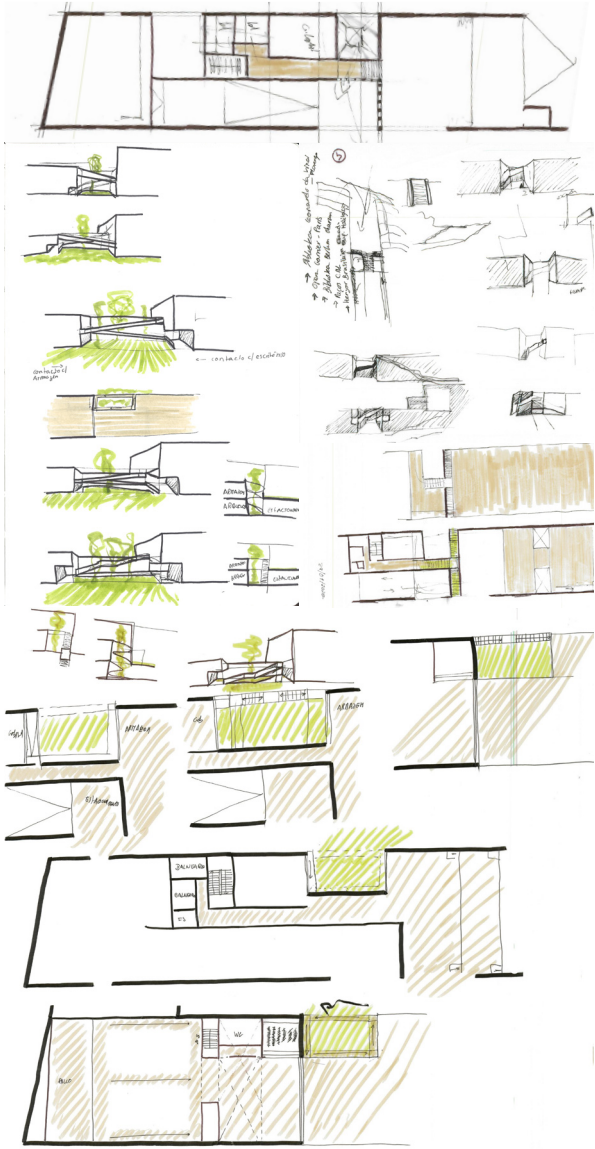


Figura 3.22 - Esquícios de investigação zona do cais de cargas e descargas

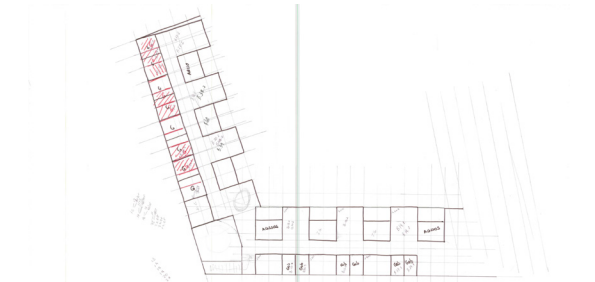


Figura 3.23 - Esquícios de investigação piso 1 e 2



Figura 3.24 - Esquícios de investigação piso 1 e 2 - organização



Figura 3.25 - Esquícios de investigação piso 1 e 2 - poço de luz

administrativas. O desenvolvimento destes pisos foi realizado a partir do estudo das circulações. Explorámos várias hipóteses, que podem ser observadas nos esquícios da figura X. Nesta exploração um dos factores que mais determinou a opção tomada, foi mais uma vez, a definição de um núcleo de acessos. A par desta definição procurámos também localizar o núcleo de instalações sanitárias que se repetia ao longo dos pisos. Desta forma encontrámos as questões que seriam constantes ao longo do projecto, e por isso retomamos estudo das circulações, aprofundando-o. Para este estudo regressámos à análise apresentada na figura 3.11 da página 62, e definimos que as áreas de *opens space* se poderiam relacionar com a praça mais interna do lote. Em contrapartida os gabinetes, que apresentavam áreas semelhantes entre si, relacionar-se-iam com a Avenida 24 de Julho e a praça, junto do cruzamento desta avenida com a Rua Vieira da Silva. Esta opção procurou de uma maneira figurativa estabelecer uma relação entre um espaço exterior informal e um espaço de trabalho de carácter mais informal, dinâmico e de partilha. Deste modo a circulação era realizada ao centro do edifício, permitindo uma organização mais eficiente e económica na área ocupada.

No desenvolvimento destes pisos, procurámos que os mesmos estabelecessem relações visuais uns com os outros e com o piso térreo. No primeiro caso, optámos por trabalhá-la ao nível da recepção. Desta forma, estendemos o seu pé direito ao longo dos mesmos, criando mezaninos que se relacionam entre si e com o piso térreo. A introdução de um túnel de luz sobre a passagem entre a Avenida 24 de Julho e o interior do lote,

permitiu trabalhar este acontecimento como um local de relações entre pisos e entre interior e exterior. Aprofundámos, desta forma, o estudo deste túnel de luz e criámos um mezanino ao nível do piso 2 que possibilitou estabelecer relações internas com o piso 1. Posteriormente com a abertura de vãos e o estudo da sua inclinação (figura X) procurámos estabelecer relações do interior com o exterior.

Como referido anteriormente, alguns projectos apresentados na figura 3.21 da página Y influenciaram-nos na exploração de aberturas nos volumes do edifício sede. Ao nível do piso 1 e 2, estas interrupções procuraram criar zonas de exterior, que permitissem a descontração dos colaboradores da AMI e onde fosse possível estabelecer relações entre pisos, através do avanço e recuo das plataformas e, estabelecer também relações com o espaço mais interior do lote.

O desenvolvimento dos pisos 1 e 2 contou ainda com estudos mais pormenorizados, nomeadamente nos espaços destinados às instalações sanitárias ou à biblioteca, que podem ser observados nos esboços apresentados em seguida.

AUDITÓRIO

Desde o início que procurámos que o projecto proposto integrasse as dinâmicas da cidade. Ao analisarmos o programa concluímos que o auditório, apesar de estar sob a gestão da AMI, poderia receber outro tipo de actividades, como eventos, teatros, ou actividades de escolas e infantários. Esta opção fomentaria uma ligação entre a AMI, a população residente e as entidades que utilizassem este espaço.

Na sequência deste propósito, considermos que o auditório deveria ter

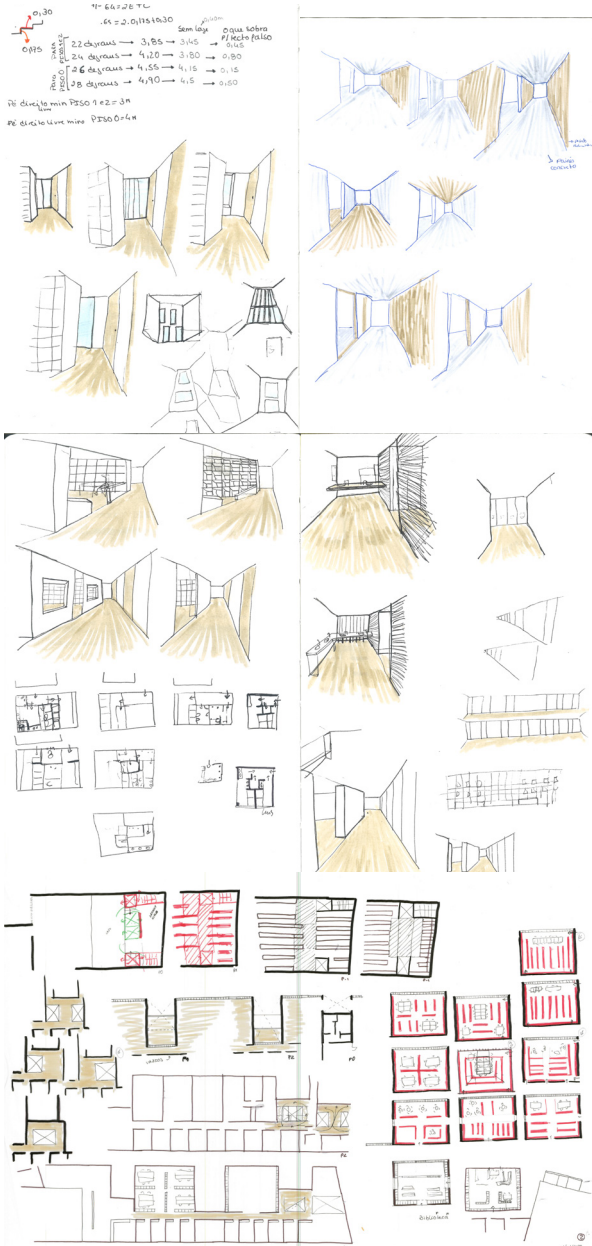


Figura 3.26 - Esboços de investigação piso 1 e 2 (biblioteca e outras áreas)

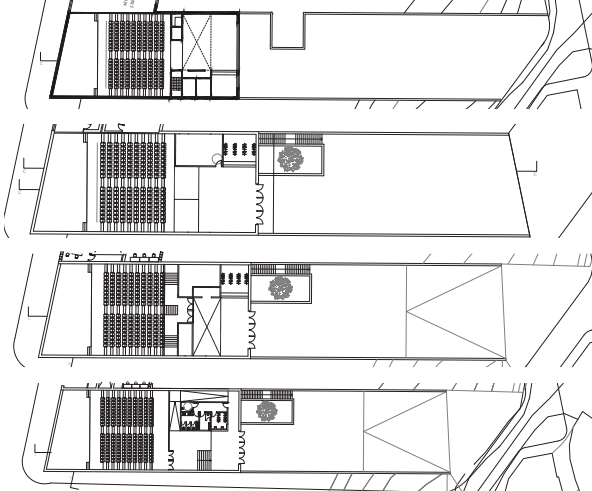


Figura 3.27 - Plantas do auditório apresentadas em entregas intermédias ao longo do ano lectivo

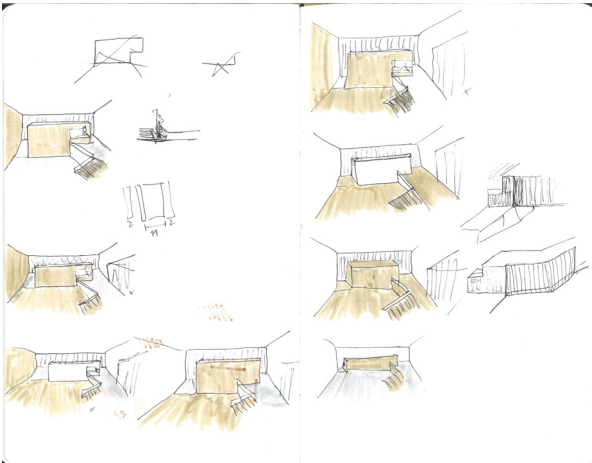


Figura 3.28 - Esboços de investigação auditório

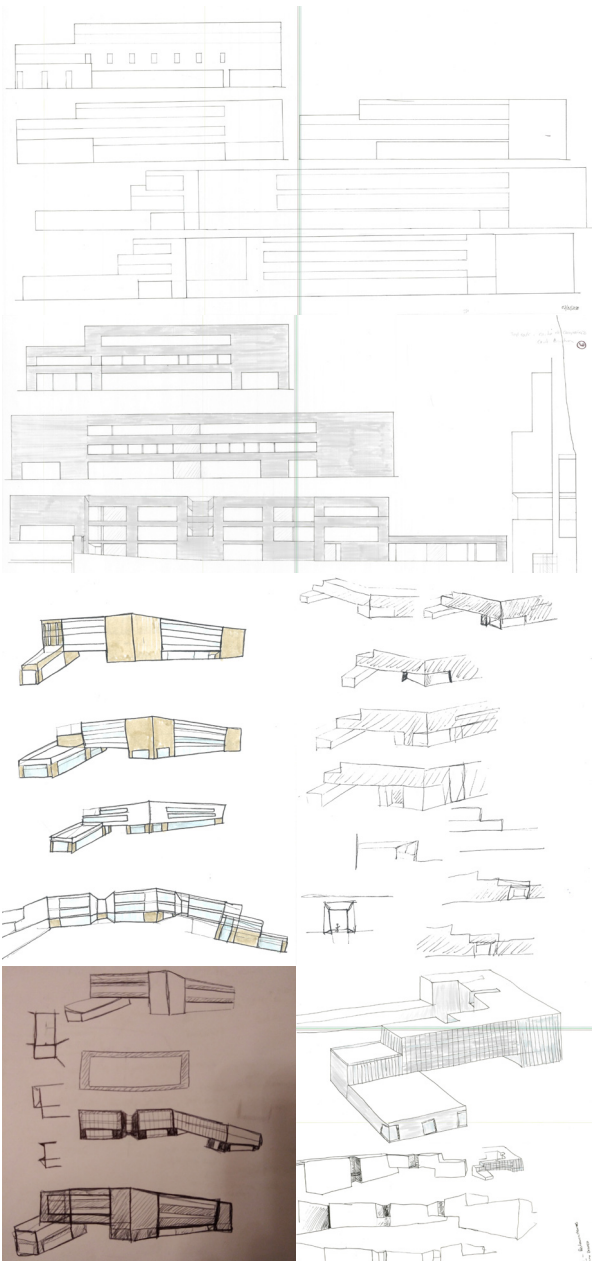


Figura 3.29 - Esboços de investigação fachada

uma entrada exterior à sede, de forma a evitar constrangimentos. Ao analisarmos a implantação que propúnhamos, observámos que a plataforma pedonal, situada na cobertura do cais de cargas e descargas, poderia marcar o acesso ao auditório. Desta forma, o mesmo desenvolver-se-ia a partir do piso 1 do edifício sede, em plataformas, até ao piso térreo.

Como apoio ao desenvolvimento desta área, analisámos outros auditórios da cidade de Lisboa, como é o caso do auditório da Gulbenkian e o grande auditório do ISCTE. Esta análise permitiu-nos identificar as lógicas de organização deste tipo de espaços e estabelecer algum programa que seria necessário acrescentar ao programa do concurso de 2007. Considerámos desta forma, que seria benéfico, contemplar uma área de entrada com recepção/bengaleiro, um núcleo de instalações sanitárias e um foyer. Através de esboços estudamos diversas opções de organização, onde procuramos criar um percurso até à entrada do auditório com diferentes características e apropriações.

FACHADAS

Ao nível do exterior procurámos que as fachadas promovessem, quer a unidade no seio do edifício, quer a sua relação com a envolvente. Desta forma procurámos perceber as lógicas presentes nos alçados em redor do lote e nos alçados da Avenida 24 de Julho. Esta análise, permitiu-nos identificar um piso térreo marcado por diferenças ao nível dos vãos e dos materiais empregues. Nos restantes pisos propusemos uma grelha de cheios (paredes) e vazios (vãos) que se repete, mais ou menos alinhada, ao longo de todos os edifícios.

Após esta análise procurou-se

numa primeira fase, a implementação de vãos uniformes ao longo do edifício que se articulassem com os espaços interiores sem que os mesmos se refletissem de forma evidente na fachada. Procurávamos também que o piso térreo tivesse um revestimento diferente dos restantes pisos, de forma a enfatizar a diferença programática existente e a articular-se com a envolvente. Contudo, após esta exploração, não chegámos a um resultado que reflectisse a unidade do projecto e por isso voltamos a reflectir sobre os objectivos traçados inicialmente e sobre a implantação proposta. Chegámos à conclusão de que procurávamos uma fachada que, à semelhança da implantação proposta, permanecesse mais ou menos constante ao longo do edifício e serpenteasse o mesmo.

Para definição da imagem exterior do edifício foi importante o estudo de vários projectos como o edifício a concurso para Escola de Música em Itália do atelier Aires Mateus e GSMM (figura 3.30), o edifício Mar do Oriente do atelier Aires Mateus (figura 3.1), o Kunsthau Zürich (figura 3.32) e a James Simon Galerie no Museum Island Berlin (Figura 3.3) ambos do atelier David Chipperfield Architects. Nestes projectos observamos um trabalho da fachada seguindo lógicas repetitivas, que conferem unidade e consistência ao projecto, ao mesmo tempo que permitem excepções para a abertura de vãos.

Voltámos, deste modo a explorar a fachada, desta vez utilizando apenas um material: o betão. Definimos um ritmo de 50cm de largura para a cofragem de betão e procurámos definir os vãos seguindo este ritmo. Durante o desenvolvimento da fachada considerámos que seria interessante que,



Figura 3.30 -Escola de Música em Itália do atelier Aires Mateus e GSMM



Figura 3.31 - Edifício Mar do atelier Aires Mateus



Figura 3.32 -Kunsthau Zürich de David Chipperfield Architects.



Figura 3.33 -Museum Island Berlin do atelier David Chipperfield Architects

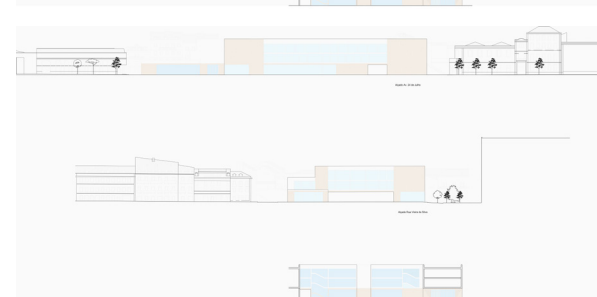
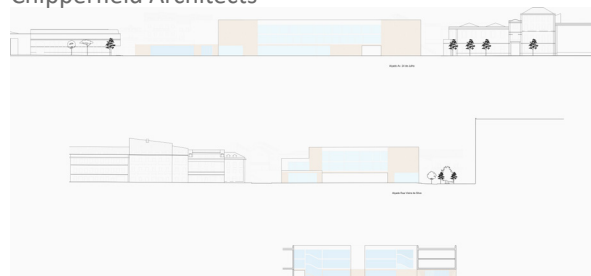


Figura 3.34 -Esquícios de investigação da fachada

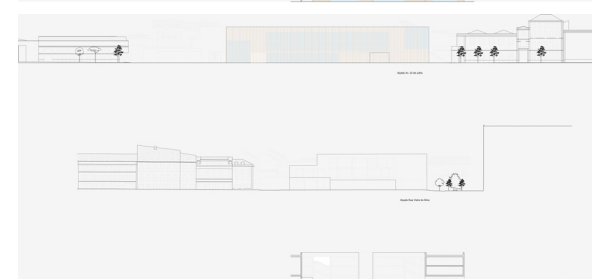
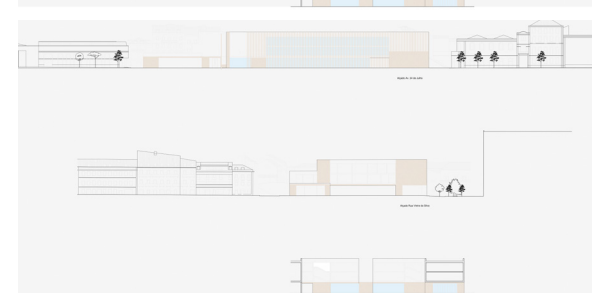
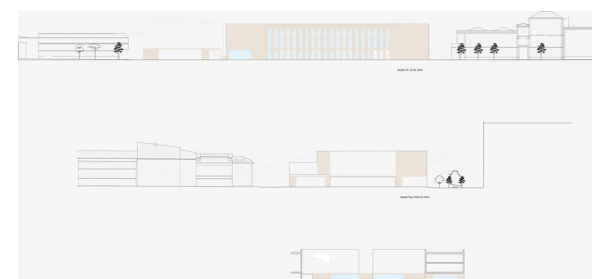


Figura 3.35 - Esquícios de investigação da fachada

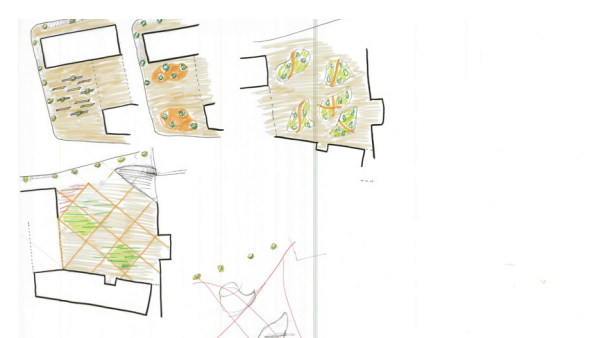
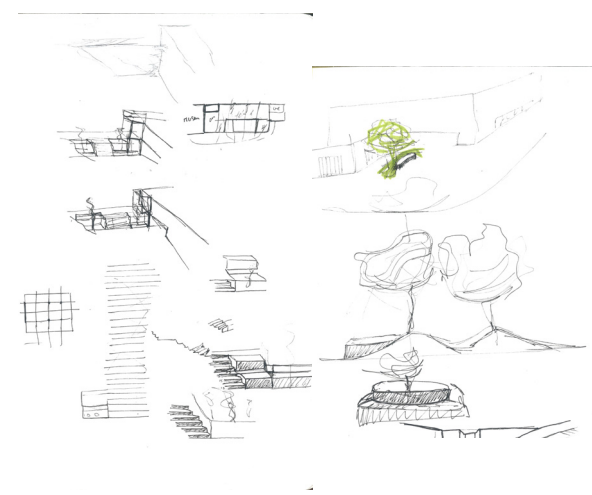


Figura 3.36 -Esquícios de investigação zonas exteriores

consoante o ângulo de observação sobre o edifício, pudéssemos ler os vãos nele existentes ou entender o edifício como um bloco único. Desta forma procurámos desenvolver este desejo através da aplicação de placas pré-fabricadas.

Ao nível do piso térreo encontramos, assim, vãos que se evidenciam por uma maior permeabilidade nas relações visuais. Ao nível do piso 1 e 2 procurámos que a leitura do edifício se caracterizasse por uma menor permeabilidade e desta forma aumentámos a largura das placas pré-fabricadas de forma a diminuir o ângulo de visibilidade. Como estes dois pisos apresentam uma maior diversidade de vãos nos alçados da Avenida 24 de Julho e Rua Vieira da Silva, optámos por descolar a fachada ripada 1.50m da fachada original, criando desta forma uma zona exterior aos gabinetes do piso1.

DESENHO URBANO

Na implantação proposta proponham-se duas áreas exteriores com características bastantes diferentes. A primeira, localizada no cruzamento entre a Avenida 24 de Julho e a Rua Vieira da Silva, apresenta-se com um carácter mais formal, antecedendo a entrada da sede e da creche/infantário, procurando ser um espaço de recepção. A segunda, assumindo um carácter mais informal, procura proporcionar um espaço polivalente, capaz de receber diferentes tipos de pessoas e actividades. Sendo a implantação mais regular, considerámos que seria interessante explorar alguma irregularidade, à semelhança do que acontece no recreio da creche.

Nesta sequência iniciámos a nossa investigação pela zona exterior mais formal,

experimentámos diversas formas, algumas mais regulares outras mais irregulares, procurávamos que as mesmas pontuassem esta área com assentos e pequenas zonas verdes. Concluímos que as formas irregulares contribuíam para a unificação do quarteirão e partimos para exploração da segunda área exterior, com este pressuposto. Na segunda área exterior o estudo formal centrou-se mais em como as mesmas iriam ocupar a área disponível. Deste modo procurámos estabelecer relações entre as formas e os bancos que pontuavam esta área. Outro assunto dominante nesta área consistia na diferença de cota existente junto à Travessa do Baluarte, que procurámos suavizar através da localização de um anfiteatro. A sua presença permitiria actividades culturais ao ar livre, podendo também constituir-se como um espaço de descontração para a população. O desenvolvimento deste anfiteatro foi apoiado pela análise do projecto para o passeio fluvial Niederhafen (figura X) do atelier Zaha Hadid Architects. Explorámos diversas opções de implantação, porém considerámos mais uma vez que seria interessante manter alguma irregularidade.

Por último, procurámos caracterizar o pavimento do quarteirão. Explorámos diversas opções, algumas regulares e outras mais irregulares, tendo optado mais uma vez, pelas formas mais irregulares, visto que conferiam uma maior unidade ao conjunto.

CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO

A última fase de desenvolvimento do projecto – o projecto de execução - foi a caracterização do edifício ao nível da sua materialidade. Na escala 1:50 explorámos os



Figura 3.37 -Esquiços de investigação zonas exteriores

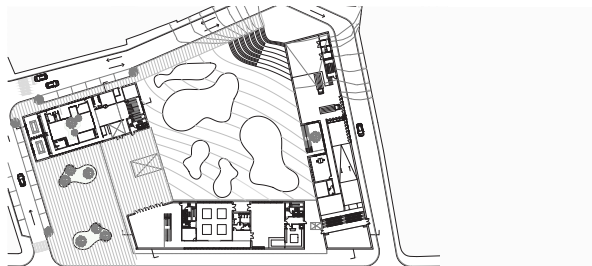
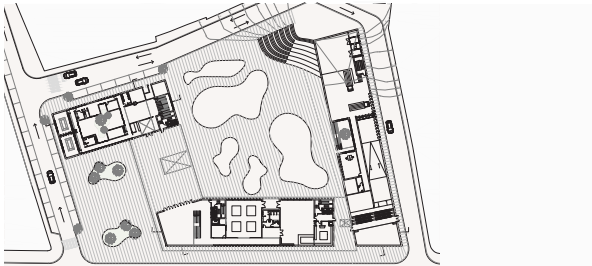
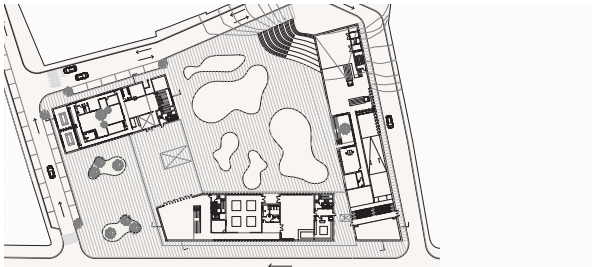


Figura 3.38 - Peças técnicas de estudo

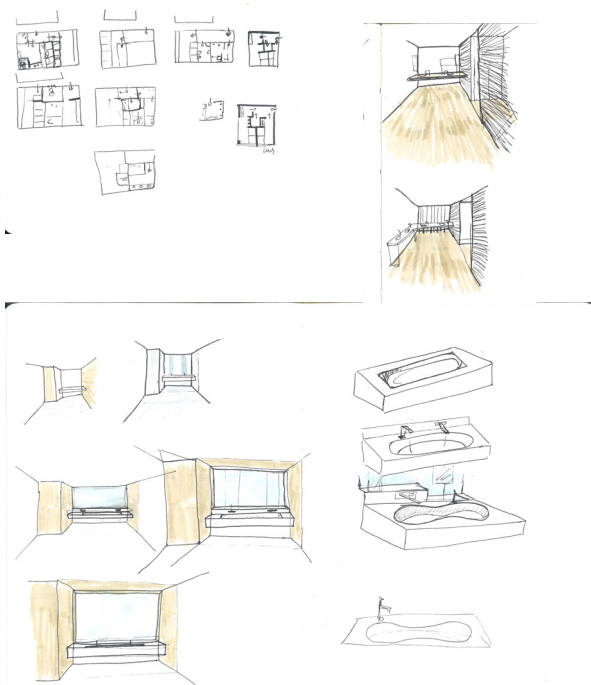


Figura 3.39 - Esquiços de investigação IS

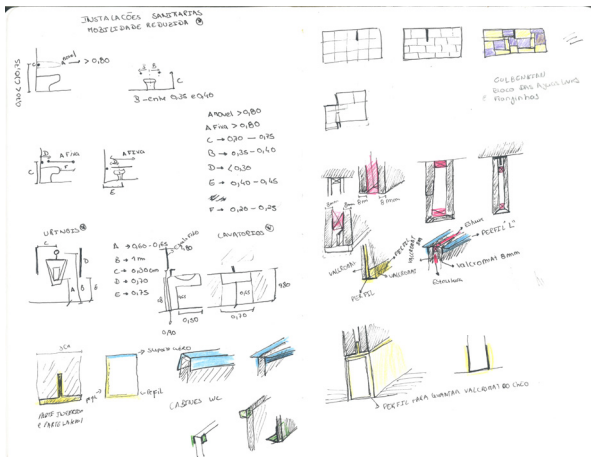


Figura 3.40 - Investigação sobre sistema de cabines IS

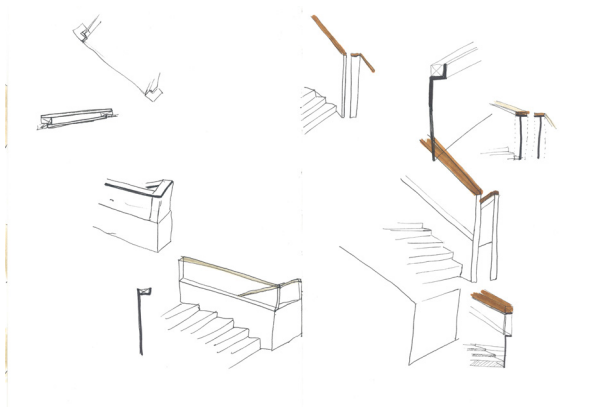


Figura 3.41 -Esquiços de investigação núcleo de escadas

principais materiais, procurando uma imagem uniforme ao nível do interior e do exterior e por isso optamos por trabalhar uma pequena gama de texturas e materiais.

Ao nível do exterior optámos pelo uso do betão. Desta forma, queríamos transmitir a ideia de um bloco que se ia rasgando e criando diferentes relações. Ao nível do interior optámos por paredes em estuque, portas com revestimento tricapa, e algumas paredes do piso 1 e 2 revestidas a tricapa, que procuravam transmitir a ideia de um plano de fundo que pontualmente permitia o acesso aos gabinetes. Ao nível do pavimento explorámos o microcimento nas áreas de circulação procurando, desta forma, trazer um pouco da materialidade do exterior para o interior. Nas zonas de trabalho, no museu e no auditório propusemos o soalho como pavimento, procurando fazer um contraponto com a dureza do microcimento.

Na escala 1:20, desenvolvemos em detalhe as instalações sanitárias e o núcleo de escadas. Nas instalações sanitárias propusemos utilizar o mármore como revestimento, que é aplicado seguindo um padrão com peças de diferentes tamanhos que marcam subtilmente as linhas decorrentes do mobiliário e das paredes.

No núcleo de escadas optámos por manter o pavimento em microcimento, as paredes em estuque, a guarda numa placa metálica e o corrimão em tricapa, regastando e consequentemente sintetizando os materiais utilizados nas restantes áreas do edifício.

Até ao século XVIII, o território de Alcântara apresentava um carácter rural e era considerado um território periférico da cidade de Lisboa. Nos séculos seguintes esta realidade pouco e pouco vai-se alterando. O aumento populacional desta área da cidade, que ocorreu após o terramoto de 1755, a instalação progressiva de novas indústrias e a criação de novos bairros de apoio às mesmas, contribuíram para que, pouco a pouco, este território apresentasse uma faceta mais industrial e urbana. A inovação no sector das acessibilidades, a construção de um novo porto e a mudança de paradigma na mobilidade, levou a uma alteração urbana significativa e acelerada durante o século XIX e XX. A análise das transformações urbanas que ocorreram no território de Alcântara entre o século XVIII e o século XX demonstraram ainda que o vale de Alcântara desde o século XVIII se define como um canal de fluxos, tanto de mercadorias como de passageiros, que se vai adaptando às novas exigências e necessidades.

Após este enquadramento partimos para uma caracterização do território, que se desenvolve a partir de cinco níveis analíticos: físico, social, ecológico, económico e cultural. Numa primeira fase abordámos as freguesias de Alcântara e Estrela, procurando caracterizar o seu edificado, a sua população e o impacto do turismo. Optámos por analisar ambas as freguesias devido ao facto de o território denominado por Alcântara entre os séculos XVIII e XX se encontrar actualmente dividido entre as duas freguesias. Com esta análise constatámos que a população residente nestas freguesias tem maioritariamente entre os 24 e 64 anos, situando-se na faixa etária trabalhadora. Ao nível físico verificámos que

o território de Alcântara apresenta vários quarteirões vagos, devido à saída das indústrias desta área da cidade. Este território desta forma, acaba por estar sobre a especulação de investidores que ao longo dos anos vão propondo diferentes projectos para ocupação e dinamização desta área. A zona ribeirinha desta freguesia apresenta também uma maior ligação da cidade com o rio Tejo, em comparação com a freguesia da Estrela, onde esta ligação é interrompida pelo Porto de Lisboa. Por sua vez a freguesia da Estrela, possivelmente devido à sua oferta cultural, à imagem de cidade criada e publicitada e à proximidade da Baixa apresenta uma pressão turística mais elevada. Após esta análise considerámos que seria relevante para o projecto explorar as dinâmicas presentes no território, numa área mais circunscrita ao quarteirão a intervir. Com esta análise procurámos perceber as diferentes apropriações da esfera pública, os diferentes fluxos presentes na mesma e como os horários podem influenciar estas dinâmicas. Neste sentido analisámos três ruas, sendo uma exclusivamente pedonal e três espaços exteriores de paragem com características bastante diferentes. Esta análise levantou questões ao nível do desenho urbano que iríamos mais tarde abordar na intervenção proposta, tais como o sombreamento, a exposição solar, o mobiliário urbano, as relações tanto com outros espaços como com o edificado e os percursos e como os mesmos influenciam as dinâmicas sociais.

Um dos principais objectivos deste trabalho passou pela revitalização de um quarteirão vago, reintegrando-o nas dinâmicas do território. As análises anteriores contribuíram para uma intervenção mais

informada. Desta forma, procurámos ao longo do projecto trabalhar os fluxos, as relações visuais e potenciar diversas dinâmicas e apropriações dos diferentes espaços da esfera pública.

A intervenção no quarteirão em estudo propõe um edifício de três pisos que serpenteia o lote, criando dois espaços exteriores com características diferentes. Esta intervenção ainda permite completar a frente edificada para a Avenida 24 de Julho. Ao nível do espaço urbano procurámos que as duas praças tivessem uma ligação ao nível do piso térreo, permitindo o fluxo entre a zona de maior cota do terreno e a zona de menor cota, junto à Avenida 24 de Julho. Desta forma a primeira zona exterior, de menor dimensão marca a entrada no quarteirão e o acesso à creche e à sede da AMI. A segunda zona exterior de maior dimensão apresenta um carácter mais informal que procura potenciar diversas dinâmicas e apropriações. Como tal optámos por um espaço urbano que oferecesse um anfiteatro ao ar livre e privilegiasse uma maior quantidade de zonas verdes, para onde é proposto algum mobiliário urbano. Durante o desenvolvimento do projecto considerámos interessante estender a esfera pública para o piso térreo da sede. Nesta tentativa localizámos no volume junto da Avenida 24 de Julho as áreas de carácter mais público do programa. Os restantes volumes, ao nível do piso térreo, recebem áreas mais privadas, procurando contudo criar relações visuais do interior dos mesmos com o exterior. Desta forma o volume junto da Rua do Arco a Alcântara recebe o programa da creche e o volume junto da Travessa do Baluarte as áreas técnicas e de operações. Ao nível do piso 1 a implantação

proposta recebe os diferentes departamentos da AMI e oferece uma plataforma sobre o piso 0 do volume junto da travessa do Baluarte. Esta plataforma permite criar relações com o espaço exterior de maior dimensão ao mesmo tempo que viabiliza o acesso independente ao auditório. Ao nível do piso 2, localizámos o programa que trata das áreas de administração e presidência da AMI.

Ao longo do projecto procurámos criar diferentes relações internas e externas, através da exploração de triplos pés directos, poços de luz, mezaninos e aberturas ou rasgos na implantação. A fachada também contribuiu para a criação das diferentes relações, trabalhando um único material (betão) e seguindo um ritmo de 50cm onde é possível a abertura de vãos associados a um ripado de peças pré-fabricadas também em betão. Ao considerarmos que seria interessante que o edifício pudesse ser compreendido como um bloco, explorámos o ripado anteriormente abordado. Procurámos que, consoante o ângulo de observação do mesmo, houvesse uma maior ou menor permeabilidade entre o interior e o exterior.

Outro grande desafio deste trabalho, porventura o principal, consistiu numa aproximação à prática da profissão, pelo que o projecto foi desenvolvido e aprofundado a todas as escalas – desde a implantação do edifício, até ao seu detalhe –, nunca se perdendo de vista os objectivos traçados desde o início e procurando alcançar uma coerência formal e espacial onde o todo e a parte se pertencessem.

Bibliografia

BARATA, Ana – Lisboa “Caes da Europa”, 1860-1940. Consultado em: https://www.academia.edu/33072718/Lisboa_caes_da_Europa_1860-1940

COSTA, P. e R. Lopes - Desenho Urbano, Espaço Público e da dinâmica da Creative milieux: uma abordagem fotográfica ao Bairro Alto (Lisboa), Gràcia (Barcelona) e Vila Madalena (São Paulo): Journal of Urban Design, 2015

FORTUNA, Carlos – Henri Lefebvre e o Direito à cidade: uma apresentação in O Direito à cidade. Lisboa: Letra Livre, 2012.

FRANÇA, José-Augusto – Lisboa: história física e moral. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. ISBN 9789722416122

GEHL, Jan – A Vida Entre Edifícios.1ª ed. Lisboa : Livraria Tigre de Papel, 2017. ISBN 978-989-99974-0-0.

MARQUES, Beatriz – A avenida de Ceuta: de limite a caminho para o crescimento de Lisboa. Lisboa: Cadernos do Arquivo Municipal, 2015.

MARQUES, Beatriz – O vale de Alcântara como caso de estudo: Evolução da morfologia urbana. Lisboa: Instituto Superior Técnico – Universidade Técnica de Lisboa, 2009. Tese de Mestrado.

MATEUS, Sofia – Alcântara – marcas de uma cidade industrial. Lisboa: ISCTE Instituto Universitário de Lisboa, 2009. Tese de Mestrado.

ROSSA, Walter – Além da Baixa Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista. Lisboa. Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998.

ROSSA, Walter – Além da Baixa: Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998. ISBN 9728087454

SEIXAS, João – Prefácio à edição portuguesa in A Cidade em Movimento, Lisboa: Tigre de Papel, 2018.

SILVA, A. Vieira – A Ponte de Alcântara. In Olisipo. Amigos de Lisboa

SOLÀ-MORALES, Ignasi – Territorios. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.

Referências digitais

http://architectuul.com/architecture/view_image/montana-tindaya/7253

<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/>

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

<http://mundotel.org/>

<http://www.abarbosa.pt/pt/>

<http://www.batista-gomes.pt/>

<http://www.cvdbarquitectos.com/sede-ami/nhcbfwavttp3zts84x45xocb1mxe1t>

<http://www.gosimat.pt/pt/>

<http://www.thomazsantos.pt/>

https://casa.sapo.pt/en_gb/news/pedro-reis-vence-concurso-para-sede-da-ami-em-cascais/?id=3381

<https://catalog.geberit.pt/pt-PT/home>

https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_main&xpid=CENSOS21&xlang=pt

<https://historiaschistoria.blogspot.com/2016/08/a-ponte-de-alcantara.html>

https://lisboa-e-o-tejo.blogspot.com/2017/04/alcantara-o-baluarte.html?m=1&fbclid=IwAR0NroezFWbsVWbaH-RcmTbW3lTuiUN_b_CrrHDYjgucLvYYsoPRc4hOqeY

<https://lizotel.pt/>

<https://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/o-aterro-em-alcantara-102553?thread=35481>

<https://pt.foursquare.com/v/foru-plaza--plaza-de-los-fueros/4bc9719c937ca593d4dba592>

<https://secilpro.com/>

<https://www.alu-stock.es/pt/>

<https://www.a-martins.pt/>

<https://www.archdaily.com/>

<https://www.archvaladares.com/>

<https://www.binderholz.com/>

<https://www.cinca.pt/index.php?id=36&sid=9>

<https://www.elevadoreszenit.com.br/monta-cargas-alimentacao/>

<https://www.idealista.pt/news/financas/investimentos/2019/08/28/40675-vai-nascer-um-mega-projeto-residencial-para-a-classe-media-em-alcantara>

<https://www.idealista.pt/news/financas/investimentos/2019/10/14/41163-vao-nascer-cerca-de-230-apartamentos-e-mais-escritorios-ao-lado-do-lx-factory>

<https://www.imperialum.com/>

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main

<https://www.jimten.com/es/inicio/>

<https://www.jnf.pt/pt/>

<https://www.lisboa.pt/>

<https://www.lodge.com/en-global/products/lift-solutions/goods-lifts/goods-lift-escorta/>

<https://www.paulasantosarq.com/pt/futuras-instalacoes-da-ami/>

<https://www.pladur.pt/pt-pt/sistemas/tetos>

<https://www.porcelanosa.com/pt/>

<https://www.portodelisboa.pt/memoria-institucional>

<https://www.publico.pt/2018/10/11/local/noticia/megaprojecto-para-alcantara-comeca-a-ganhar-forma-1847046>

<https://www.saraivaeassociados.com/pt-pt/project/alcantara-complex/>

<https://www.schindler.com/pt/internet/pt/home.html>

<https://www.seccosistemi.com/en/>

<https://www.tec.sanindusa.pt/index.php>

<https://www.timeout.pt/lisboa/pt/coisas-para-fazer/lisboa-estava-ha-mais-de-200-anos-a-espera-de-acabar-esta-obra>

<https://www.tria.pt/>

Workshop FISTA20

O presente anexo refere-se ao trabalho realizado entre os dias 2 e 6 de Março de 2020, no whorshop realizado no âmbito do FISTA20. Neste workshop os alunos da UC de Projecto Final de Arquitectura foram divididos em três grupos. Este anexo diz respeito ao trabalho desenvolvido pelo grupo 1 acompanhado pelo atelier Embaixada. O enunciado apresentado por este atelier responde pelo nome “Thickness of the Limit” e procura trabalhar um caso de estudo através de 3 exercícios. O primeiro realiza uma análise quantitativa e qualitativa do caso de estudo; o segundo trabalha os limite e a subtracção e o terceiro trabalha a adição.

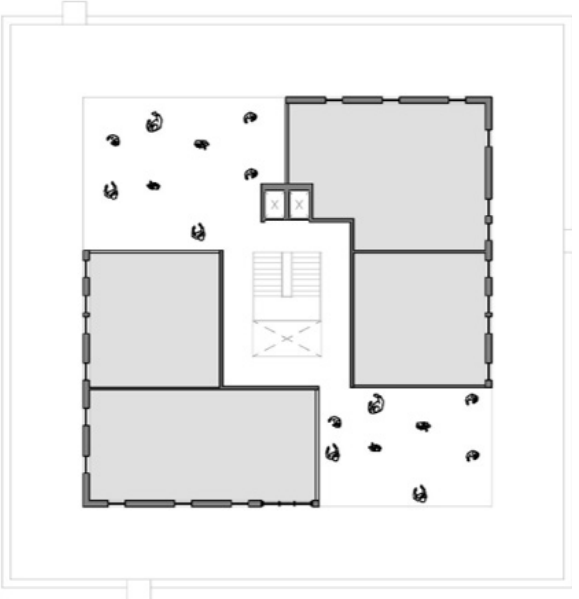
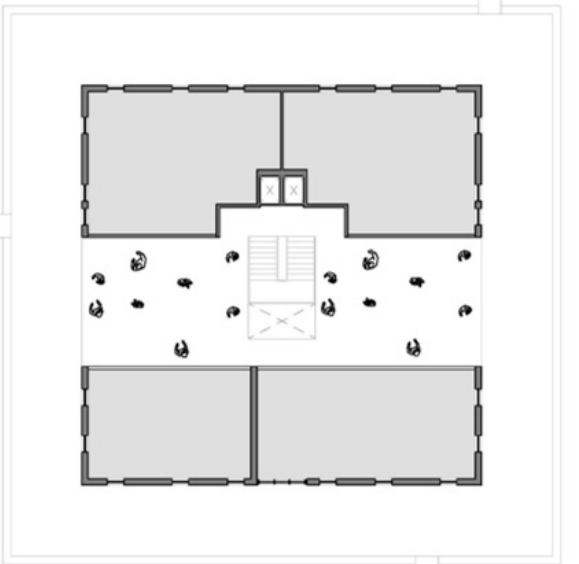
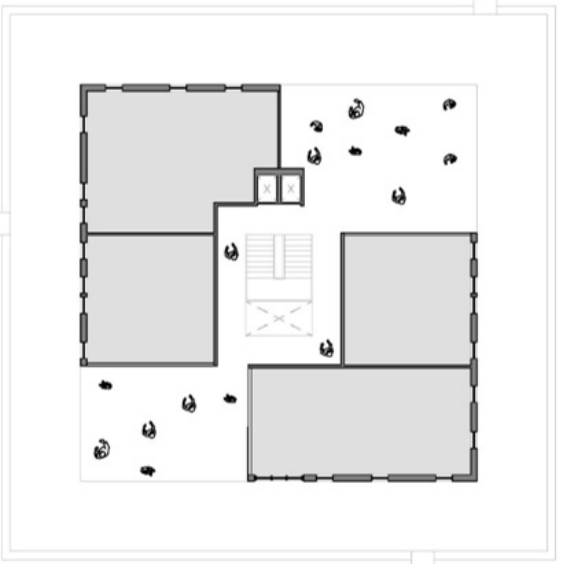
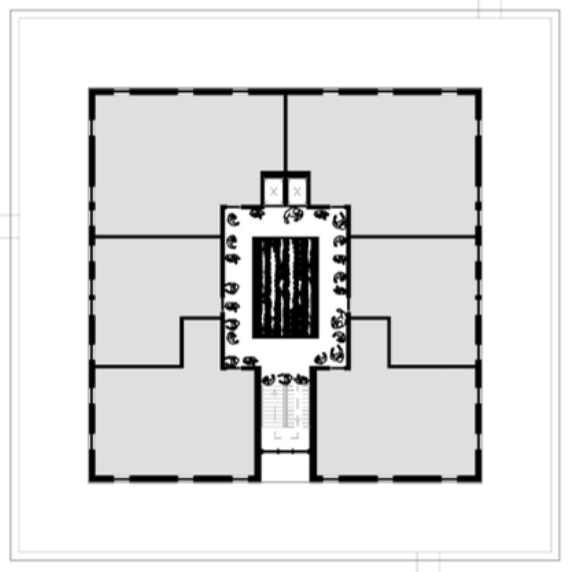
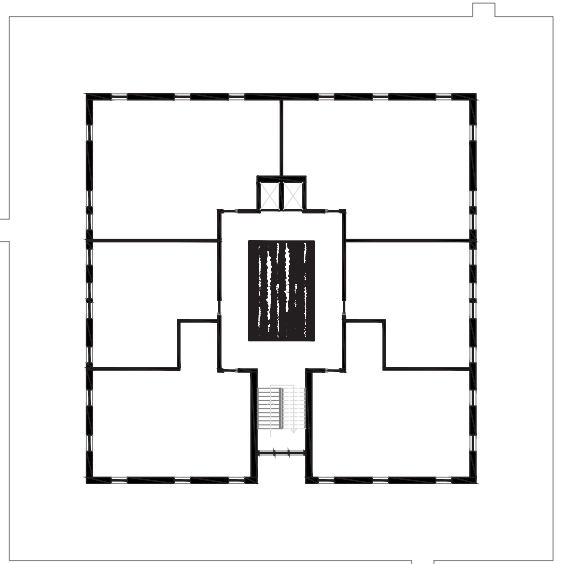
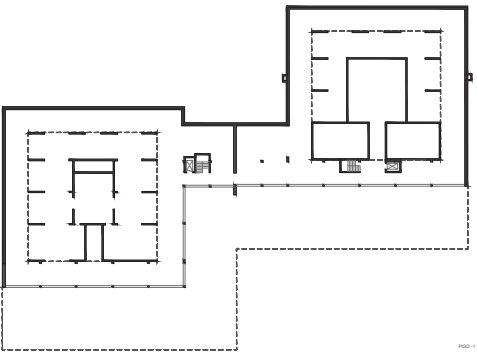
O caso de estudo deste exercício incidiu sobre as Torres do Alto da Eira, localizadas na freguesia da Penha de França e da autoria dos arquitectos Francisco da Silva Dias e Antonieta da Silva Dias.

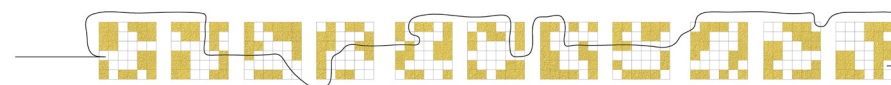
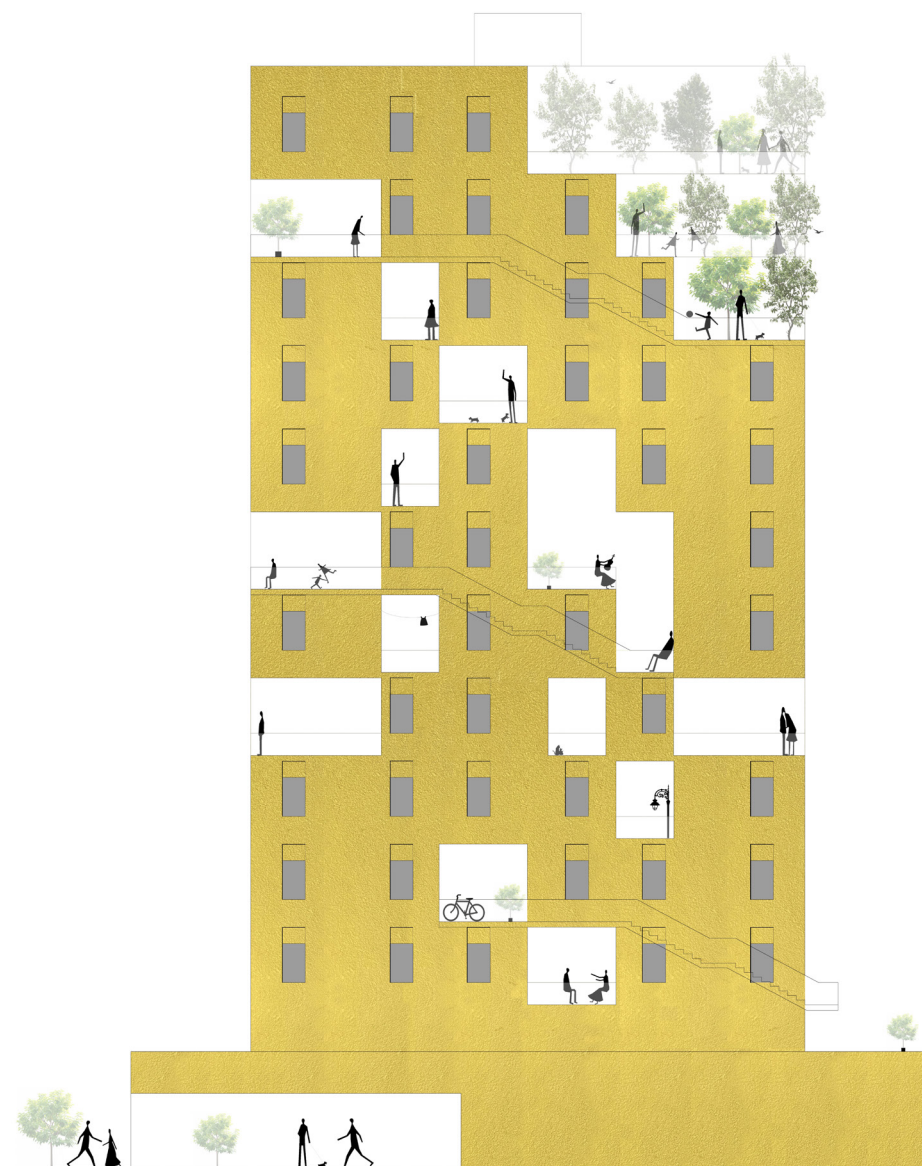
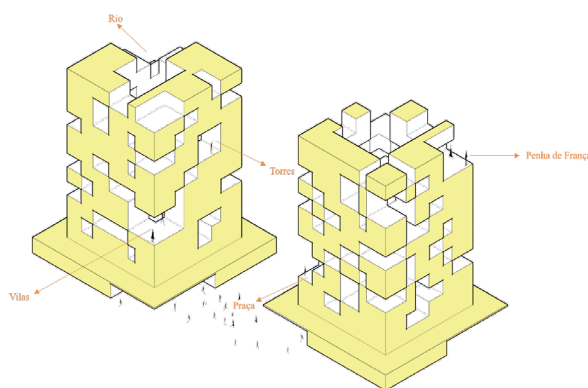
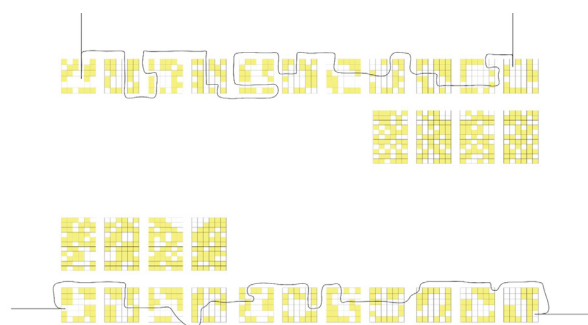
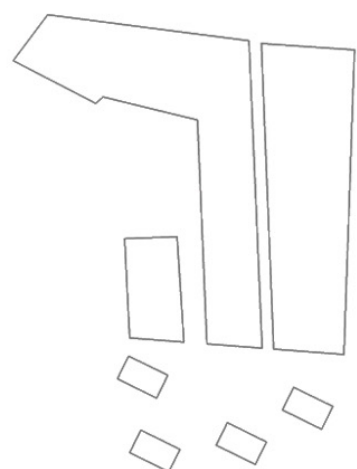
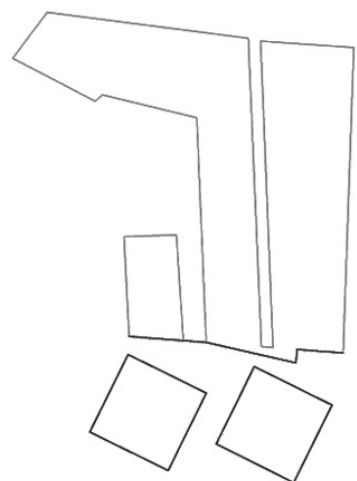
No exercício 1 procurámos compreender a organização espacial e a apropriação da mesma.

No exercício 2 procurámos explorar o limite físico, social e visual, analisando as relações presentes com o exterior e procurando compreender a área afecta ao espaço privado e ao espaço comum. A partir daqui trabalhámos a subtracção, procurando estabelecer uma hierarquia dos níveis de privacidade e dos limites.

No exercício 3 procurámos explorar a adição através do tema da circulação, propondo a implementação de diferentes percursos com diferentes qualidades. Desta forma foi possível destacar determinadas ligações visuais e acentuar a hierarquia trabalhada no exercício

2, ao nível da privacidade e limites.





FISTA20
ISCTE, Lisboa 2020



GRUPO2
André Martins, Inês Dias, João Silva, Nancy Boletto, Sara Costa

Documentos de apoio ao subcapítulo 2.1

A | Largo do Calvário

Aspectos Físicos:

- Existência de vários bancos direccionados para diferentes pontos;
- Presença de restauração e comércio;
- Ocupação do espaço público esplanadas;
- Os limites entre o espaço pedonal são marcados pelo desenho do pavimento e pelas cotas do terreno;
- Acesso a transportes;

9h:00

- Utilização dos bancos direccionados para o espaço de circulação automóvel. Esta utilização é realizada por habitantes (+65anos);
- Elevada circulação de transportes e automóveis;
- Não existe diferença na circulação entre áreas de sombra e de sol;
- Circulação de pessoas – que têm trajectos objectivos (casa- trabalho ou casa-escola);

13h:00

- Esplanadas com alguma ocupação;
- Elevada circulação de pessoas;
- Diferentes tipos de passo, sente-se deslocações em passo apressado outras em passo mais lento e despreocupado;
- A maioria das pessoas presentes na praça encontra-me á espera de transporte;
- Os bancos encontram-se quase todos em utilização, mesmo estando ao sol e sentindo-se calor;

17h:00

- Alguns ancos ocupados, sendo que os

bancos com maior taxa de ocupação são os que se encontram próximo á paragem e que se direccionam para o espaço de circulação automóvel;

- Elevado circulação de transportes e automóveis, é visível algum conflito entre a circulação dos mesmos entre si e com os peões;
- Esplanadas com alguma ocupação mas em menor quantidade que ao almoço;

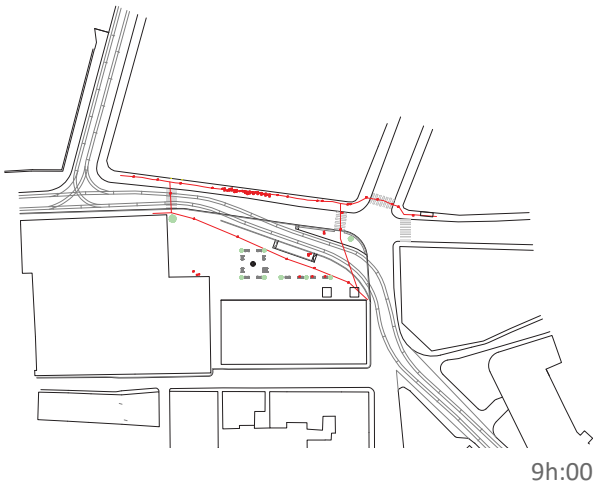
Conclusão:

Durante os períodos analisados verificámos algumas constantes como o elevado tráfego automóvel, a elevada presença de pessoas que tinham como principal objectivo o acesso aos transportes públicos. E a ocupação constante dos bancos principalmente os mais próximos da paragem de autocarros.

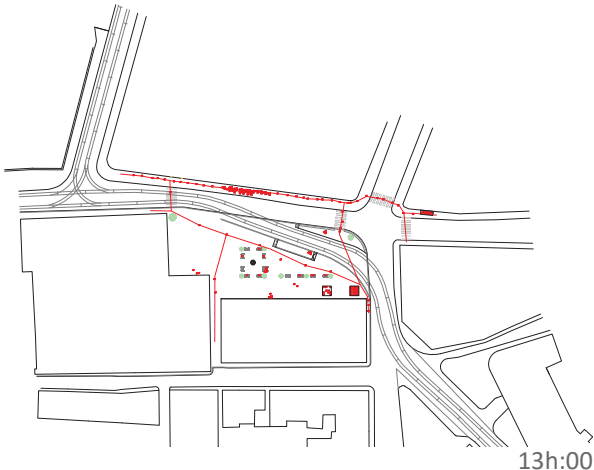
Foi possível de observar também que as esplanadas têm maior utilização no período da 13h e no período das 17h, apesar neste ultimo se verificar menor afluência que no primeiro.



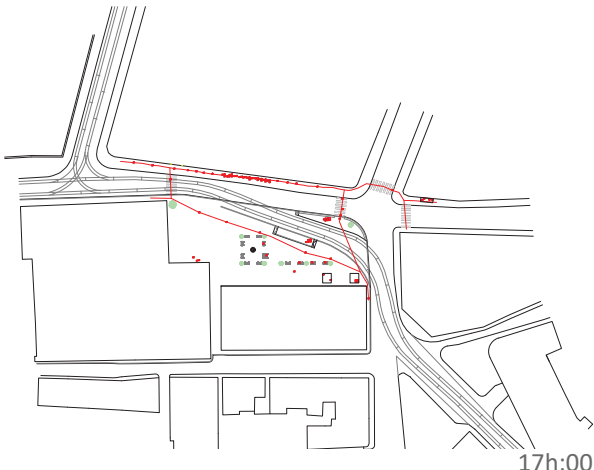
Identificação de Usos
Restauração | Comércio alimentar | Comércio | Serviços e escritórios
Entidades governamentais | Sem função ou função desconhecida



9h:00



13h:00



17h:00

B | Praça da Armada

Aspectos Físicos:

- Zonas com muita sombra e zona sem sombra;
- Presença de serviços e restauração;
- Ocupação do espaço público esplanadas;
- Áreas quase sem bancos e áreas com bancos;
- A vegetação acaba por marcar o limite de ambos os lados da praça;
- Acesso a transportes;

9h:00

- Sem qualquer utilização ao nível das esplanadas ou dos bancos disponíveis;
- Pontualmente observa-se alguém que desce na paragem e rapidamente se desloca para outra ponto;
- Deslocação em passo apressado;

13h:00

- Esplanadas ocupadas, maioritariamente por trabalhadores, e um número reduzido de turistas;
- Os bancos no jardim encontram-se ocupados por pessoas que aproveitam para descontraír ou almoçar;
- Existem a circulação de pessoas tanto para apanhar transportes como passear animais ou se deslocarem entre locais;
- A deslocação é realizada num passo mais calmo;
- Os trajectos ao contrário da manhã tendem a seguir pelo interior da área arborizada da praça;

17h:00

- Utilização do parque infantil (2 crianças + 2 mães);
- Ocupação dos bancos da área arborizada por

pessoas que se procuram a descontraír;

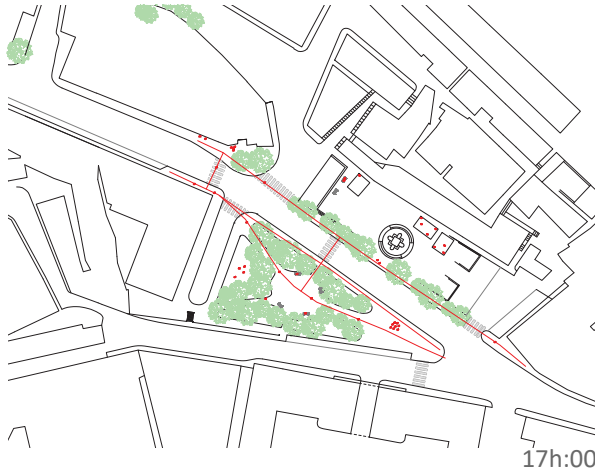
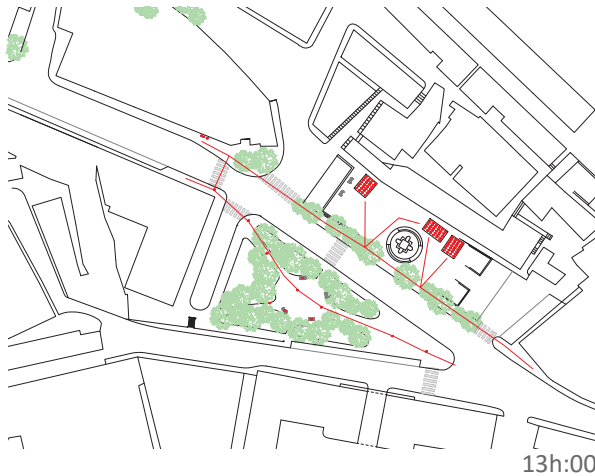
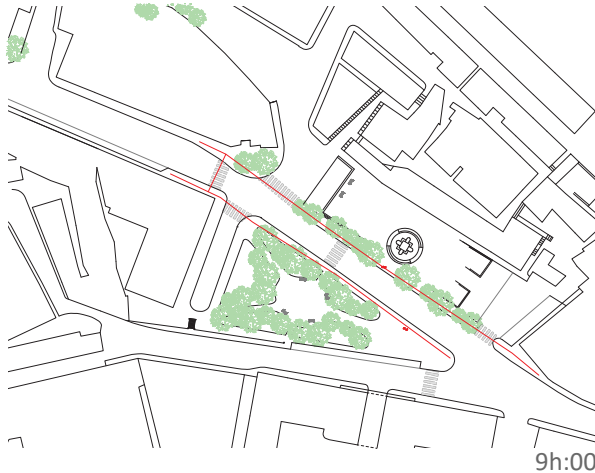
- Ocupação dos bancos da área pavimentada por reformados;
- Esplanadas praticamente desocupadas;
- Elevado número de pessoas à espera de transporte;
- Deslocação num passo calmo e controlado;

W

Conclusão:

Durante os períodos analisados é possível observar um maior utilização desta praça no períodos da 13h e das 17h. Porém comparando ambos os períodos é possível observar algumas diferenças. O período da 13h é claramente mais caracterizado pela utilização das esplanadas e dos bancos existentes. Enquanto que no período das 17h verifica-se que a apropriação do espaço público centra-se mais ao nível dos bancos, do parque infantil e da área circundante das paragens de autocarro.

É também perceptível que existe uma grande diferença entre os dois lados da praça. Sendo que o lado arborizado tem as vistas mais encerradas e direccionadas sobre si próprio e caracteriza-se por uma grande área de sombra que por vezes torna o espaço mais desagradável. O outro lado da praça é mais amplo e apenas ganha alguma vivência através das esplanadas da restauração. Este é um lado que por não ter qualquer sombreamento se pode tornar mais desagradável.



C | Condomínio Alcântara Rio - Fase 1

Aspectos Físicos:

- Zona arborizada com um equilíbrio entre áreas de sombra e sem sombra;
- Presença de serviços e restauração;
- Existência de bancos;
- Cota com variações pontuais;

9h:00

- Sem qualquer utilização ao nível das esplanadas ou dos bancos disponíveis;

13h:00

- Deslocação de pessoas;
- Diferentes tipos de passo, sente-se deslocações em passo apressado outras em passo mais lento e despreocupado;
- Actividades rotineiras como passear o cão;
- Utilização dos bancos tanto os que se encontram expostos ao sol como os que se encontram à sombr. As pessoas os utilizam procuram descontraír ou almoçar;
- Ocupação do solo por pessoas que descontraem e almoçam ao sol;
- Esplanadas com alguma ocupação;

17h:00

- Pessoas a usufruir da tranquilidade do quarteirão sentando-se e deitando-se nos bancos existentes;
- Actividades rotineiras como passear o cão
- Esplanadas com alguma ocupação apesar de menor que ao almoço;
- O ritmo é mais lento e calmo;

Conclusão:

Durante os períodos analisados observa-se que período das 9h é o que tem menor utilização

e apropriação do espaço publico.

Tanto no período das 13h como das 17h observámos que espaço é apropriado para momentos de descontração ou para actividades rotineiras como passear os animais. É também neste períodos que se observa entradas e saídas dos prédios de habitação.



9h:00



13h:00



17h:00

D | Condomínio Alcântara Rio - Fase 2

Aspectos Físicos:

- Existência de canteiros que delimitam corredores pedonais;
- Presença de Esplanadas;
- Presença de comércio e restauração;
- Sem alterações de cota;

9h:00

(ressalva – temperaturas baixas)

- Comércio e serviços a abrir;
- Esplanadas vazias, a utilização dos estabelecimentos de restauração realizava-se maioritariamente no seu interior;
- Circulação de pessoas, maioritariamente relacionada com o Pingo Doce. Também se verifica pessoas a circular para os seus trabalhos.

13h:00

- Esplanadas expandem-se ocupando mais área;
- Elevada ocupação das esplanadas;
- Bancos existentes ocupados;
- Esplanadas encontram-se ao sol;
- Elevada circulação de pessoas, não só de clientes do Pingo Doce como também de trabalhadores;

17h:00

- As esplanadas voltam a diminuir a sua área de ocupação;
- Inclusivamente existe estabelecimentos de restauração que se encontram a fechar ou fechados;
- As esplanadas dos estabelecimentos abertos têm pouca ocupação assim com o interior dos estabelecimentos;

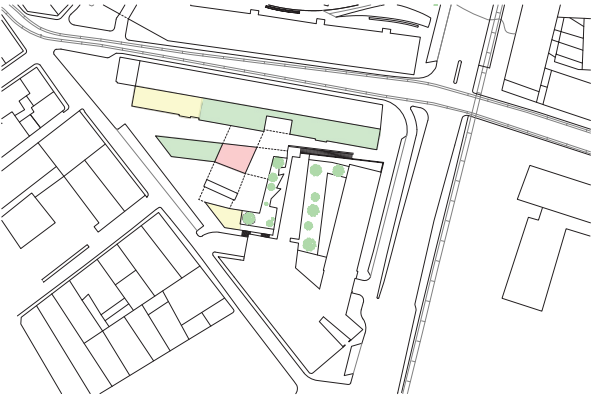
- Existe alguma circulação de pessoas, mas maioritariamente essa circulação encontra-se relacionada com o Pingo Doce;

Conclusão:

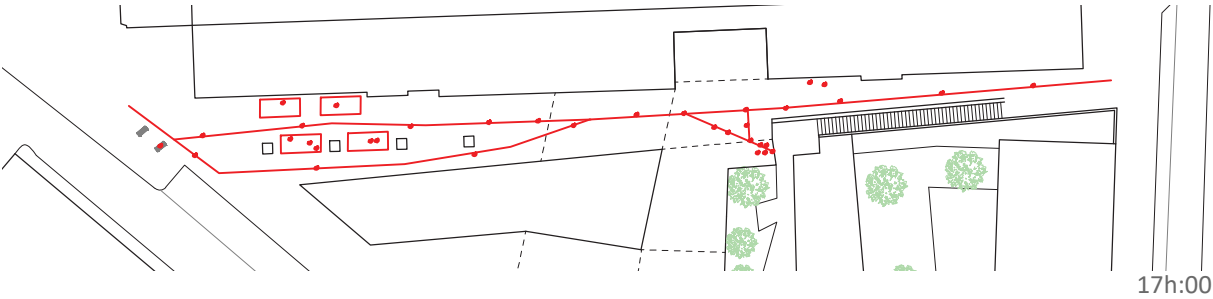
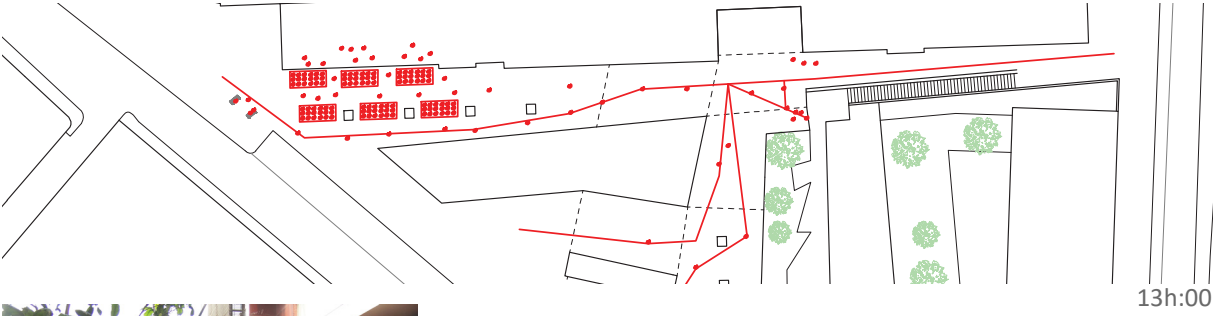
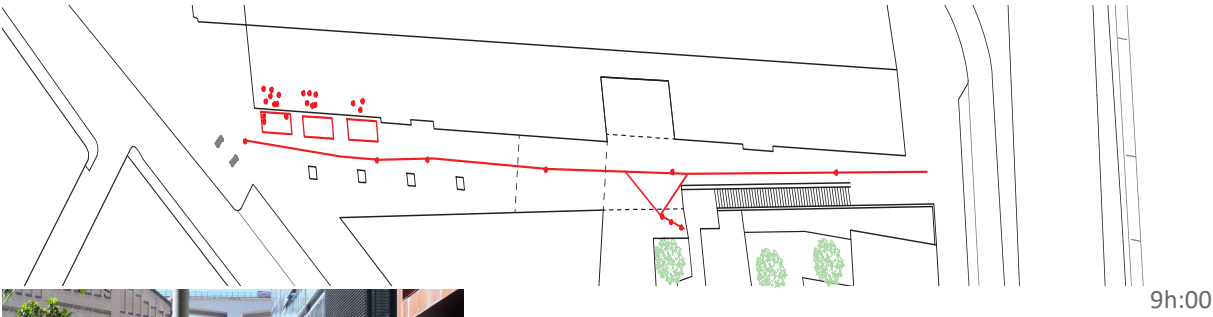
Durante os períodos analisados observámos que grande parte da utilização e circulação nesta área devesse á localização do Pingo Doce e á presença de alguns estabelecimentos de restauração.

Assim sendo verifica-se que o período das 13h é o período com maior utilização e apropriação do espaço. Neste período observa-se uma predominância de actividades de lazer. Já no período das 17h verifica-se que apesar de ocorrerem algumas actividades de lazer, a maioria das actividades tendem a estar relacionadas com a supressão de necessidades e que por isso estão relacionadas com o estabelecimento Pingo Doce.

Outro facto interessante de observar é a apropriação dos estabelecimentos de restauração que varia ao longo do dia e que deste modo altera o percurso das pessoas.



Identificação de Usos
Restauração | Comércio alimentar | Comércio | Serviços e escritórios
Entidades governamentais | Sem função ou função desconhecida



E | Rua de Alcântara

Aspectos Físicos:

- Presença de comércio e restauração;
- O tráfego automóvel centra-se no transporte público de pessoas e de mercadorias;
- Existência pontual de bancos;
- Cota suave;
- Acesso a transportes;

9h:00

- Grande circulação de pessoas nomeadamente no sentido comboio-largo do calvário;
- Elevado número de pessoas que aguaedam na paragem pelo autocarro;
- Algumas lojas encontram-se a abrir;

13h:00

- Menor circulação de pessoas quando comparado com o período da manhã;
- A circulação é maioritariamente no lado da sombra;
- Alguns restaurantes, junto ao largo do calvário verificam uma maior utilização, nomeadamente ao nível do interior e não da esplanada como seria de esperar;

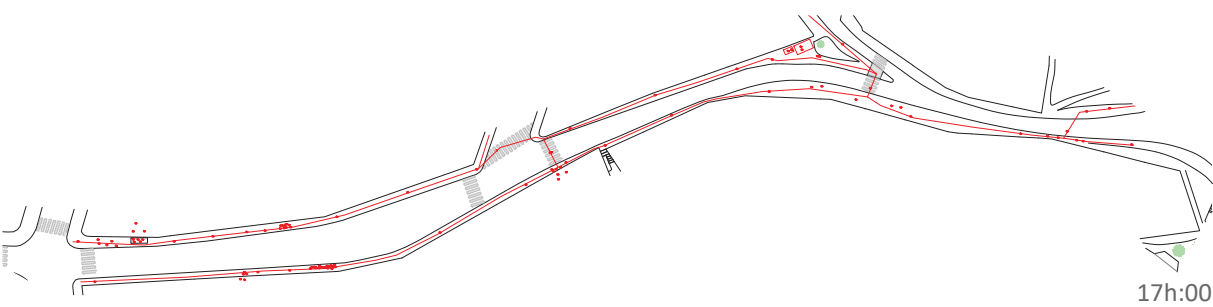
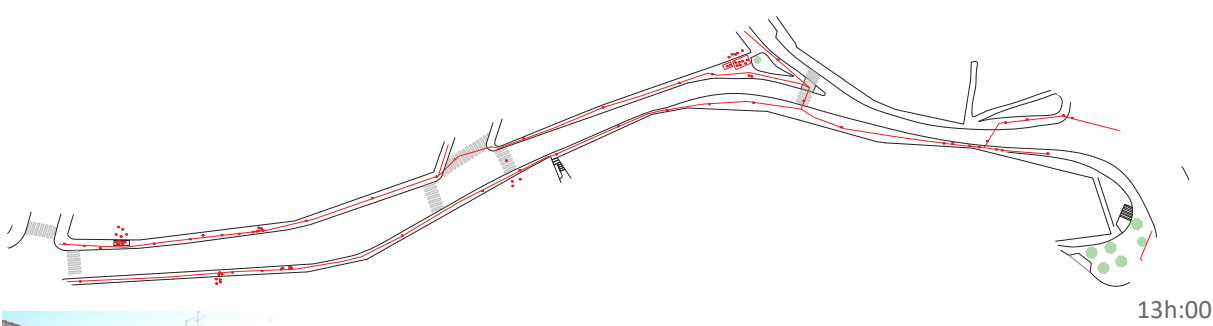
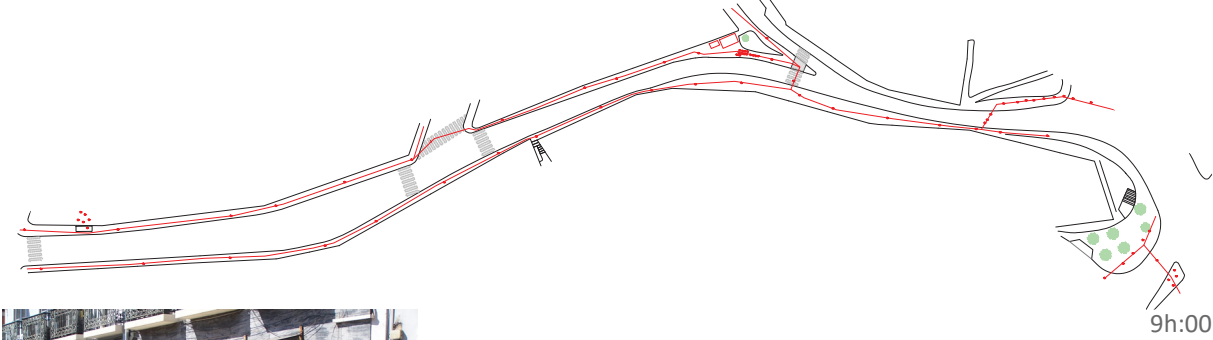
17h:00

- Menor circulação de pessoas, sendo as que circulam percorrem a rua no sentido com comboio;
- Verifica-se alguma paragem para descargas de mercadoria em restaurantes;
- Verifica-se uma grande concentração de pessoas junto á paragem de autocarro;
- Até á pizzaria Luzzo o movimento é realizado pelo lado esquerdo (talvez devido á dimensão dos passeios) e após a pizzaria luzo passa a ser realizado de forma igualitária em ambos

os lados da rua (porém os passeios também apresentam medidas mais idênticas entre si);

Conclusão:

Durante os períodos analisados verifica-se que a direcção de circulação varia consoante a altura do dia. Os períodos com maior circulação são os das 9h00 e o das 17h. Sendo que no primeiro se verifica uma maior intensidade da mesma. No período das 9h a circulação assume uma direcção estação-largo do calvário enquanto que no período da tarde (17h) a circulação dominante assume a direcção oposta.



F | Rua Prior do Crato

Aspectos Físicos:

- Presença de comércio e restauração;
- Presença de esplanadas;
- Tráfego automóvel elevado;
- Acesso a transportes;
- Rua com desnível;

9h:00

- Circulação apressada da estação em direcção à Praça da Armada que se dispersa em quantidade pelo percurso;
- Circulação realizada no passeio mais junto aos prédios do lado bairro dos contrabandistas;
- Utilização da restauração ao nível do interior;

13h:00

- As pessoas que se encontram a circular fazem-no maioritariamente do lado da sombra;
- Observa-se o passeio de animais;
- A circulação é mais lenta;
- Existe a ocupação dos bancos principalmente os que estão ao sol;
- Existe maior concentração de pessoas junto às paragens;
- A restauração existente encontra-se ao nível das esplanadas vazias e ao nível interior com pouca utilização;

17h:00

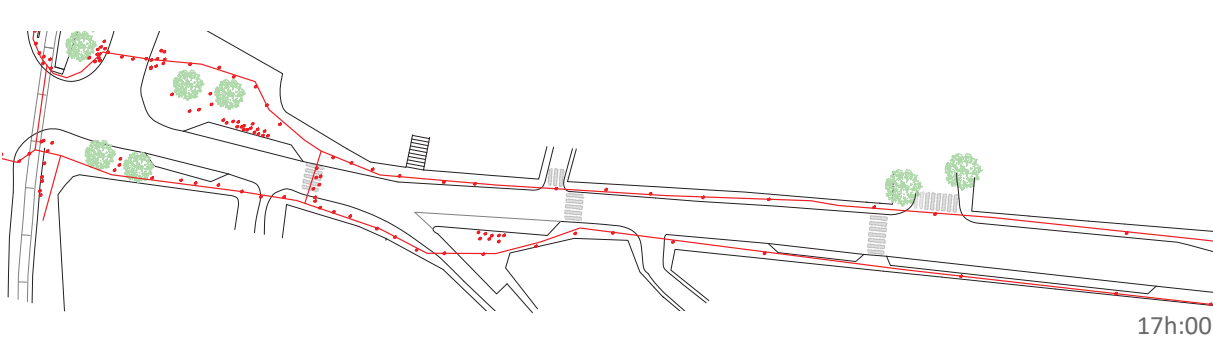
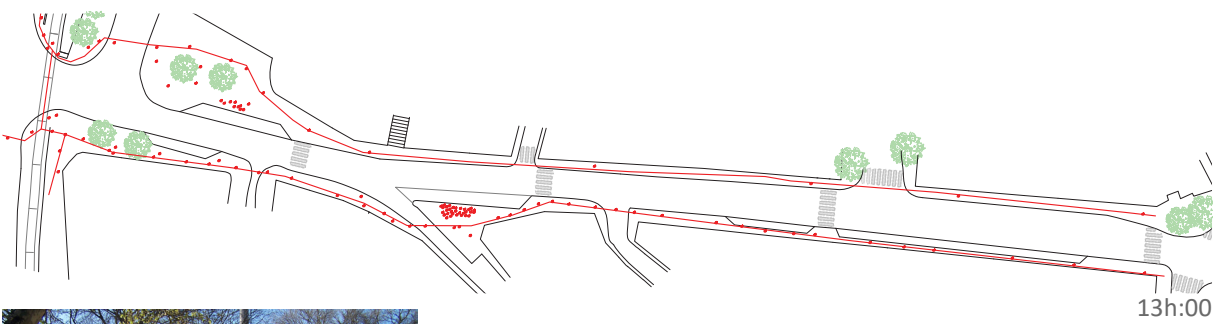
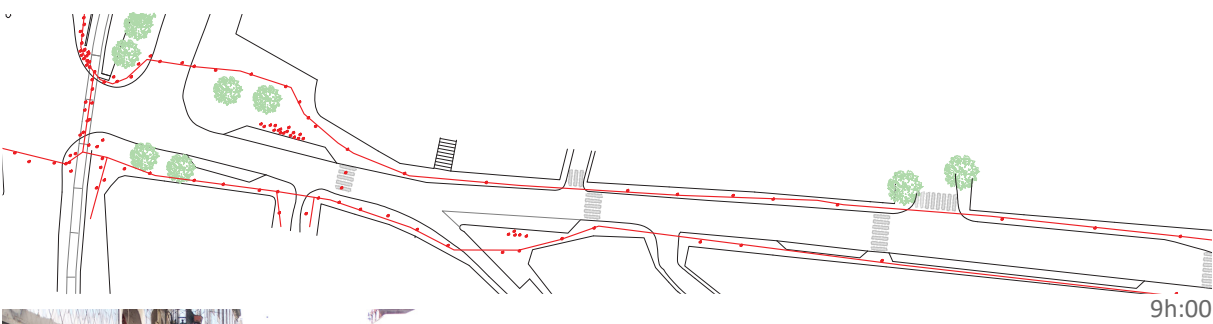
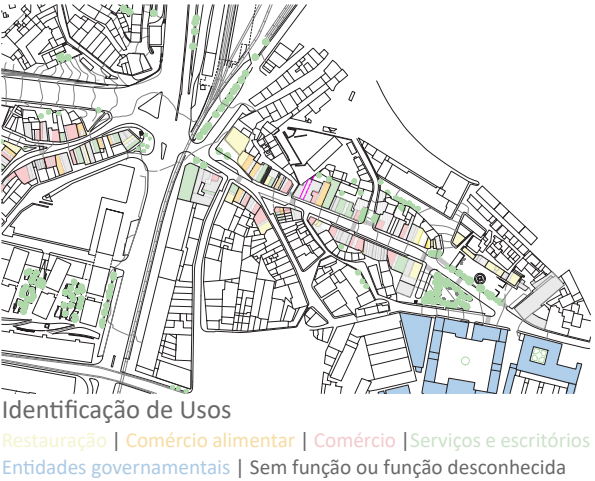
- Elevado movimento no sentido do comboio, com igual distribuição em ambos os passeios, excepto quando existe o alargamento da rua junto à estação;
- Bancos junto das árvores ocupados apesar de estarem ao sol. Bancos junto ao quiosque ocupados apesar de estarem à sombra;
- Passo é mais apressado;

- Maior impessoalidade na rua;

Conclusão:

Durante os períodos analisados encontram-se níveis de circulação idênticos entre si, a principal diferença verifica-se ao nível da direcção e dos percursos que variam consoante o período do dia.

No período das 9h00 os percursos realizados são maioritariamente no sentido da estação-Praça da Armada e são caracterizados por uma maior velocidade. Já no período das 13h os percursos assumem ritmos mais lentos e procuram maioritariamente áreas com maior sombra. No período das 17h os percursos voltam a ganhar um ritmo mais acelerado e realizam-se maioritariamente no sentido praça da armada-estação. Outro facto curioso é a maior ocupação dos bancos no alargamento da rua junto à estação. Nos períodos analisados os bancos encontravam-se sempre ocupados por habitantes que por ali vão desfrutando da multiplicidade de rotinas que existem.



ÍNDICE ANEXO C

1 | Planta de Localização- 1:1500
2 | Planta de Implatação – 1:200
3 | Alçados de Conjunto – 1:200
4 | Alçados de Conjunto – 1:200
5 | Planta Piso 0 – 1:125
6 | Planta Piso 1 – 1:125
7 | Planta Piso 2 – 1:125
8 | Planta Cave – 1:125
9 | Planta Cobertura – 1:125
10 | Cortes – 1.125
11 | Cortes – 1.125
12 | Cortes – 1.125
13 | Corte-Alçados – 1.125
14 | Corte-Alçados – 1.125
15 | Alçados – 1.25
16 | Alçados – 1.125
17 | Planta Piso 0 Bloco A – 1.50
18 | Planta Piso 0 Bloco C – 1.50
19 | Planta Piso 0 Bloco D – 1.50
20 | Planta Piso 1 Bloco A – 1.50
21 | Planta Piso 1 Bloco B – 1.50
22 | Planta Piso 1 Bloco C – 1.50
23 | Planta Piso 1 Bloco D – 1.50
24 | Planta Piso 2 Bloco B – 1.50
25 | Planta Piso 2 Bloco C – 1.50
26 | Planta Piso 0 Corpo D – 1:50
27 | Corte – 1:50
28 | Instalação Sanitária Planta e Cortes – 1.20
29 | Instalação Sanitária Cortes – 1.20
30 | Escadas de Incêndio – 1.20
31 | Escadas de Incêndio – 1.20
32 | Corte Construtivo – 1.20
33 | Mapa de Vãos Interiores– 1.50
34 | Mapa de Vãos Interiores– 1.50
35 | Mapa de Vãos Interiores – 1.50
36 | Mapa de Vãos Exteriores – 1.50
37 | Mapa de Vãos Exteriores – 1.50
38 | Mapa de Vãos Exteriores – 1.50
39 | Mapa de Vãos Exteriores – 1.50
40 | Mapa de Vãos Exteriores – 1.50
41 | Pormenor de Vãos Exteriores – 1.05
42 | Pormenor de Vãos Exteriores – 1.05

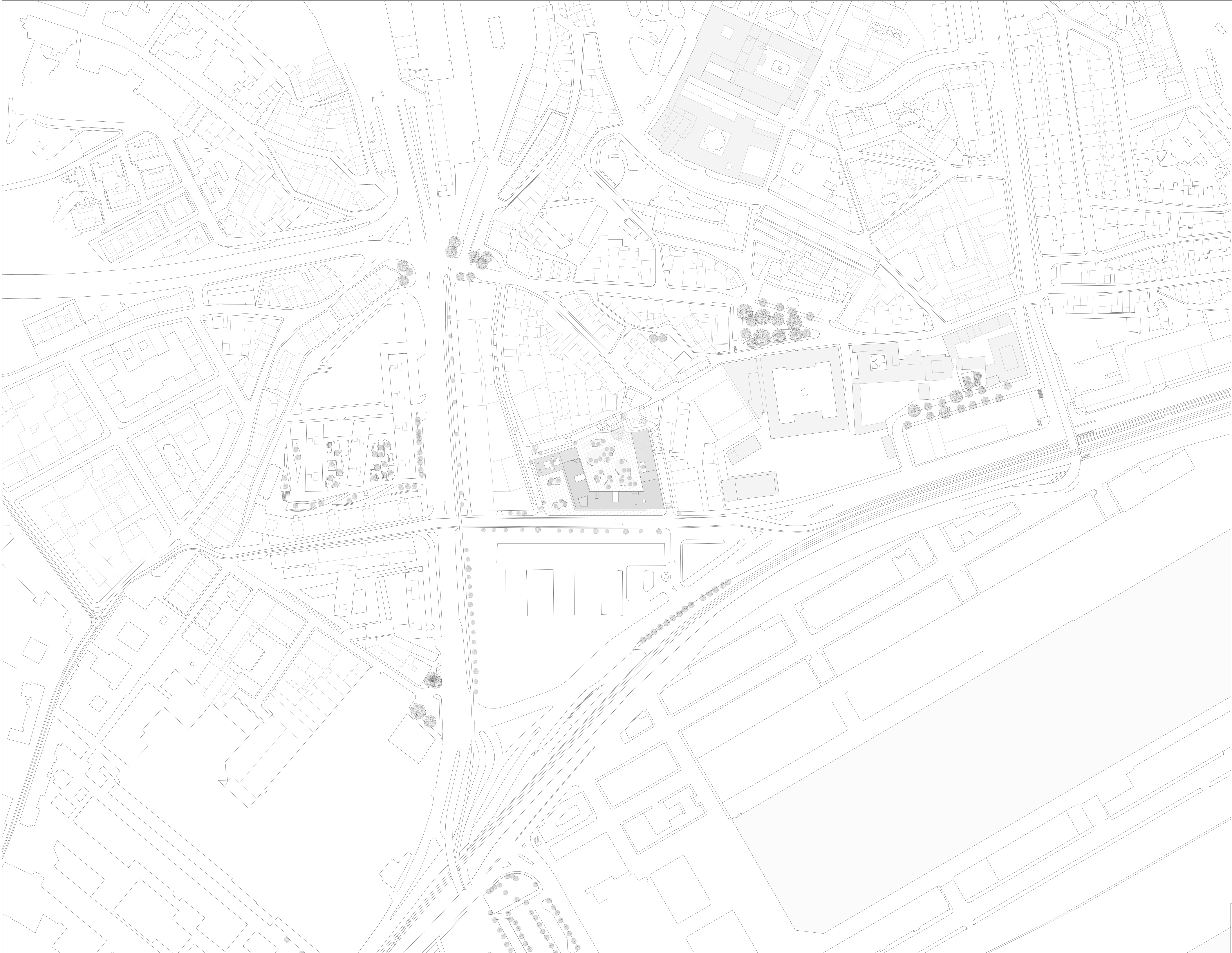
QUADRO DE ÁREAS

ESPAÇO			ÁREA ÚTIL	
Nº	REF. AMI	DESIGNAÇÃO	PROG. AMI	PROJECTO
PISO 0				
1	B1/B2/B3	Átrio de Entrada	60 m²	179.20 m²
2	B4	Sala de Reuniões	30 m²	19.16 m²
3	B11	Museu	140 m²	150.30 m²
4	-	IS Mobilidade Reduzida	-	6.98 m²
5	B6	IS Feminino	40 m²	17.01 m²
6	B5	IS Masculina	40 m²	19.03 m²
7	B7	Cafetaria	90 m²	157.30 m²
8	B8	Balcão Cafetaria	20 m²	17.44 m²
9	B9	Cozinha	40 m²	45.48 m²
10	-	Sala de Apoio	-	18.58 m²
11	B10	Auditório	270 m²	284.89 m²
12	A13	IS de Apoio	20 m²	2.67 m²
13	A13	Balneário	20 m²	20.24 m²
14	A4	Gabinete Logístico	50 m²	49.54 m²
15	A2	Cais de Cargas e Descargas	100 m²	367.91 m²
16	C1	Átrio de Entrada e Recepção	32 m²	42.24 m²
17	C16	Refeitório	28 m²	63.07 m²
18	C17	Arrumos	20 m²	21.27 m²
19	-	Sala do Lixo	-	5 m²
20	C14	Cozinha	20 m²	20.87 m²
21	C9 e C10	IS Crianças	20 m²	19.85 m²
22	C5	Berçário	12 m²	10.83 m²
23	C6	Sala Parque	12 m²	13.21 m²
24	*	Sala de Apoio	-	4.32 m²
25	*C15	Copa de Leite	10 m²	7.16 m²
26	C8	Sala 3-5 anos	70 m²	76.64 m²
27	C7	Sala 1-3 anos	18 m²	16.24 m²

ESPAÇO			ÁREA ÚTIL	
Nº	REF. AMI	DESIGNAÇÃO	PROG. AMI	PROJECTO
28		Recreio		101.93 m²
PISO 1				
29	B12	Recepção Piso 1	20 m²	31.92 m²
30	B13.1	Gabinete Direcção Dep. Administrativo	12 m²	11.82 m²
31	B14.1	Gabinete Direcção Dep. Contabilidade	12 m²	12.24 m²
32	B15.1	Gabinete Direcção Dep. Internacional	12 m²	12.24 m²
33	B16.1	Gabinete Direcção Dep. Social	12 m²	12.24 m²
34	B30	IS Masculino	30 m²	18.31 m²
35	-	IS Mobilidade Reduzida	-	7.30 m²
36	B31	IS Feminino	30 m²	22.63 m²
37	B17.1	Gabinete Direcção RH	24 m²	12.24 m²
38	B20.1	Gabinete Direcção Ambiental	12 m²	12.24 m²
39	B21.1	Gabinete Direcção Psicologia	12 m²	12.24 m²
40	B22.1	Gabinete Antropologia e Fotografia	12 m²	12.24 m²
41	B23.1 B24	Departamento Infomático Voluntariado	42 m²	28.24 m²
42	B25	Socorrismo	24 m²	20.75 m²
43	B16.2 B20.2 B20.2	Serviços dep. Social, Ambiental e Psicologia	96 m²	107.06 m²
44	B13.2 B14.2 B15.2 B17.2	Serviços Dep. Admnistrativo, Contabilidade, Internacional, RH	90 m²	113.07 m²
45	B18.2 B19.2	Serviços Dep. Comunicação e Marketing	84 m²	103.93 m²
46	-	Gabinete	-	12.34 m²
47	B19.1	Gabinete Direcção Dep. Marketing	12 m²	11.39 m²
48	B18.1	Gabinete Direcção Dep. Comunicação	12 m²	12.24 m²
49	B26	Sala de Reuniões 1	15 m²	21.13 m²
50	B27	Sala de Reuniões 2	15 m²	23.65 m²
51	B29	Copa de Apoio	4 m²	9.24 m²
52	B32	Arrumos	10 m²	12.24 m²

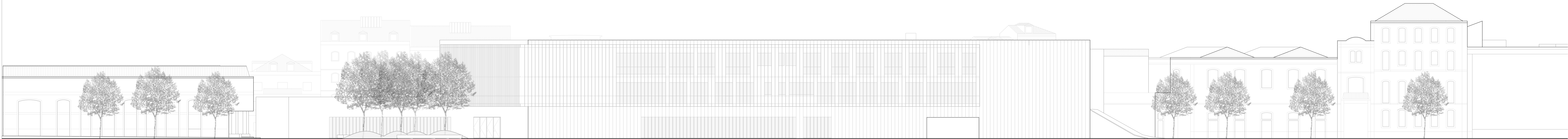
ESPAÇO			ÁREA ÚTIL	
Nº	REF. AMI	DESIGNAÇÃO	PROG. AMI	PROJECTO
53	B28	Sala de Reuniões 3	50 m²	55.10 m²
54	-	Arrumo	-	10.88 m²
55	C3	Sala do Pessoal	12 m²	32.18 m²
56	C13	Balneário	12 m²	22.37 m²
57	C13	IS de Apoio	12 m²	7.13 m²
58	C4	Quarto de Isolamento	12 m²	11.47 m²
59	C2	Gabinete Director Técnico	14 m²	18.16 m²
60	-	Átrio de Entrada	-	36.42 m²
61	-	Recepção/ Bengaleiro	-	10.20 m²
62	B5	IS Masculino	40 m²	9.55 m²
63	B6	IS Feminino	40 m²	7.23 m²
64	-	IS Mobilidade Reduuzida	-	3.51 m²
65	-	Foyer	-	46.63 m²
PISO 2				
66	B34	Recepção Piso 2	20 m²	31.92 m²
67	B38.1	Gabinete Conselho de Admnistração	150 m²	148.30 m²
68	B45	IS Masculino	20 m²	14.94 m²
69	B46	IS Feminino	20 m²	17.14 m²
70	-	IS Mobilidade Reduzida	-	6.50 m²
71	B41.1	Gabinete Direcção Acessoria Financeira e Gestão	15 m²	20.69 m²
72	B47	Arrumos	10 m²	5.82 m²
73	B37.2 B41.2/3	Secretariado Pres. Conselho Adminstrativo Serviço e Secretariado Acessoria Finaceira	63 m²	107.06 m²
74	B37.1	IS Privativa	-	6.27 m²
75	B37.1	Gabinete Presidente Conselho Adminstrativo	48 m²	44.91 m²
76	B43	Sala de Reuniões Conselho Admnistrativo	45 m²	57.69 m²
77	B42	Sala de Espera	16 m²	15 m²
78	B44	Biblioteca	70 m²	103.80 m²
79	-	Gabinete	-	12.03 m²
80	B39	Conselho Fiscal	45 m²	45.39 m²

ESPAÇO			ÁREA ÚTIL	
Nº	REF. AMI	DESIGNAÇÃO	PROG. AMI	PROJECTO
81	B40	Acessoria Jurídica	16 m²	30.26 m²
82	B35.1	Gabinete Director Geral	15 m²	23.01 m²
83	B35.2 B36	Vice- Direcção e Secretariado	54 m²	52.84 m²
84	B49	Cobertura Acessível	870 m²	162.86 m²
PISO -1				
85	A12	Oficina	40 m²	32.28 m²
86	A7	Reserva Museológica	100 m²	183.83 m²
87	-	IS Mobilidade Reduzida	-	3.47 m²
88	-	IS Feminino	-	9.87 9.87
89	-	IS Masculino	-	9.48 m²
90	A9	Arrecadação da Cafetaria	30 m²	38.31 m²
91	A5	Economato	20 m²	36.28 m²
92	A11	Balneários da Cafetaria	20 m²	20.24 m²
93	-	IS de Apoio	-	2.87 m²
94	-	Arrumos	-	1.60 m²
95	A6	Arquivo Definitivo	50 m²	62.45 m²
96	A8	Arquivo de Serviço	200 m²	101.86 m²
97	A3	Ármazem	500 m²	491.68 m²
98	A14	Área Técnica	200 m²	11.26 m²
99	A1	Estacionamento	3000 m²	3 253.97 m²
100	-	Área de Cargas e Descargas	-	158.50 m²



- Legenda:
- Rio
 - Edifício notável
 - Projecto

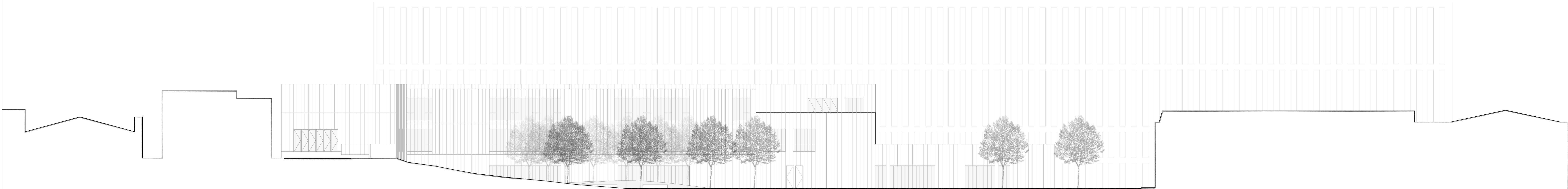




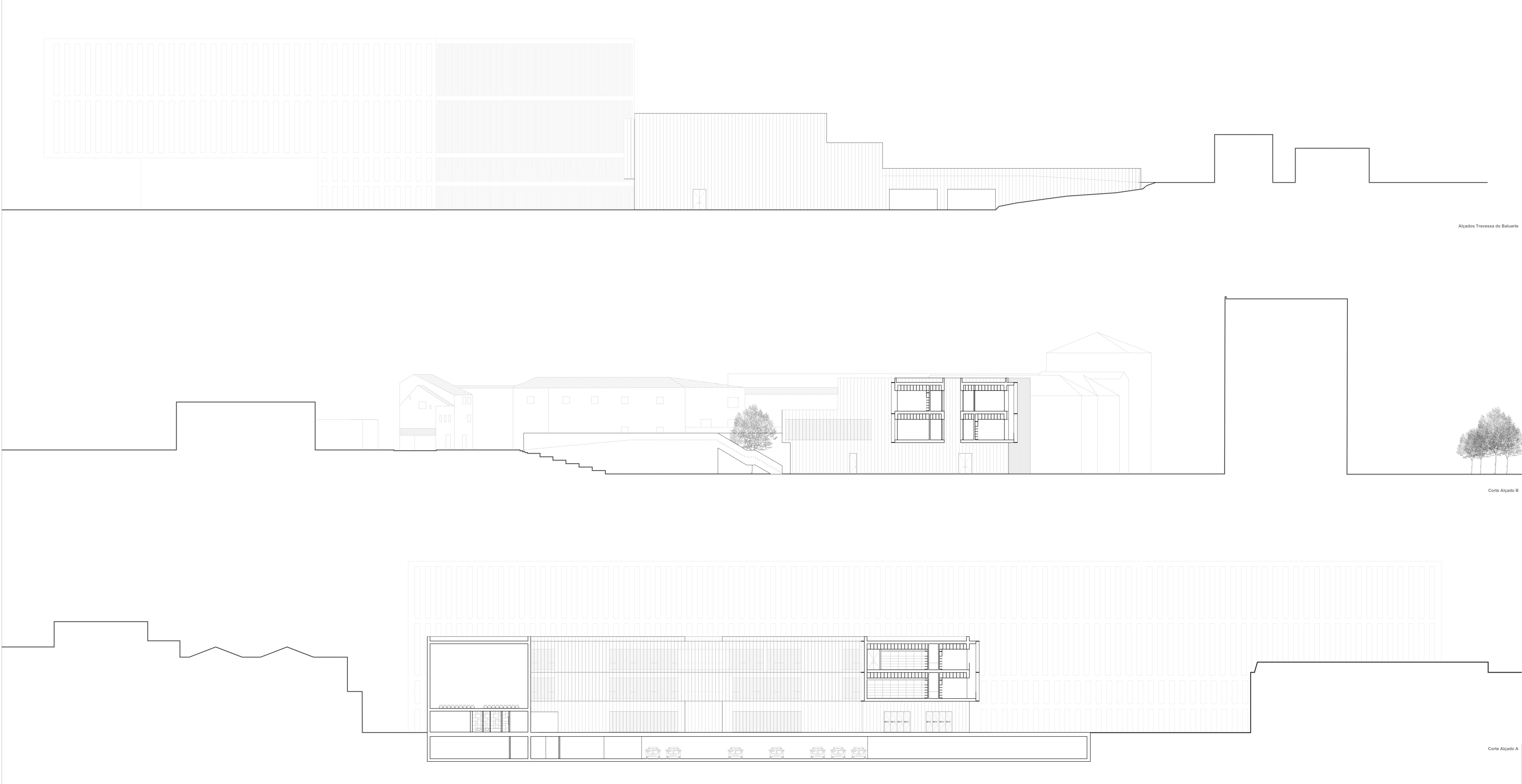
Alçados Avenida 24 de Julho



Alçados Rua Vieira da Silva



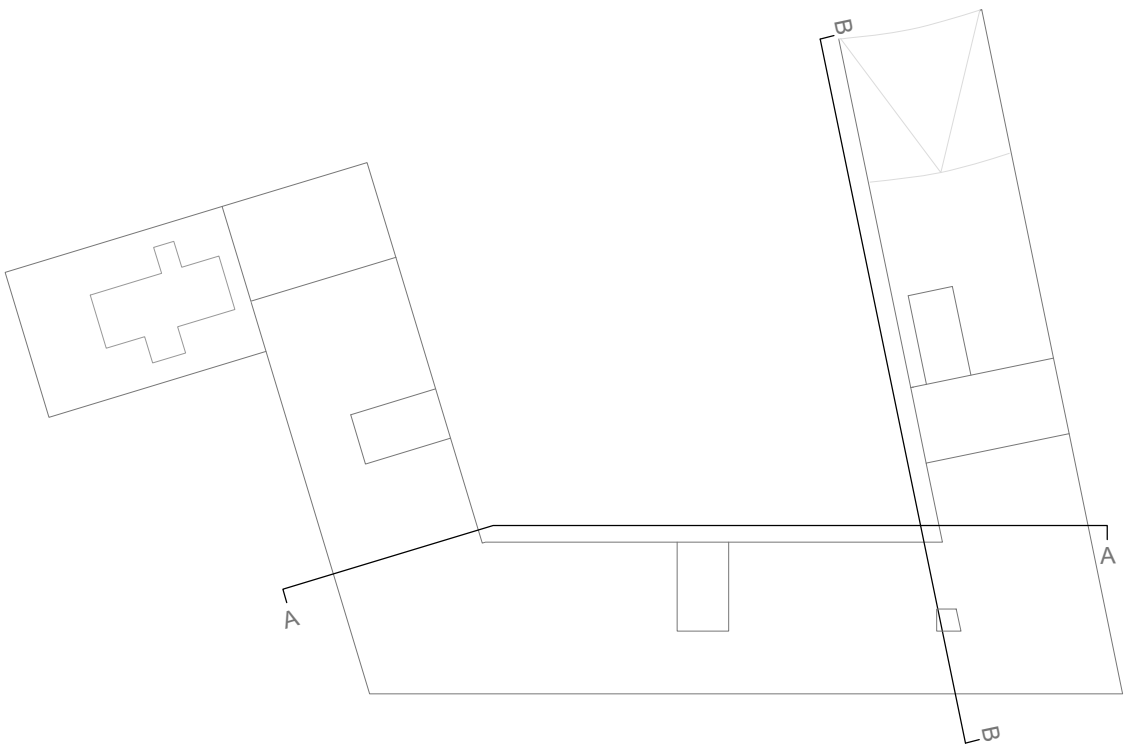
Alçados Rua do Arco a Alcântara

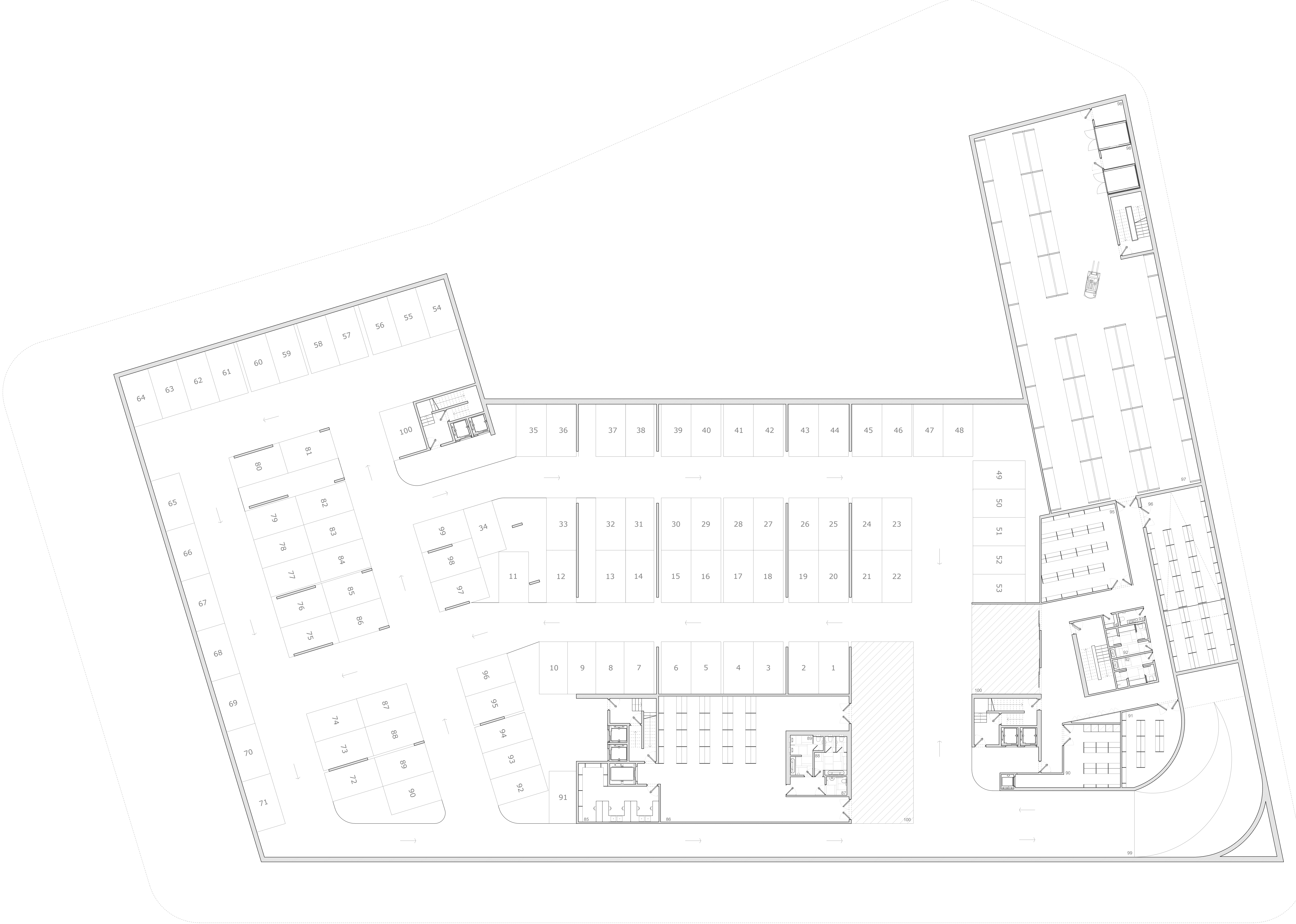


Alçados Travessa do Baluarte

Corte Alçado B

Corte Alçado A





- 85 | Oficina
- 86 | Reserva Museológica
- 87 | IS Mobilidade Reduzida
- 88 | Is Feminino
- 89 | IS Masculino
- 90 | Arrecadação da Cafeteria
- 91 | Económico
- 92 | Balneários da Cafeteria
- 93 | IS de Apoio
- 94 | Arrumos
- 95 | Arquivo Definitivo
- 96 | Arquivo de Serviço
- 97 | Armazém
- 98 | Área Técnica
- 99 | Estacionamento
- 100 | Zona de Cargas e Descargas





Legenda:

- 1 | Átrio de Entrada
- 2 | Sala de Reuniões
- 3 | Museu
- 4 | IS Mobilidade Reduzida
- 5 | IS Feminina
- 6 | IS Masculino
- 7 | Cafeteria
- 8 | Balcão da Cafeteria
- 9 | Cozinha
- 10 | Sala de Apoio
- 11 | Auditório
- 12 | IS de Apoio
- 13 | Banheiro
- 14 | Gabinete Logístico
- 15 | Cais de Cargas e Descargas
- 16 | Átrio de Entrada e Recepção
- 17 | Refeitório
- 18 | Armazém
- 19 | Sala do Lixo
- 20 | Cozinha
- 21 | IS Crianças
- 22 | Banheiro
- 23 | Sala Parque
- 24 | Sala de Apoio
- 25 | Copa de Leite
- 26 | Sala 3-5 anos
- 27 | Sala 1-3 anos
- 28 | Recreio
- AT | Área Técnica





- Legenda:
- 10 | Sala de Apoio
 - 11 | Auditório
 - 29 | Recepção Piso 1
 - 30 | Gabinete Direção Dep. Administrativo
 - 31 | Gabinete Direção Dep. Contabilidade
 - 32 | Gabinete Direção Dep. Internacional
 - 33 | Gabinete Direção Dep. Social
 - 34 | IS Masculino
 - 35 | IS Mobilidade Reduzida
 - 36 | IS Feminino
 - 37 | Gabinete Direção Dep. RH
 - 38 | Gabinete Direção Dep. Ambiental
 - 39 | Gabinete Direção Dep. Psicologia
 - 40 | Gabinete Antropologia e Fotografia
 - 41 | Departamento Informático e Voluntariado
 - 42 | Socorrismo
 - 43 | Serviços de Dep. Social, Ambiental e Psicologia
 - 44 | Serviços de Dep. Administrativo, Contabilidade, Internacional e RH
 - 45 | Serviços de Dep. Comunicação e Marketing
 - 46 | Gabinete
 - 47 | Gabinete Direção Dep. Marketing
 - 48 | Gabinete Direção Dep. Comunicação
 - 49 | Sala de Reuniões 1
 - 50 | Sala de Reuniões 2
 - 51 | Copa de Apoio
 - 52 | Armário
 - 53 | Sala de reuniões 3
 - 54 | Gabinete
 - 55 | Sala do pessoal
 - 56 | Banheiro
 - 57 | IS de Apoio
 - 58 | Quarto de Isolamento
 - 59 | Gabinete Director Técnico
 - 60 | Álio de Entrada
 - 61 | Recepção/Bengaleiro
 - 62 | IS Masculino
 - 63 | IS Feminina
 - 64 | IS Mobilidade Reduzida
 - 65 | Foyer

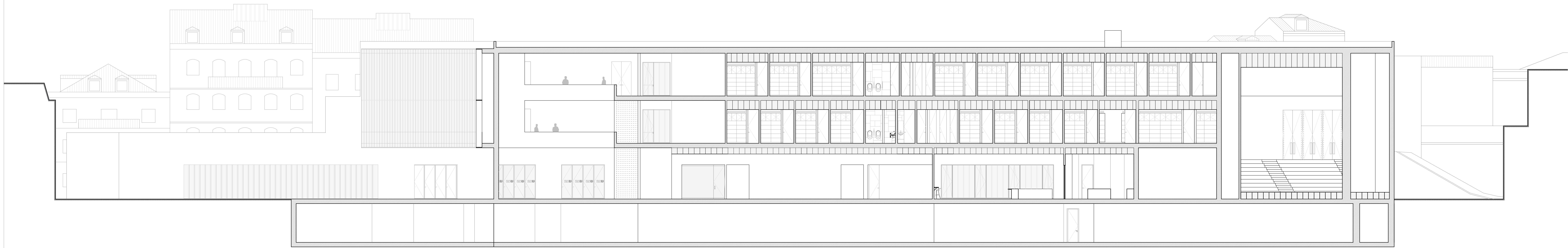




- Legenda:
- 10 | Sala de Apoio
 - 11 | Auditório
 - 66 | Recepção Piso 2
 - 67 | Gabinete Conselho de Administração
 - 68 | IS Masculino
 - 69 | IS Feminino
 - 70 | IS Mobilidade Reduzida
 - 71 | Gabinete Direcção Assessoria Financeira e Gestão
 - 72 | Arrumo
 - 73 | Secretariado Pres. Cons. Administrativo e do Conselho Administração, Serviço e Secretariado de Assessoria e Financeira
 - 74 | IS Privativa
 - 75 | Gabinete Presidente Conselho Administrativo
 - 76 | Sala de Reuniões Conselho Administrativo
 - 77 | Sala de Espera
 - 78 | Biblioteca
 - 79 | Gabinete
 - 80 | Conselho Fiscal
 - 81 | Assessoria Jurídica
 - 82 | Gabinete Director Geral
 - 83 | Vice-Direcção e Secretariado
 - 84 | Cobertura Acessível



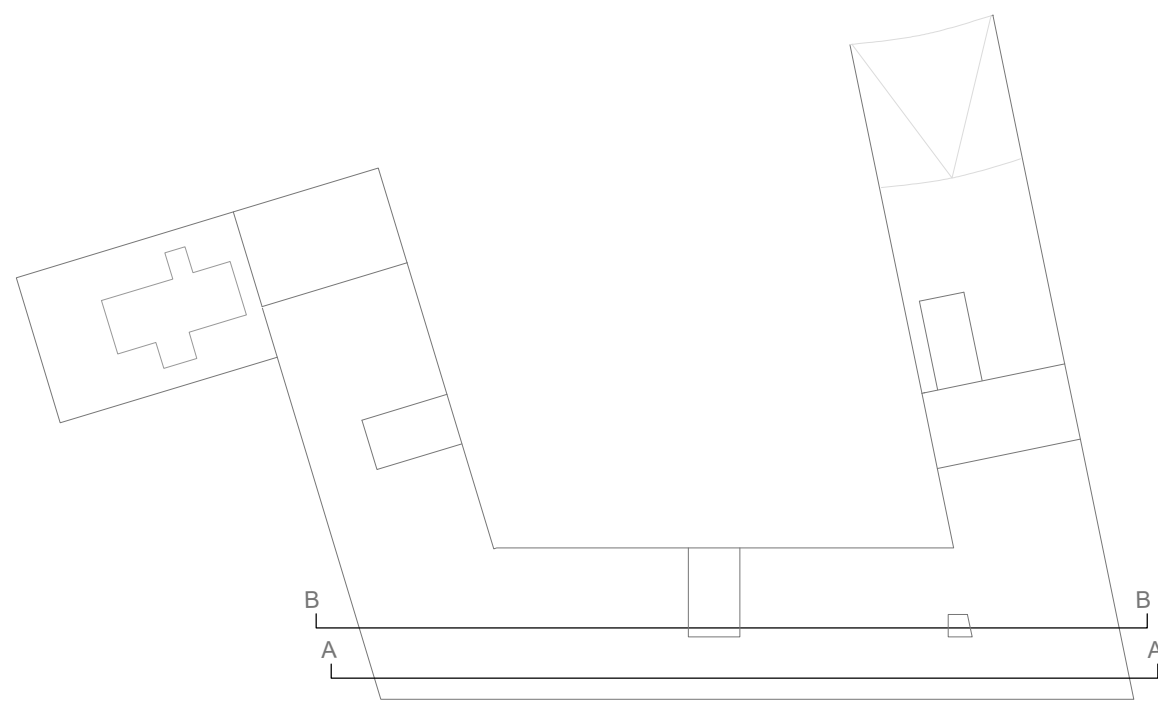


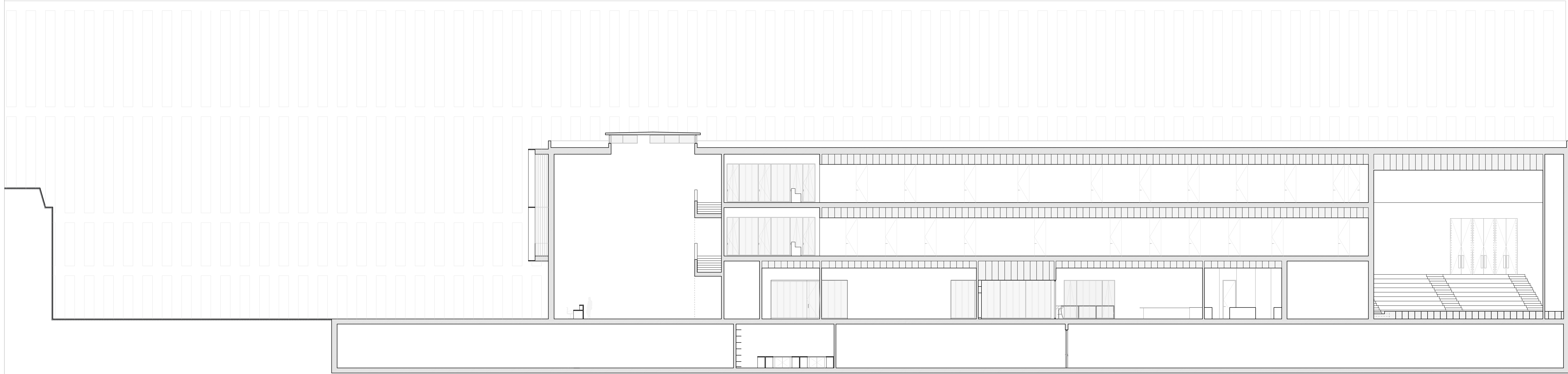


Corte A

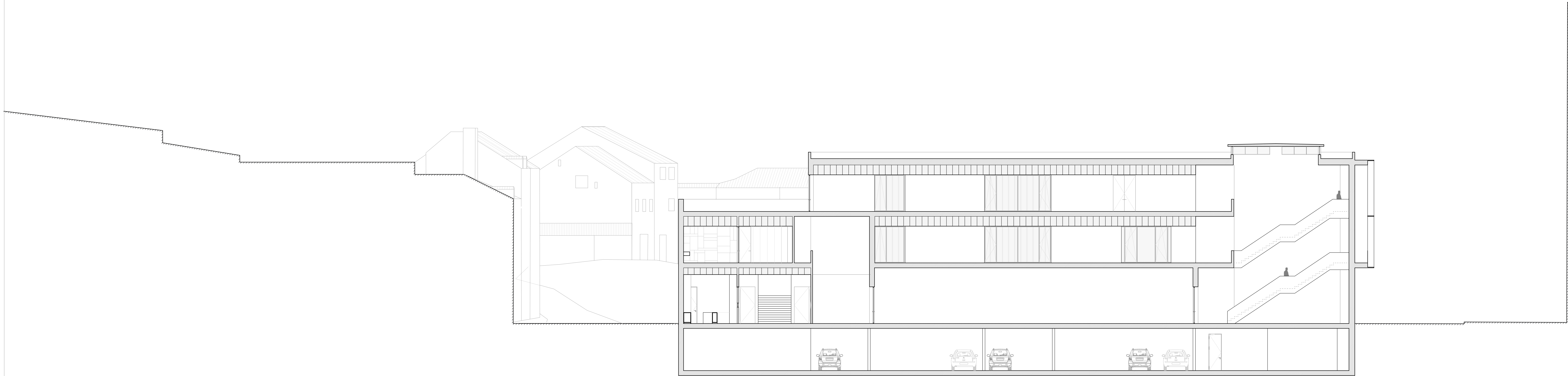


Corte B

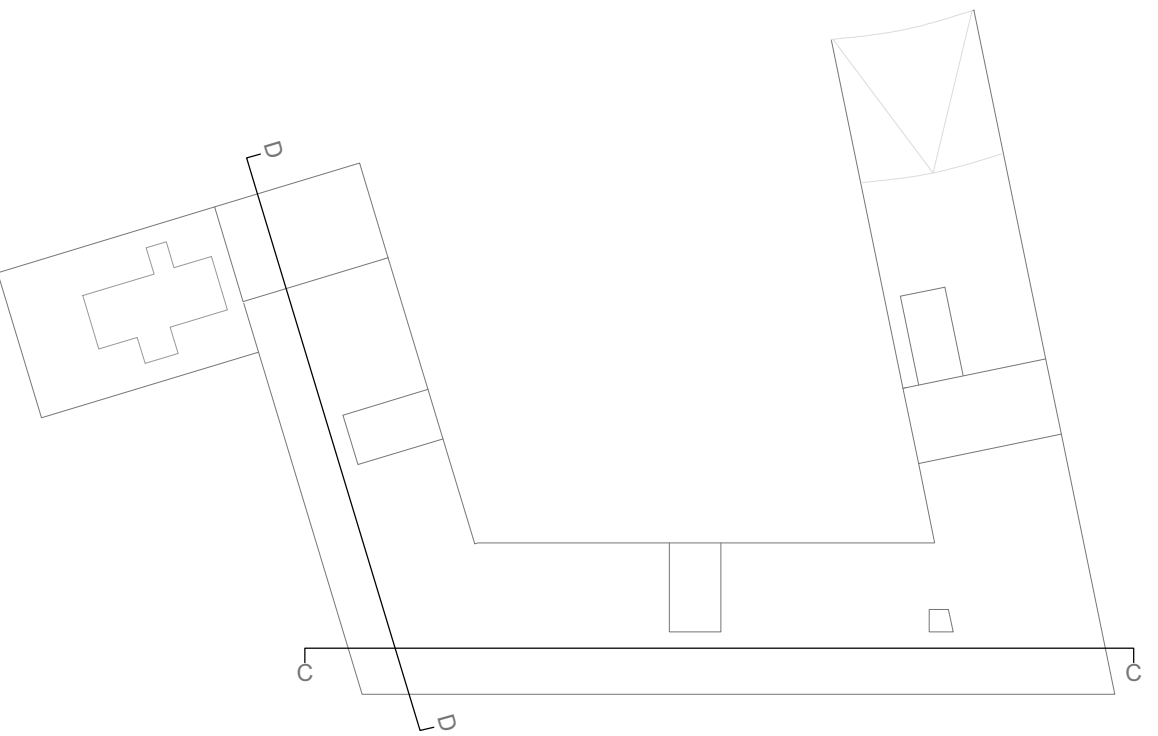


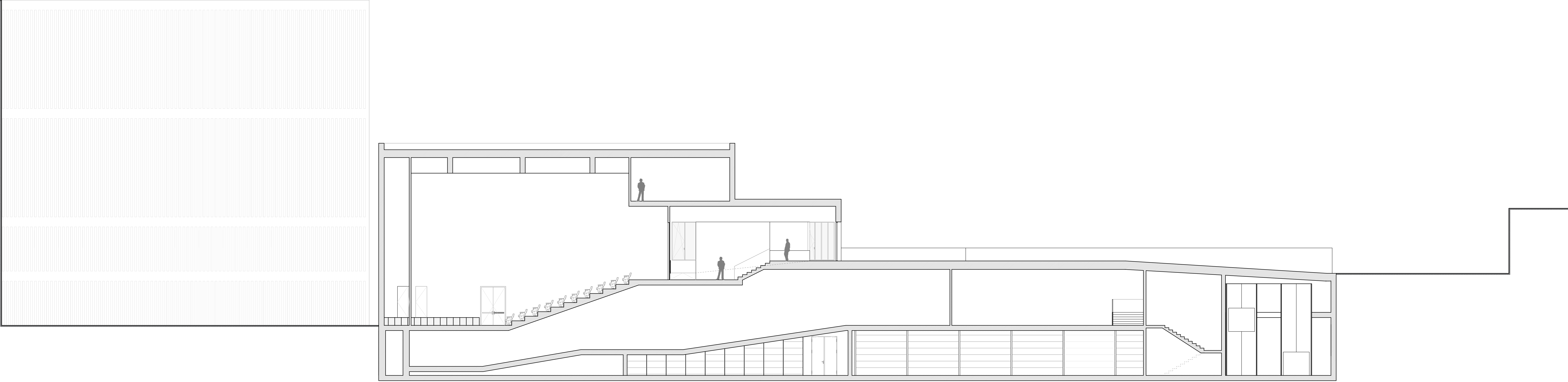


Corte C



Corte D

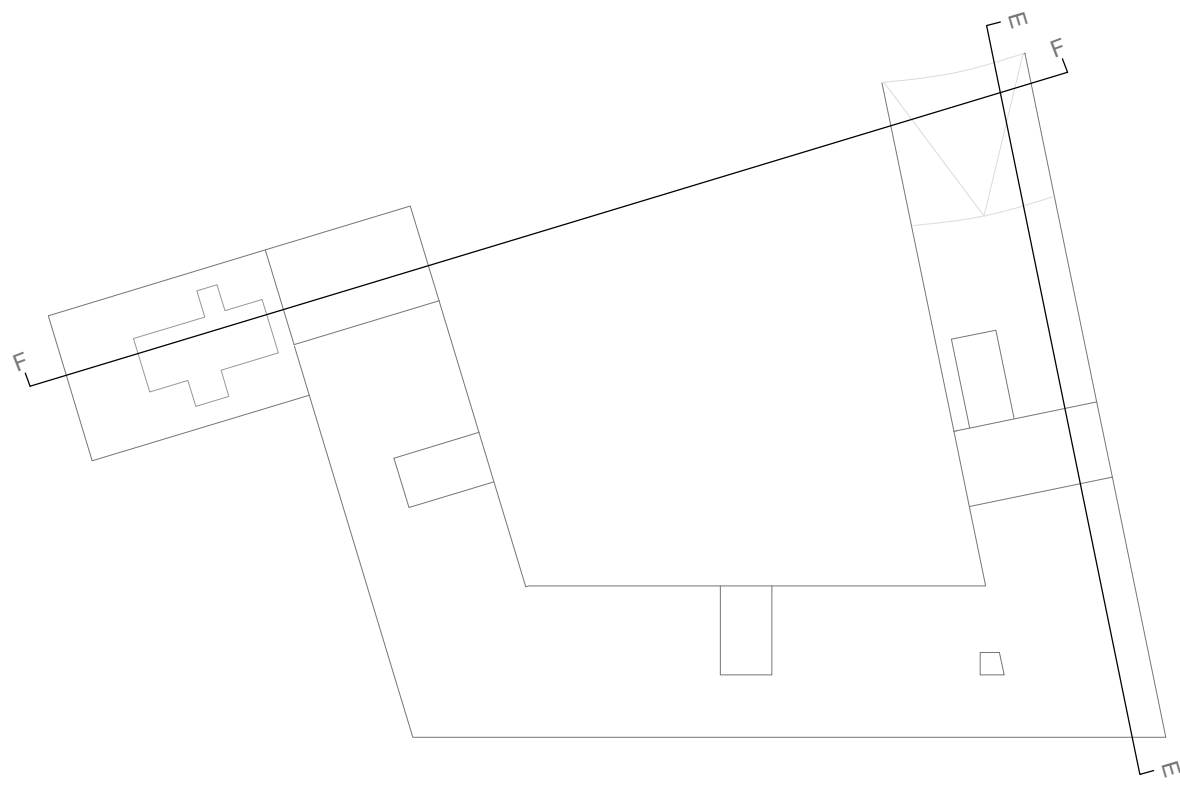


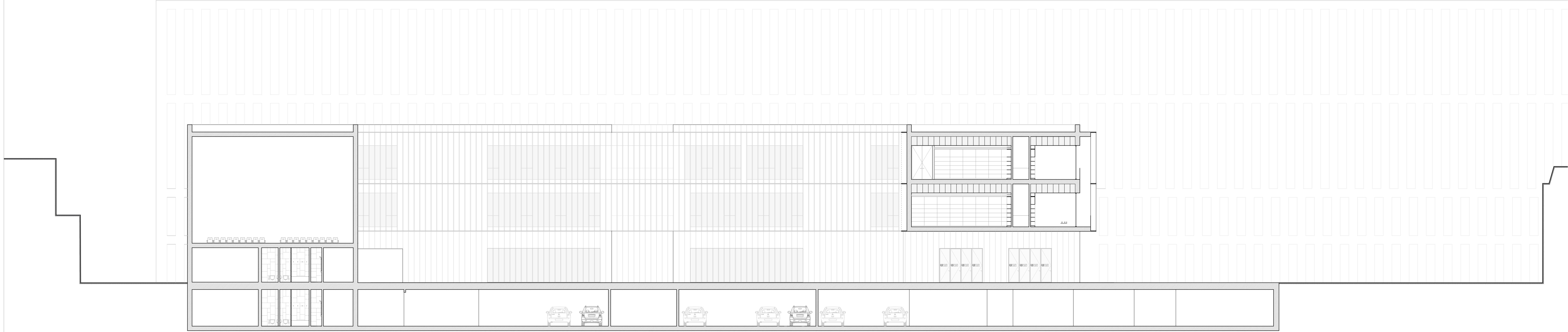


Corte E

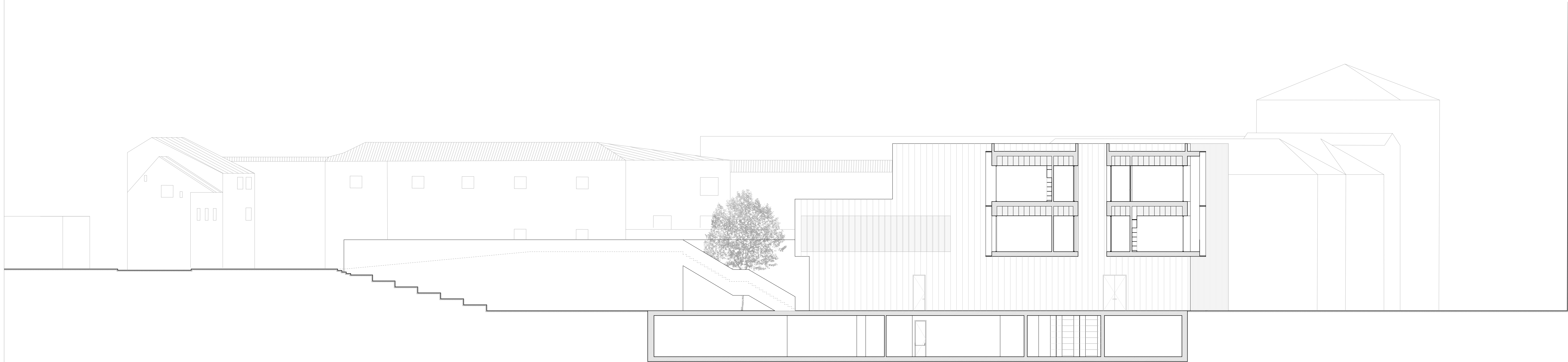


Corte F

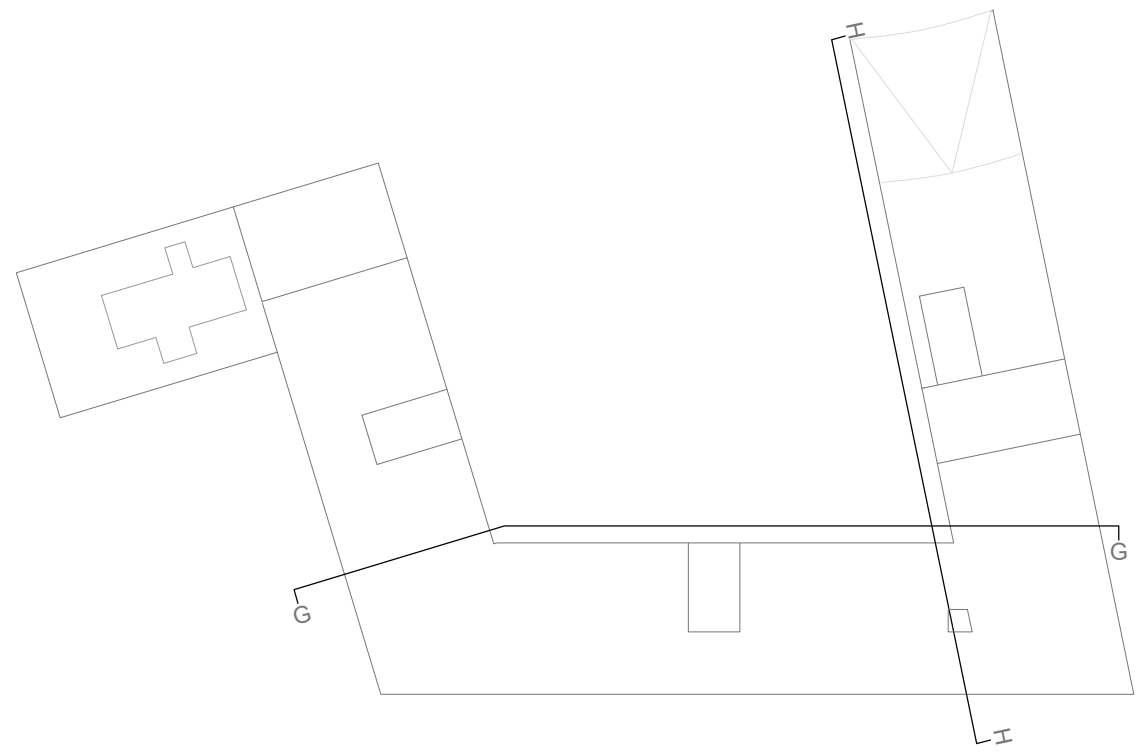


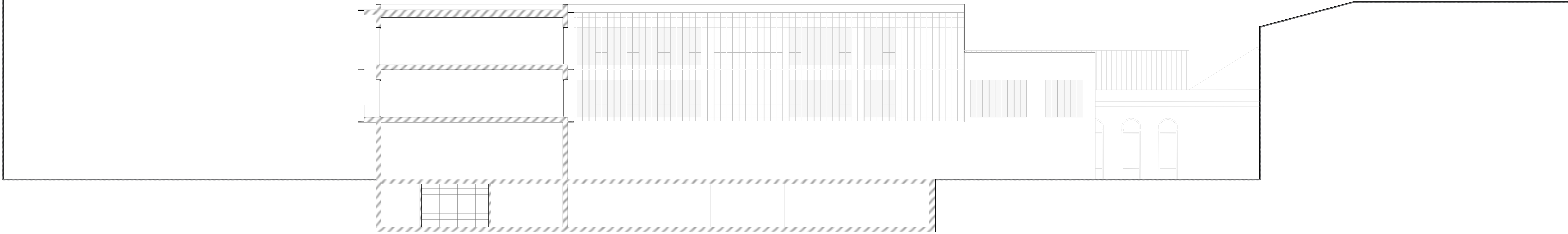


Corte-Alçado G



Corte-Alçado H

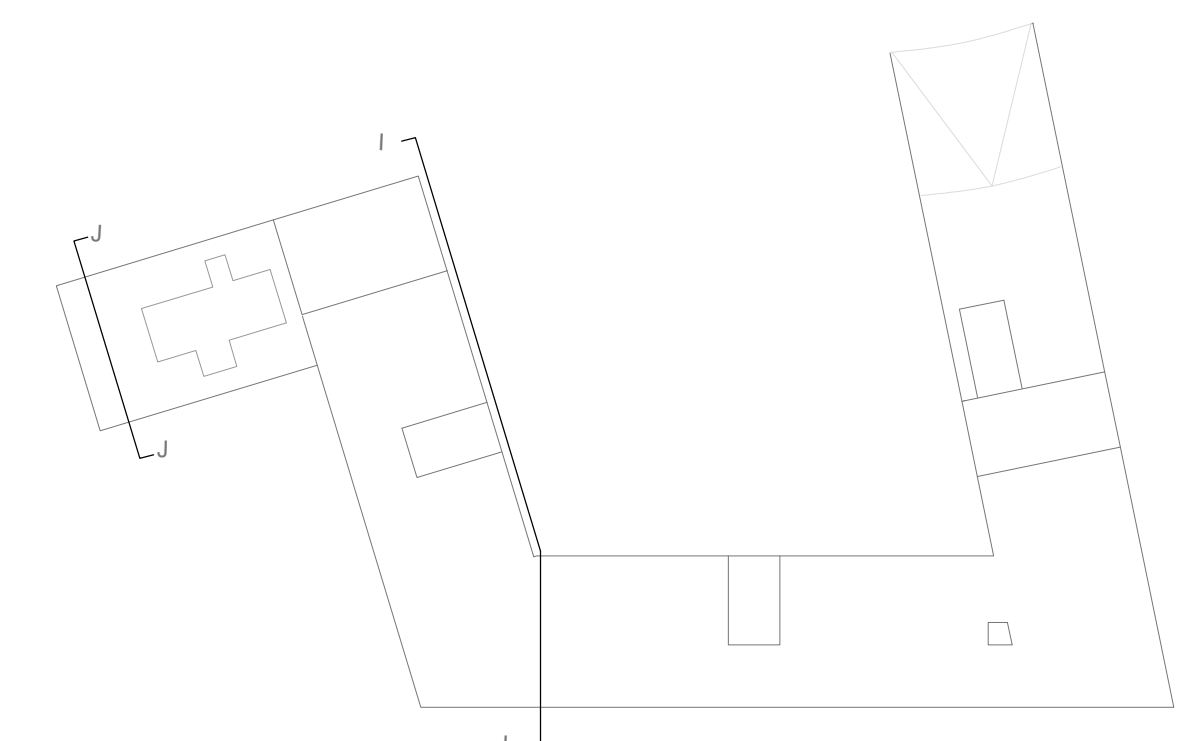


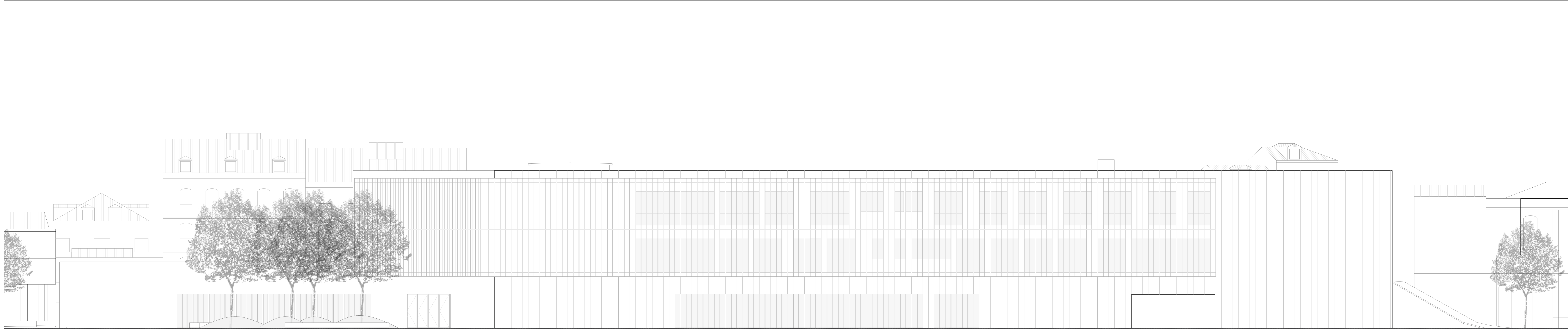


Corte-Alçado I



Corte-Alçado J





Alçado Avenida 24 de Julho

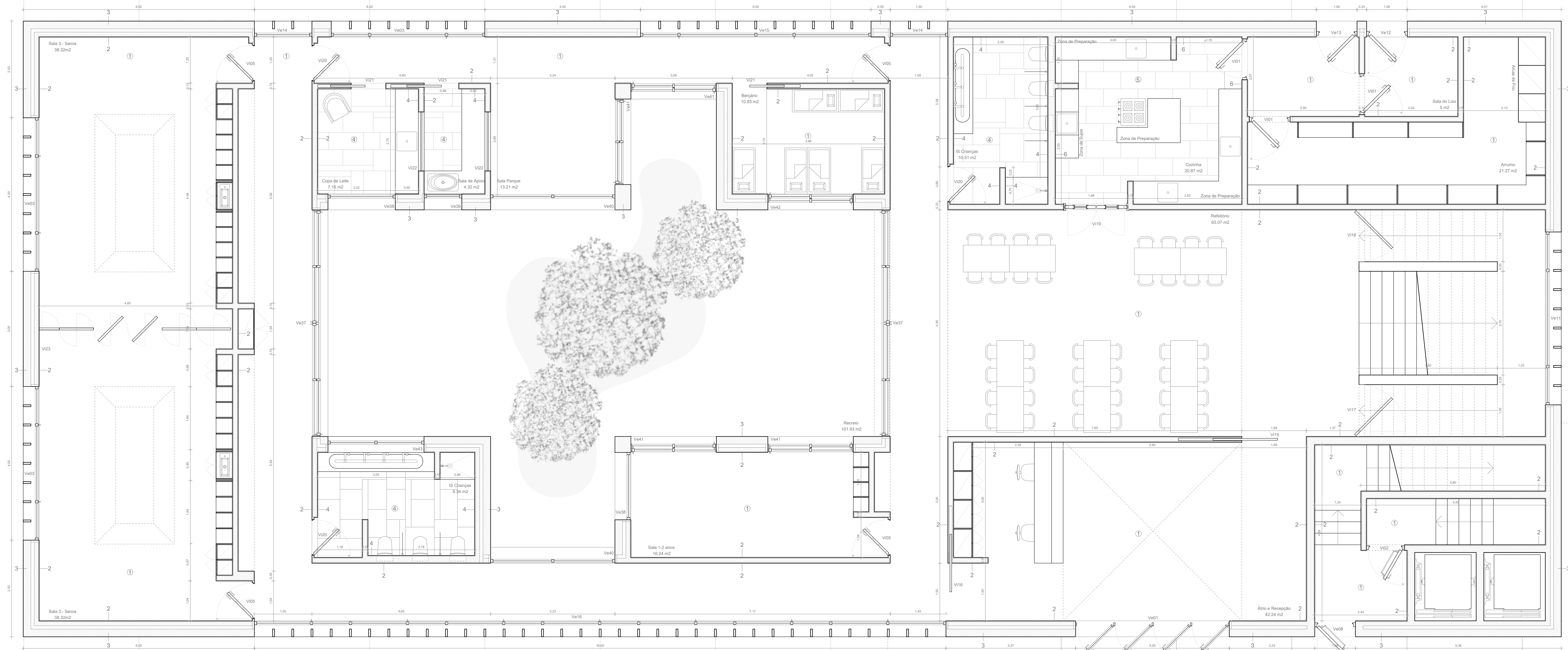


Alçado Rua Vieira da Silva

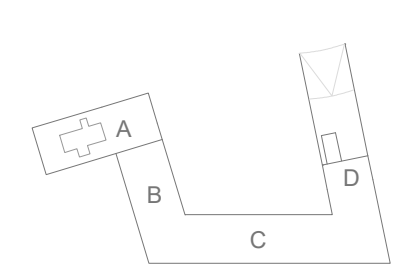


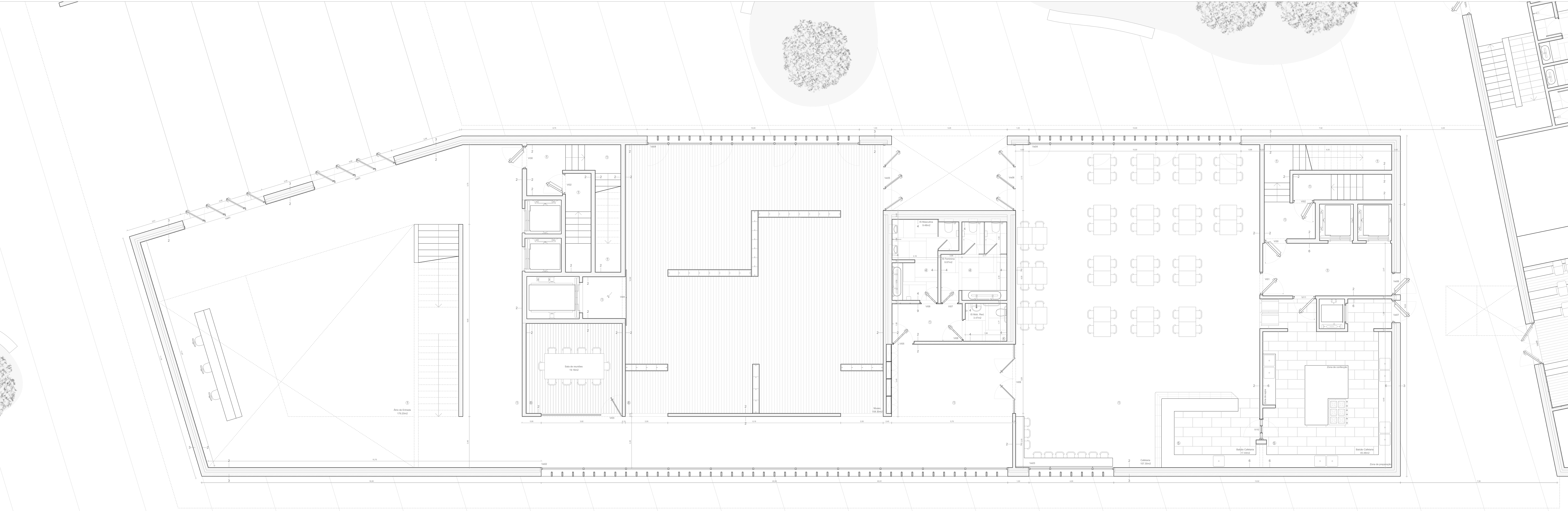
Alçado Rua do Arco a Alcântara

Alçado Travessa do Baluarte

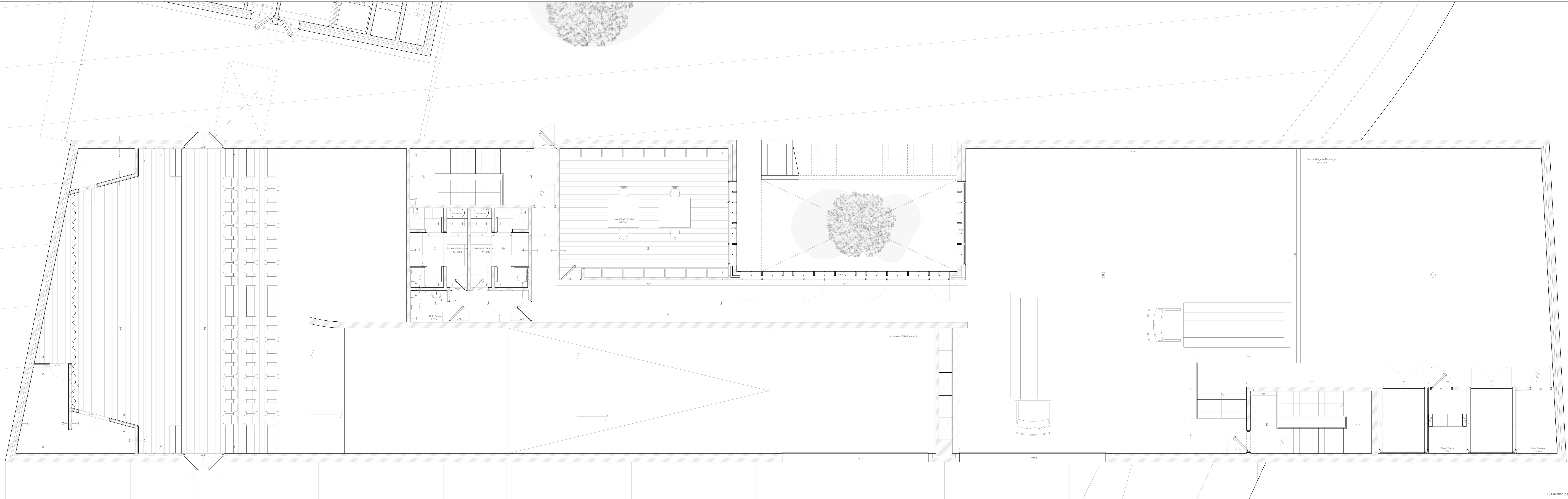


- 1 | Pavimento em microcimento tipo Seccol cor O14
- 2 | Estuque pintado cor a definir
- 3 | Betão à vista espessura 20cm
- 4 | Revestimento em mármore Thassos de 2 cm de espessura
- 5 | Pavimento porcelânico técnico tipo Cinca coleção Flint cor Flint Glacier
- 6 | Revestimento porcelânico técnico a definir
- 7 | Betão à vista espessura 20cm

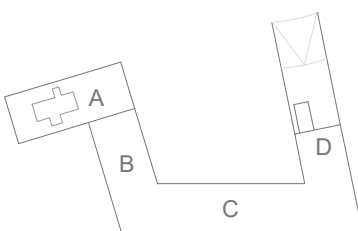




- 1 | Pavimento em microcimento tipo Sael cor 014
- 2 | Estuque pintado cor a definir
- 3 | Betão à vista espessura 20cm
- 4 | Revestimento em mármore Thassos de 2 cm de espessura
- 5 | Pavimento porcelânico técnico tipo Cinca coleção Flint cor Flint Glacier
- 6 | Revestimento porcelânico técnico a definir
- 7 | Betão à vista espessura 20cm
- 8 | Soalho em pinho tipo A Barbosa
- 9 | Revestimento em painel Tricapa de 2cm de espessura tipo Binderholz



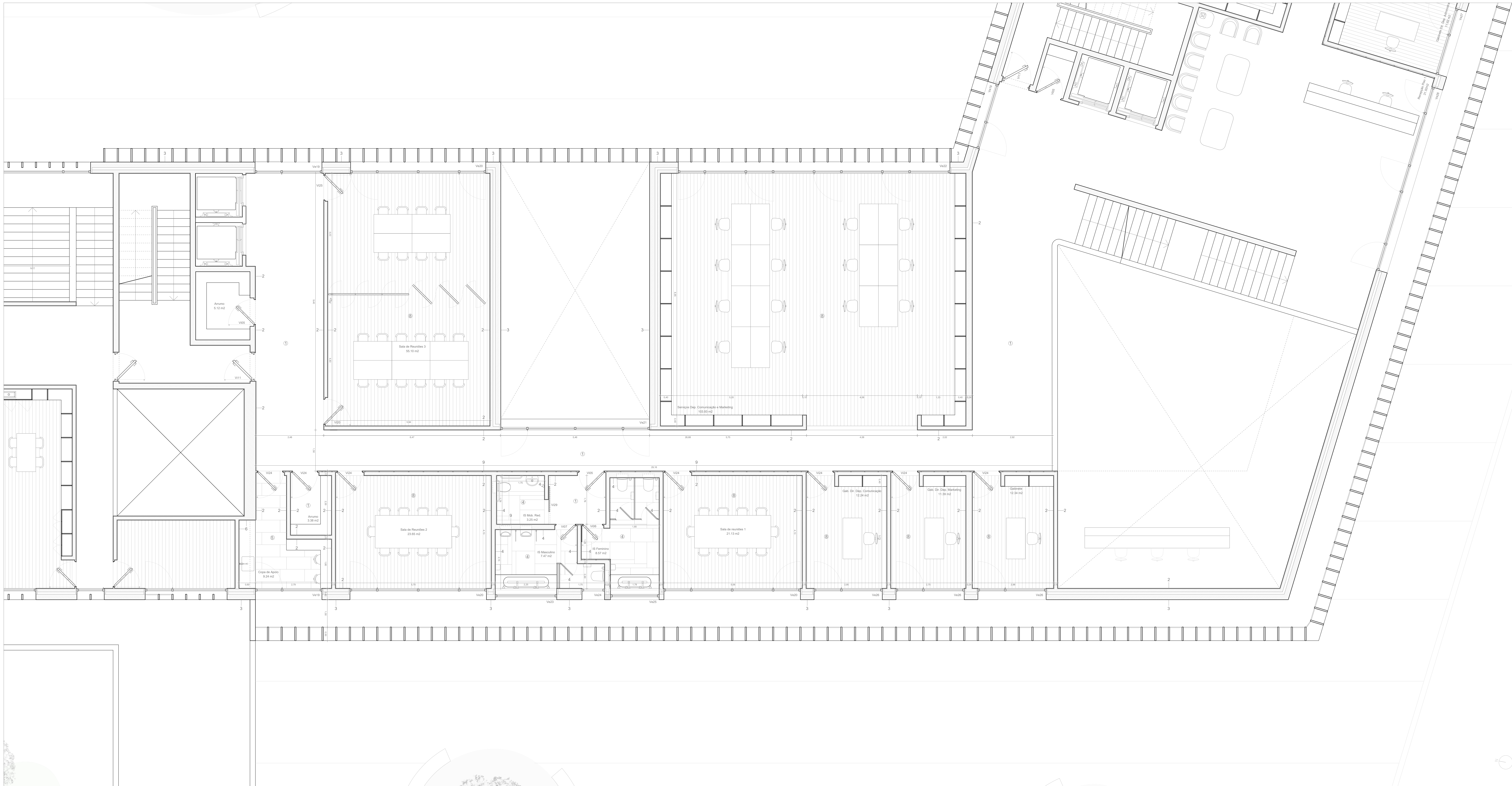
- 1 | Pavimento em microcimento tipo Seccol cor 014
- 2 | Estuque phtado cor a definir
- 3 | Betão à vista espessura 20cm
- 4 | Revestimento em mármore Thassos de 2 cm de espessura
- 5 | Pavimento porcelânico técnico tipo Cinca colecção Flint cor Flint Glacier
- 6 | Revestimento porcelânico técnico a definir
- 7 | Betão à vista espessura 20cm
- 8 | Soalho em pinho tipo A Barbosa
- 9 | Revestimento em painel Tricapa de 2cm de espessura tipo Binderholz
- 10 | Pavimento industrial em betão polido



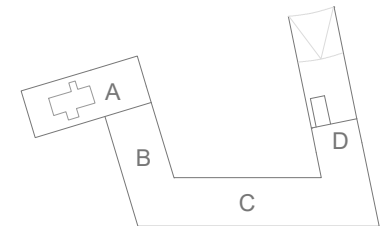


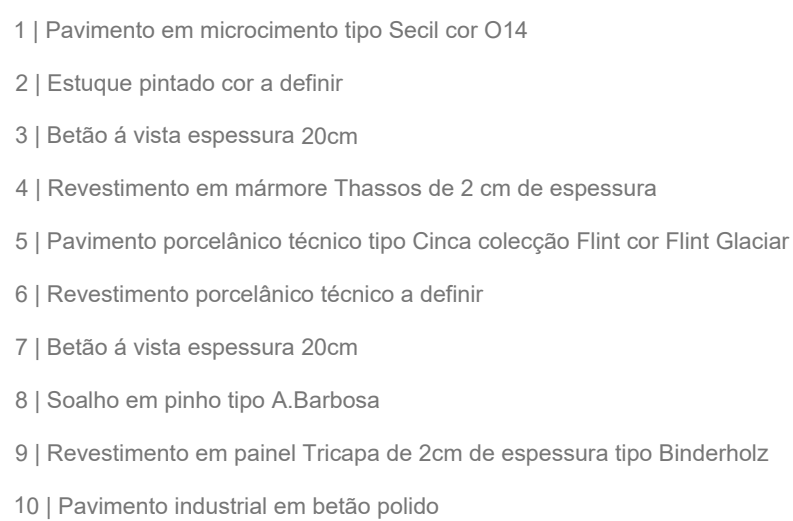
- 1 | Pavimento em microcimento tipo Secil cor O14
- 2 | Estuque pintado cor a definir
- 3 | Betão á vista espessura 20cm
- 4 | Revestimento em mármore Thassos de 2 cm de espessura
- 5 | Pavimento porcelânico técnico tipo Cinca colecção Flint cor Flint Glacier
- 6 | Revestimento porcelânico técnico a definir
- 7 | Betão á vista espessura 20cm
- 8 | Soalho em pinho tipo A.Barbosa
- 9 | Revestimento em painel Tricapa de 2cm de espessura tipo Binderholz
- 10 | Pavimento industrial em betão polido

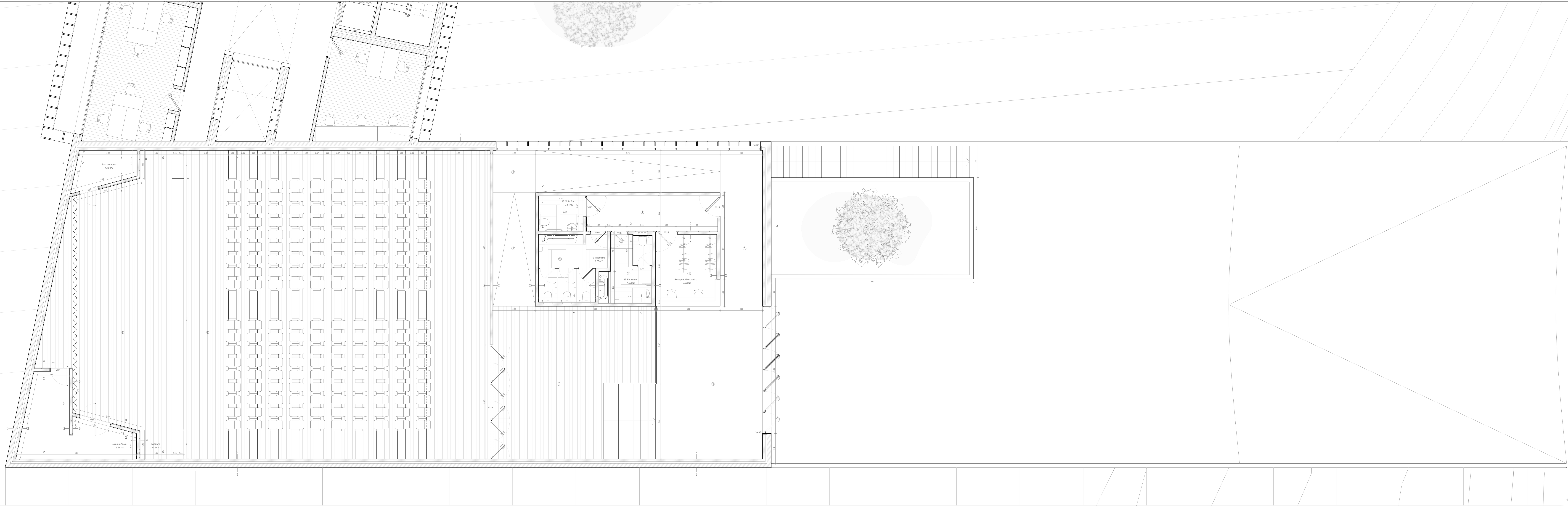




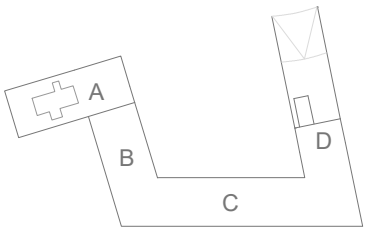
- 1 | Pavimento em microcimento tipo Secil cor O14
- 2 | Estuque pintado cor a definir
- 3 | Betão á vista espessura 20cm
- 4 | Revestimento em mármore Thassos de 2 cm de espessura
- 5 | Pavimento porcelânico técnico tipo Cinca coleção Flint cor Flint Glacier
- 6 | Revestimento porcelânico técnico a definir
- 7 | Betão á vista espessura 20cm
- 8 | Soalho em pinho tipo A.Barbosa
- 9 | Revestimento em painel Tricapa de 2cm de espessura tipo Binderholz
- 10 | Pavimento industrial em betão polido

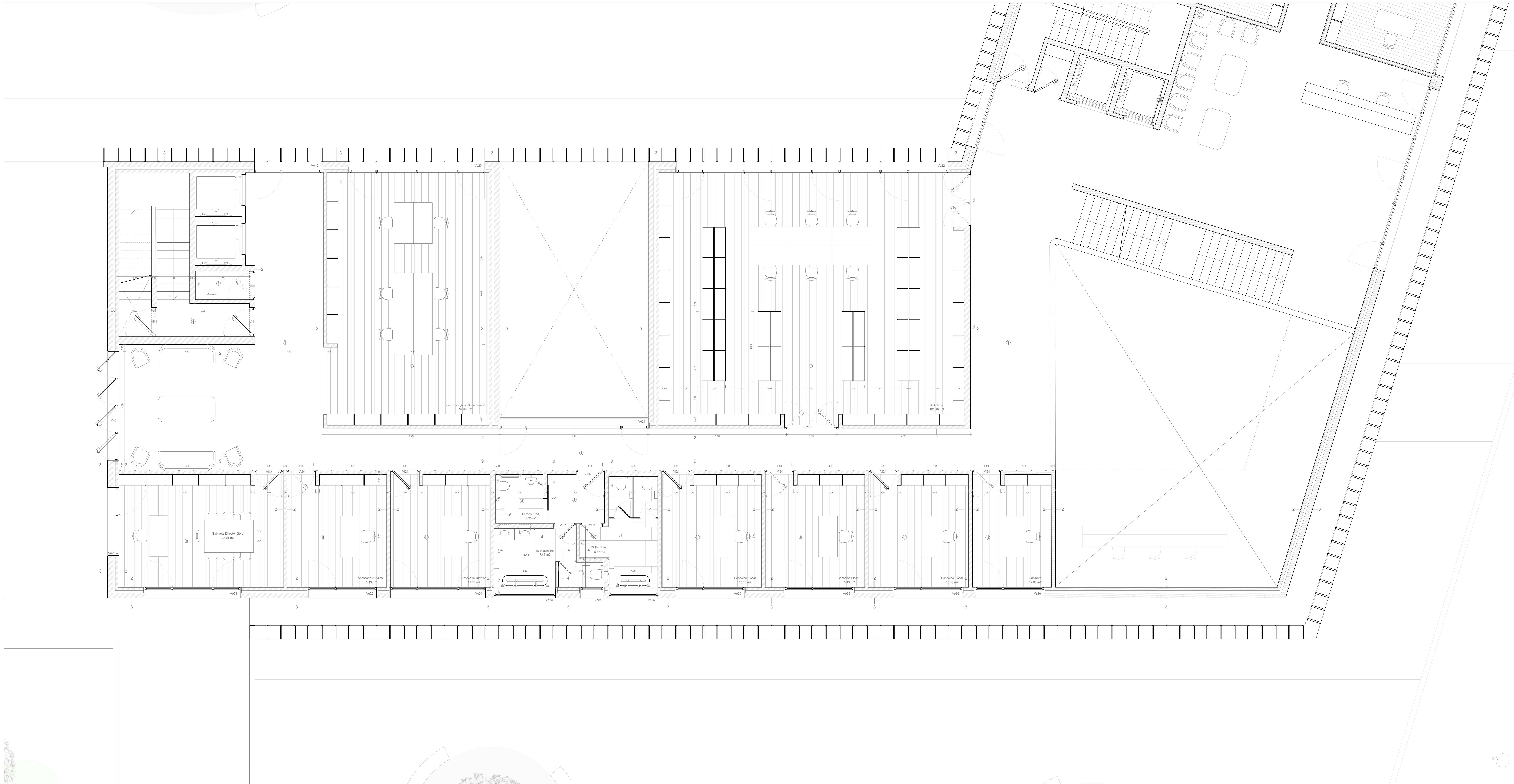




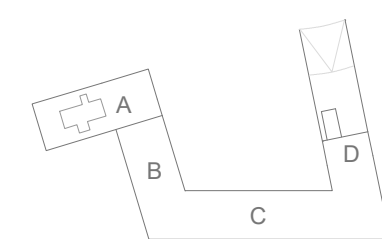


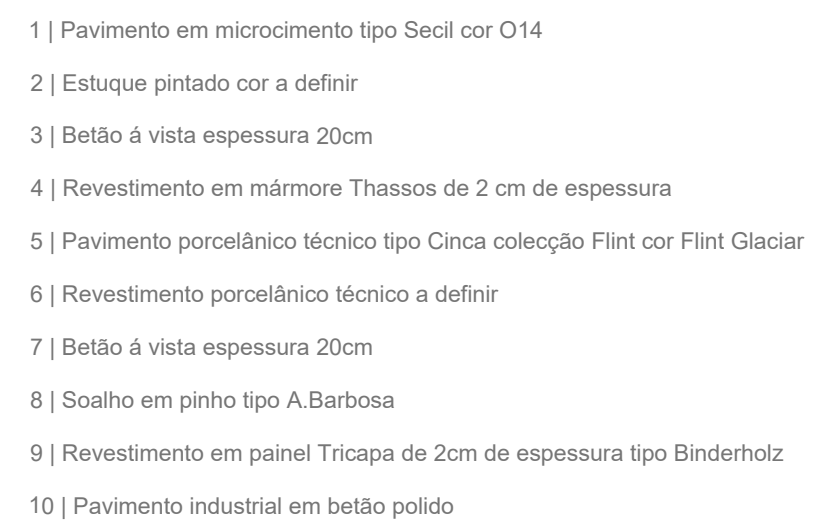
- 1 | Pavimento em microcimento tipo Seccol cor O14
- 2 | Estuque pintado cor a definir
- 3 | Betão à vista espessura 20cm
- 4 | Revestimento em mármore Thassos de 2 cm de espessura
- 5 | Pavimento porcelânico técnico tipo Cinca coleção Flint cor Flint Glacier
- 6 | Revestimento porcelânico técnico a definir
- 7 | Betão à vista espessura 20cm
- 8 | Soalho em pinho tipo A Barbosa
- 9 | Revestimento em painel Tricapa de 2cm de espessura tipo Binderholz
- 10 | Pavimento industrial em betão polido

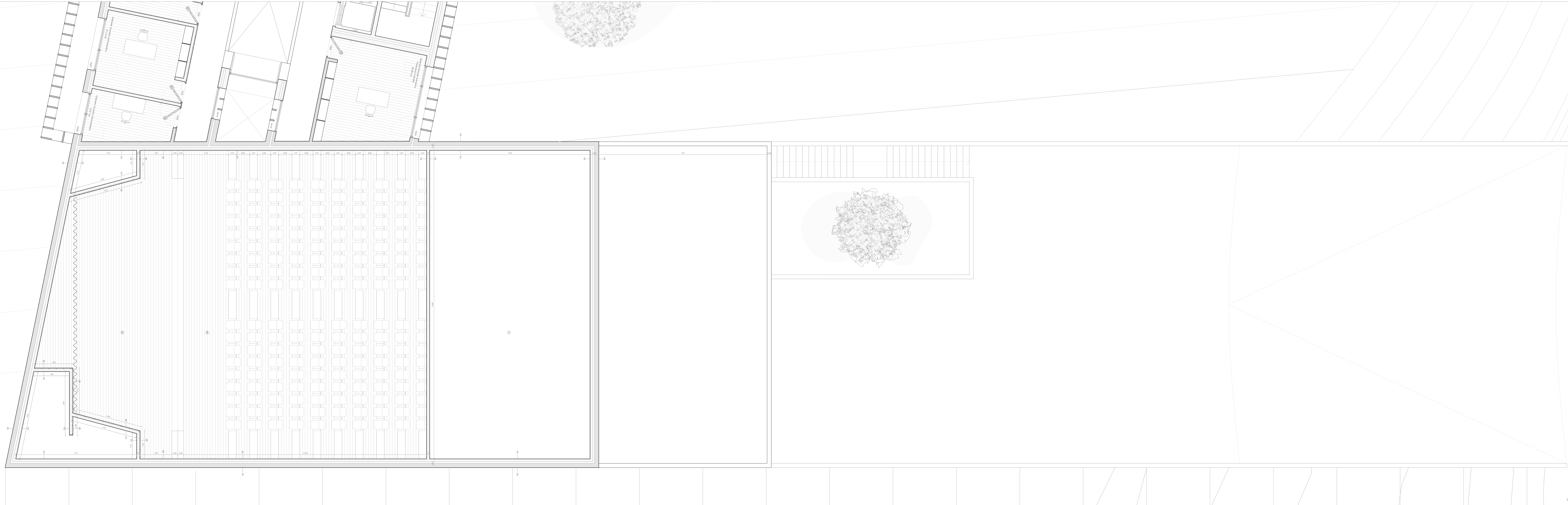




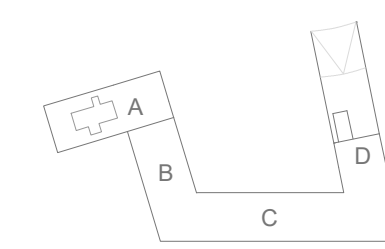
- 1 | Pavimento em microcimento tipo Secil cor O14
- 2 | Estuque pintado cor a definir
- 3 | Betão à vista espessura 20cm
- 4 | Revestimento em mármore Thassos de 2 cm de espessura
- 5 | Pavimento porcelânico técnico tipo Cinca coleção Flint cor Flint Glacier
- 6 | Revestimento porcelânico técnico a definir
- 7 | Betão à vista espessura 20cm
- 8 | Soaio em pinho tipo A.Barbosa
- 9 | Revestimento em painel Tricapa de 2cm de espessura tipo Binderholz
- 10 | Pavimento industrial em betão polido

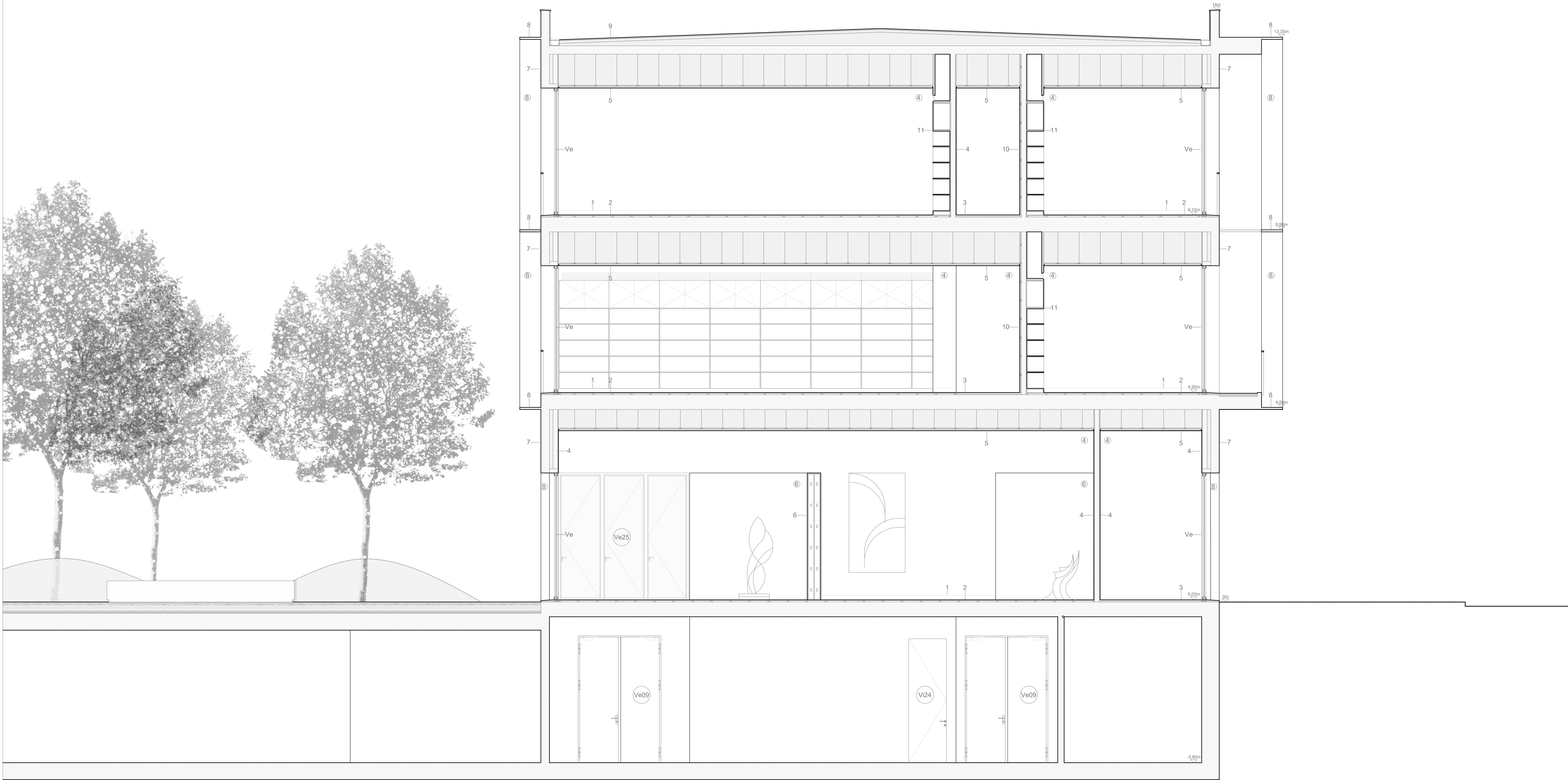




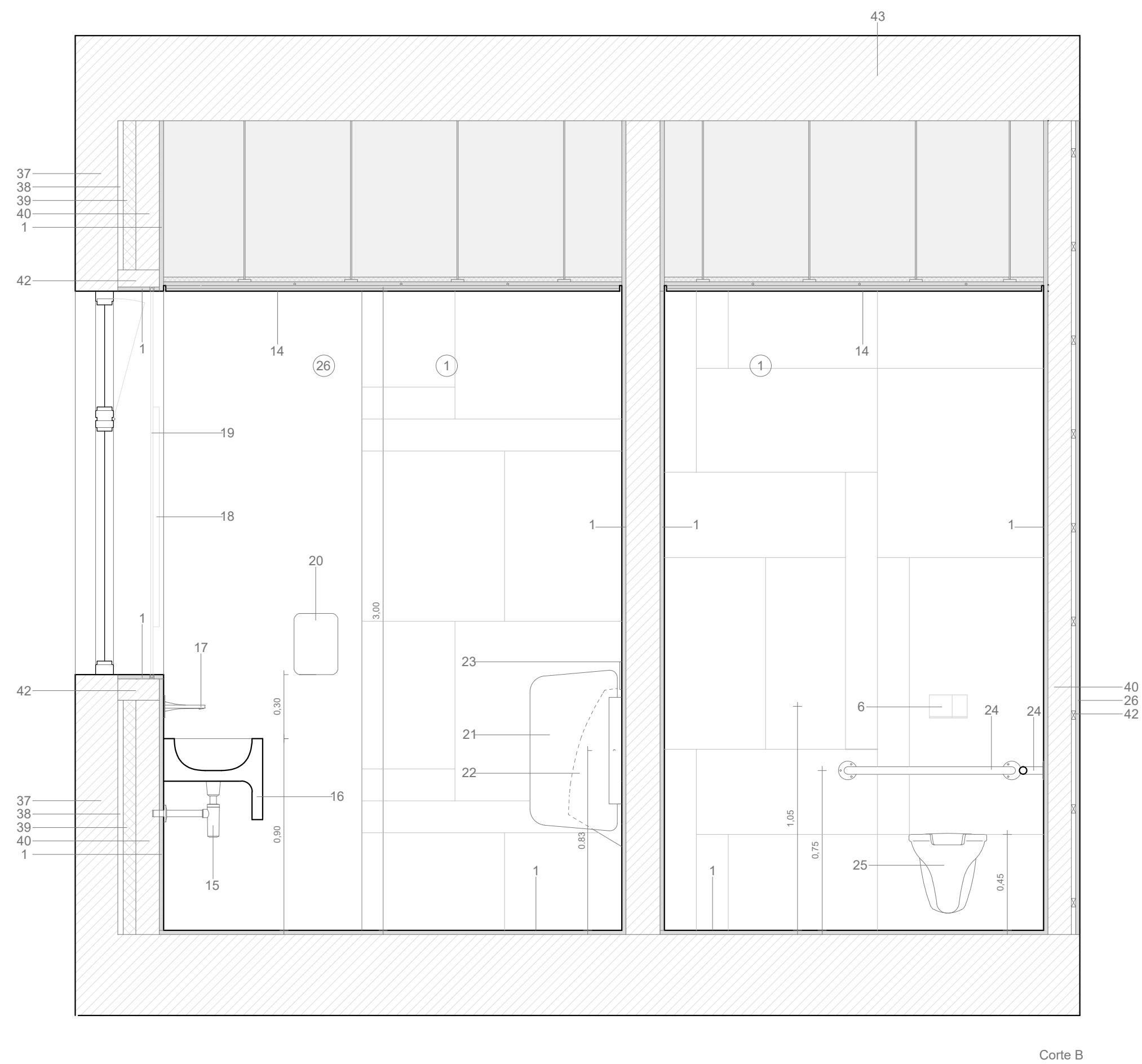
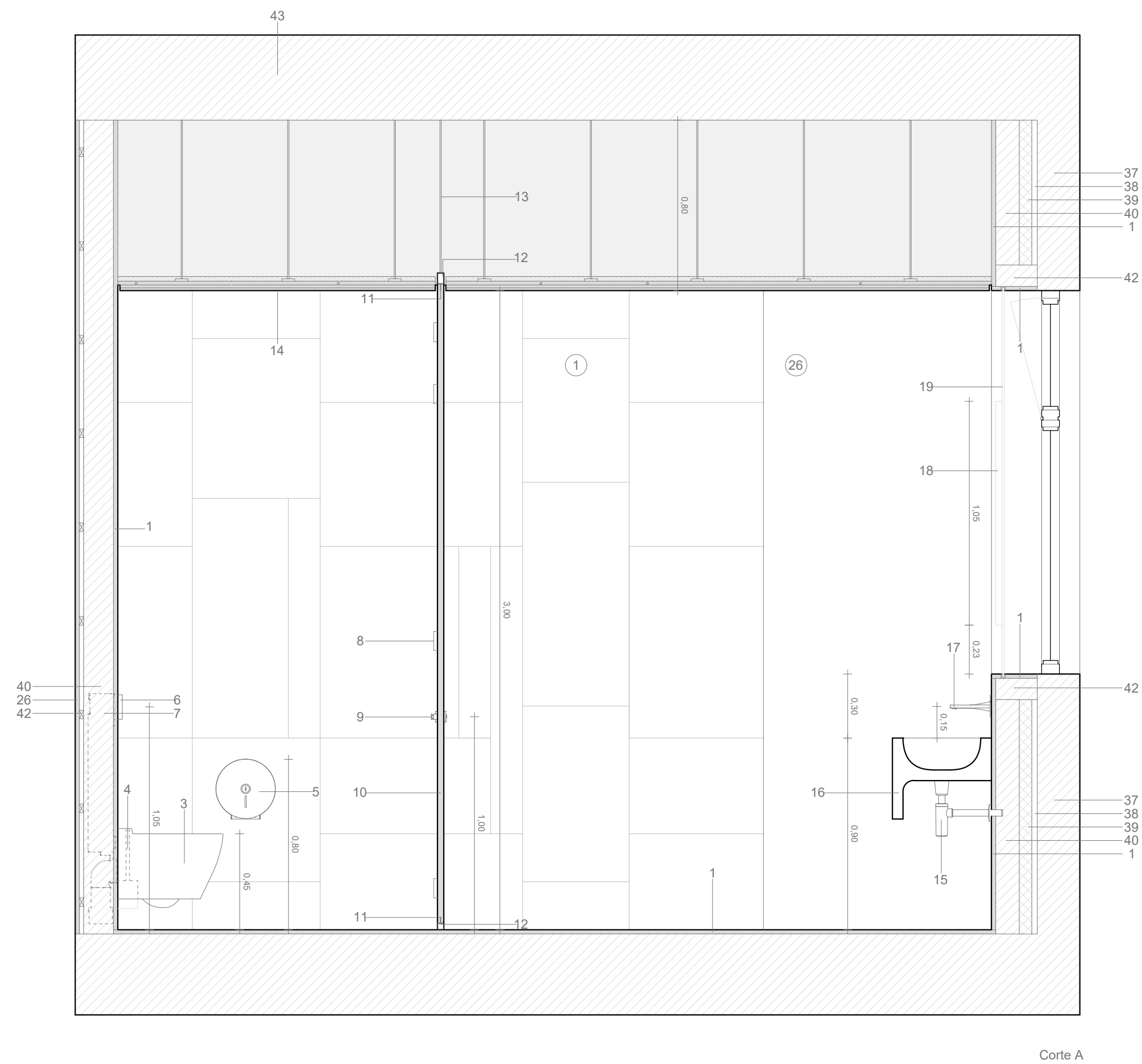
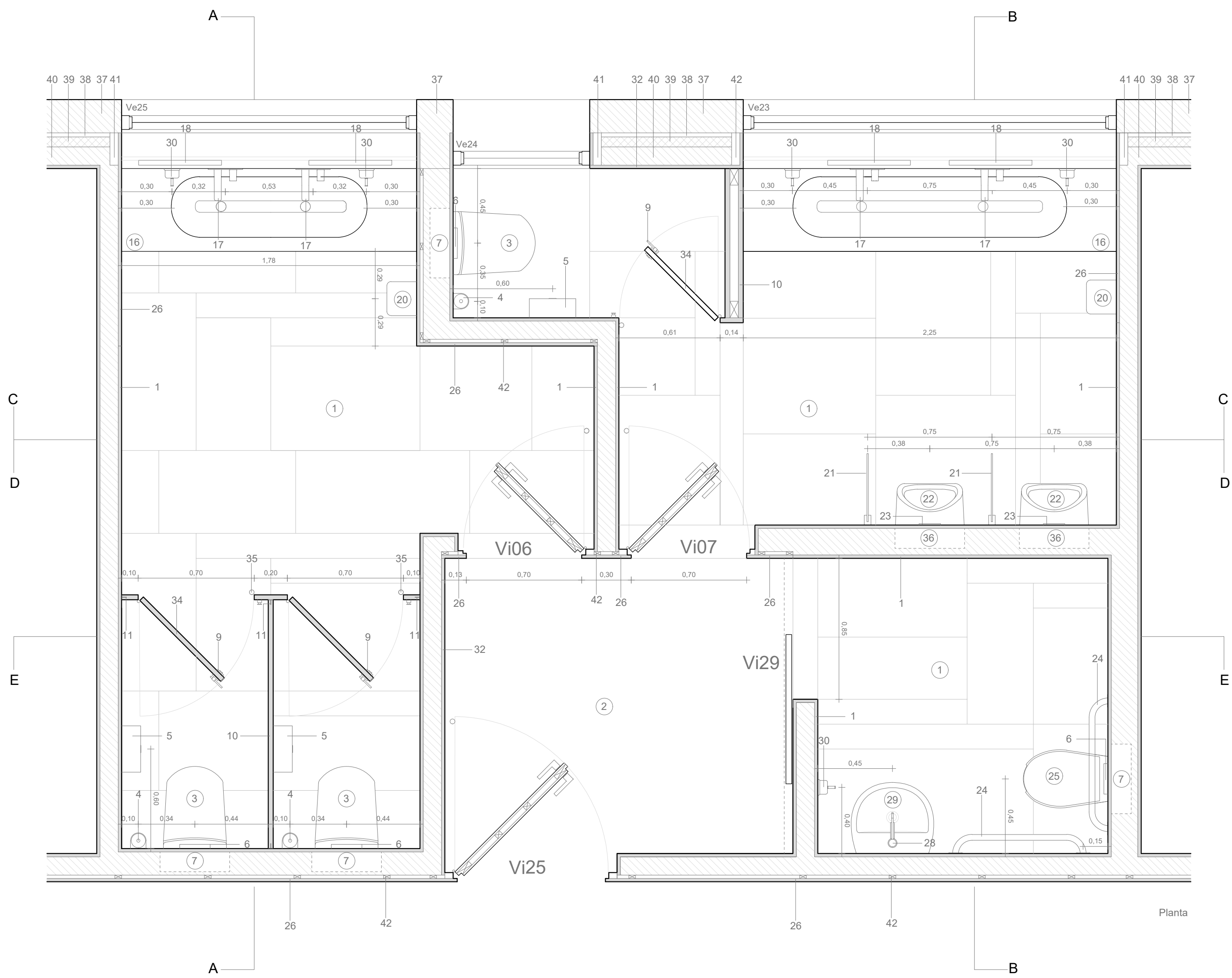


- 1 | Pavimento em microcimento tipo Socal cor O14
- 2 | Estuque pintado cor a definir
- 3 | Betão à vista espessura 20cm
- 4 | Revestimento em mármore Thassos de 2 cm de espessura
- 5 | Pavimento porcelânico técnico tipo Cinca colecção Flint cor Flint Glaciar
- 6 | Revestimento porcelânico técnico a definir
- 7 | Betão à vista espessura 20cm
- 8 | Soalho em pinho tipo A Barbosa
- 9 | Revestimento em painel Tricapa de 2cm de espessura tipo Binderholz
- 10 | Pavimento industrial em betão polido

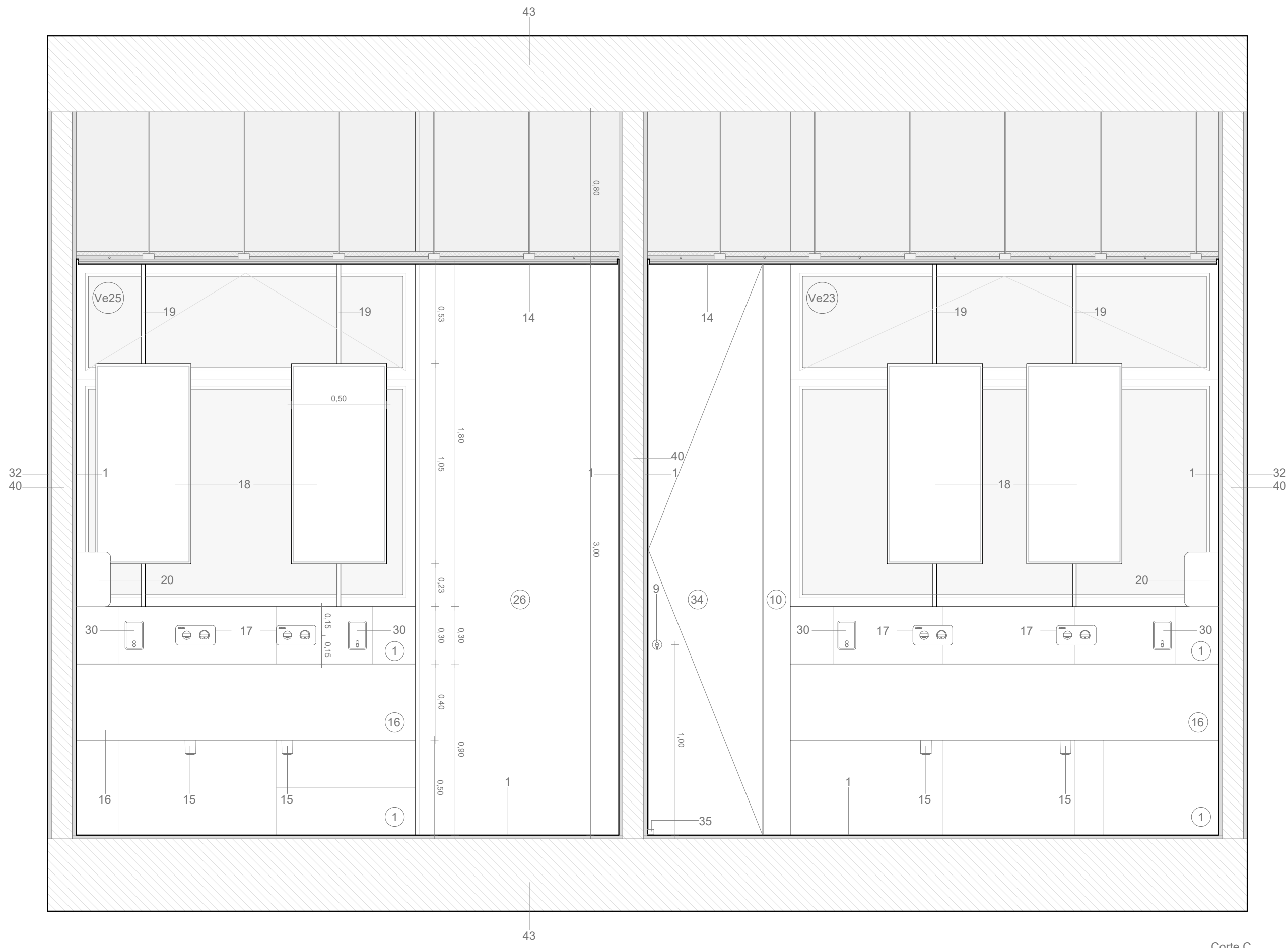




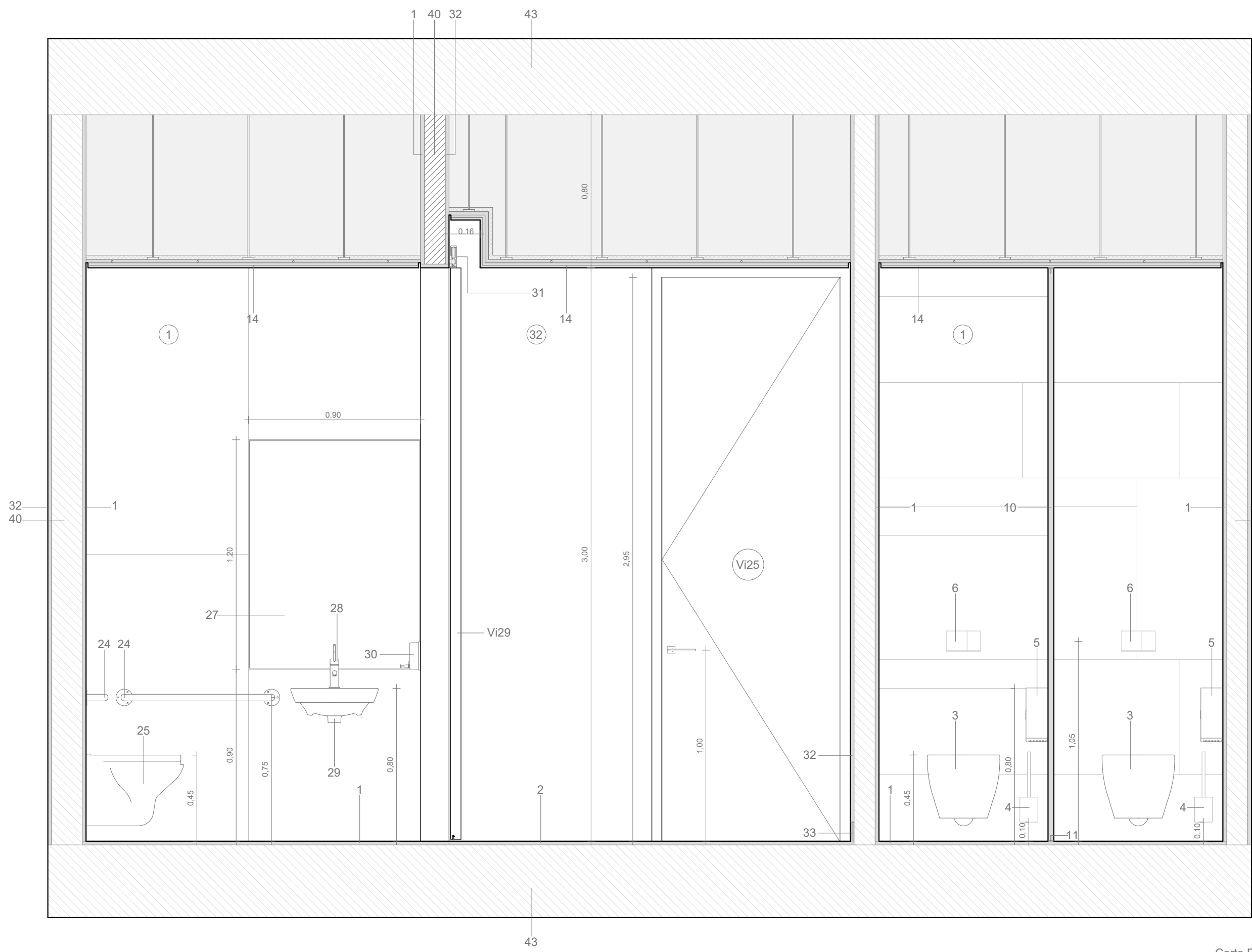
- 1 | Rodapé embutido de madeira pintado cor a definir
- 2 | Soalho em pinho tipo A.Barbosa
- 3 | Pavimento em microcimento tipo Secil cor O14
- 4 | Estuque pintado cor a definir
- 5 | Tecto em gesso cartonado tipo Tecto Suspenso Pladur Estrura Simples T-45
- 6 | Parede em gesso cartonado tipo Tabique de Separação - Dupla Câmara Única Pladur
- 7 | Betão á vista espessura 20cm
- 8 | Lamina prefabricada em betão
- 9 | Cobertura Invertida com isolamento térmico em XPS tipo Imperialum
- 10 | Revestimento em painel Tricapa de 2cm de espessura tipo Binderholz
- 11 | Armário em painel tricapa de 2cm de espessura tipo Binderholz



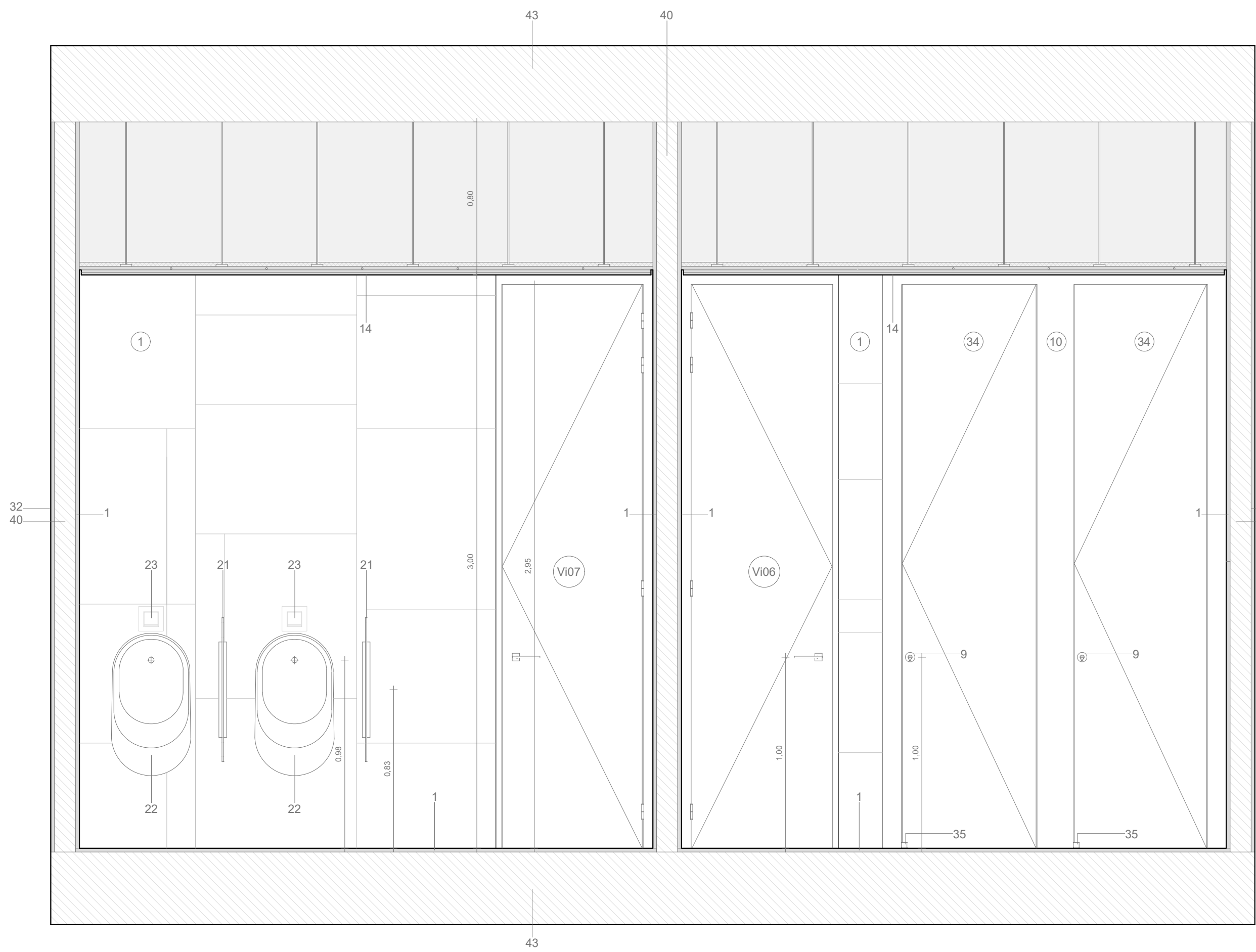
- 1 | Revestimento em mármore Thassos de 2 cm de espessura
- 2 | Pavimento em microcimento tipo Secil cor O14
- 3 | Sanita suspensa tipo Valadares modelo One - ref 40001002
- 4 | Porta piaçaba em aço inoxidável de parede tipo JNF modelo Meridian - ref MR.46.007
- 5 | Dispensador de papel em aço inoxidável tipo JNF modelo Jumbo - IN.60.489
- 6 | Placa de comando de descarga tipo Geberit Omega 60 - ref 115.081.GH.1
- 7 | Estrutura para sanita suspensa tipo Geberit Kombifix com autoclismo interior Omega 12cm - ref 110.020.00.1
- 8 | Dobradiça com fecho suave em aço inoxidável tipo JNF modelo SM.006 A2
- 9 | Fecho com indicador livro ou ocupado em aço inox tipo JNF modelo SM.026
- 10 | Cabine em painel Tricapa de 3cm espessura tipo Binderholz
- 11 | Perfil em "T" de 3x3mm por 2mm de espessura tipo Alu-stock
- 12 | Perfil quadrado de 3x3 mm por 2mm de espessura tipo Alu-stock
- 13 | Varão roscado de 6mm de espessura
- 14 | Tecto em gesso cartonado tipo Tecto Suspenso Pladur Estrura Simples T-45
- 15 | Sifão de garrafa para lavatório com saída horizontal tipo Gerebit- ref 151.034.21.1
- 16 | Lavatório em mármore Thassos feito por medida
- 17 | Misturadora de encastrar de lavatório tipo Sanidusa modelo Line 42 - ref 5552301
- 18 | Espelho
- 19 | Varão de suporte ao espelho com sistema de rodízios
- 20 | Secador de mãos automático em aço inoxidável tipo JNF modelo IN.60.549
- 21 | Separador de Urinol em vidro tipo Gerebit - ref 115.211.TD.1
- 22 | Urinol tipo Valadares modelo Orbital - ref 78560002K
- 23 | Sis. de descarga p/ urinol c/ acionamento pneumático, placa de comando de desc. tipo Gerebit série 30 - ref 116.017.KH.1
- 24 | Apoio aço inox de 80cm tipo Valadares linha PMR - ref 55140060
- 25 | Sanita suspensa tipo Valadares linha PMR - ref 18003002
- 26 | Revestimento em painel Tricapa de 2cm de espessura tipo Binderholz
- 27 | Espelho encastrado na parede
- 28 | Torneira de lavatório tipo Valadares linha PMR Style - ref 50663022
- 29 | Lavatório paramobilidade reduzida tipo Sanidusa modelo Easy - ref 131330
- 30 | Dispensador de sabão líquido em aço inoxidável tipo JNF modelo IN.60.483
- 31 | Kit completo para portas de correr de madeira tipo JNF modelo IN 15.091.1
- 32 | Estuque pintado cor a definir
- 33 | Rodapé embutido de madeira pintado cor a definir
- 34 | Porta de cabine em painel tricapa de 3cm de espessura tipo Binderholz
- 35 | Batente de chão tipo JNF modelo Loft IN.13.185.30
- 36 | Estrutura para urinol tipo Gerebit modelo Kombifix - ref 457.611.00.1
- 37 | Betão á vista espessura 20cm
- 38 | Caixa de Ar
- 39 | Isolamento térmico tipo Roofmate 6cm esp.
- 40 | Tijolo tradicional 1cm esp. tipo Preceram ref. PR302011170610
- 41 | Peça de remate em betão pré-fabricado
- 42 | Régua de Madeira
- 43 | Laje em betão armado



Corte C



Corte E

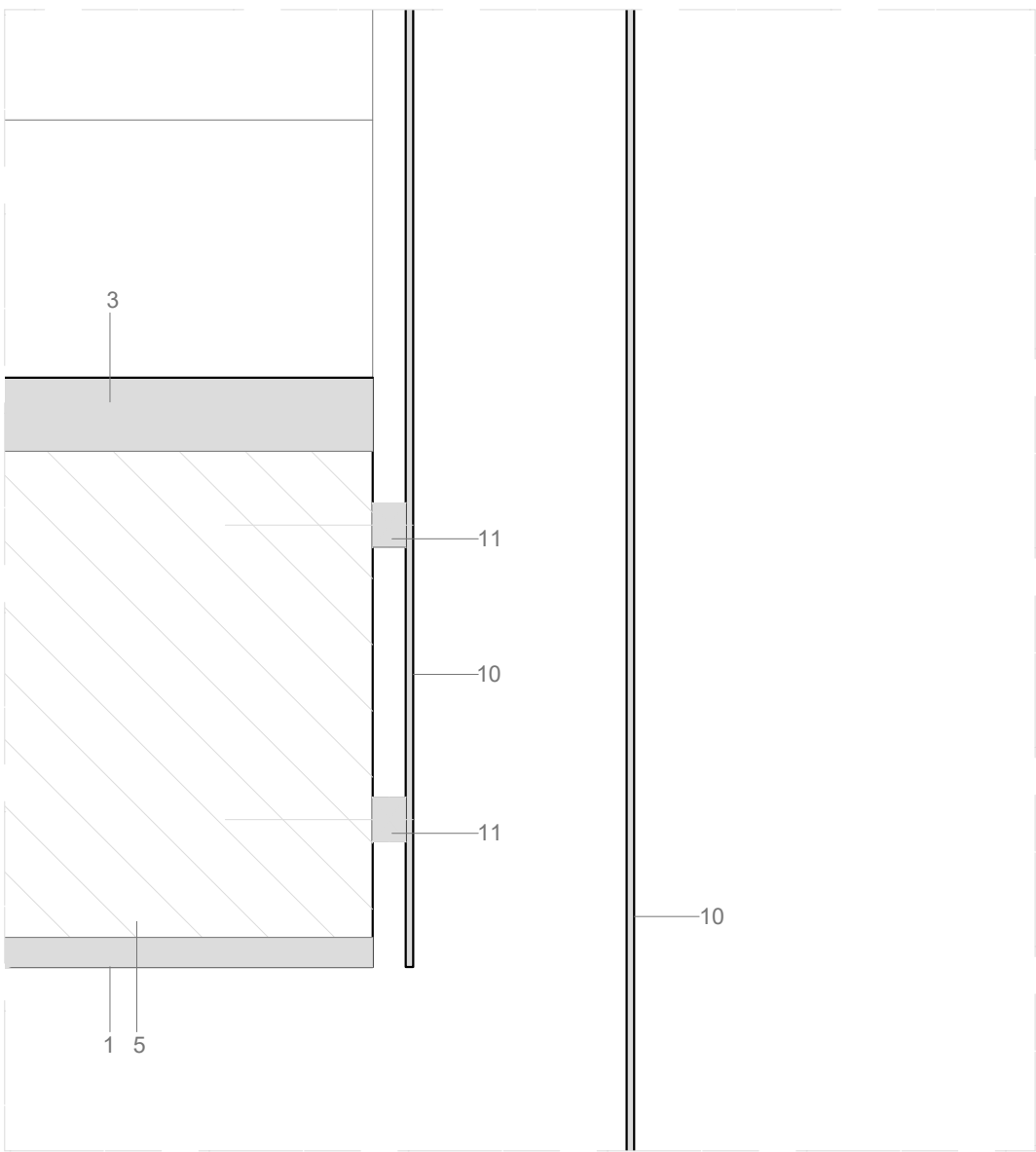
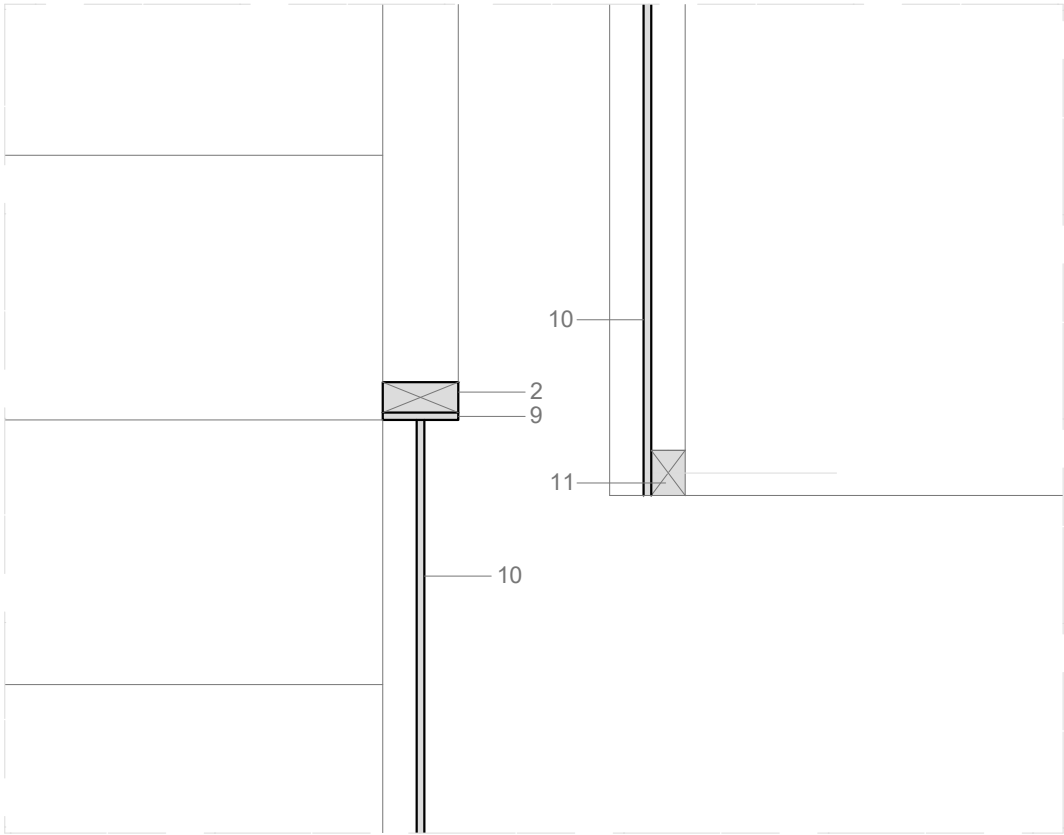


Corte D

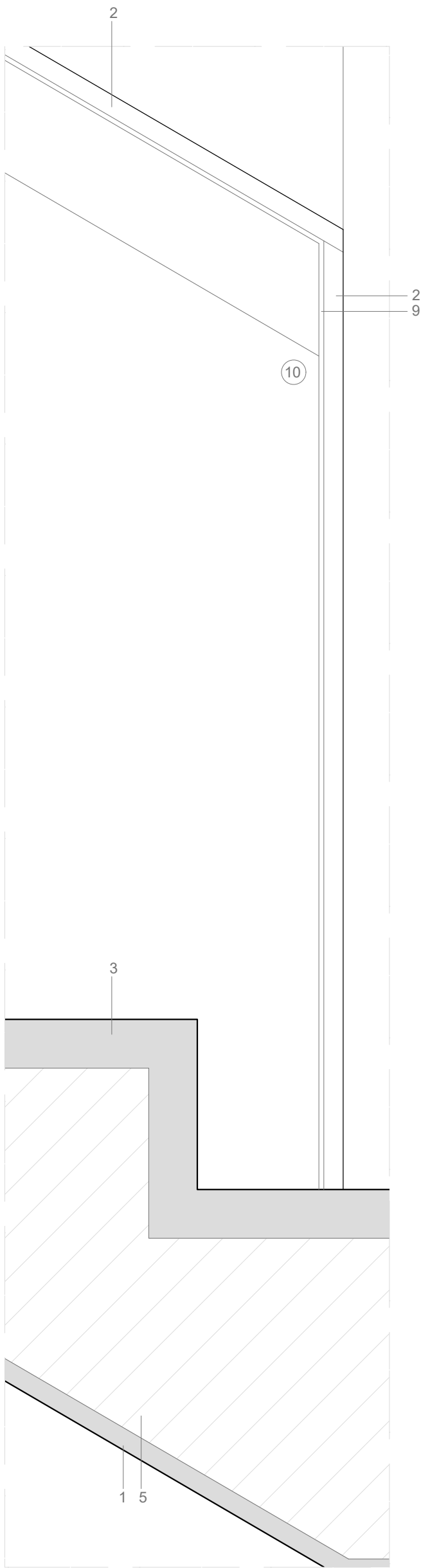
- 1 | Revestimento em mármore Thassos de 2 cm de espessura
- 2 | Pavimento em microcimento tipo Secil cor O14
- 3 | Sanita suspensa tipo Valadares modelo One - ref 40001002
- 4 | Porta piaçaba em aço inoxidável de parede tipo JNF modelo Meridian - ref MR.46.007
- 5 | Dispensador de papel em aço inoxidável tipo JNF modelo Jumbo - IN.60.489
- 6 | Placa de comando de descarga tipo Geberit Omega 60 - ref 115.081.GH.1
- 7 | Estrutura para sanita suspensa tipo Geberit Kombifix com autoclismo interior Omega 12cm - ref 110.020.00.1
- 8 | Dobradiça com fecho suave em aço inoxidável tipo JNF modelo SM.006 A2
- 9 | Fecho com indicador livro ou ocupado em aço inox tipo JNF modelo SM.026
- 10 | Cabine em painel Tricapa de 3cm espessura tipo Binderholz
- 11 | Perfil em "T" de 3x3mm por 2mm de espessura tipo Alu-stock
- 12 | Perfil quadrado de 3x3 mm por 2mm de espessura tipo Alu-stock
- 13 | Varão roscado de 6mm de espessura
- 14 | Tecto em gesso cartonado tipo Tecto Suspenso Pladur Estrura Simples T-45
- 15 | Sifão de garrafa para lavatório com saída horizontal tipo Gerebit- ref 151.034.21.1
- 16 | Lavatório em mármore Thassos feito por medida
- 17 | Misturadora de encastrar de lavatório tipo Sanidusa modelo Line 42 - ref 5552301
- 18 | Espelho
- 19 | Varão de suporte ao espelho com sistema de rodízios
- 20 | Secador de mãos automático em aço inoxidável tipo JNF modelo IN.60.549
- 21 | Separador de Urinol em vidro tipo Gerebit - ref 115.211.TD.1
- 22 | Urinol tipo Valadares modelo Orbital - ref 78560002K
- 23 | Sis. de descarga p/ urinol c/ acionamento pneumático, placa de comando de desc. tipo Gerebit série 30 - ref 116.017.KH.1
- 24 | Apoio aço inox de 80cm tipo Valadares linha PMR - ref 55140060
- 25 | Sanita suspensa tipo Valadares linha PMR - ref 18003002
- 26 | Revestimento em painel Tricapa de 2cm de espessura tipo Binderholz
- 27 | Espelho encastrado na parede
- 28 | Torneira de lavatório tipo Valadares linha PMR Style - ref 50663022
- 29 | Lavatório paramobilidade reduzida tipo Sanidusa modelo Easy - ref 131330
- 30 | Dispensador de sabão líquido em aço inoxidável tipo JNF modelo IN.60.483
- 31 | Kit completo para portas de correr de madeira tipo JNF modelo IN 15.091.1
- 32 | Estuque pintado cor a definir
- 33 | Rodapé embutido de madeira pintado cor a definir
- 34 | Porta de cabine em painel tricapa de 3cm de espessura tipo Binderholz
- 35 | Batente de chão tipo JNF modelo Loft IN.13.185.30
- 36 | Estrutura para urinol tipo Gerebit modelo Kombifix - ref 457.611.00.1
- 37 | Betão á vista espessura 20cm
- 38 | Caixa de Ar
- 39 | Isolamento térmico tipo Roofmate 6cm esp.
- 40 | Tijolo tradicional 1cm esp. tipo Preceram ref. PR30201170610
- 41 | Peça de remate em betão pré-fabricado
- 42 | Régua de Madeira
- 43 | Laje em betão armado



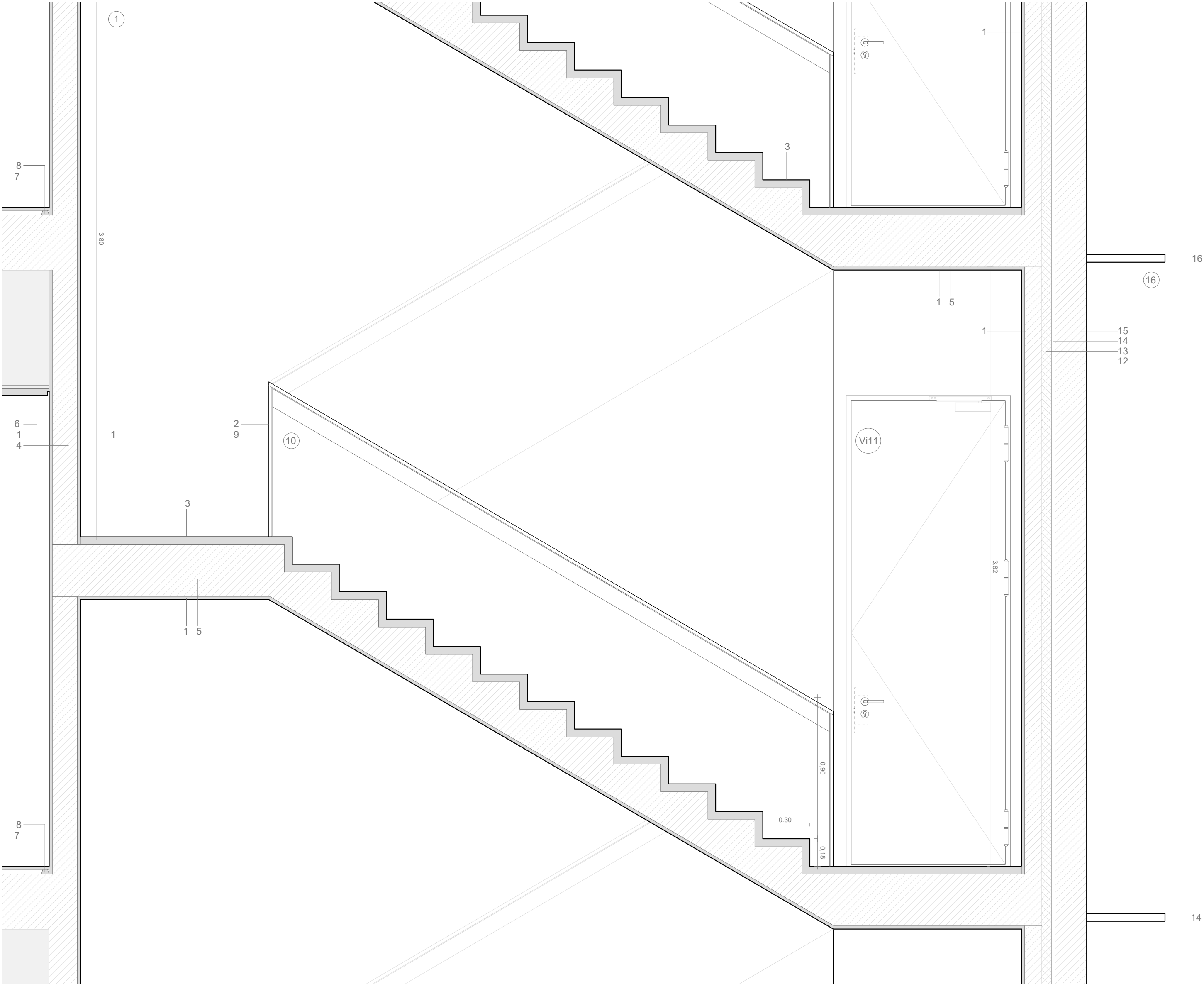
- | | | |
|-------------------------|---|---------------|
| ISCTE-IUL | Projecto Final de Arquitectura | Dezembro 2020 |
| Inês Tavares Manso Dias | Projecto para edificio sede da AMI em Alcântara | 30 |
| | Escadas de Incêndio | |



Porm. A

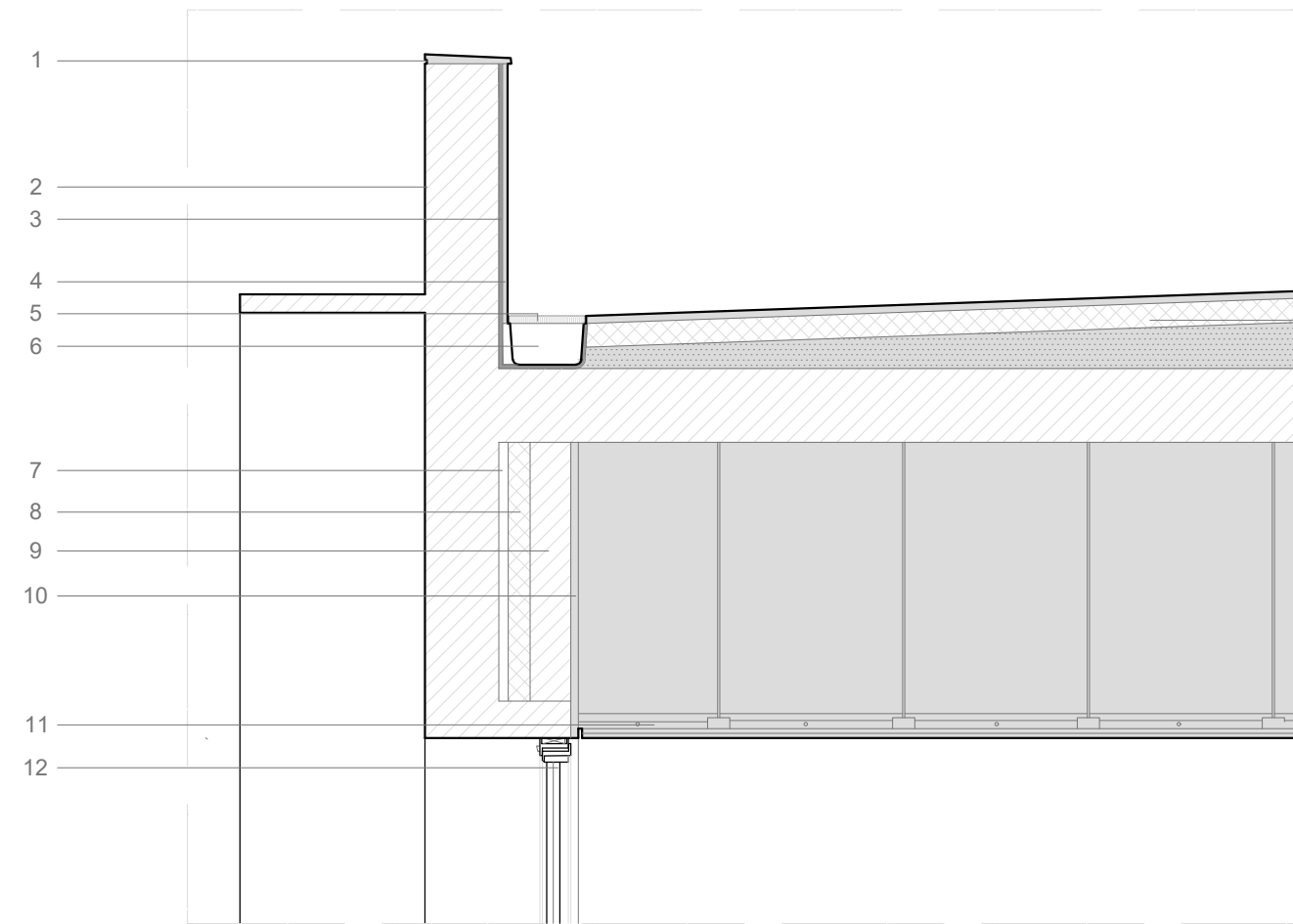


Porm. B

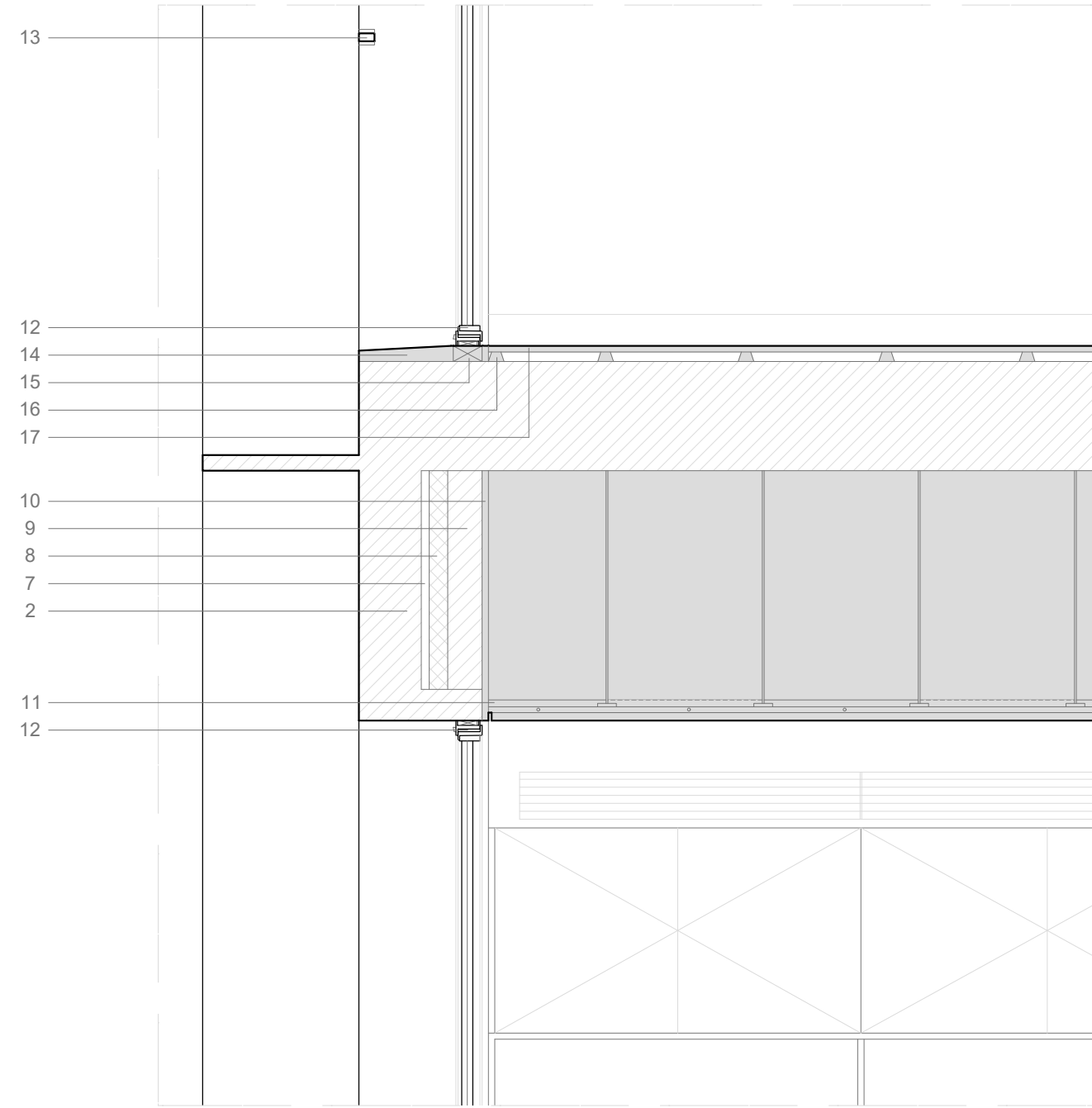


Corte C

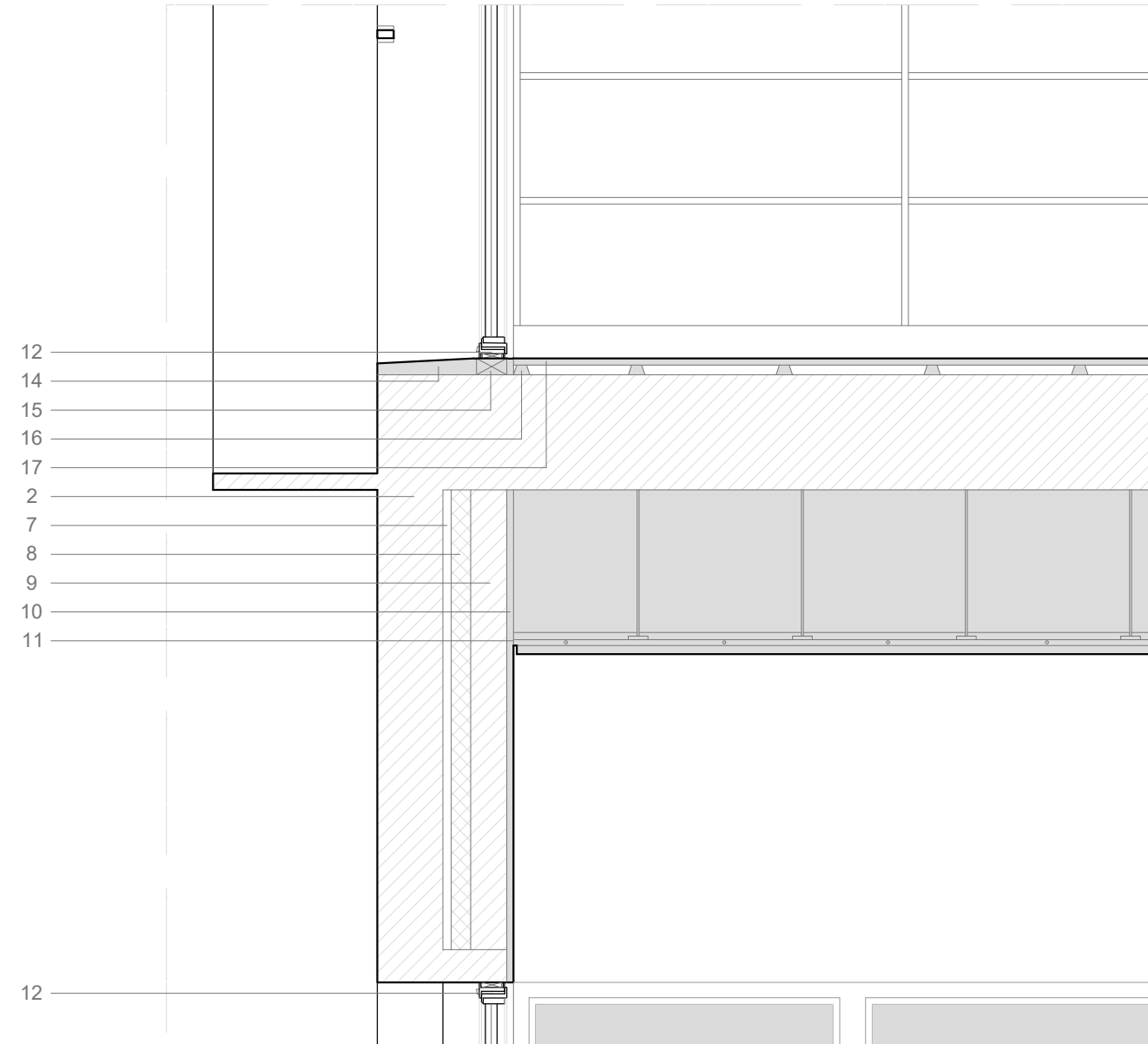
- 1 | Estuque pintado cor a definir
- 2 | Corrimão em Tricapa de 2cm de espessura tipo Binderholz
- 3 | Pavimento em microcimento tipo Secil cor O14
- 4 | Tijolo tradicional 15cm esp. tipo Preceram ref. PR302015170610
- 5 | Laje em betão armado
- 6 | Tecto em gesso cartonado tipo Tecto Suspenso Pladur Estrura Simples T-45
- 7 | Soalho em pinho tipo A.Barbosa
- 8 | Sarrafo em madeira
- 9 | Perfil rectangular metálico para pintar, cor a definir
- 10 | Chapa metálica para pintar, cor a definir
- 11 | Elemento de fixação
- 12 | Tijolo tradicional 11cm esp. tipo Preceram ref. PR302011170610
- 13 | Isolamento térmico tipo Roofmate 6cm esp.
- 14 | Caixa de Ar
- 15 | Betão à vista espessura 20cm
- 16 | Lamina pré-fabricada em betão



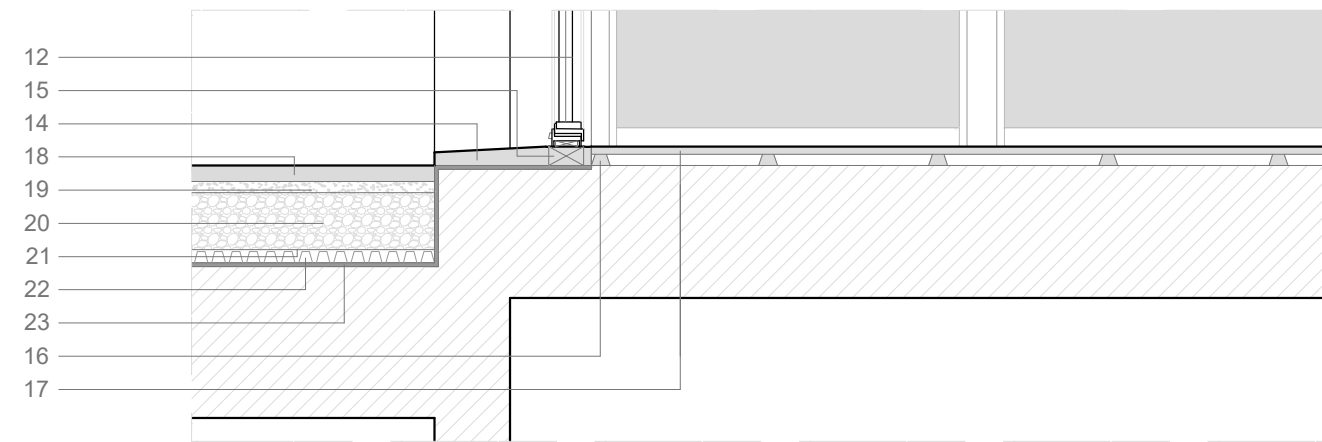
Pormenor 1



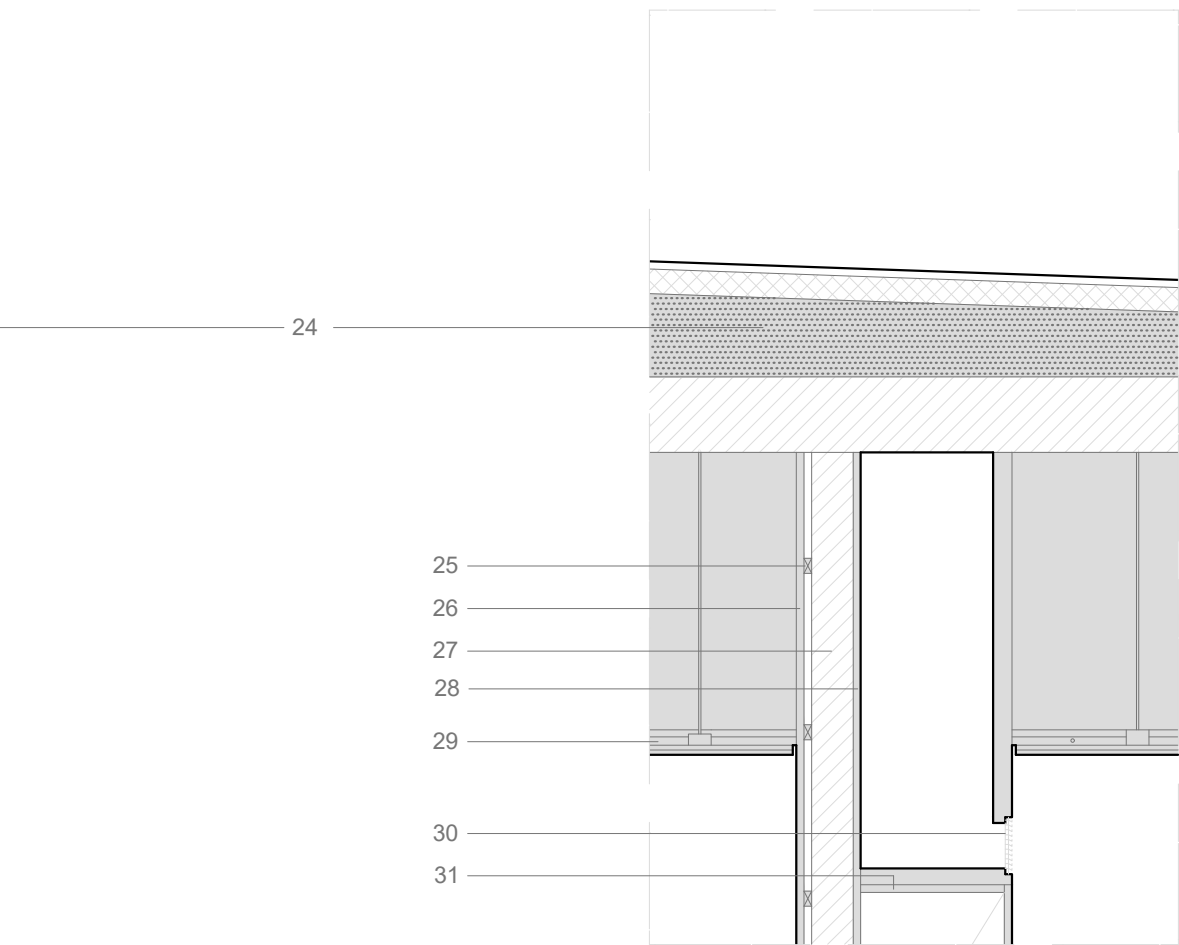
Pormenor 2



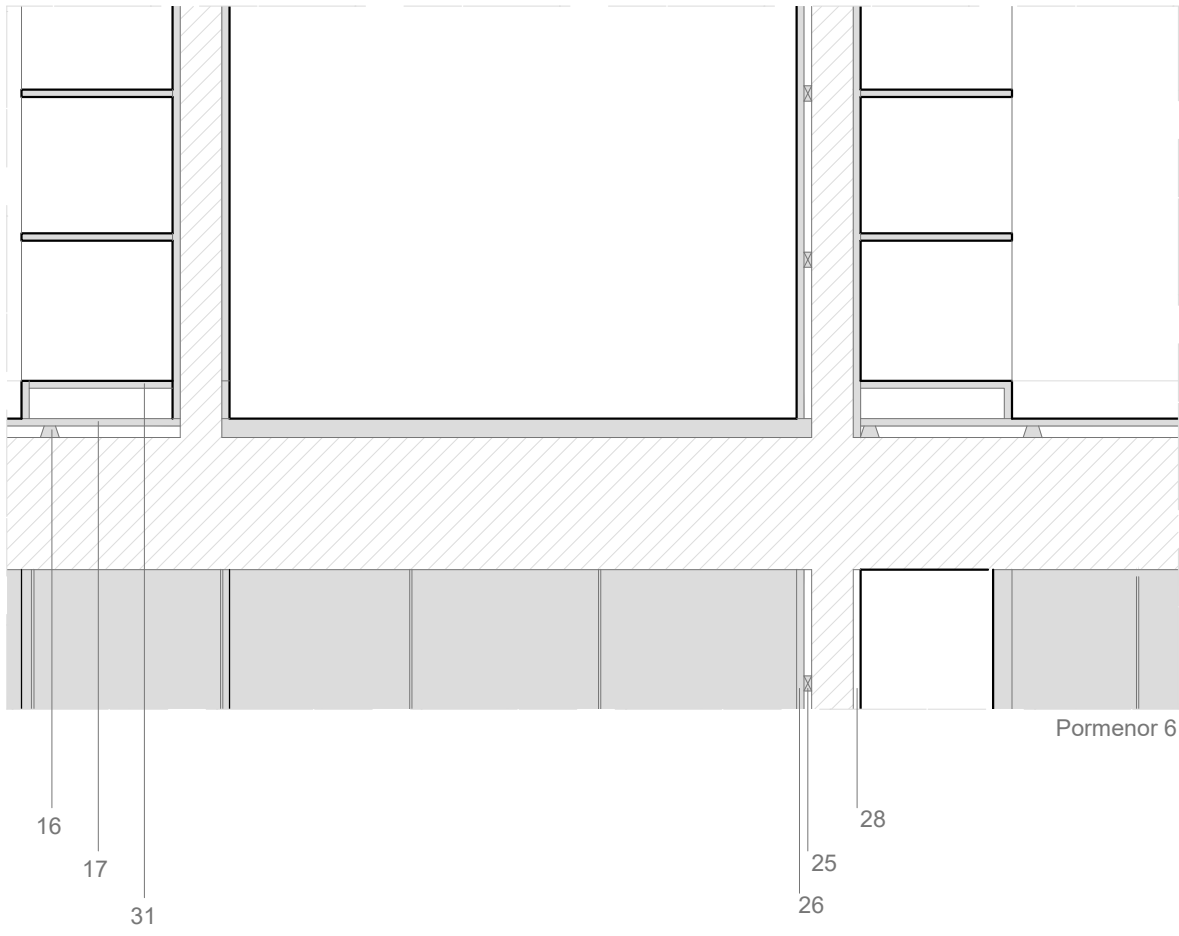
Pormenor 3



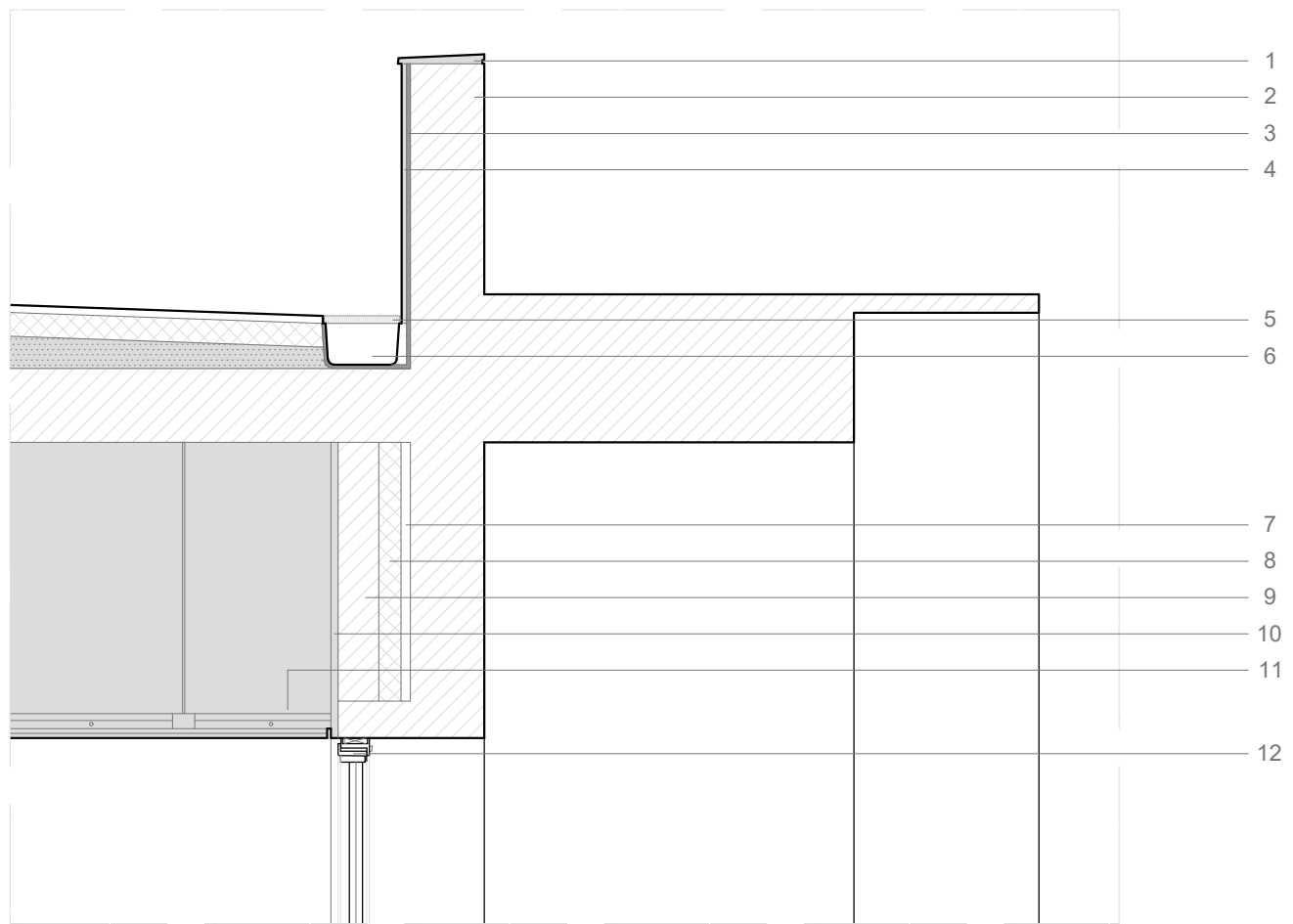
Pormenor 4



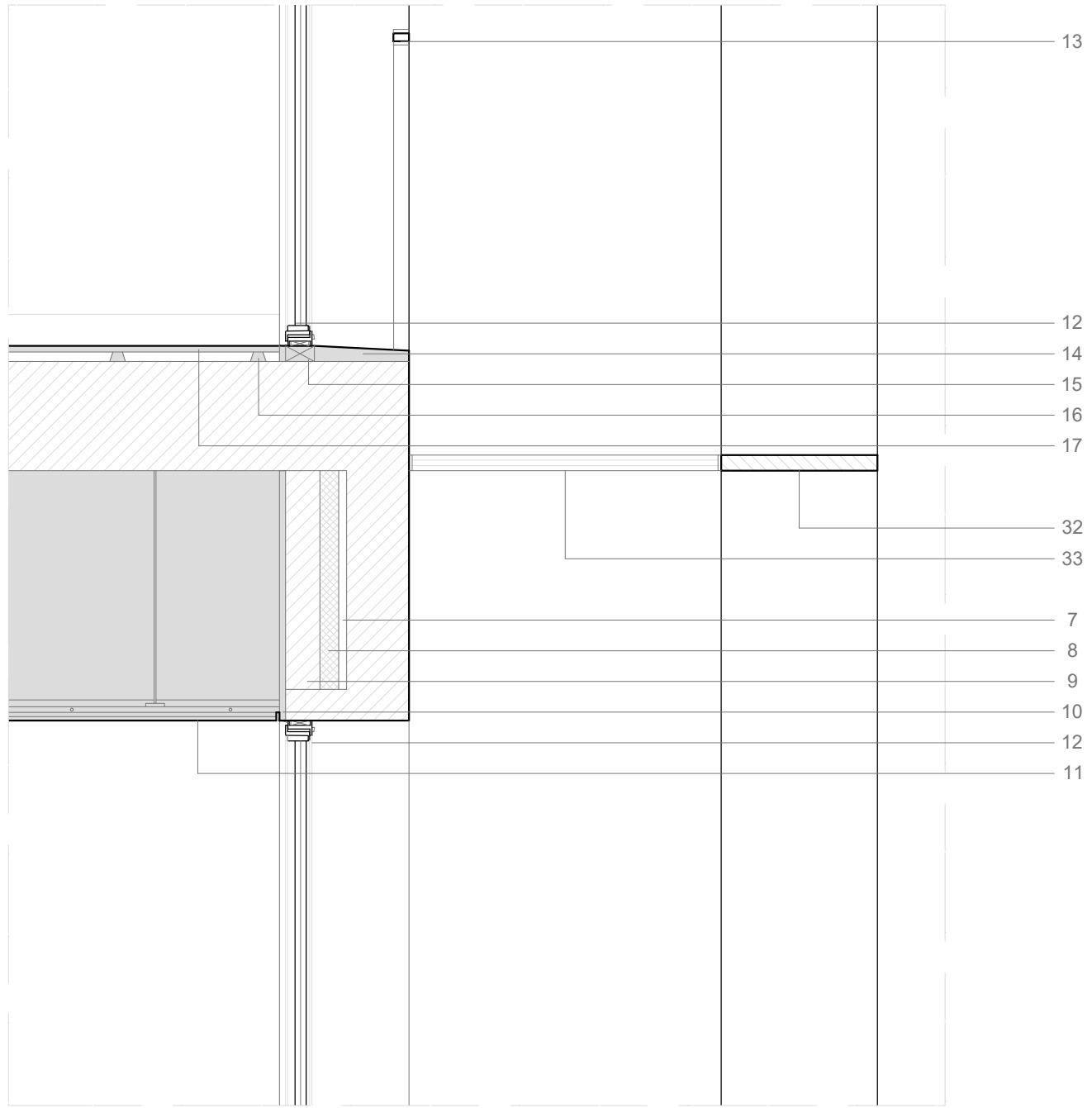
Pormenor 5



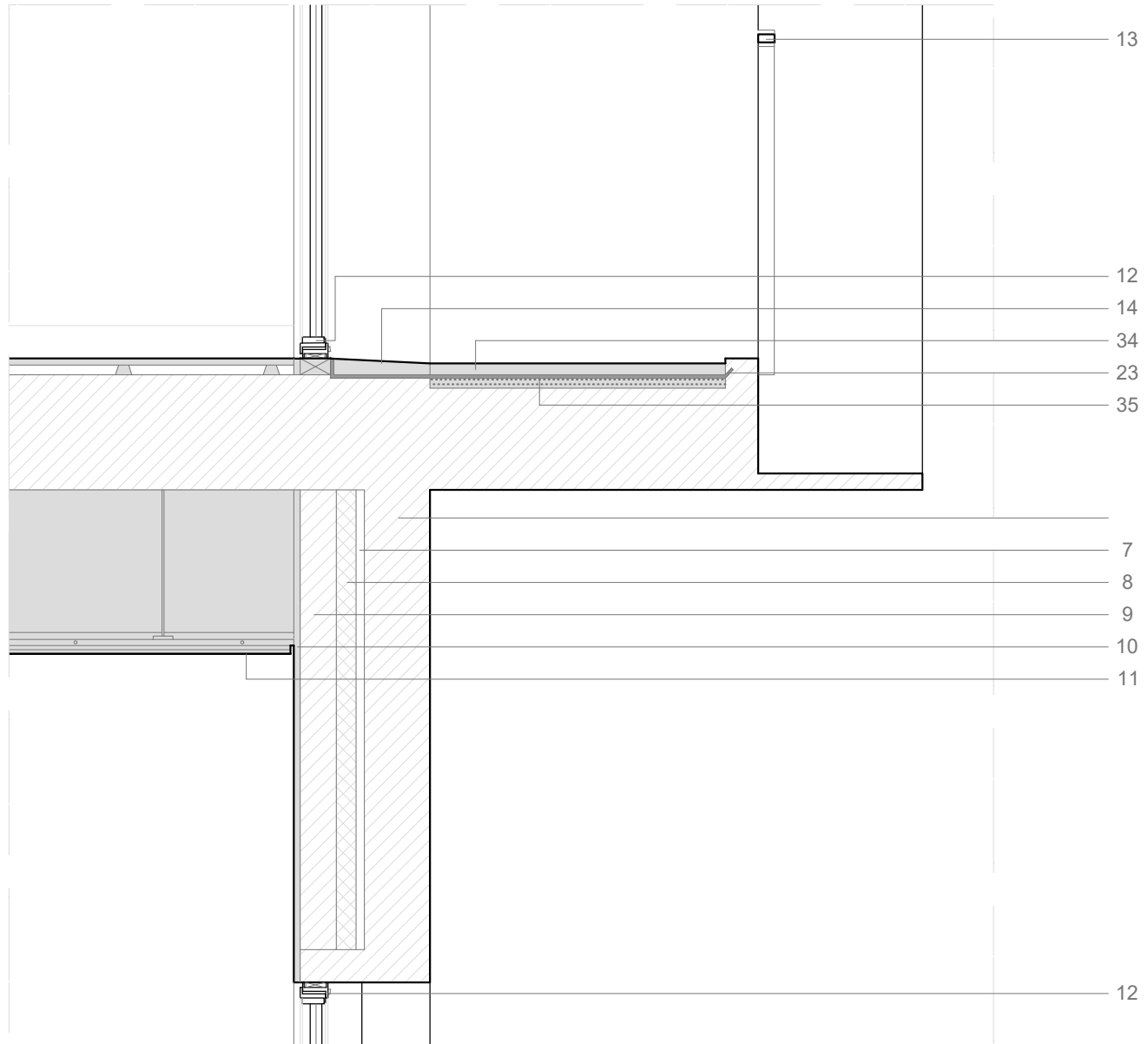
Pormenor 6



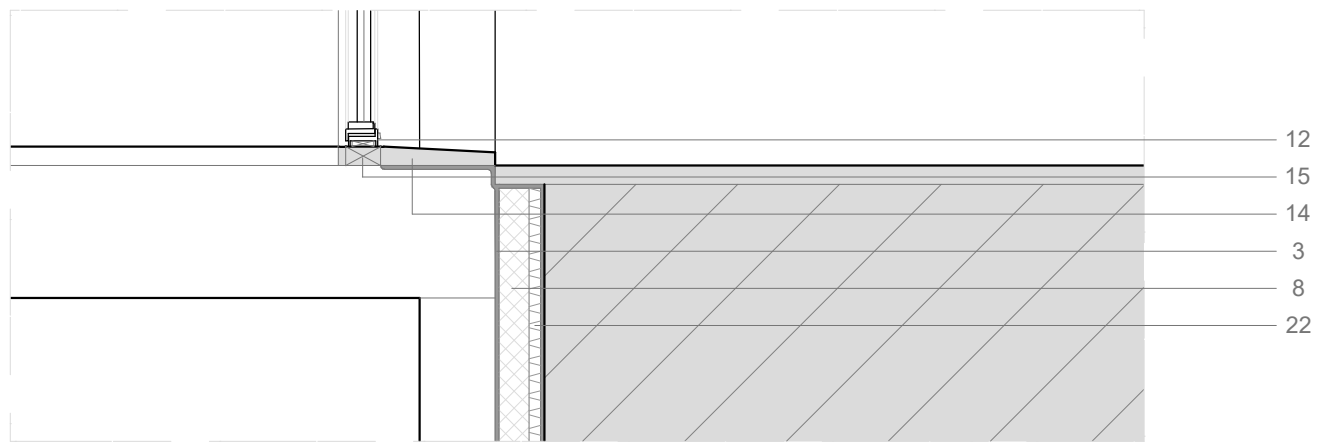
Pormenor 7



Pormenor 8

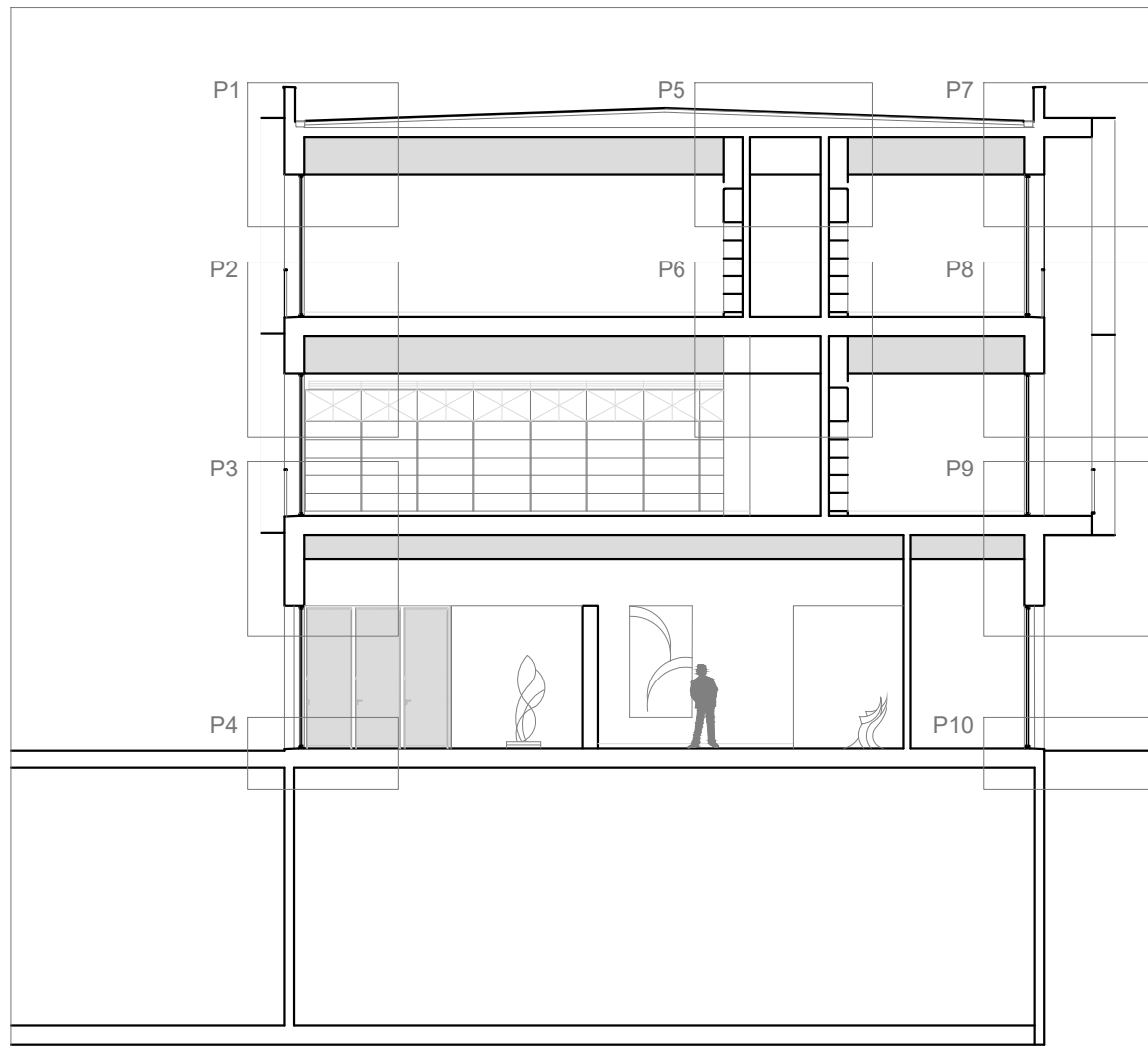


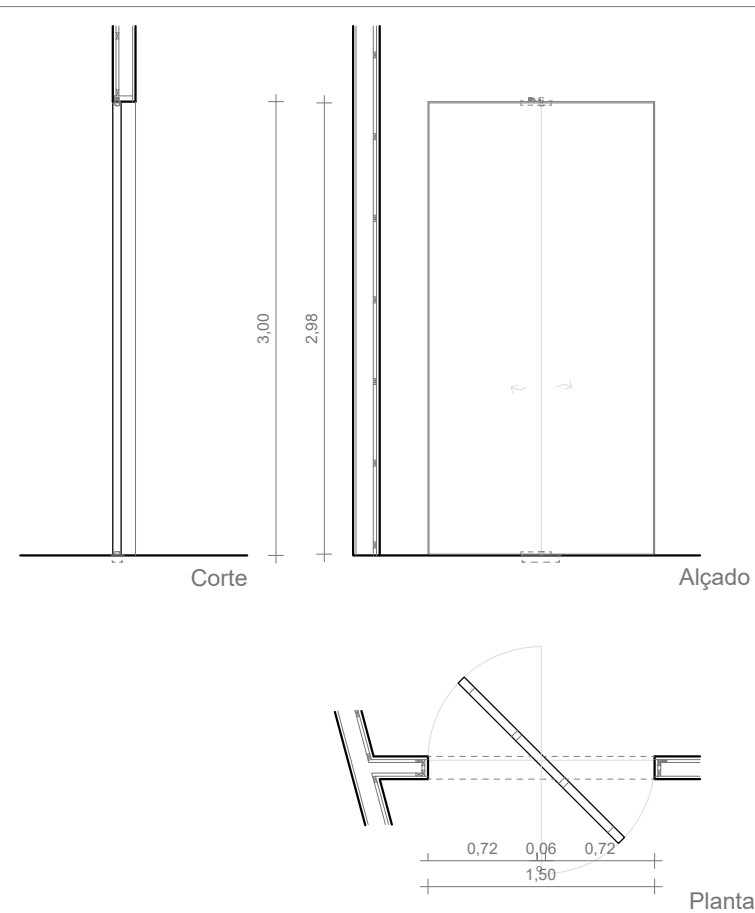
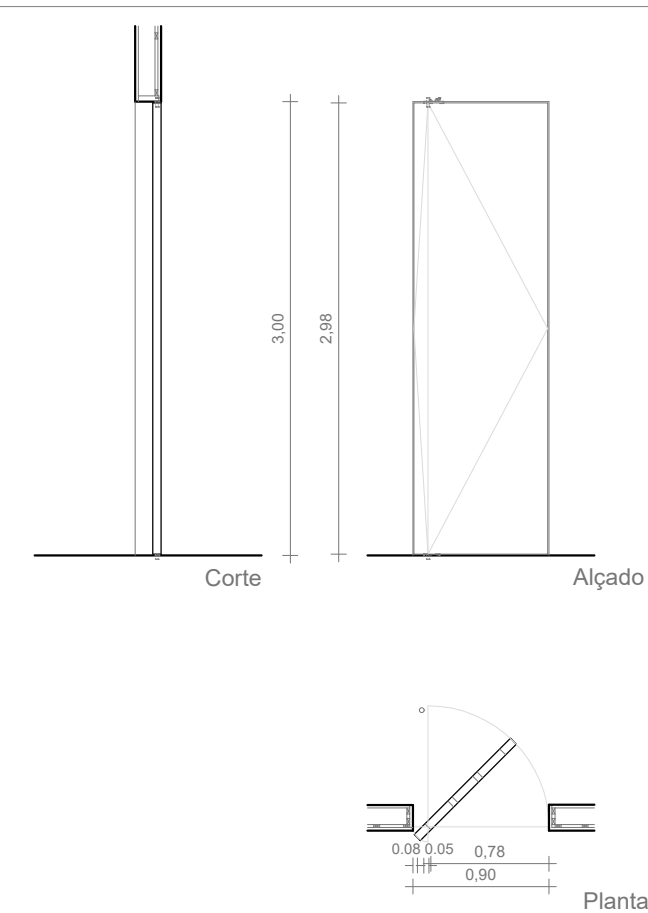
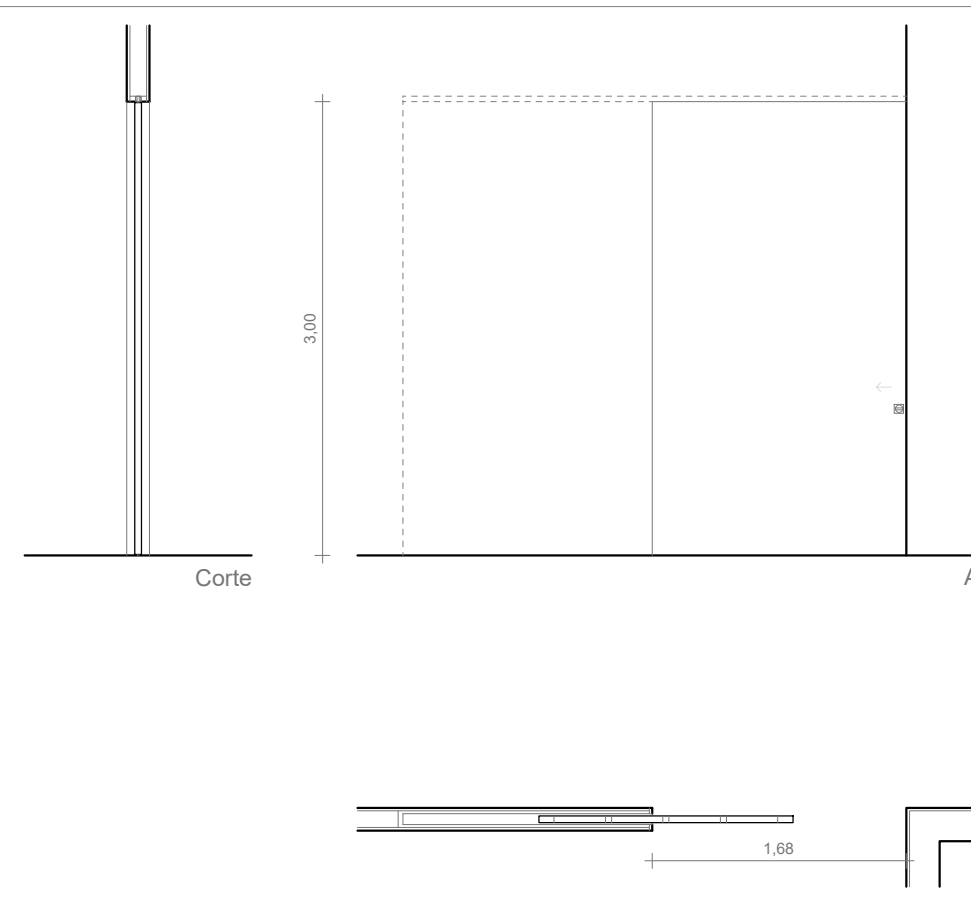
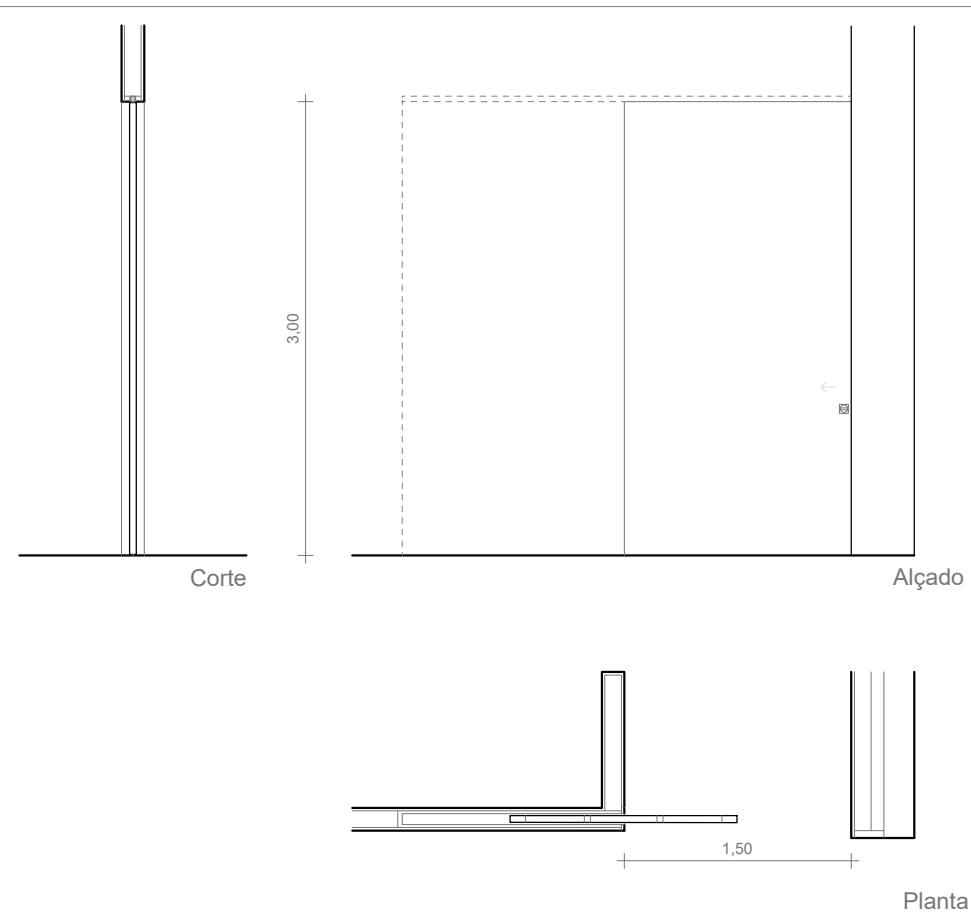
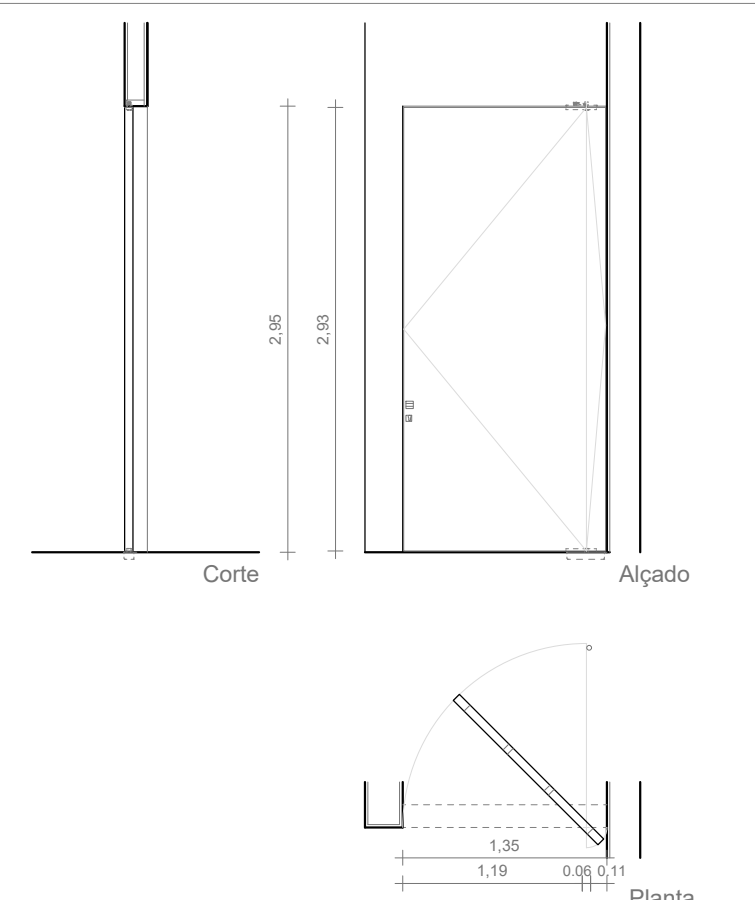
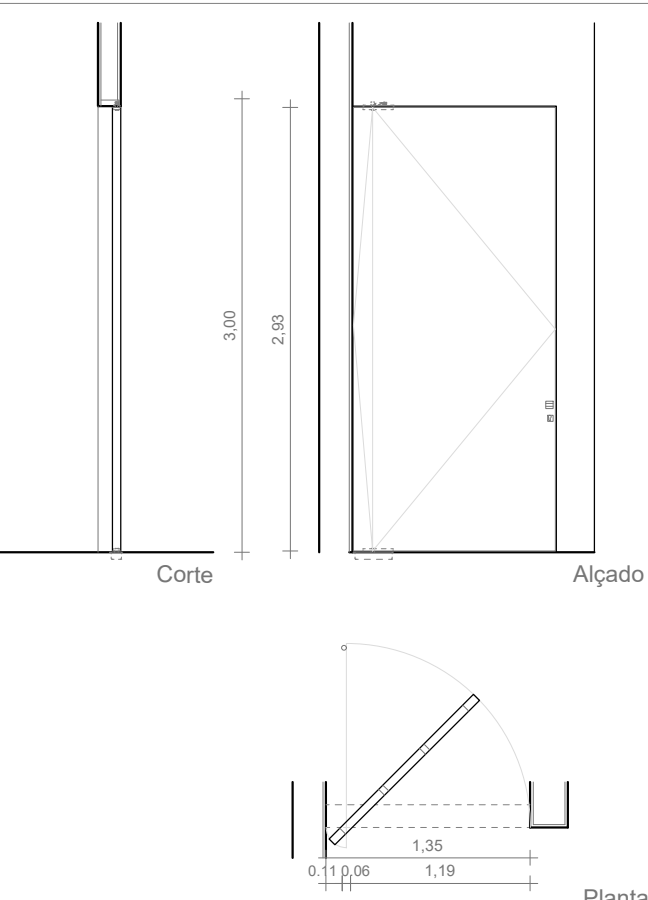
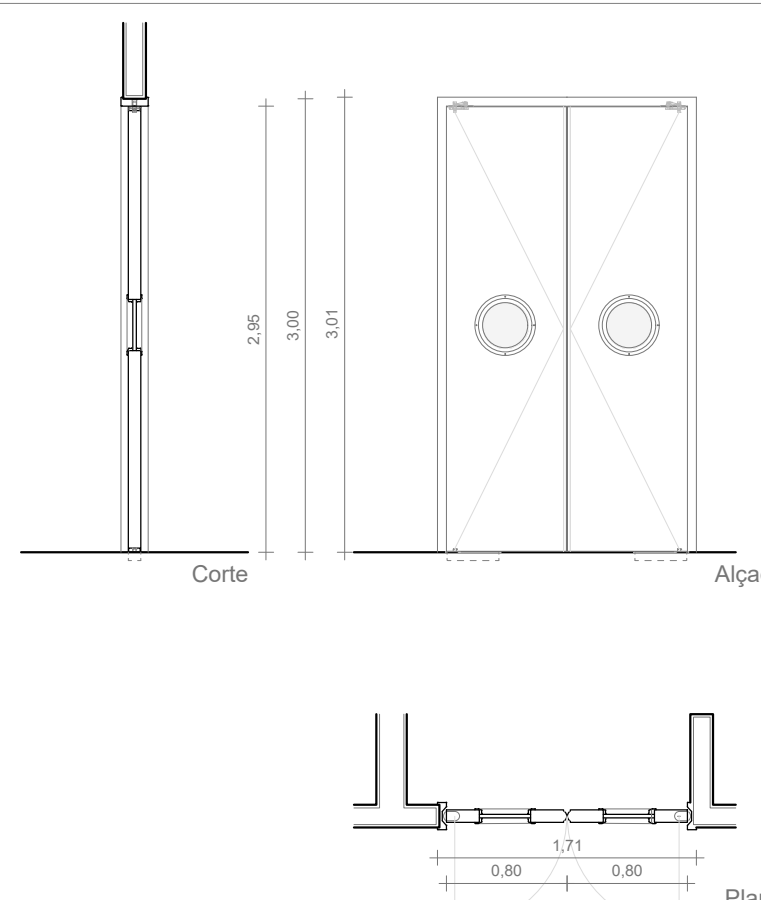
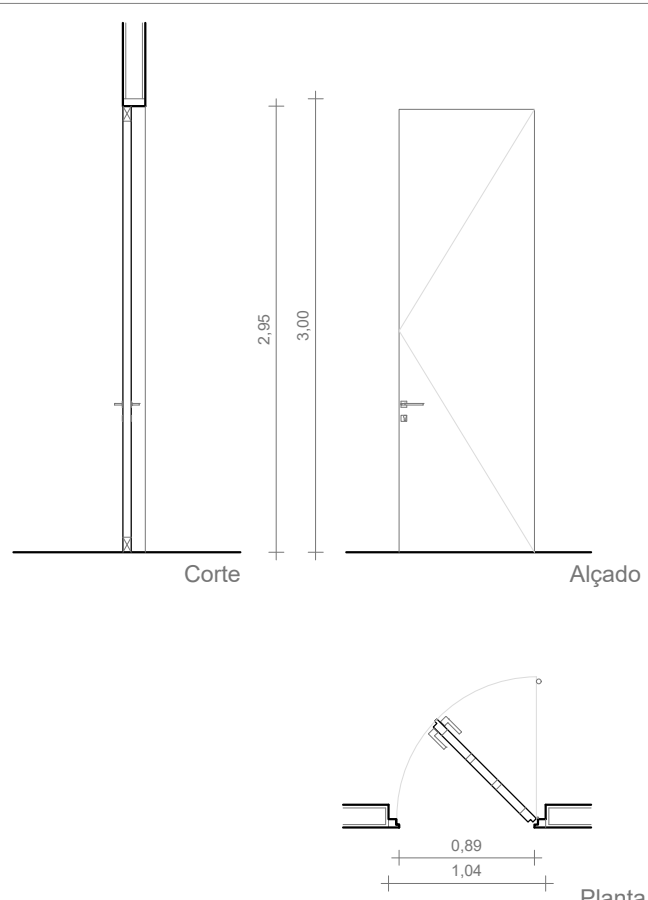
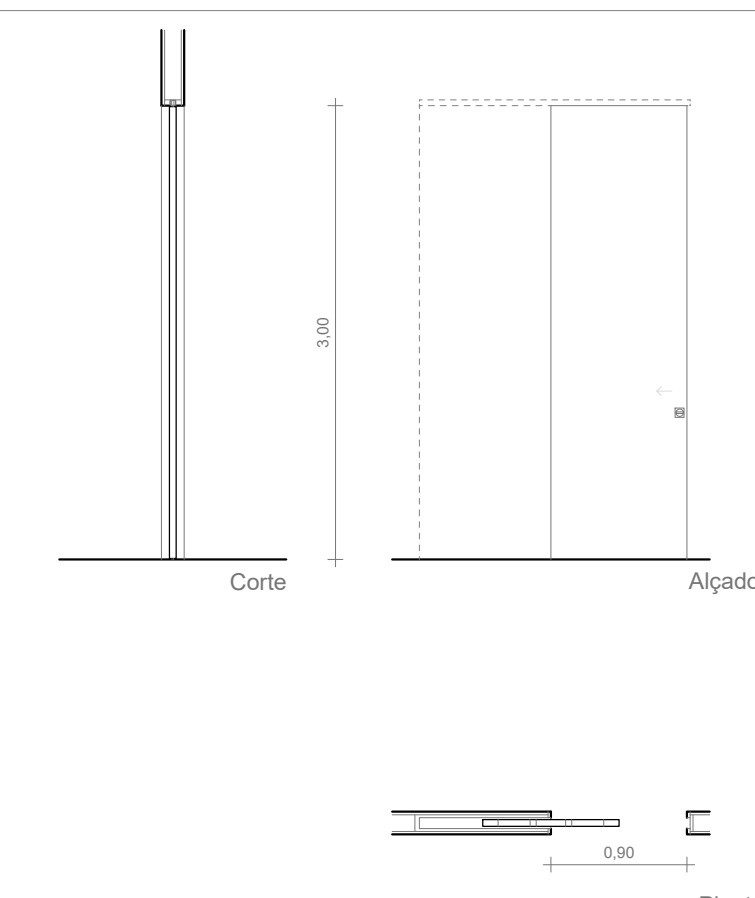
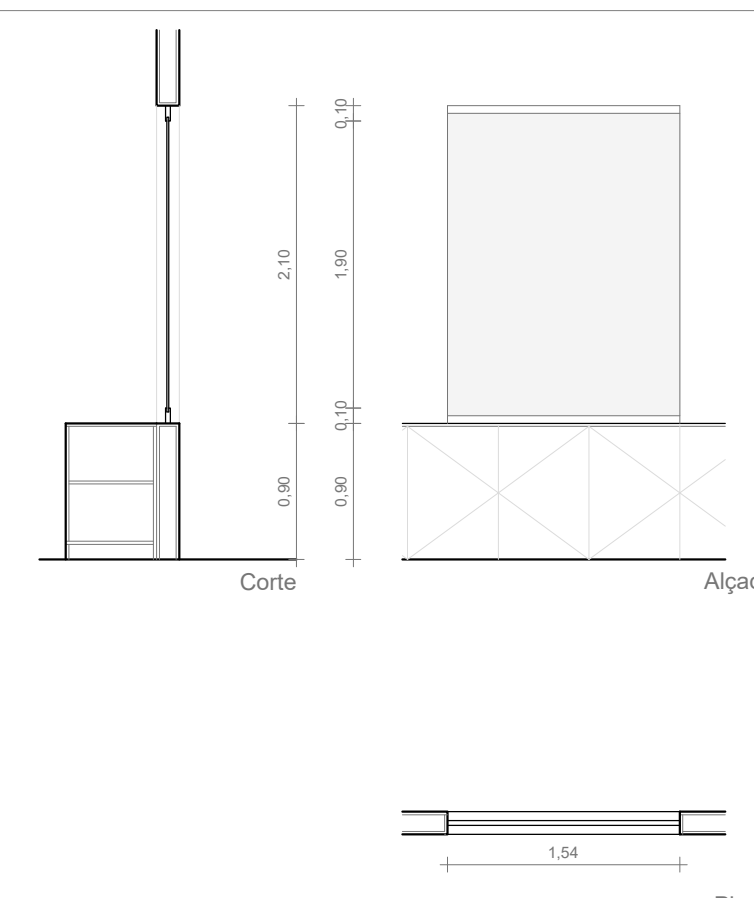
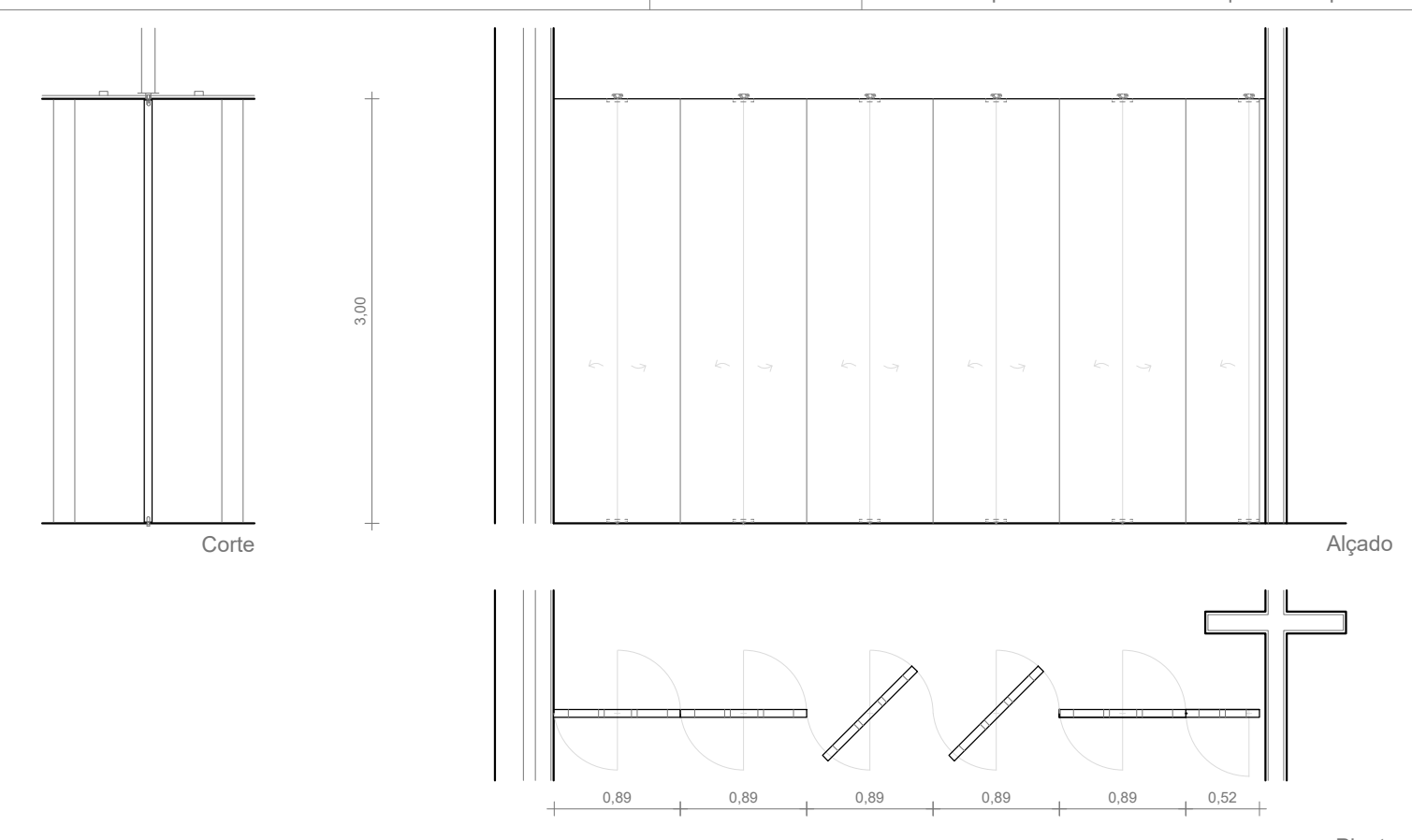
Pormenor 9



Pormenor 10

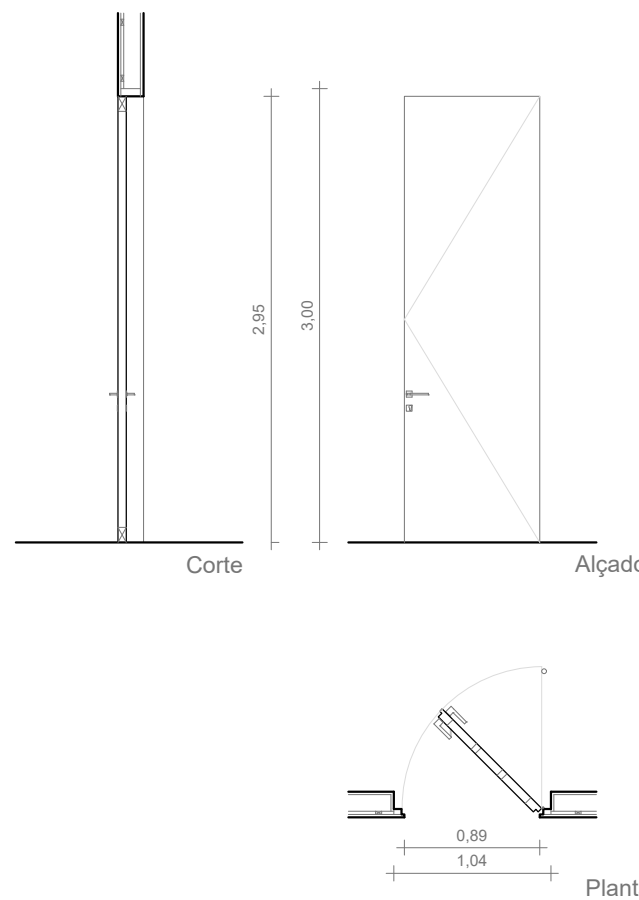
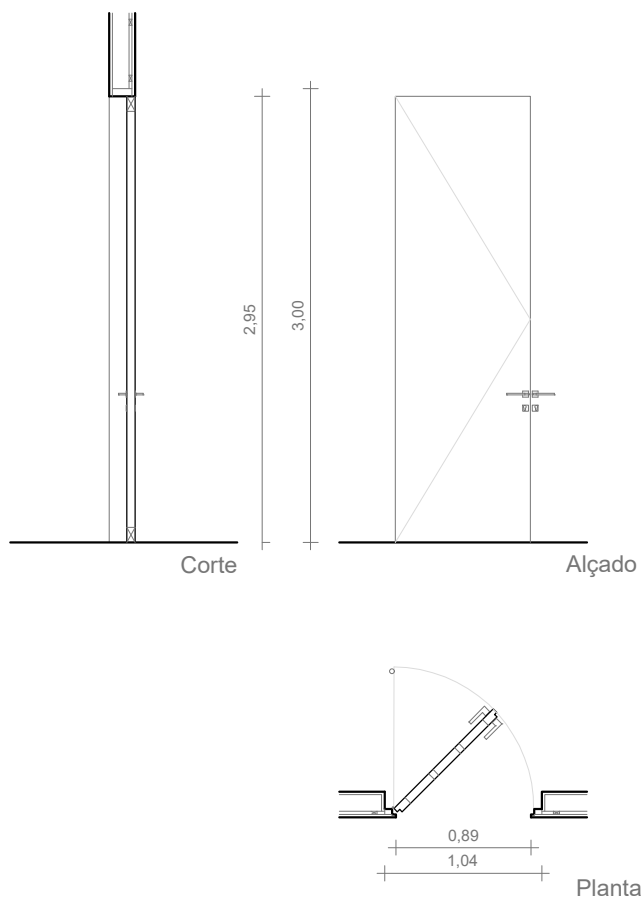
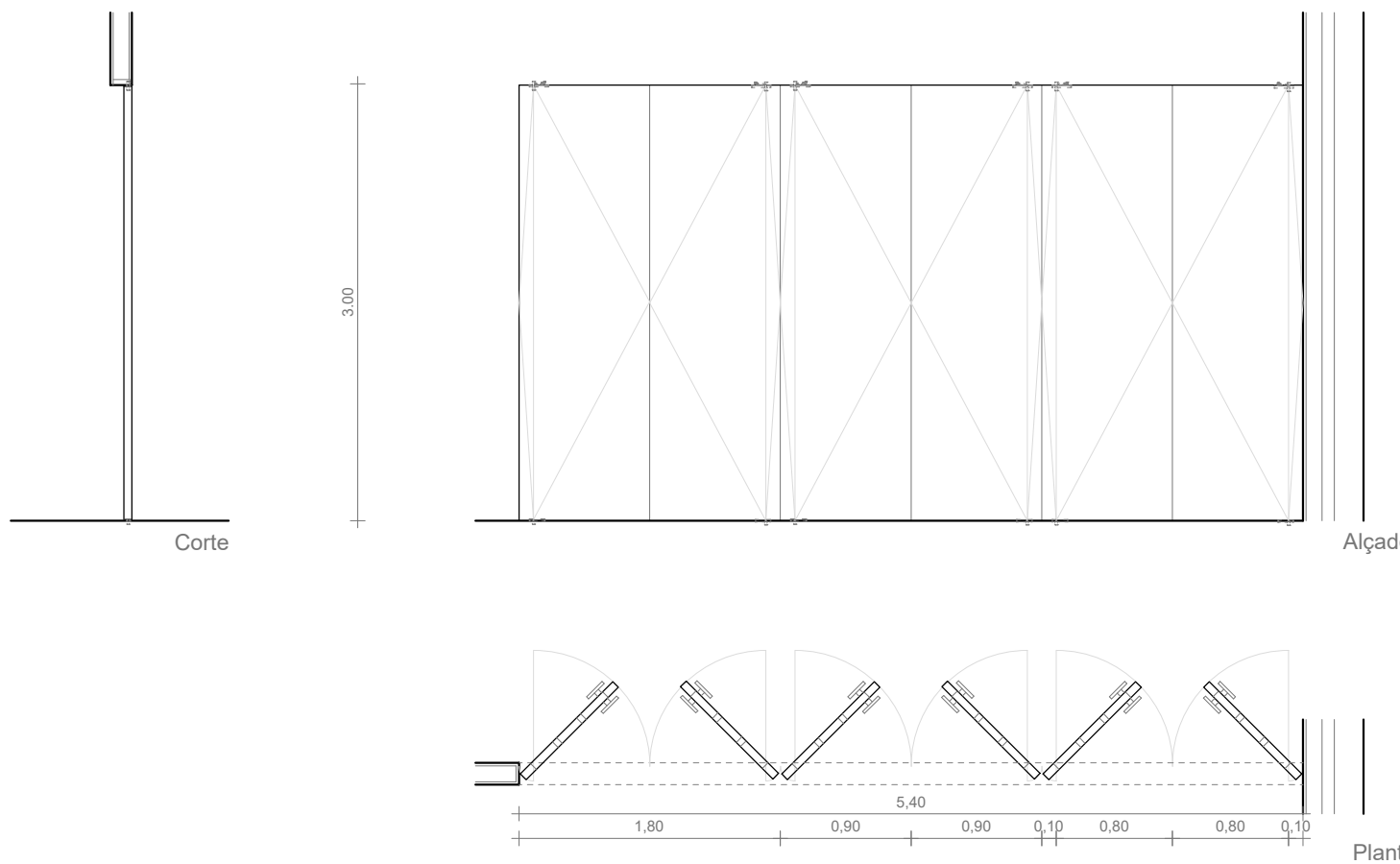
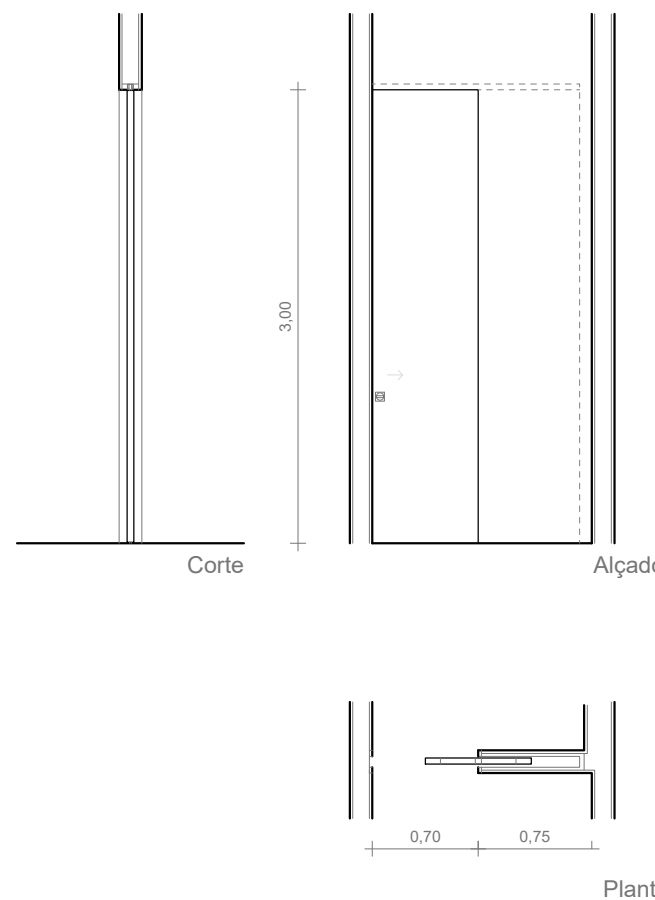
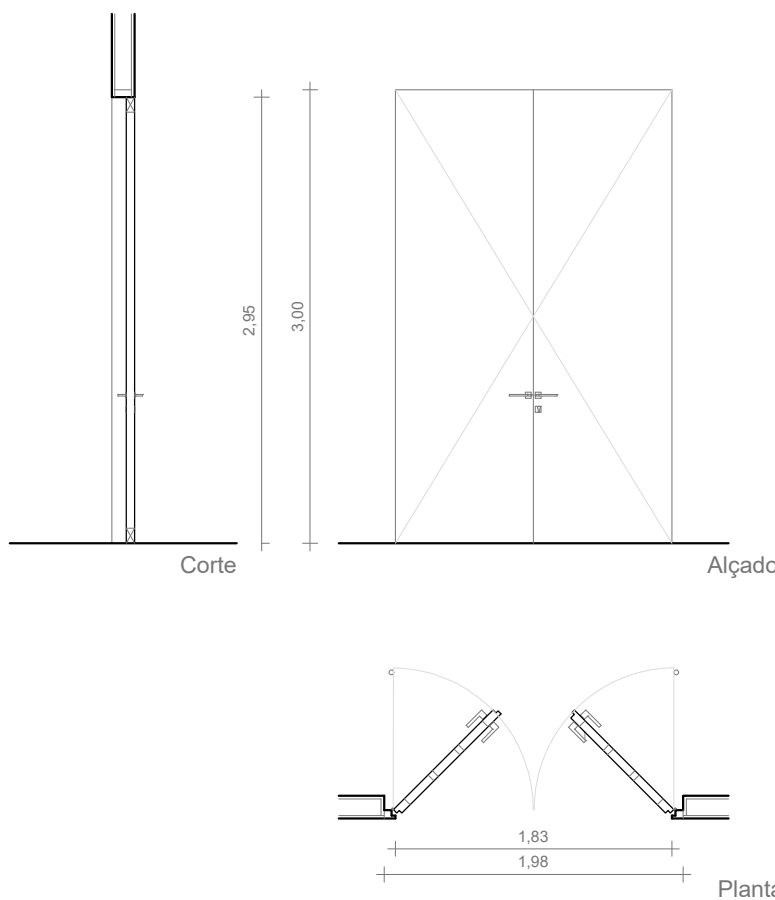
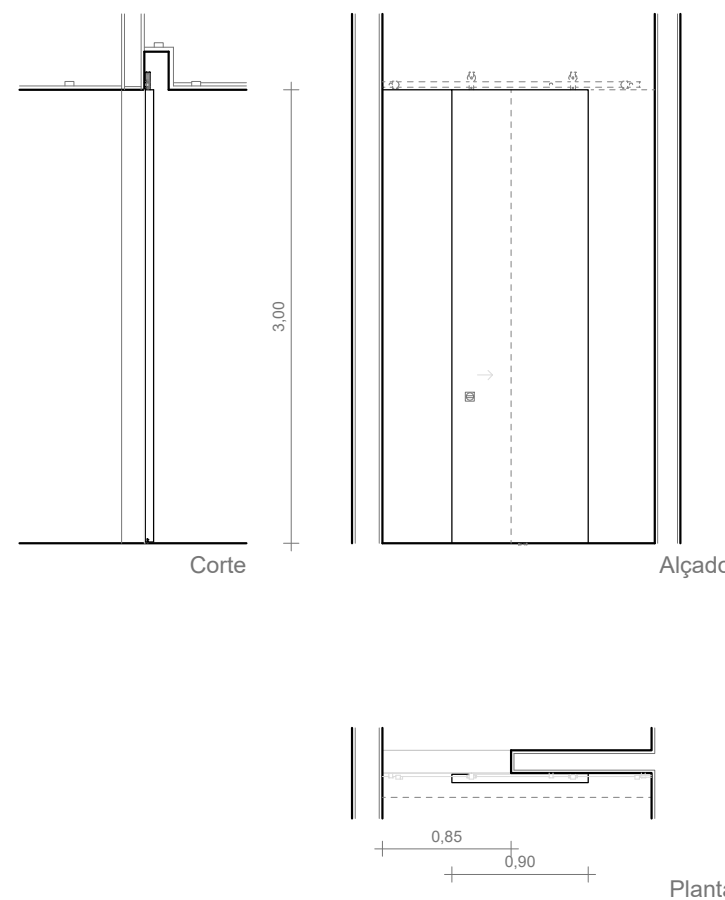
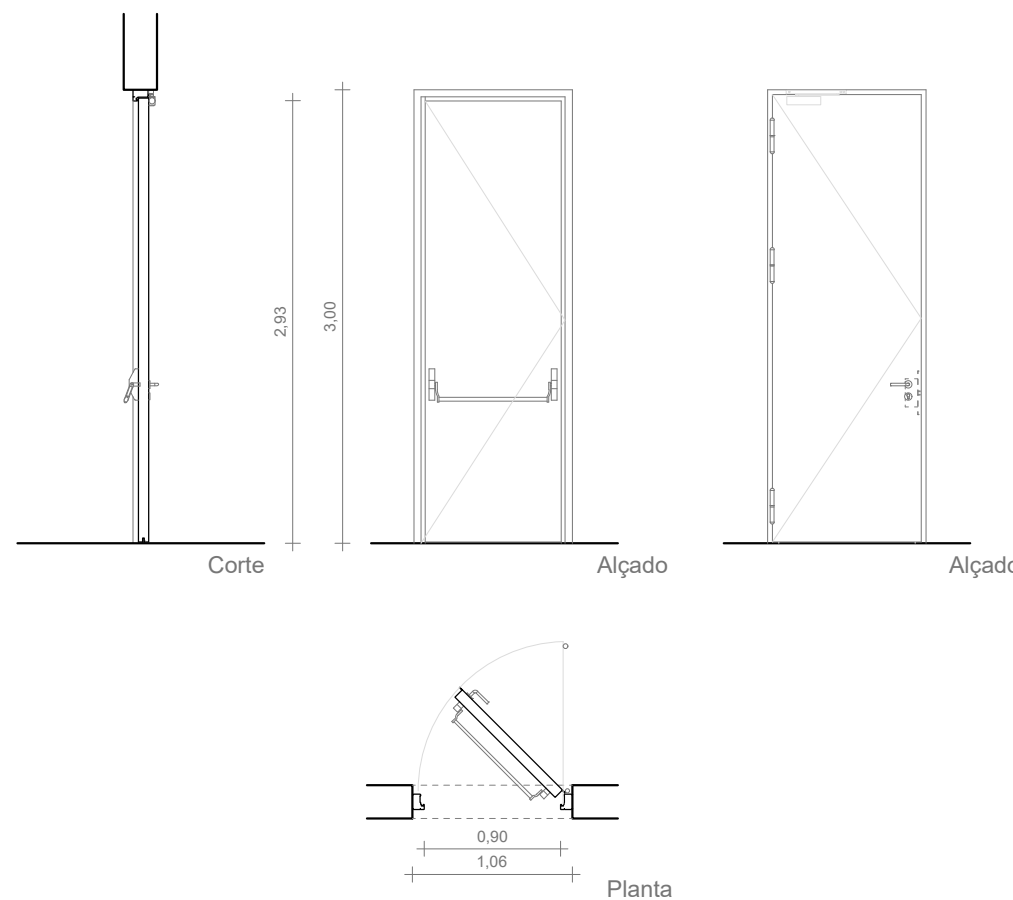
- 1 | Capeamento em betão
- 2 | Betão á vista espessura 20cm
- 3 | Impermeabilização com 2 membranas em betume plastómero APP tipo Polyplas 30 e Polyster 40
- 4 | Reboco 2cm esp. pintado cor a definir
- 5 | Greiha sem aro para caleira tipo jimten modelo S-272
- 6 | Caleira sem grelha tipo Jimten modelo S-271
- 7 | Caixa de Ar
- 8 | Isolamento térmico tipo Roofmate 6cm esp.
- 9 | Tijolo tradicional11cm esp. tipo Preceram ref. PR302011170610
- 10 | Estuque pintado cor a definir
- 11 | Tecto suspenso em gesso cartonado tipo Pladur estrutura simples T-45
- 12 | Caixilharia de aço tipo Secco OS2 75 com ruptura térmica e vidro triplo
- 13 | Guada em perfil rectangular tipo Alu-Stock
- 14 | Capeamento em betão
- 15 | Peça em madeira
- 16 | Sarrafo em madeira
- 17 | Soalho em pinho tipo A Barbosa
- 18 | Pavimento permeável tipo Paviston betão poroso
- 19 | Base de gravilha regularizada 3cm esp.
- 20 | Gravilha compacta 15cm esp.
- 21 | Filtro PV
- 22 | Sistema de drenagem tipo Stabiodrain SD 30, com enchimento de gravilha de granulometria baixa
- 23 | Tela anti-raízes tipo WSB 100-PO da ZnCo GmbH
- 24 | Cobertura Invertida com isolamento térmico em XPS tipo Imperialum
- 25 | Régua de Madeira
- 26 | Revestimento em painel Tricapa de 2cm de espessura tipo Binderholz
- 27 | Tijolo tradicional11cm esp. tipo Preceram ref. PR302011170610
- 28 | Estuque pintado cor a definir
- 29 | Tecto em gesso cartonado tipo Tecto Suspenso Pladur Estrura Simples T-45
- 30 | Grelha de ventilação incorporada no sistema geral de ventilação a definir
- 31 | Armário em painel Tricapa de 2 cm de espessura tipo Binderholz
- 32 | Lamina pré-fabricada em betão
- 33 | Perfil IPE tipo Thomaz dos Santos
- 34 | Lajeta em betão armado

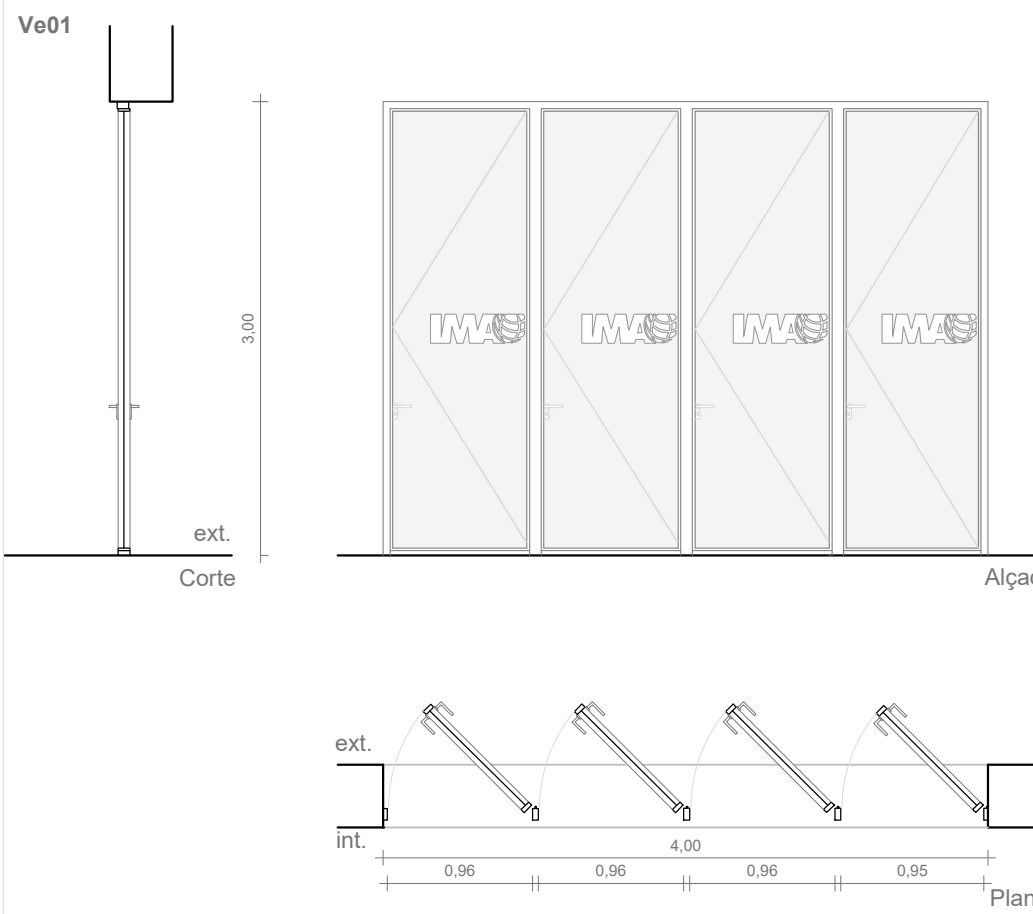
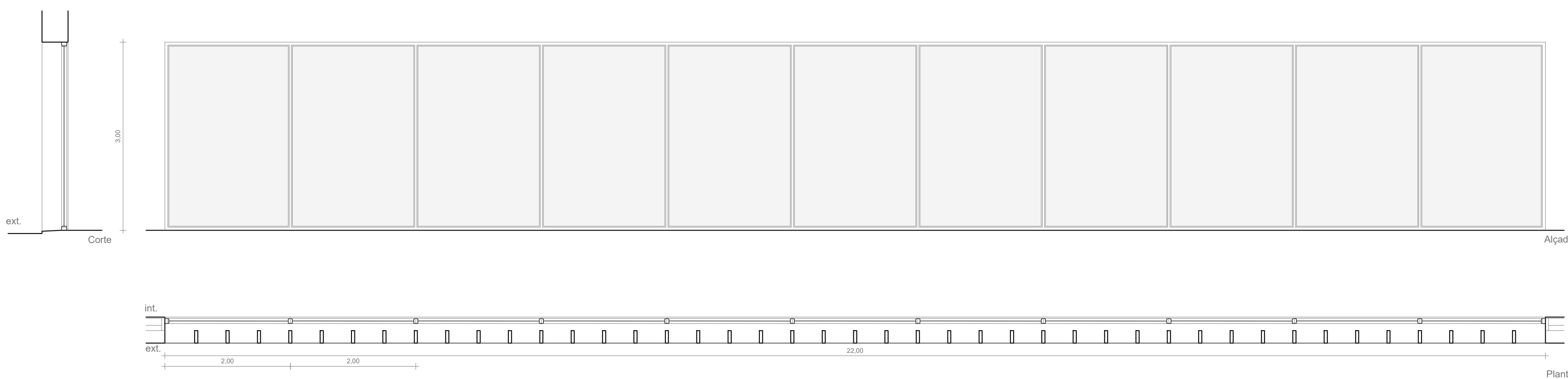


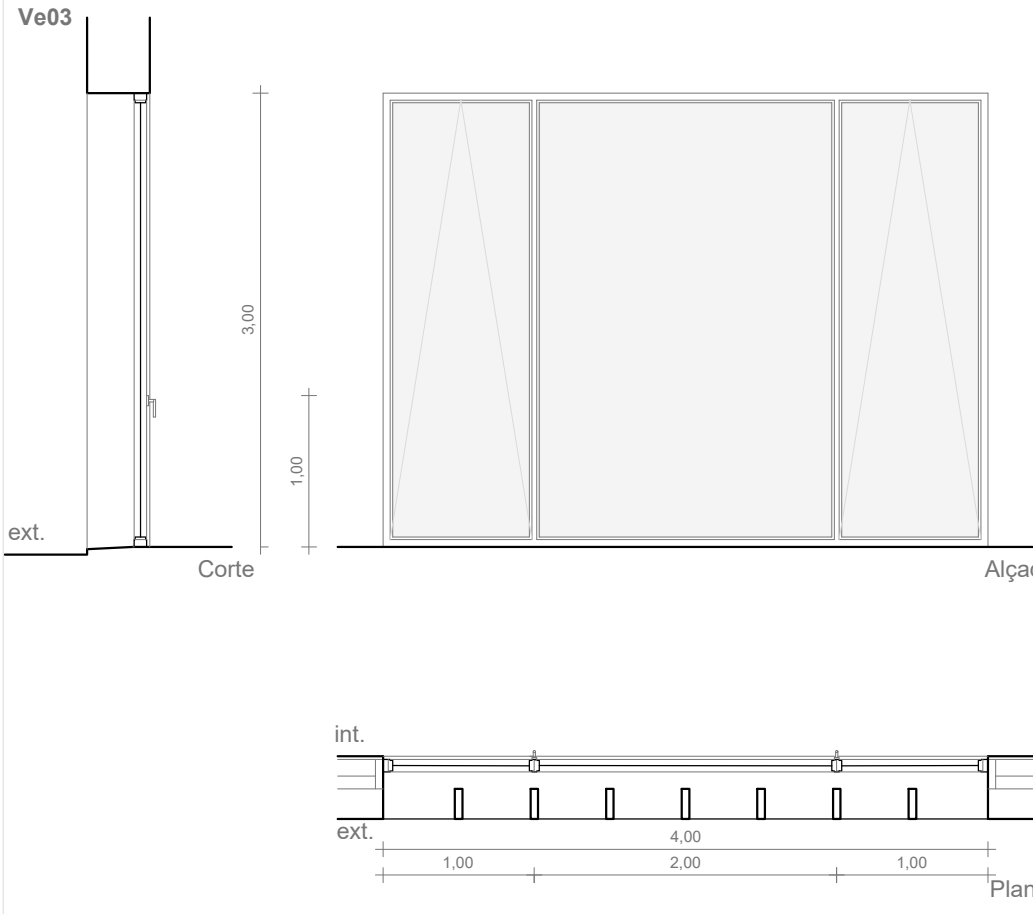
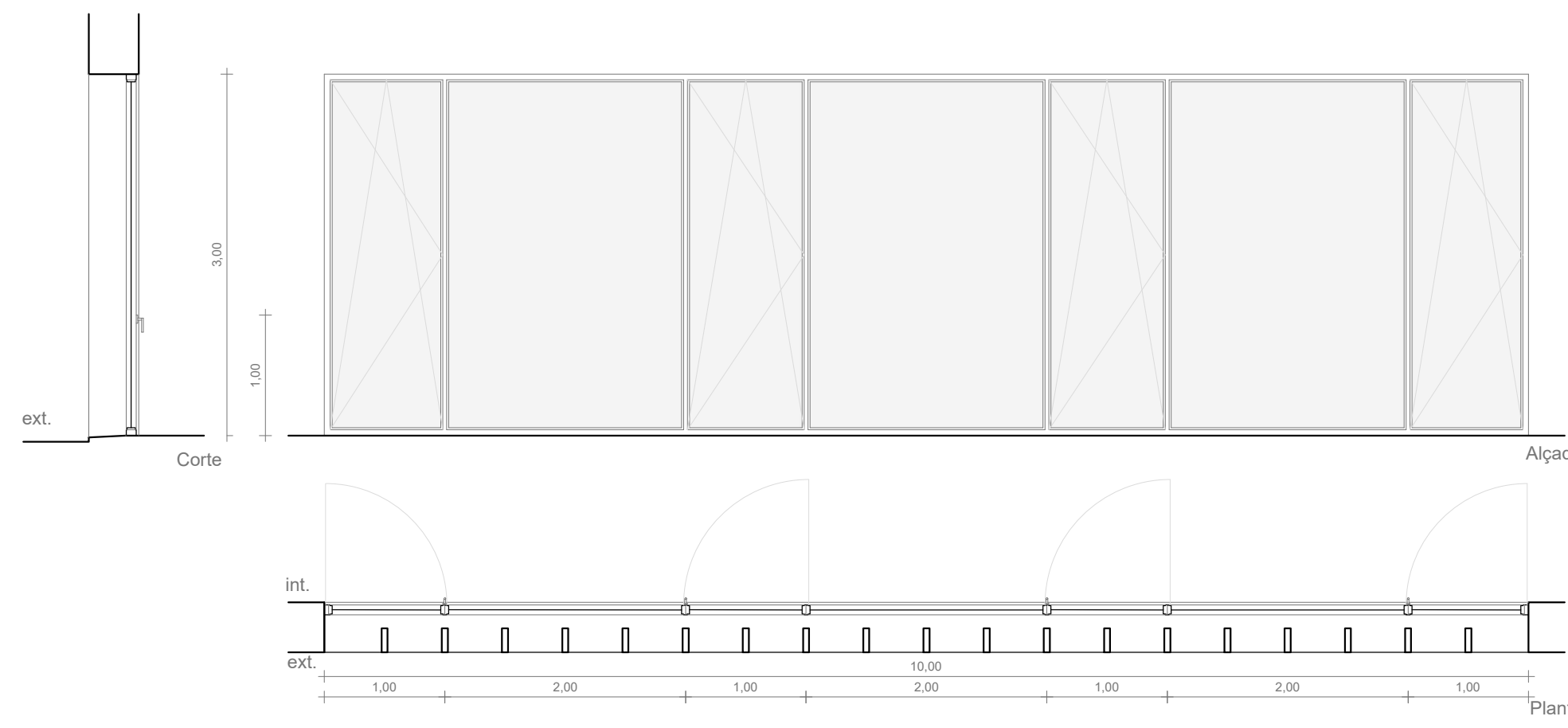
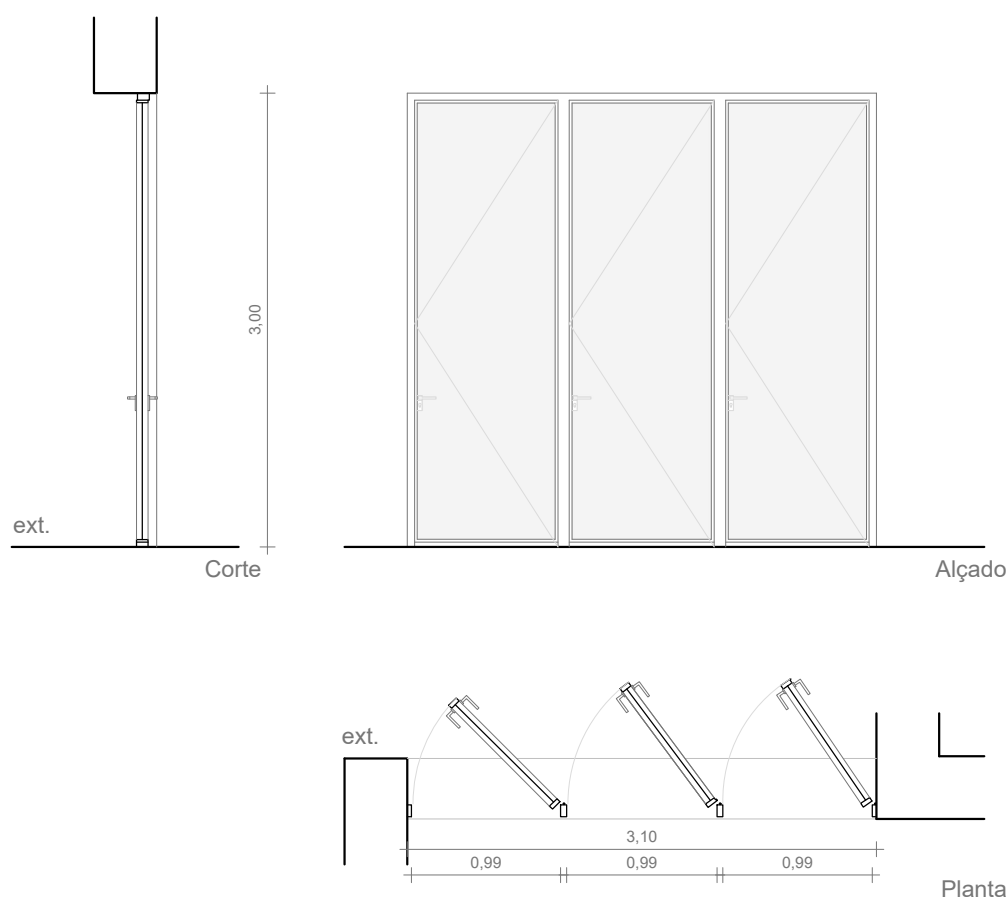
Ferragens	Tipo	Vi13		Tipo	Vi14		Tipo	Vi15		Tipo	Vi16		
	Dimensões	1.50 (L) X 3 (H) - Porta pivotante			0.90 (L) X 3 (H) - Porta pivotante			1.68 (L) X 3 (H) - Porta de correr			1.50 (L) X 3 (H) - Porta de correr		
	Quantidades	1			2			1			1		
	Total	1			2			1			1		
	Fichas	Pivot para porta tipo "JNF" modelo In.05.500			Pivot para porta tipo "JNF" modelo In.05.196.0			Cassete para porta de correr tipo "GOSIMAT" modelo caixilho one plus ref. 10.03			Cassete para porta de correr tipo "GOSIMAT" modelo caixilho one plus ref. 10.03		
	Fechaduras							Fechadura para porta de correr tipo "JNF" modelo 20.938.NS			Fechadura para porta de correr tipo "JNF" modelo 20.938.NS		
	Acessórios												
	Batente	Batente de chão tipo "JNF" modelo IN.13.185.30			Batente de chão tipo "JNF" modelo IN.13.185.30								
	Material	Porta com estrutura de madeira revestica com painel tricapa pinho de 12mm de espessura			Porta com estrutura de madeira revestica com painel tricapa pinho de 12mm de espessura			Porta com estrutura de madeira revestica com painel tricapa pinho de 12mm de espessura			Porta com estrutura de madeira revestica com painel tricapa pinho de 12mm de espessura		
	Vedação	A definir			A definir			A definir			A definir		
Guardacimento do vão	Aro em pinho			Aro em pinho									
Acabamentos	Verniz mate			Verniz mate			Verniz mate			Verniz mate			
Vidro													
Manipulo													
Ferragens	Tipo	Vi17		Tipo	Vi18		Tipo	Vi19		Tipo	Vi20		
	Dimensões	1.35 (L) X 3 (H) - Porta pivotante			1.35 (L) X 3 (H) - Porta pivotante			1.71 (L) X 2.95 (H) - Porta dupla corta-fogo vai vem tipo "TRIA" modelo WG1L			0.89 (L) X 2.95 (H) - Porta		
	Quantidades	1			1			1			8		
	Total	1			1			1			8		
	Fichas	Pivot para porta tipo "JNF" modelo In.05.500			Pivot para porta tipo "JNF" modelo In.05.500			Mola de pavimento a definir			Dobradiça de leme tipo "JNF" modelo tipo IN. 05.019.90		
	Fechaduras							Pivot inferior e superior a definir			Fechadura de embutir para perfis estreitos tipo "JNF" modelo IN.20.400		
	Acessórios							Batente de chão tipo "JNF" modelo IN.13.185.30			Entrada de chave metálica para cilindro europeu "slim" tipo "JNF" modelo IN.04.QY03SL		
	Batente	Batente de chão tipo "JNF" modelo IN.13.185.30			Batente de chão tipo "JNF" modelo IN.13.185.30			Porta metálica em aço electrozincado tipo "TRIA" modelo WG1L			Batente de chão tipo "JNF" modelo IN.13.185.30		
	Material	Porta com estrutura de madeira revestica com painel tricapa pinho de 12mm de espessura			Porta com estrutura de madeira revestica com painel tricapa pinho de 12mm de espessura			A definir			Porta com estrutura de madeira revestica com painel tricapa pinho de 12mm de espessura		
	Vedação	A definir			A definir			Aro constituído por perfis quinados de chapa quinadas em aço electrozincado tipo "TRIA" modelo WG1L			A definir		
Guardacimento do vão	Aro em pinho			Aro em pinho			Lacagem em cor RAL 9010			Aro em pinho			
Acabamentos	Verniz mate			Verniz mate			Vidro 23mm			Verniz mate			
Vidro													
Manipulo										Puxador de porta "slim" com roseta quadrada tipo "JNF" modelo IN.00.432.Q			
Ferragens	Tipo	Vi21		Tipo	Vi22		Tipo	Vi23					
	Dimensões	0.90 (L) X 3 (H) - Porta de correr			1.50 (L) X 2.10 (H) - folha fixa de vidro			0.89 (L) X 3 (H) - Porta divisória + 0.52 (L) X 3 (H) porta divisória					
	Quantidades	2 esq. +1 dir.			2			1					
	Total	3			2			1					
	Fichas	Cassete para porta de correr tipo "GOSIMAT" modelo caixilho one plus ref. 10.03						Pivot superior e inferior a definir					
	Fechaduras	Fechadura para porta de correr tipo "JNF" modelo 20.938.NS						Batente de chão tipo "JNF" modelo IN.13.185.30					
	Acessórios				Conjunto superior e inferior para vidro fixo tipo "JNF" modelo In. 81.402								
	Batente				Aço Inoxidável			Porta com estrutura de madeira revestica com painel tricapa pinho de 12mm de espessura					
	Material	Porta com estrutura de madeira revestica com painel tricapa pinho de 12mm de espessura			A definir			A definir					
	Vedação	A definir			Satinado			Vão c/ carril superior + calha inferior tipo "JNF" modelo IN.27.010 (carril superior) + IN.27.011 (calha inferior)					
Guardacimento do vão				Vidro a definir de 12mm de espessura			Verniz mate						
Acabamentos	Verniz mate												
Vidro													
Manipulo													

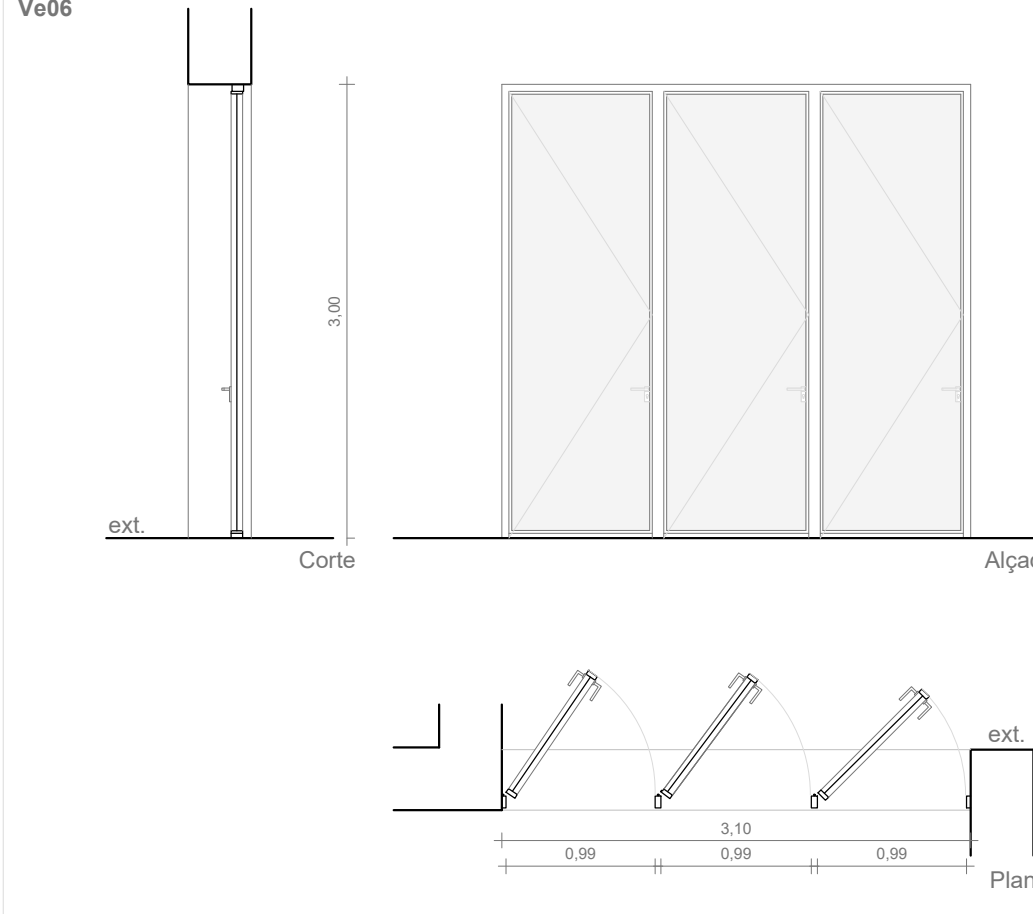
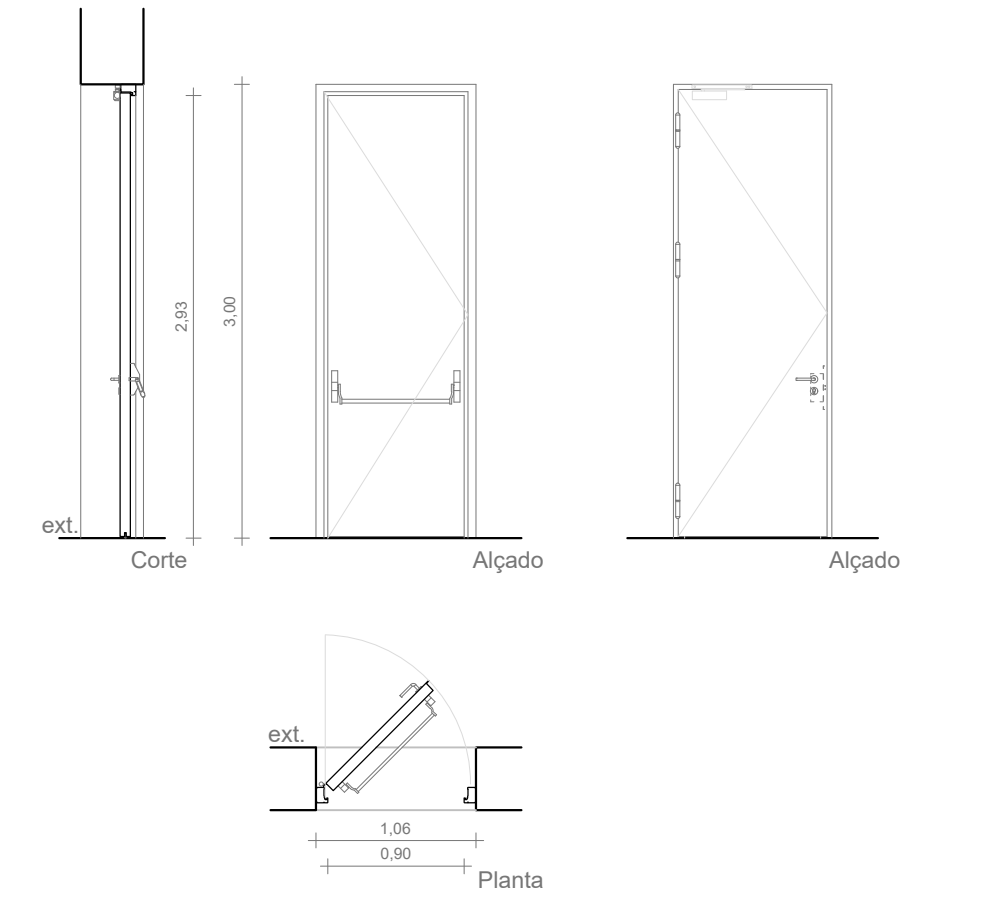
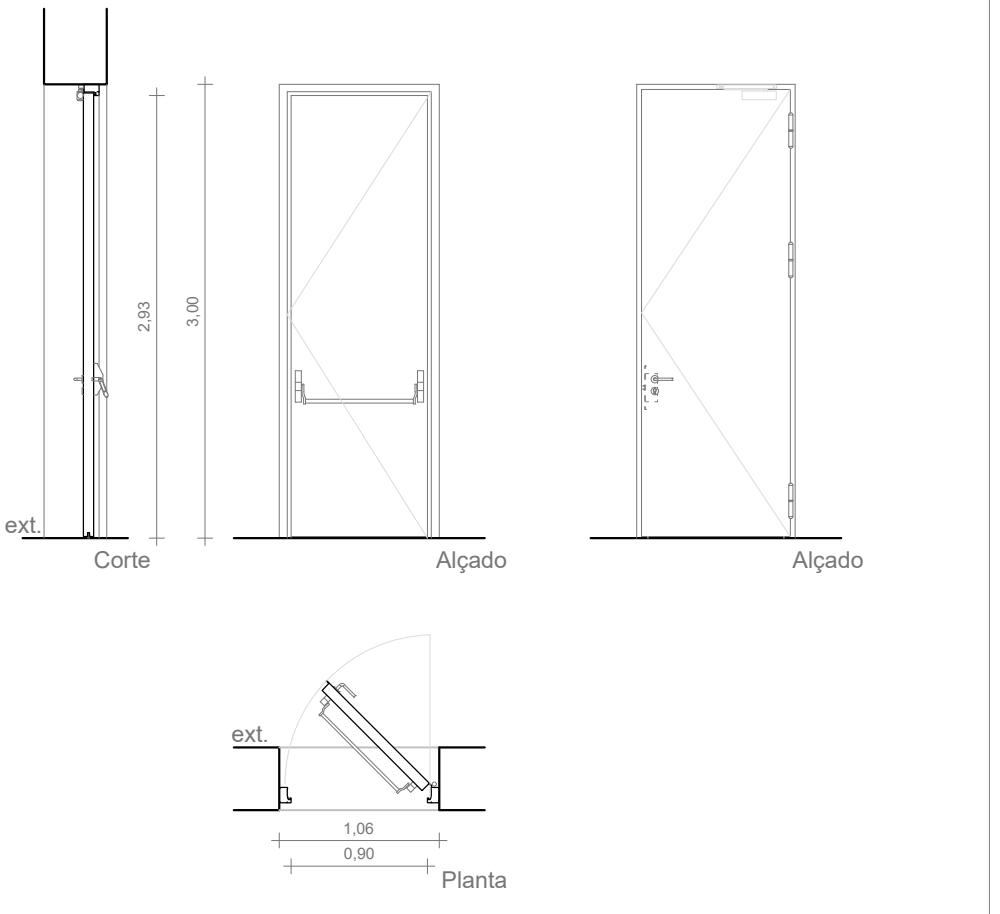
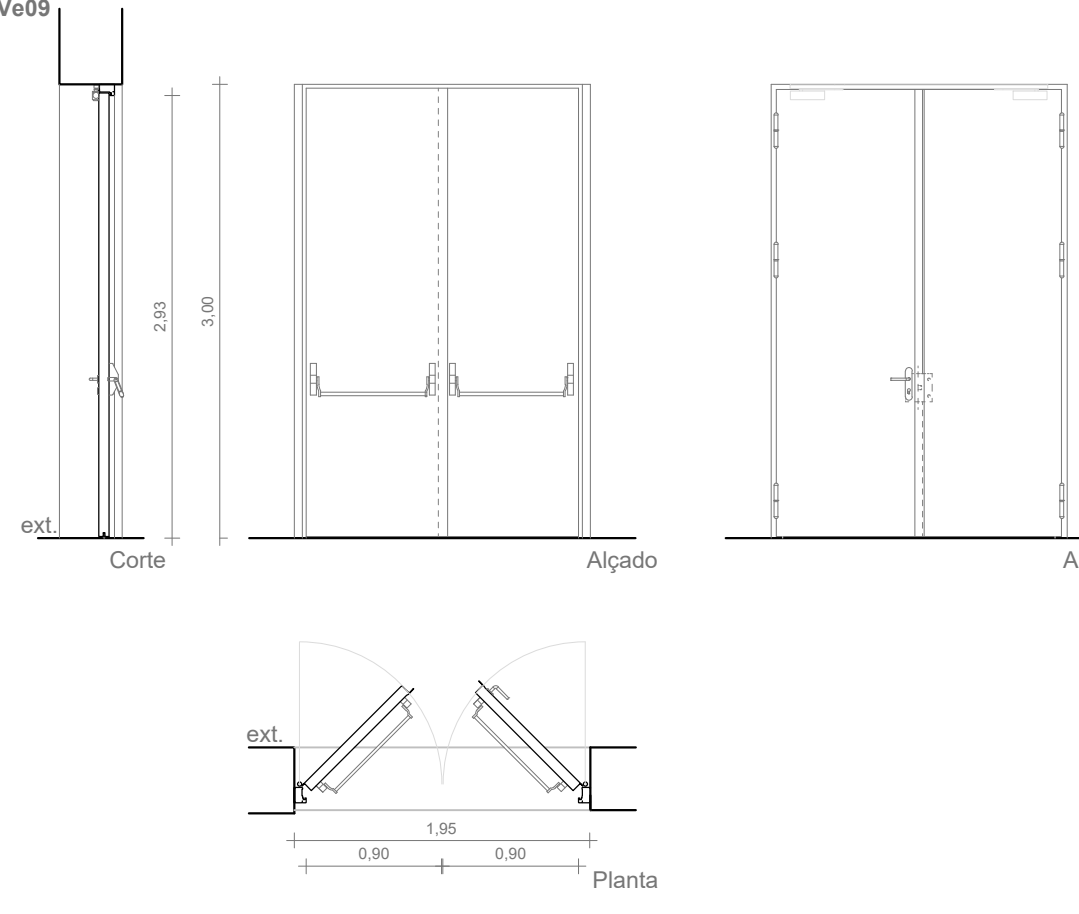
ISCTE-IUL	Projecto Final de Arquitectura	Dezembro 2020
Inês Tavares Manso Dias	Projecto para edificio sede da AMI em Alcântara	34
	Mapa de Vãos Interiores	

Escala 1/50

Ferragens	Tipo	VI24		Tipo	VI25		Tipo	VI26					
	Dimensões	0.89 (L) X 2.95 (H) - Porta			0.89 (L) X 2.95 (H) - Porta			0.90 (L) X 3 (H) - Porta pivotante					
	Quantidades	17			27			3 abertura esquerda + 3 abertura direita					
	Total	17			27			6					
	Fichas	Dobradiça de leme tipo "JNF" modelo tipo IN. 05.019.90			Dobradiça de leme tipo "JNF" modelo tipo IN. 05.019.90			Pivot para porta tipo "JNF" modelo In 05.196.0					
	Fechaduras	Fechadura de embutir para perfis estreitos tipo "JNF" modelo IN.20.400			Fechadura de embutir para perfis estreitos tipo "JNF" modelo IN.20.400								
	Acessórios	Entrada de chave metálica para cilindro europeu "slim" tipo "JNR" modelo IN.04.QY03SL			Entrada de chave metálica para cilindro europeu "slim" tipo "JNF" modelo IN.04.QY03SL								
	Batente	Batente de chão tipo "JNF" modelo IN.13.185.30			Batente de chão tipo "JNF" modelo IN.13.185.30			Batente de chão tipo "JNF" modelo IN.13.185.30					
	Material	Porta com estrutura de madeira revestica com painel tricapa pinho de 12mm de espessura			Porta com estrutura de madeira revestica com painel tricapa pinho de 12mm de espessura			Porta com estrutura de madeira revestica com painel tricapa pinho de 12mm de espessura					
	Vedação												
Guardacimento do vão	Aro em pinho faceado com plainer tricapa pinho de 12mm de espessura do lado exterior			Aro em pinho faceado com plainer tricapa pinho de 12mm de espessura do lado exterior			Aro em pinho						
Acabamentos	Verniz mate			Verniz mate			Verniz mate						
Vidro													
Manipulo	Puxador de porta "slim" com roseta quadrada tipo "JNF" modelo IN.00.432.Q			Puxador de porta "slim" com roseta quadrada tipo "JNF" modelo IN.00.432.Q									
Ferragens	Tipo	VI27		Tipo	VI28		Tipo	VI29		Tipo	VI30		
	Dimensões	0.70 (L) X 3 (H) - Porta de correr			1.83 (L) X 2.95 (H) - Dupla porta			0.92 (L) X 3.00 (H) - Porta de correr			0.90 (L) X 2.93 (H) - Porta corta-fogo de batente tipo "TRIA" modelo EIS 1		
	Quantidades	1			3			3			2		
	Total	1			3			3			2		
	Fichas	Cassete para porta de correr tipo "GOSIMAT" modelo caixilho one plus ref. 10.03			Dobradiça de leme tipo "JNF" modelo tipo IN. 05.019.90			Kit completo para poryas de correr "charriot" madeira em aluminio inox			Dobradiças próprias da série		
	Fechaduras	Fechadura para porta de correr tipo "JNF" modelo 20.938.NS			Fechadura de embutir para perfis estreitos tipo "JNF" modelo IN.20.400			Fechadura para porta de correr tipo "JNF" modelo 20.938.NS			Caixa de fechadura anti-pânico de 1 ponto de fecho a definir + ½ cilindro europeu		
	Acessórios				Entrada de chave metálica para cilindro europeu "slim" tipo "JNF" modelo IN.04.QY03SL						Mola aérea com braço articulado a definir		
	Batente				Batente de chão tipo "JNF" modelo IN.13.185.30						Batente de chão tipo "JNR" modelo IN.13.185.30		
	Material	Porta com estrutura de madeira revestica com painel tricapa pinho de 12mm de espessura			Porta com estrutura de madeira revestica com painel tricapa pinho de 12mm de espessura			Porta com estrutura de madeira revestica com painel tricapa pinho de 12mm de espessura			Aço inox		
	Vedação										A definir		
Guardacimento do vão				Aro em pinho						Aro em aço de acordo com o modelo EIS 1- "TRIA"			
Acabamentos	Verniz mate			Verniz mate			Verniz mate			Foleada com painel tricapa de espessura a definir			
Vidro													
Manipulo				Puxador de porta "slim" com roseta quadrada tipo "JNF" modelo IN.00.432.Q						Puxador maciço/ roseta metálica tipo "JNF" mod. IN.00.083.S + barra anti-pânico a definir			
Ferragens	Dimensões												
	Quantidades												
	Total												
	Fichas												
	Fechaduras												
	Acessórios												
	Batente												
	Material												
	Vedação												
	Guardacimento do vão												
Acabamentos													
Vidro													
Manipulo													

Tipo Ve01				Tipo Ve02			
Dimensões 4 (L) X 3 (H)				22 (L) X 3 (H)			
Quantidades 3 Ve01 piso 0 +1 Ve01 piso 2				1 Ve02 piso 0			
Total 4				1			
Fichas Dobradilha soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi							
Fechos e Fechaduras Do fabricante, tipo Secco							
Material Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel			
Sist. de vedação de luz							
Guardimento do vão Ver desenho de pormenor folha 42							
Acabamentos Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel			
Vidro Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura				Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura			
Manipulo Com cabo vitróvio truncado, tipo Secco Sistemi							

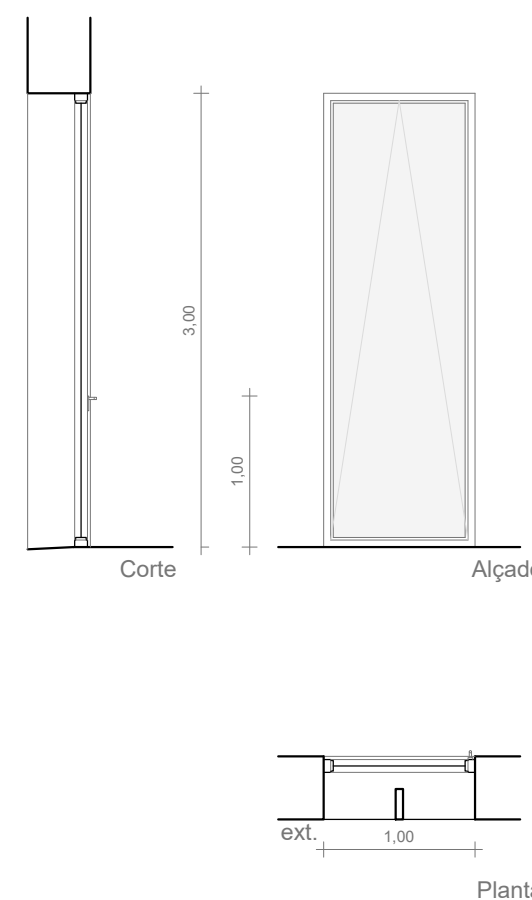
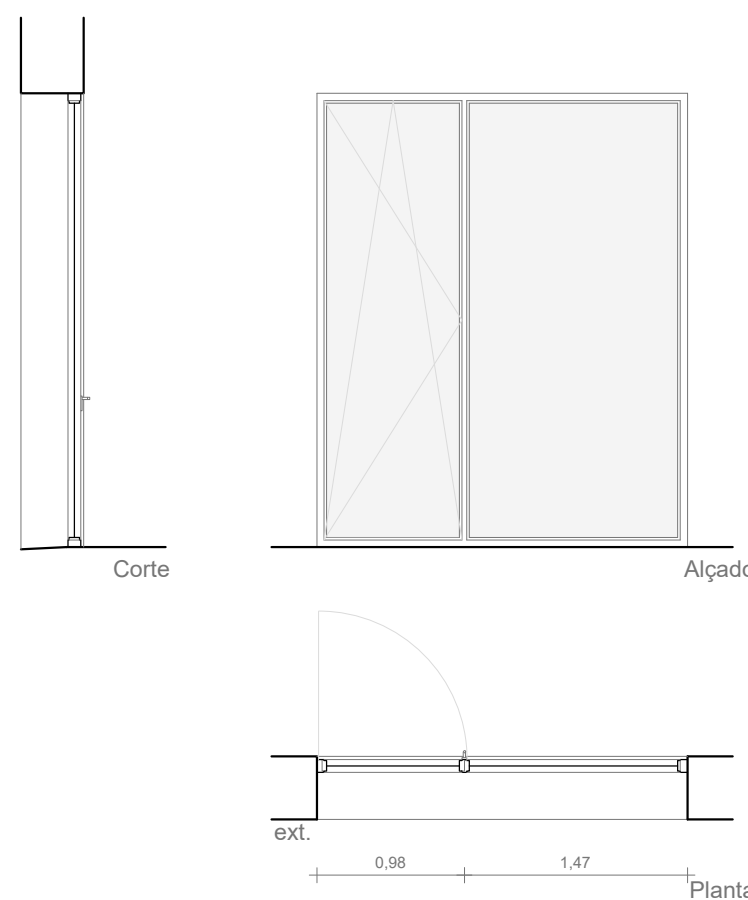
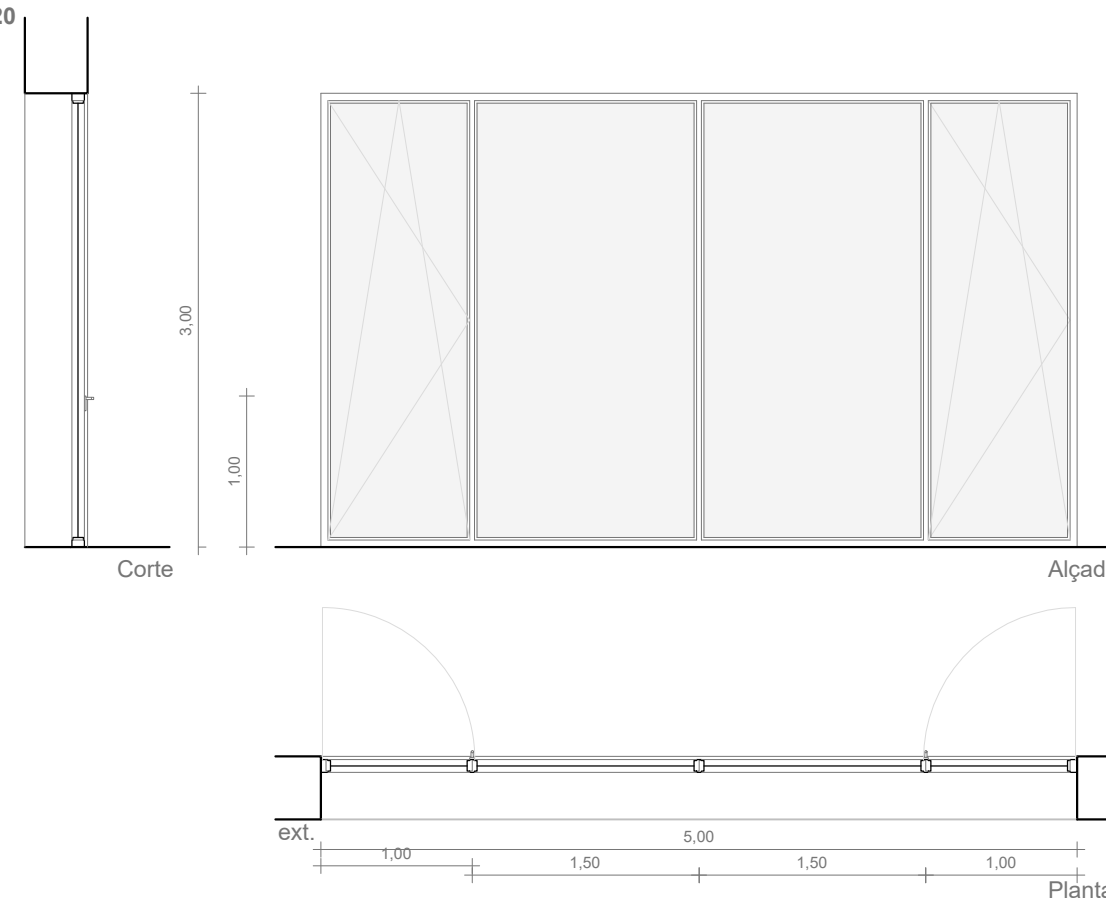
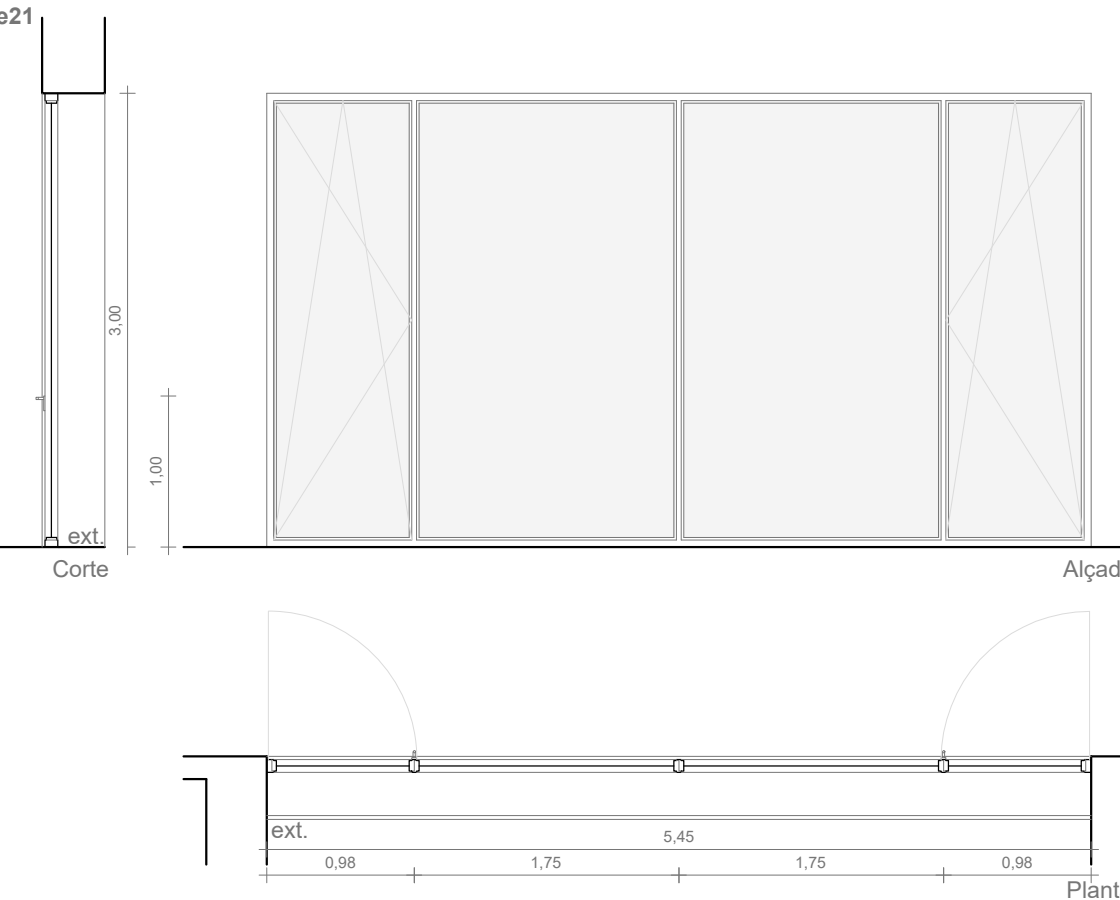
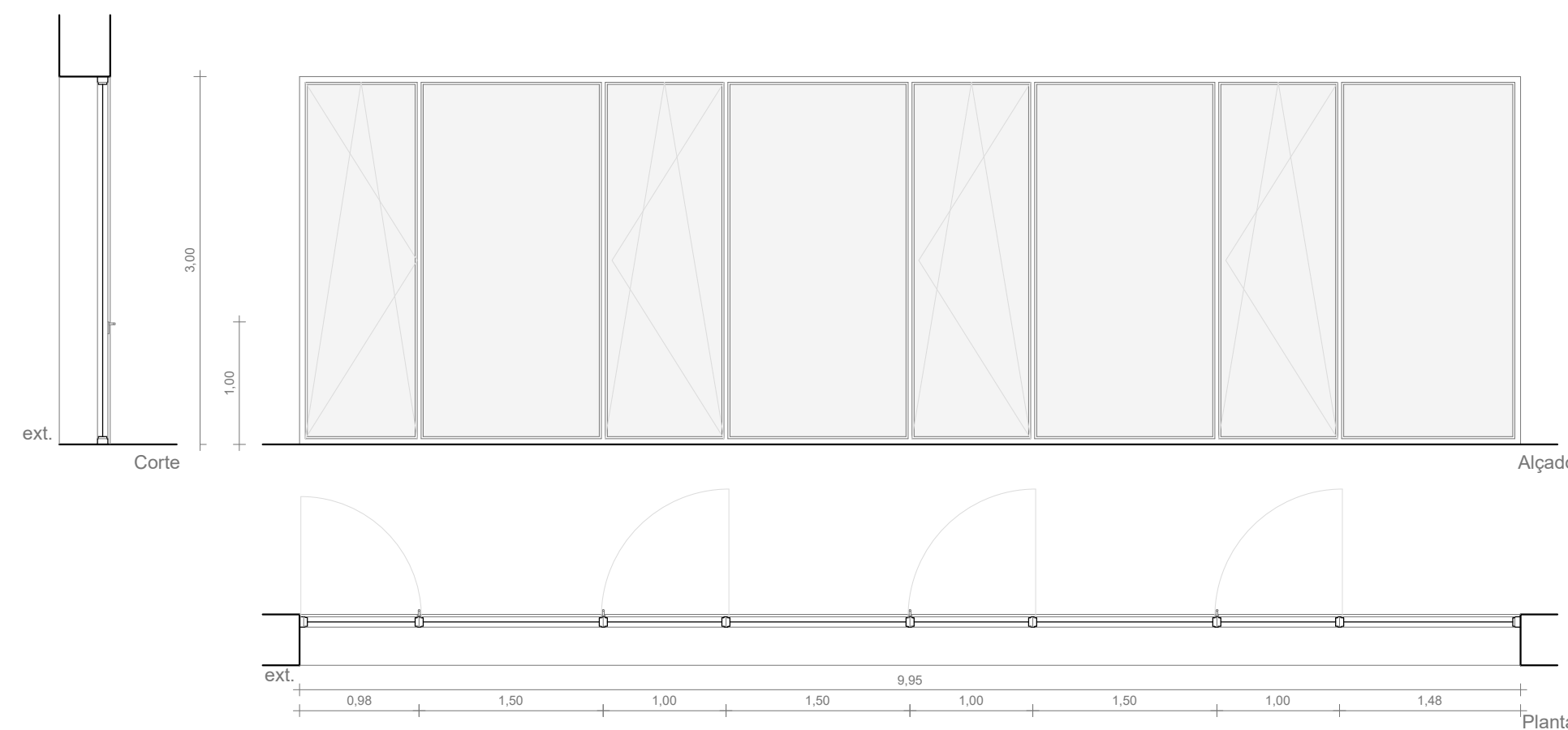
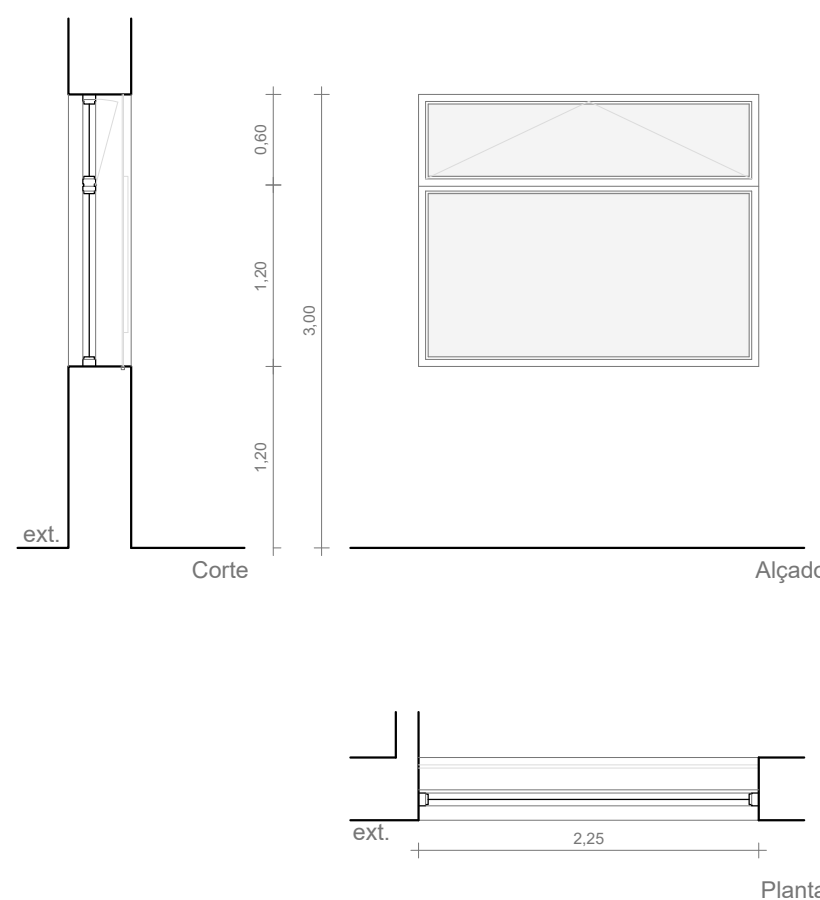
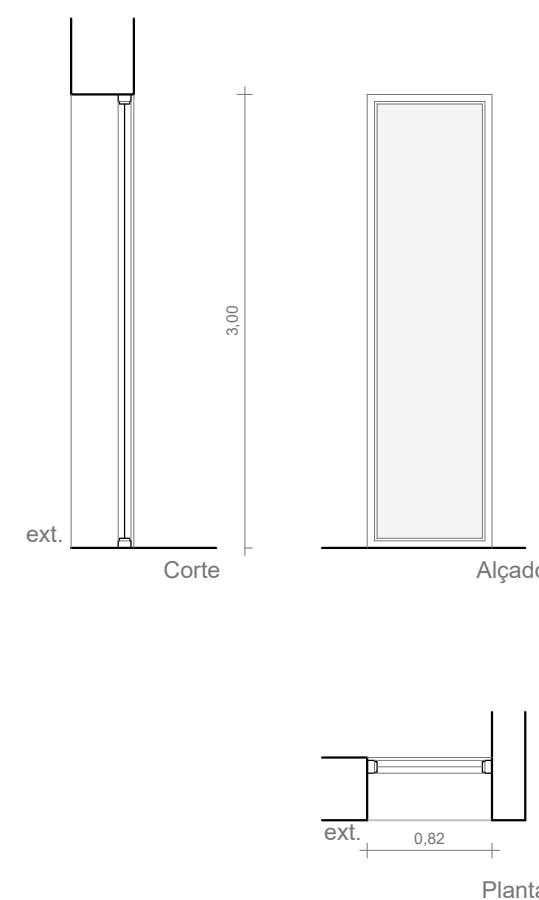
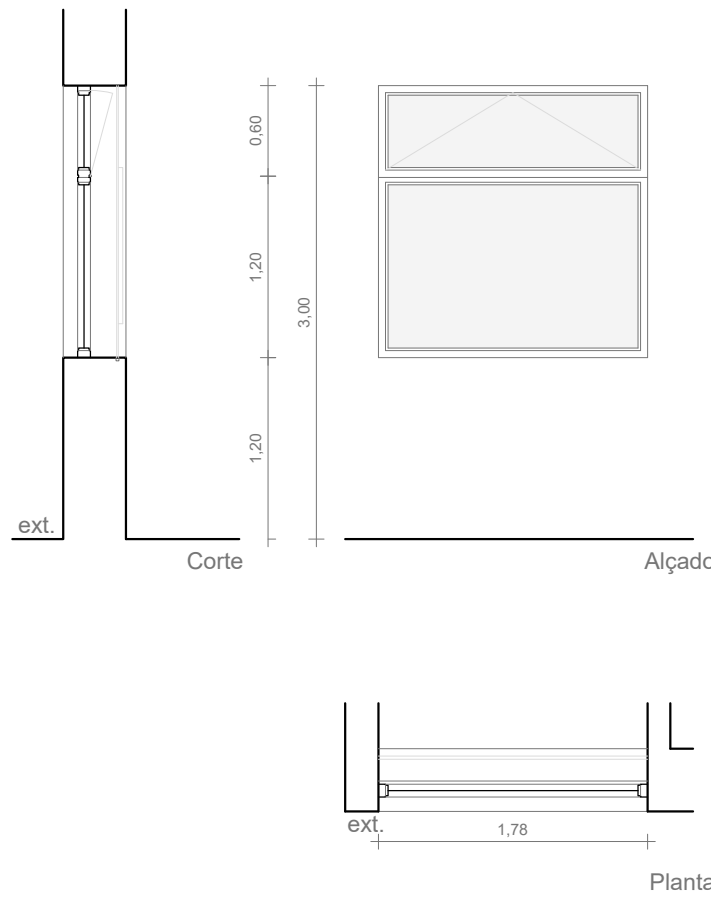
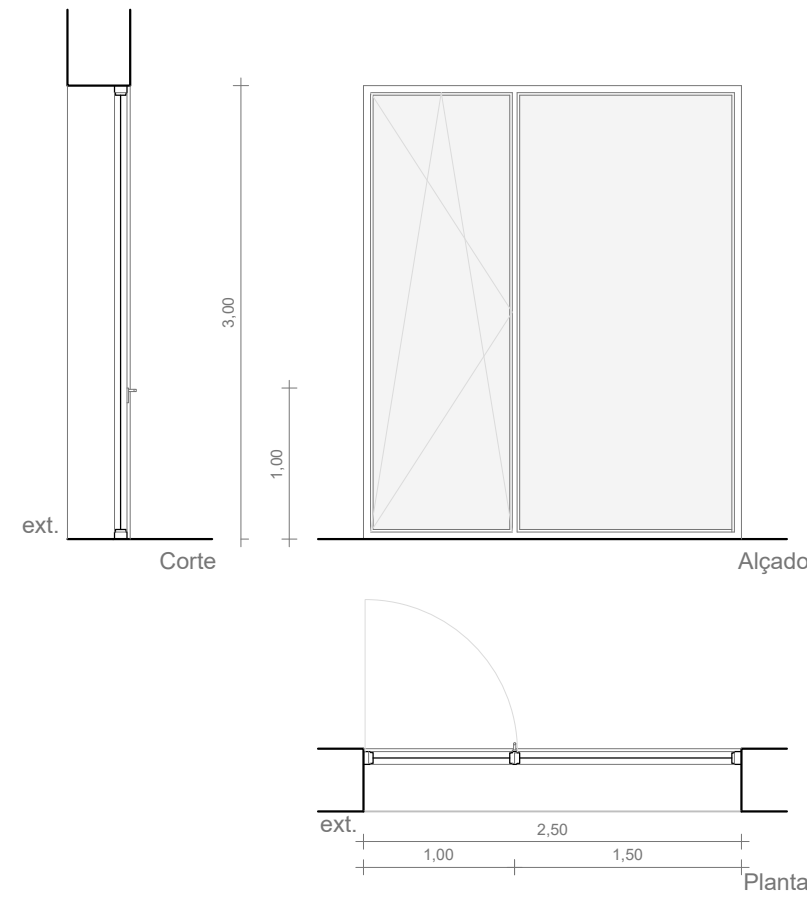
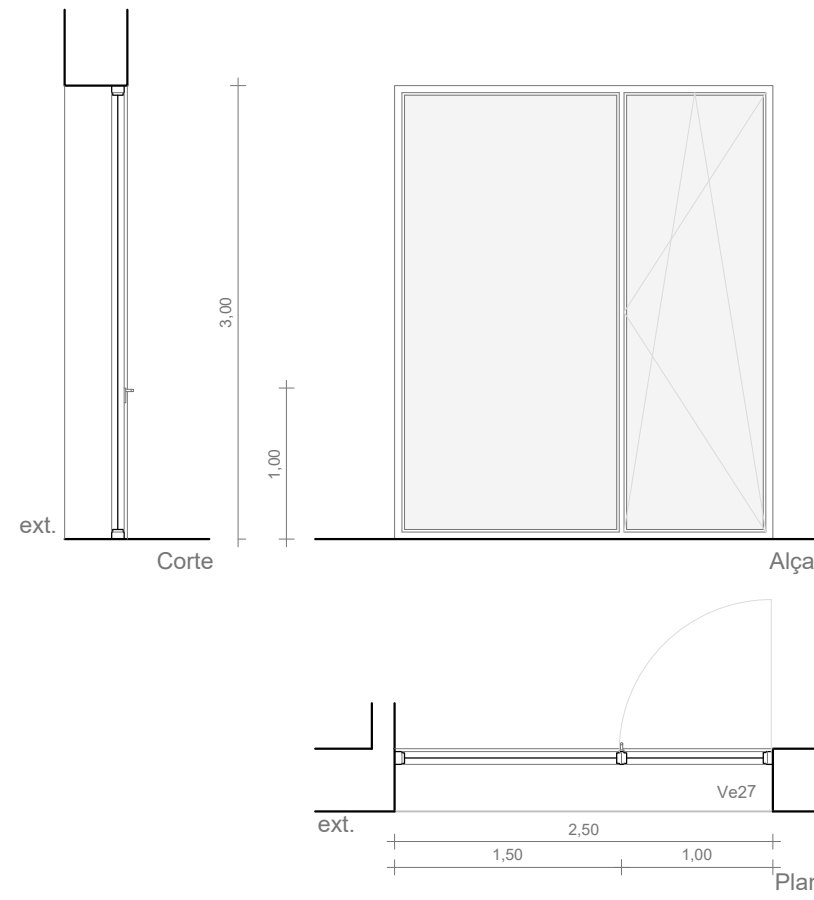
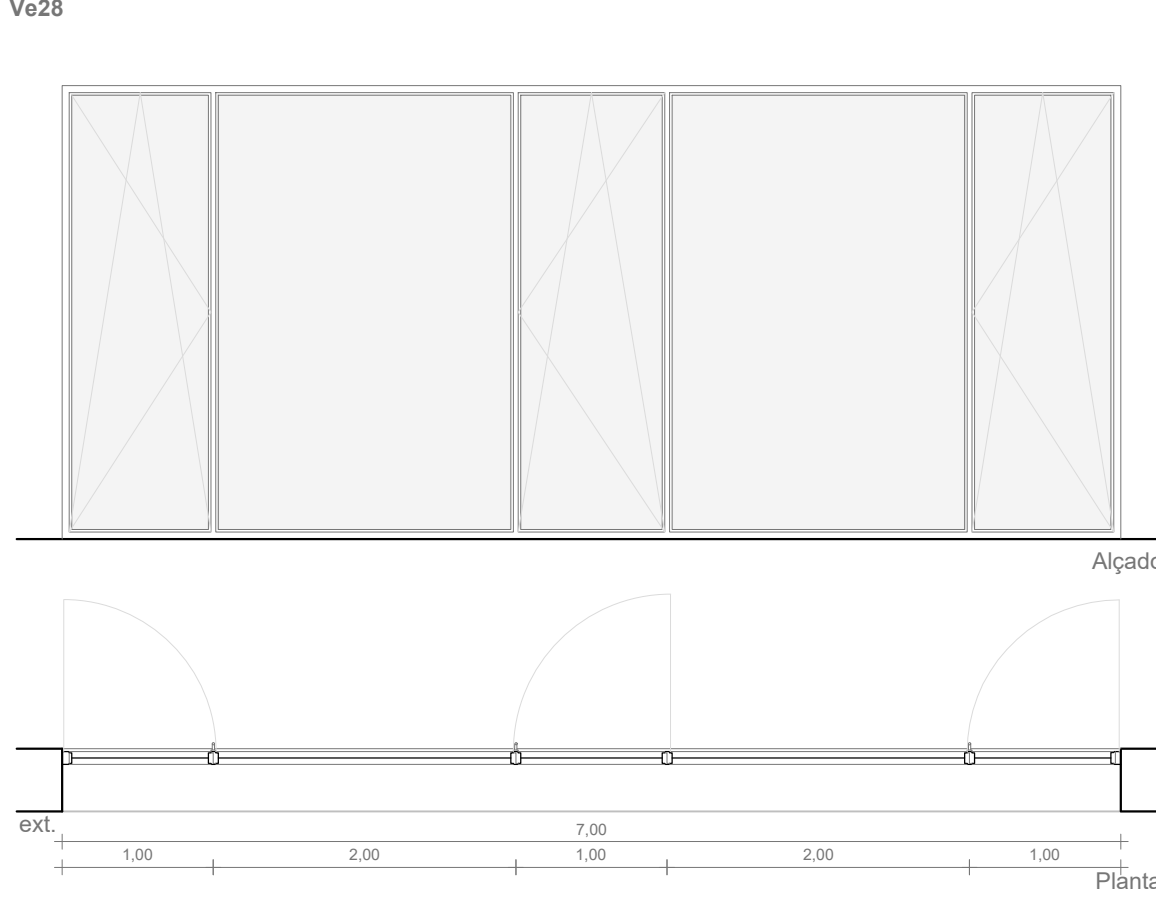
Tipo Ve03				Tipo Ve04				Tipo Ve05			
Dimensões 4 (L) X 3 (H)				10 (L) X 3 (H)				3.10 (L) X 3 (H)			
Quantidades 6 Ve03 piso 0				3 Ve04 piso 0 + 2 Ve04 piso 1 + 1 Ve04 piso 2				1 Ve05 piso 0			
Total 6				6				1			
Fichas Dobradilha soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi				Dobradilha soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi				Dobradilha soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi			
Fechos e Fechaduras Do fabricante, tipo Secco				Do fabricante, tipo Secco				Do fabricante, tipo Secco			
Material Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel			
Sist. de vedação de luz								Ver desenho de pormenor folha 42			
Guardimento do vão Ver desenho de pormenor folha 42								Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel			
Acabamentos Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura			
Vidro Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura				Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura				Com cabo vitróvio truncado, tipo Secco Sistemi			
Manipulo Com cabo vitróvio truncado em L, tipo Secco Sistemi				Com cabo vitróvio truncado em L, tipo Secco Sistemi							

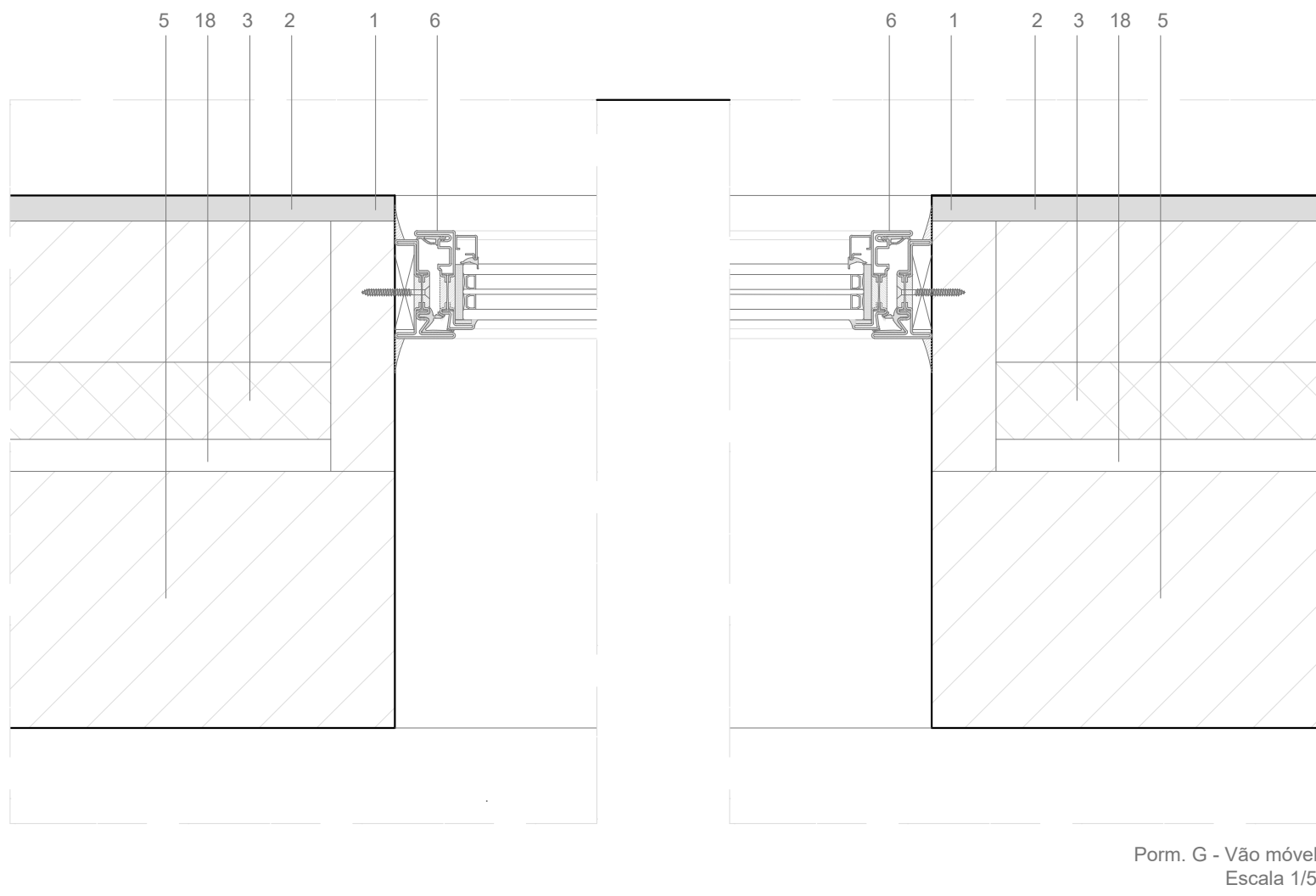
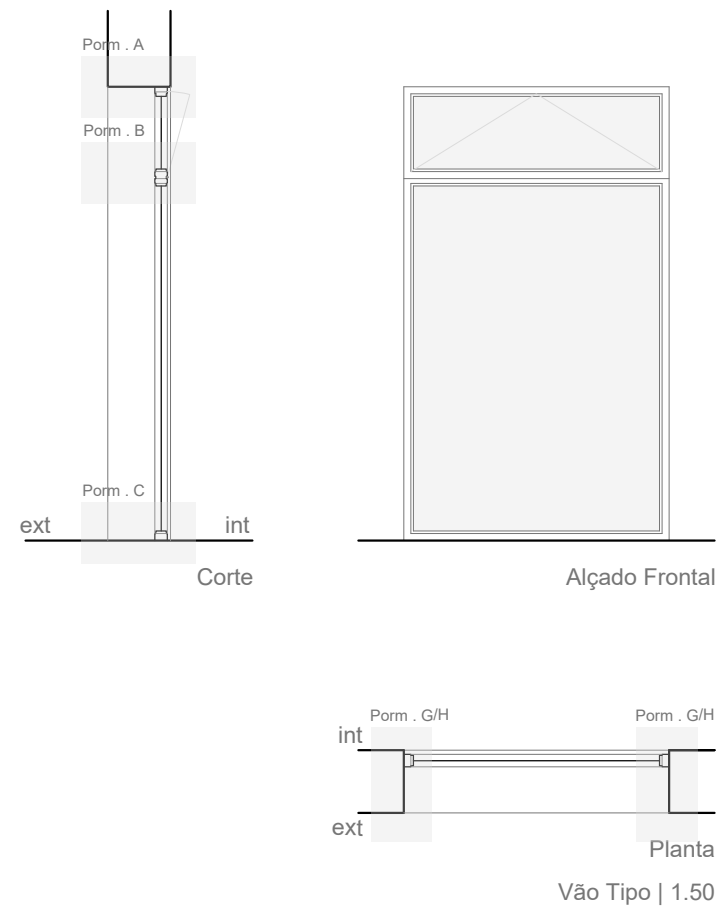
Tipo Ve06				Tipo Ve07				Tipo Ve08				Tipo Ve09			
Dimensões 3.10 (L) X 3 (H)				0.90 (L) X 2.93 (H) - Porta corta-fogo de batente tipo "TRIA" modelo EIS 1				0.90 (L) X 2.93 (H) - Porta corta-fogo de batente tipo "TRIA" modelo EIS 1				0.90 (L) X 2.93 (H) - Dupla Porta corta-fogo de batente tipo "TRIA" modelo EIS 2			
Quantidades 1 Ve06 piso 0				1 Ve07 piso 0				3 Ve08 piso 0				2 Ve09 piso 0			
Total 1				1				3				2			
Fichas Dobradilha soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi				Dobradilhas próprias da série				Dobradilhas próprias da série				Dobradilhas próprias da série			
Fechos e Fechaduras Do fabricante, tipo Secco				Mola aérea com braço articulado a definir + Cx. de fechadura anti-pânico própria da série				Mola aérea com braço articulado a definir + Cx. de fechadura anti-pânico própria da série				Mola aérea com braço articulado a definir + Cx. de fechadura anti-pânico própria da série			
Material Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Aço inox				Aço inox				Aço inox			
Sist. de vedação de luz												Aro em aço de acordo com o modelo EIS 2- "TRIA"			
Guardimento do vão Ver desenho de pormenor folha 42				Aro em aço de acordo com o modelo EIS 1- "TRIA"				Aro em aço de acordo com o modelo EIS 1- "TRIA"				Foleada pelo interior com painel tricap de espessura a definir			
Acabamentos Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Foleada pelo interior com painel tricap de espessura a definir				Foleada pelo interior com painel tricap de espessura a definir							
Vidro Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura												Puxador maciço/ roseta metálica tipo "JNF" mod. IN.00.083.S + barra anti-pânico a definir			
Manipulo Com cabo vitróvio truncado, tipo Secco Sistemi				Puxador maciço/ roseta metálica tipo "JNF" mod. IN.00.083.S + barra anti-pânico a definir				Puxador maciço/ roseta metálica tipo "JNF" mod. IN.00.083.S + barra anti-pânico a definir							

ISCTE-JUL		Projecto Final de Arquitectura		Dezembro 2020	
Inês Tavares Manso Dias		Projecto para edificio sede da AMI em Alcântara		36	
		Mapa de Vãos Exteriores		Escala 1/50	

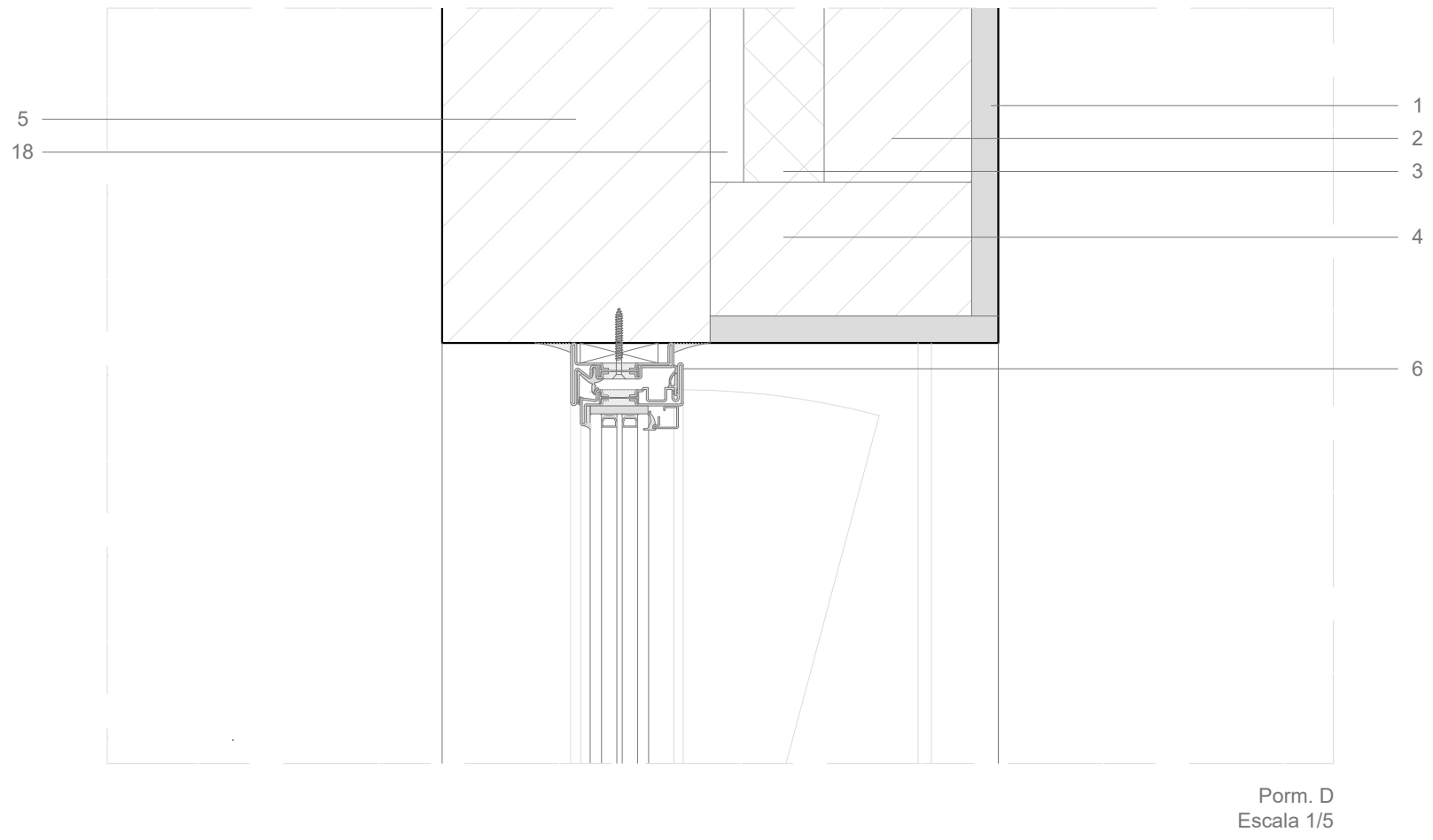
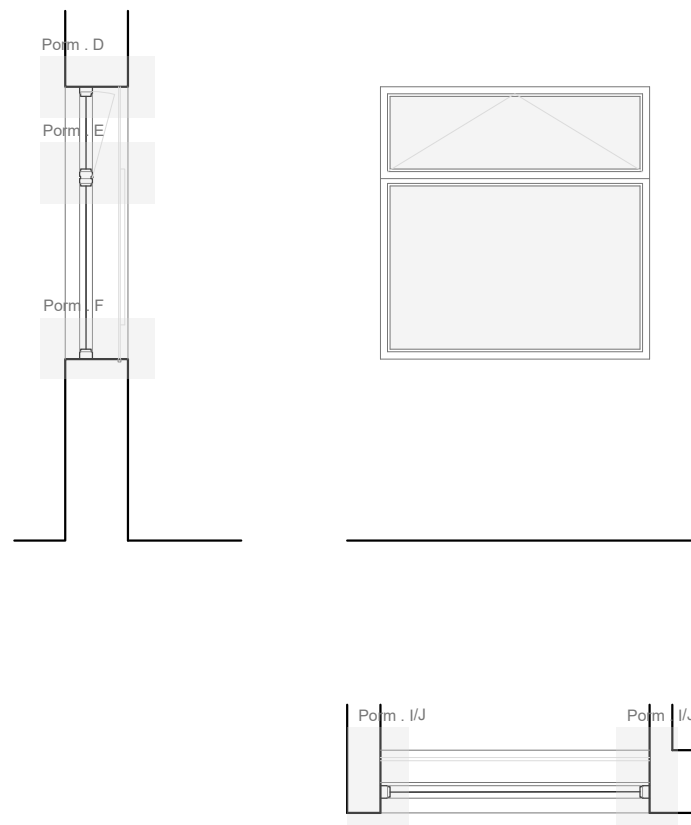
	Tipo	Tipo Ve10		Tipo	Tipo Ve11		Tipo	Tipo Ve12																
										Dimensões			7 (L) X 3 (H) - Portão sectionado c/ isolamento térmico tipo Refral/ Oxford 111			4.50 (L) X 3 (H)			0.90 (L) X 2.93 (H) - Porta corta-fogo de batente tipo "TRIA" modelo EIS 1					
										Quantidades			2 Ve10 piso 0			1 Ve11 piso 1			1 Ve12 piso 0					
										Ferreagens	Total		2		1		1							
											Fichas		De acordo o aconselhado pelo fabricante				Dobradiças poóprias da série							
Fechos e Fechaduras			De acordo o aconselhado pelo fabricante						Mola aérea com braço articulado a definir + Cx. de fechadura anti-pânico própria da série															
Material			Conforme o aconselhado pelo fabricante			Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel			Aço inox															
Sist. de vedação de luz																								
			Guardcemento do vão			Conforme o aconselhado pelo fabricante			Aro em aço de acordo com o modelo EIS 1- "TRIA"															
			Acabamentos			À definir			Foleada pelo interior com painel tricapa de espessura a definir															
			Vidro																					
			Manipulo						Puxador maciço/ roseta metálica tipo "JNF" mod. IN.00.083.S															
	Tipo		Tipo Ve13			Tipo	Tipo Ve14			Tipo	Tipo Ve15													
													Dimensões			0.90 (L) X 2.93 (H) - Porta corta-fogo de batente tipo "TRIA" modelo EIS 1			1.50 (L) X 3 (H)			6 (L) X 3 (H)		
													Quantidades			1 Ve13 piso 0			2 Ve14 piso 0 + 2 Ve14 piso 1			1 Ve15 piso 0		
													Ferreagens	Total		1		4		1				
		Fichas			Dobradiças poóprias da série									Dobradiça soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi										
Fechos e Fechaduras		Mola aérea com braço articulado a definir + Cx. de fechadura anti-pânico própria da série						Do fabricante, tipo Secco																
Material		Aço inox		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel																
Sist. de vedação de luz																								
		Guardcemento do vão			Aro em aço de acordo com o modelo EIS 1- "TRIA"			Ver desenho de pormenor folha 42																
		Acabamentos			Foleada pelo interior com painel tricapa de espessura a definir			Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel																
		Vidro						Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura																
		Manipulo			Puxador maciço/ roseta metálica tipo "JNF" mod. IN.00.083.S			Com cabo vitrúvio truncado em L, tipo Secco Sistemi																
	Tipo	Tipo Ve16				Tipo Ve17				Tipo Ve17														
													Dimensões			18 (L) X 3 (H)			3 (L) X 3 (H)					
													Quantidades			1 Ve16 piso 0			5 Ve17 piso 1					
													Ferreagens	Total		1		5						
			Fichas				Dobradiça soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi				Dobradiça soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi													
Fechos e Fechaduras			Do fabricante, tipo Secco				Do fabricante, tipo Secco																	
Material			Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel																	
Sist. de vedação de luz																								
			Guardcemento do vão				Ver desenho de pormenor folha 42		Ver desenho de pormenor folha 42															
			Acabamentos				Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel															
			Vidro				Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura		Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura															
			Manipulo				Com cabo vitrúvio truncado em L, tipo Secco Sistemi		Com cabo vitrúvio truncado em L, tipo Secco Sistemi															

ISCTE-IUL	Projecto Final de Arquitectura	Dezembro 2020
Inês Tavares Manso Dias	Projecto para edificio sede da AMI em Alcântara	37
	Mapa de Vãos Exteriores	

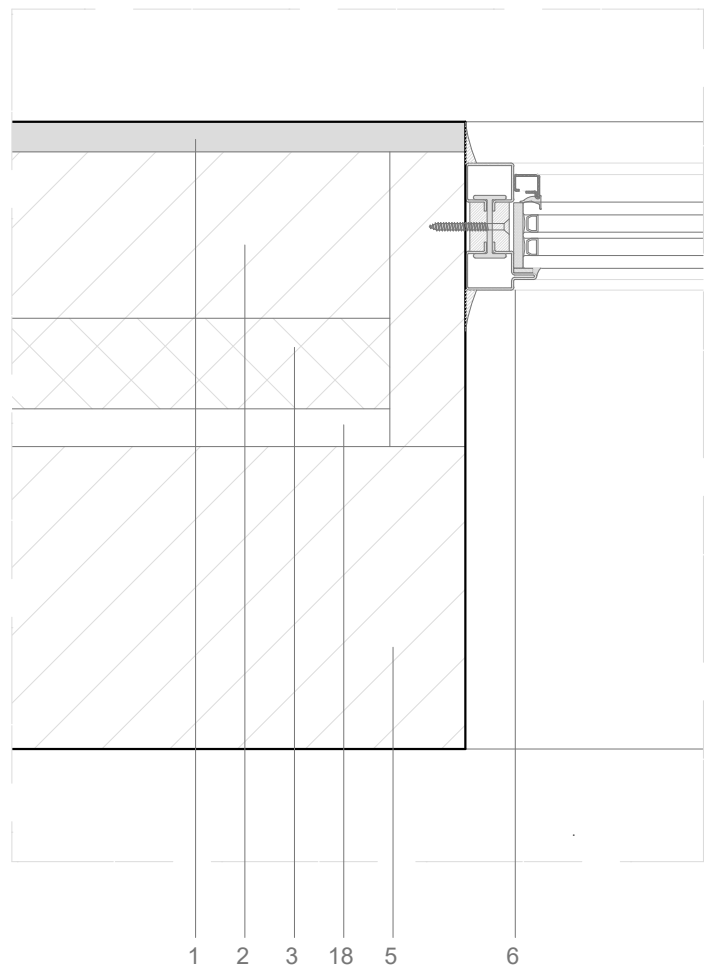
Tipo		Ve18				Tipo		Ve19				Tipo		Ve20				Tipo		Ve21			
Dimensões		1 (L) X 3 (H)				Dimensões		2.45 (L) X 3 (H)				Dimensões		5 (L) X 3 (H)				Dimensões		5.45 (L) X 3 (H)			
Quantidades		3 Ve18 piso 1				Quantidades		3 Ve19 piso 1 + 2 Ve19 piso 2				Quantidades		3 Ve20 piso 1 + 3 Ve20 piso 2				Quantidades		1 Ve21 piso 1 + 1 Ve21 piso 2			
Total		3				Total		5				Total		6				Total		2			
Fichas		Dobradilha soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi				Fichas		Dobradilha soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi				Fichas		Dobradilha soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi				Fichas		Dobradilha soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi			
Fechos e Fechaduras		Do fabricante, tipo Secco				Fechos e Fechaduras		Do fabricante, tipo Secco				Fechos e Fechaduras		Do fabricante, tipo Secco				Fechos e Fechaduras		Do fabricante, tipo Secco			
Material		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Material		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Material		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Material		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel			
Sist. de vedação de luz						Sist. de vedação de luz						Sist. de vedação de luz						Sist. de vedação de luz					
Guardacimento do vão						Guardacimento do vão						Guardacimento do vão						Guardacimento do vão					
Acabamentos		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Acabamentos		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Acabamentos		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Acabamentos		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel			
Vidro		Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura				Vidro		Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura				Vidro		Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura				Vidro		Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura			
Manipulo		Com cabo vitrúvio truncado em L, tipo Secco Sistemi				Manipulo		Com cabo vitrúvio truncado em L, tipo Secco Sistemi				Manipulo		Com cabo vitrúvio truncado em L, tipo Secco Sistemi				Manipulo		Com cabo vitrúvio truncado em L, tipo Secco Sistemi			
Tipo		Ve22				Tipo		Ve23				Tipo		Ve24									
Dimensões		9.95 (L) X 3 (H)				Dimensões		2.25 (L) X 3 (H)				Dimensões		0.82 (L) X 3 (H)									
Quantidades		1 Ve22 piso 1 + 1 Ve22 piso 2				Quantidades		1 Ve23 piso 1 + 2 Ve23 piso 2				Quantidades		1 Ve24 piso 1 + 2 Ve24 piso 2									
Total		2				Total		3				Total		3									
Fichas		Dobradilha soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi				Fichas		Dobradilha soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi				Fichas		Dobradilha soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi									
Fechos e Fechaduras		Do fabricante, tipo Secco				Fechos e Fechaduras		Do fabricante, tipo Secco				Fechos e Fechaduras		Do fabricante, tipo Secco									
Material		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Material		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Material		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel									
Sist. de vedação de luz		Ver desenho de pormenor folha 42				Sist. de vedação de luz		Ver desenho de pormenor folha 41				Sist. de vedação de luz		Ver desenho de pormenor folha 42									
Guardacimento do vão		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Guardacimento do vão		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Guardacimento do vão		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel									
Acabamentos		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Acabamentos		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Acabamentos		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel									
Vidro		Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura				Vidro		Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura				Vidro		Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura									
Manipulo		Com cabo vitrúvio truncado em L, tipo Secco Sistemi				Manipulo		Com cabo vitrúvio truncado em L, tipo Secco Sistemi				Manipulo		Com cabo vitrúvio truncado em L, tipo Secco Sistemi									
Tipo		Ve25				Tipo		Ve26				Tipo		Ve27				Tipo		Ve28			
Dimensões		1.78 (L) X 3 (H)				Dimensões		2.50 (L) X 3 (H)				Dimensões		2.50 (L) X 3 (H)				Dimensões		7 (L) X 3 (H)			
Quantidades		1 Ve25 piso 1 + 2 Ve25 piso 2				Quantidades		3 Ve26 piso 1 + 6 Ve26 piso 2				Quantidades		9 Ve27 piso 1 + 7 Ve27 piso 2				Quantidades		1 Ve28 piso 1 + 1 Ve28 piso 2			
Total		3				Total		9				Total		16				Total		2			
Fichas		Dobradilha soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi				Fichas		Dobradilha soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi				Fichas		Dobradilha soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi				Fichas		Dobradilha soldável do sistema OS2 75 c/ rututra térmica tipo Secco Sistemi			
Fechos e Fechaduras		Do fabricante, tipo Secco				Fechos e Fechaduras		Do fabricante, tipo Secco				Fechos e Fechaduras		Do fabricante, tipo Secco				Fechos e Fechaduras		Do fabricante, tipo Secco			
Material		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Material		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Material		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Material		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel			
Sist. de vedação de luz		Ver desenho de pormenor folha 41				Sist. de vedação de luz		Ver desenho de pormenor folha 42				Sist. de vedação de luz		Ver desenho de pormenor folha 42				Sist. de vedação de luz		Ver desenho de pormenor folha 42			
Guardacimento do vão		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Guardacimento do vão		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Guardacimento do vão		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Guardacimento do vão		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel			
Acabamentos		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Acabamentos		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Acabamentos		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel				Acabamentos		Aço inoxidável, tipo Secco Sistemi scotch brite 316L stainless steel			
Vidro		Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura				Vidro		Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura				Vidro		Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura				Vidro		Vidro temperado incolor 11.5 mm espessura			
Manipulo		Com cabo vitrúvio truncado em L, tipo Secco Sistemi				Manipulo		Com cabo vitrúvio truncado em L, tipo Secco Sistemi				Manipulo		Com cabo vitrúvio truncado em L, tipo Secco Sistemi				Manipulo		Com cabo vitrúvio truncado em L, tipo Secco Sistemi			
																</							



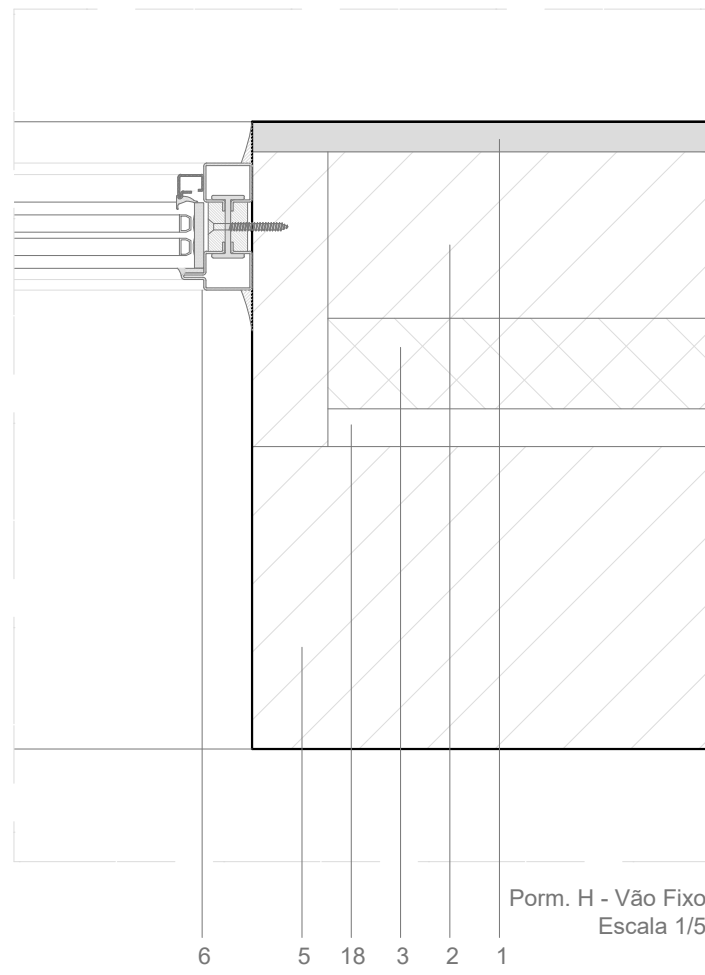
Porm. G - Vão móvel
Escala 1/5



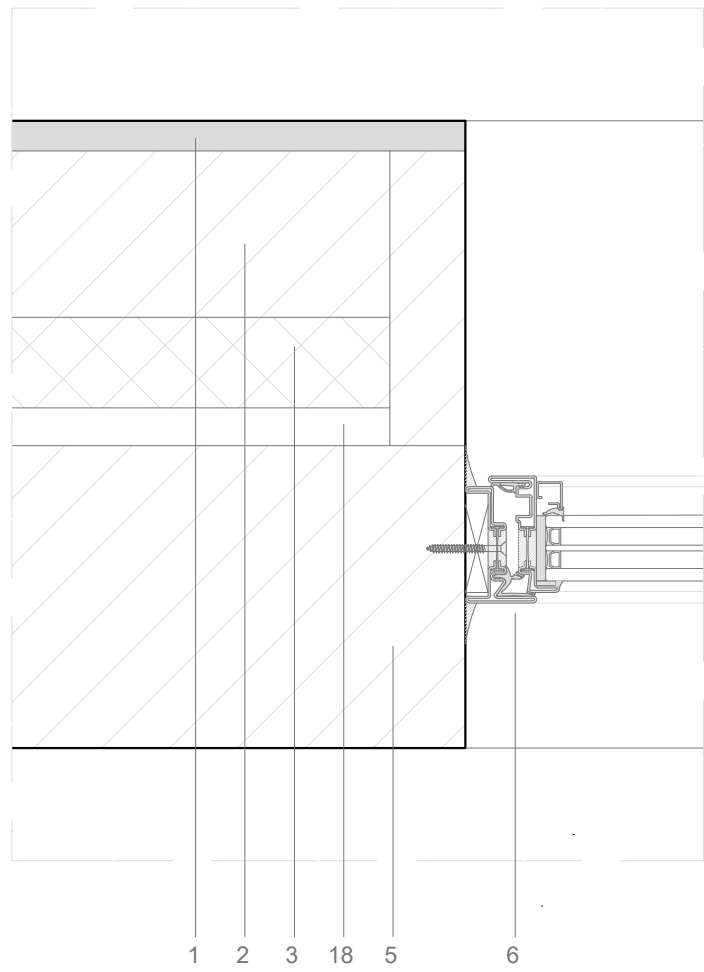
Porm. D
Escala 1/5



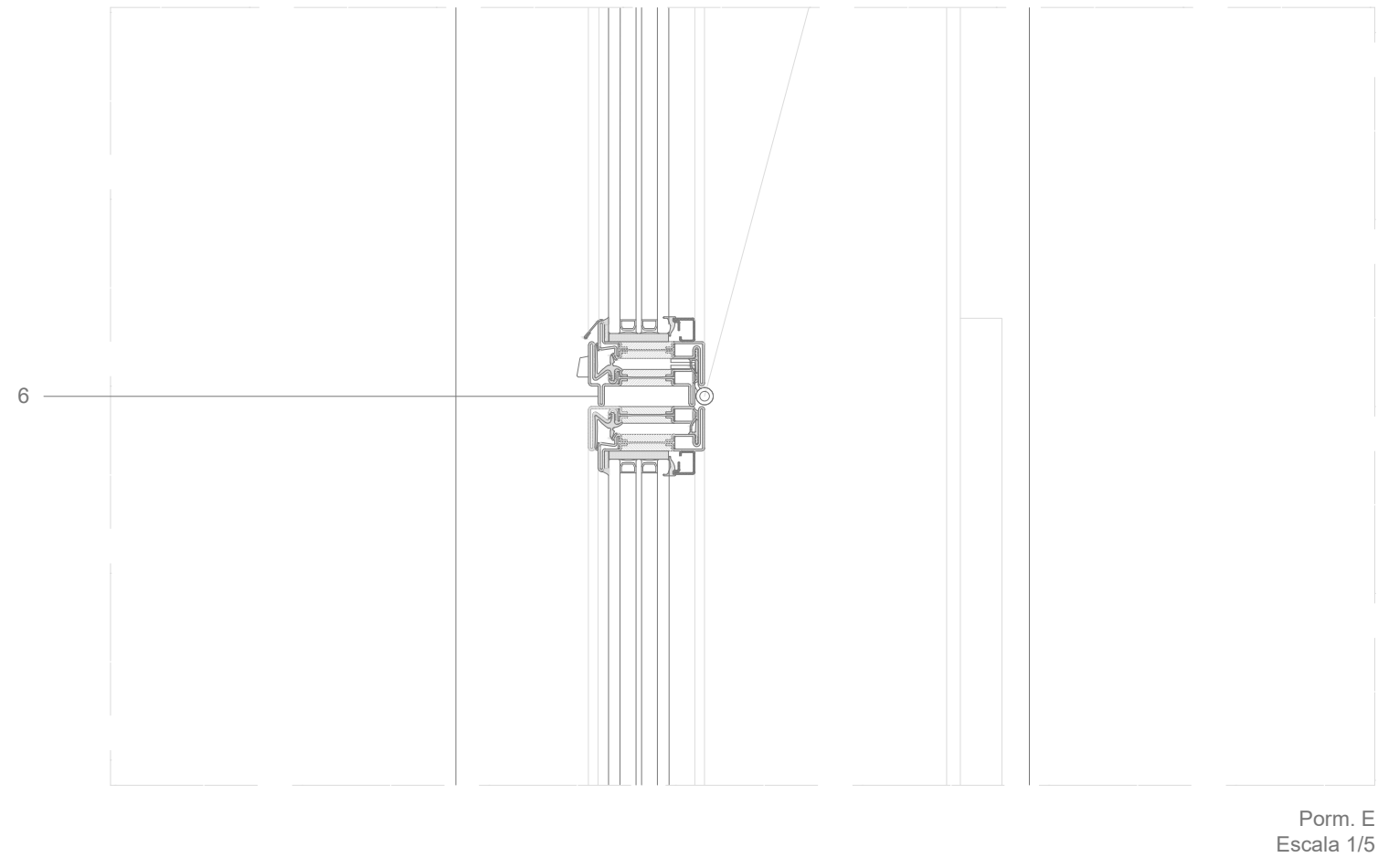
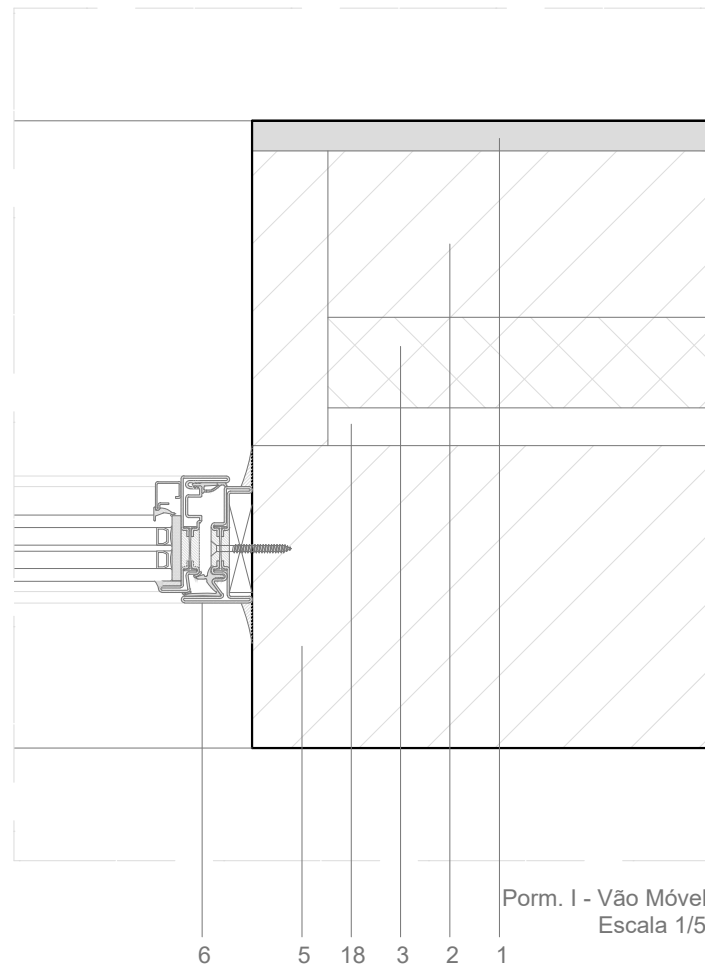
Porm. H - Vão Fixo
Escala 1/5



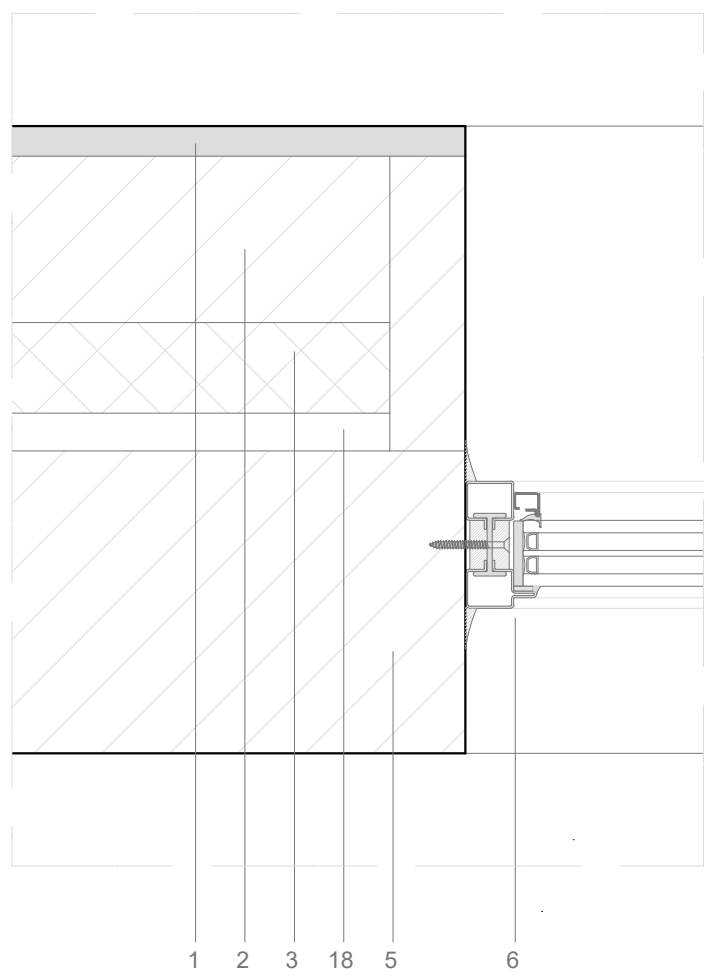
Porm. I - Vão Móvel
Escala 1/5



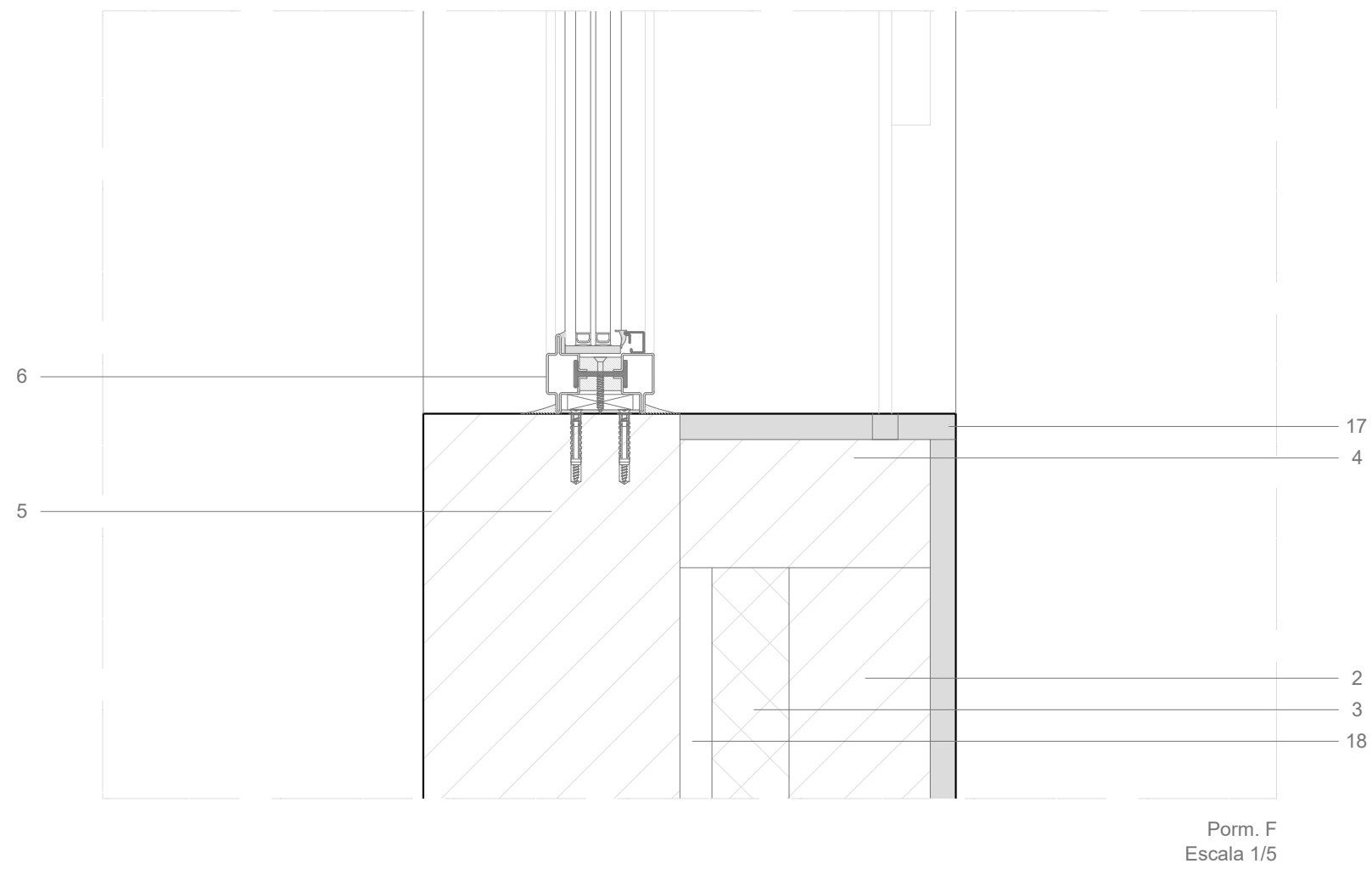
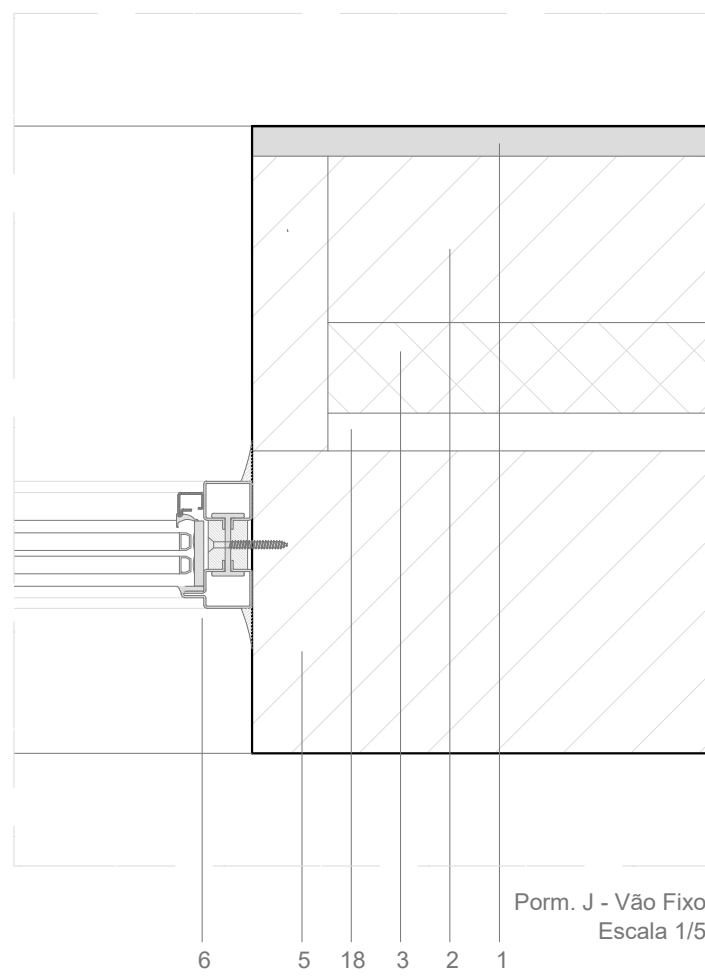
Porm. J - Vão Fixo
Escala 1/5



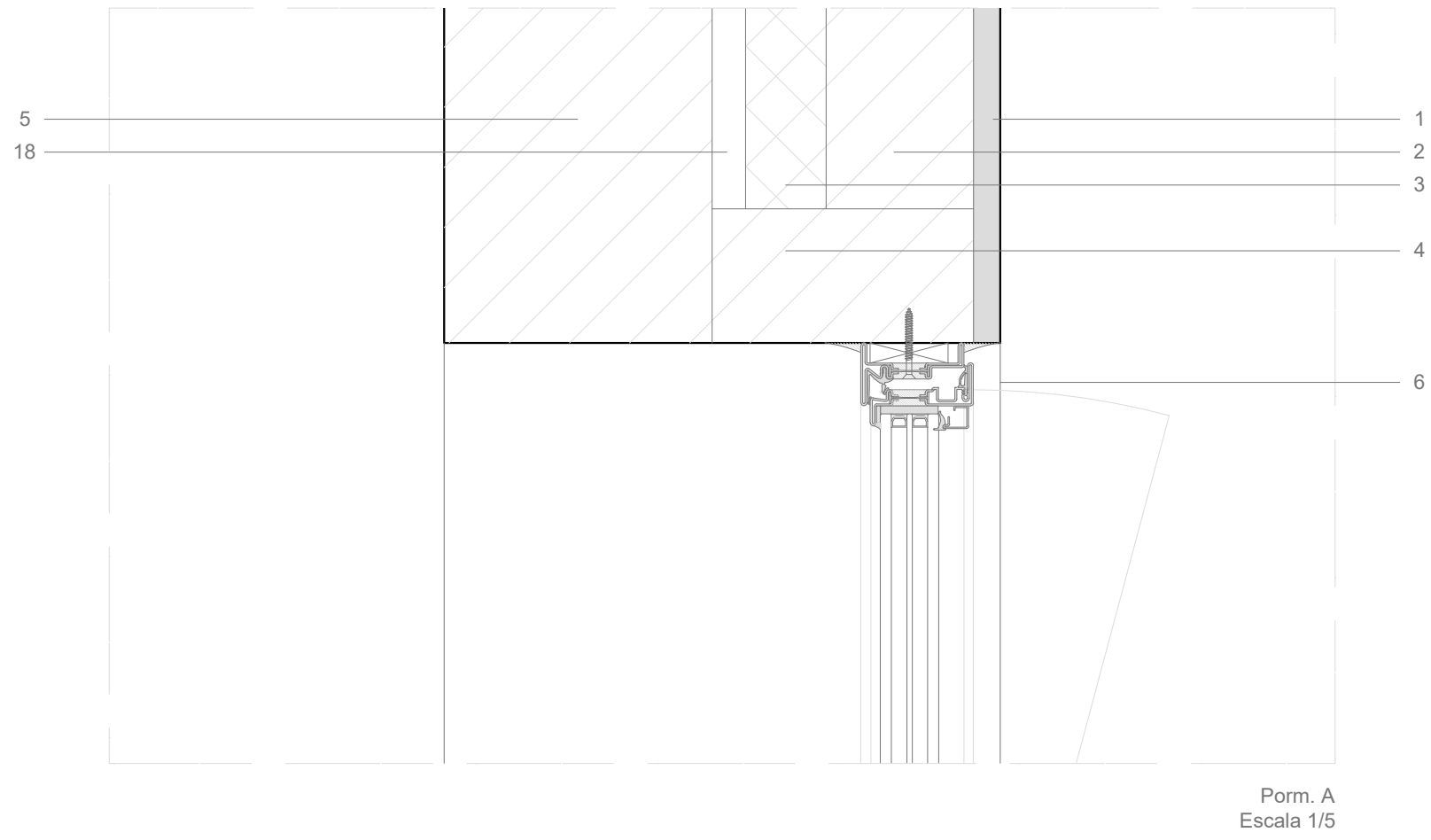
Porm. E
Escala 1/5



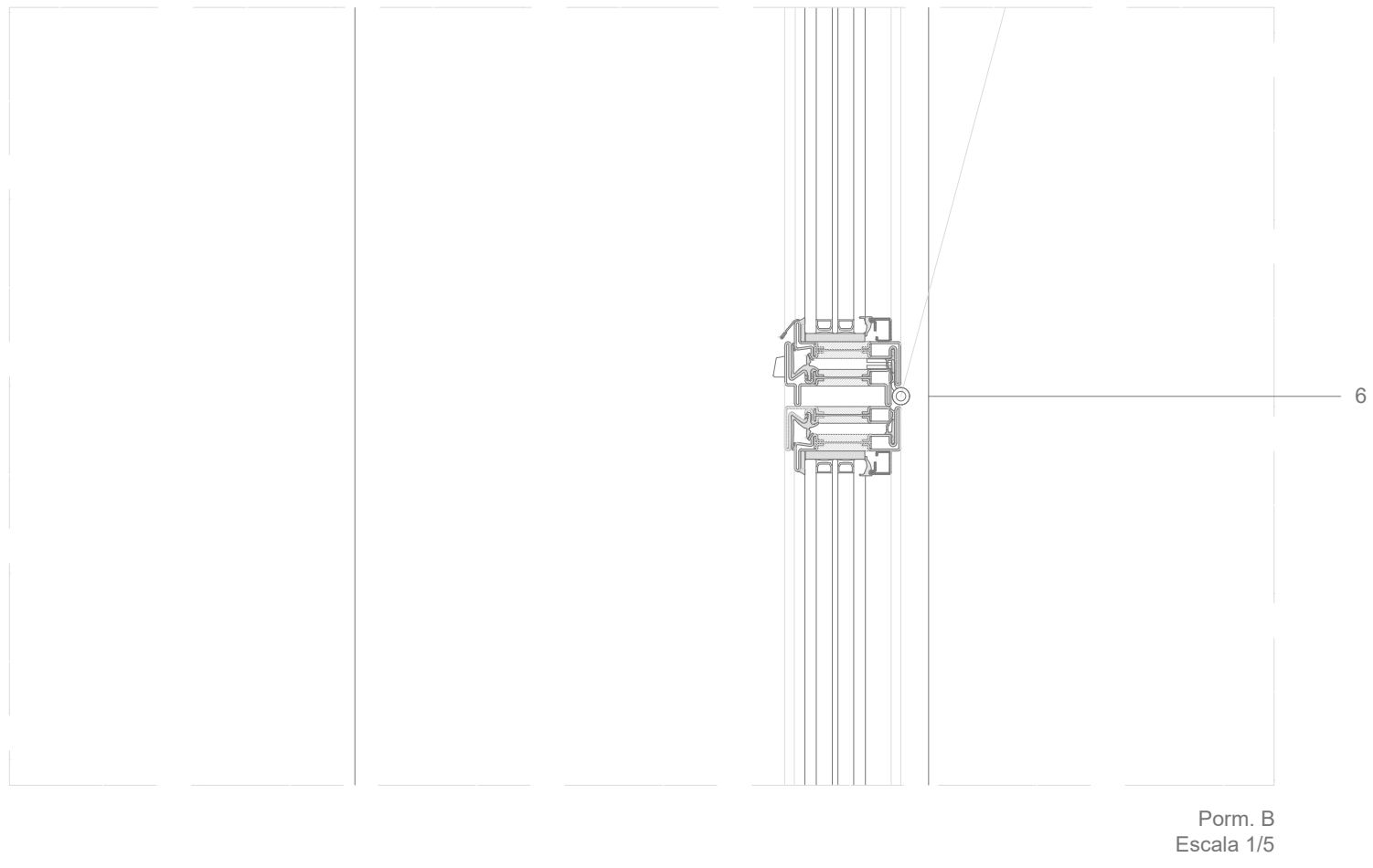
Porm. L - Vão Fixo
Escala 1/5



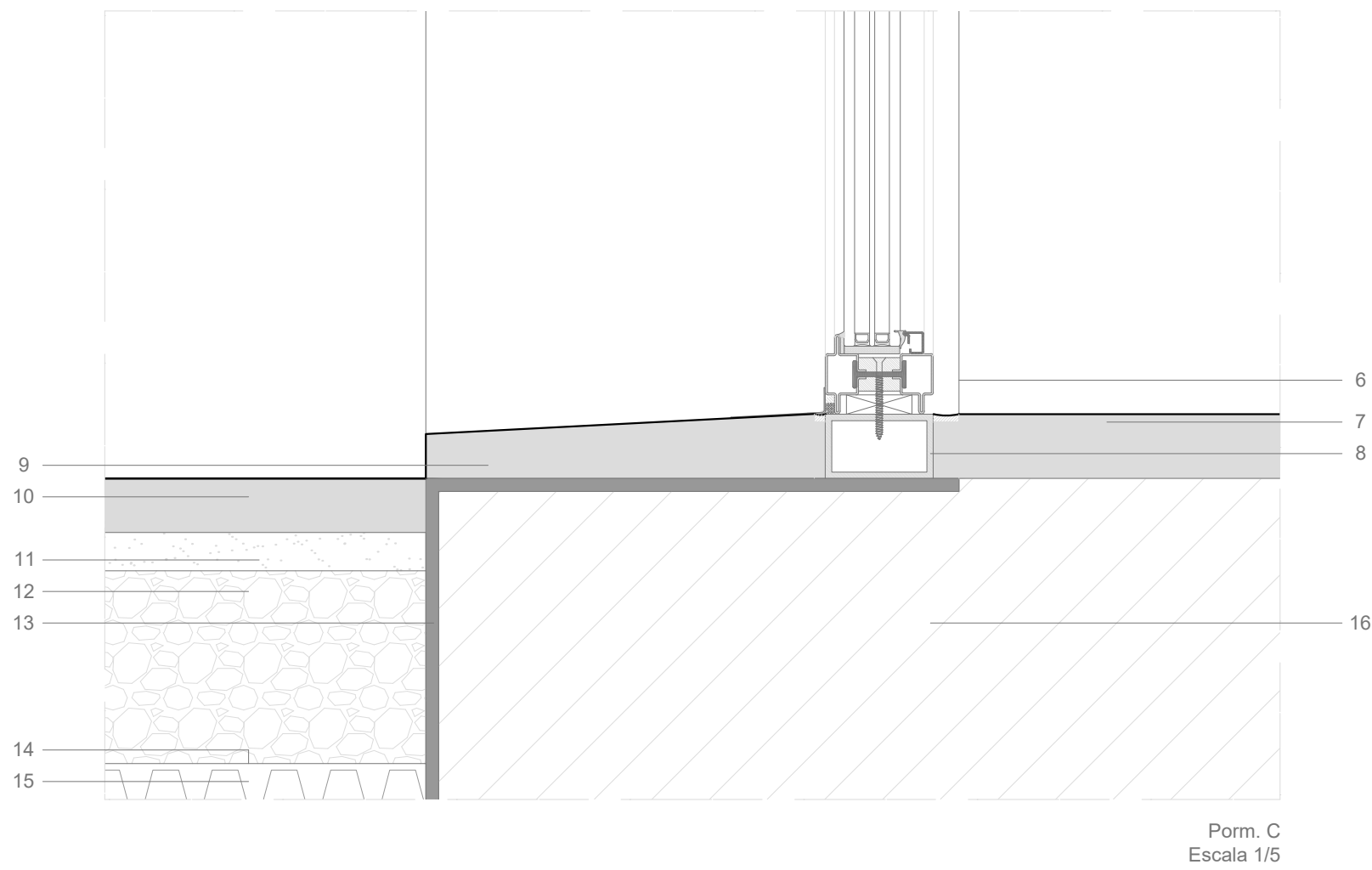
Porm. F
Escala 1/5



Porm. A
Escala 1/5

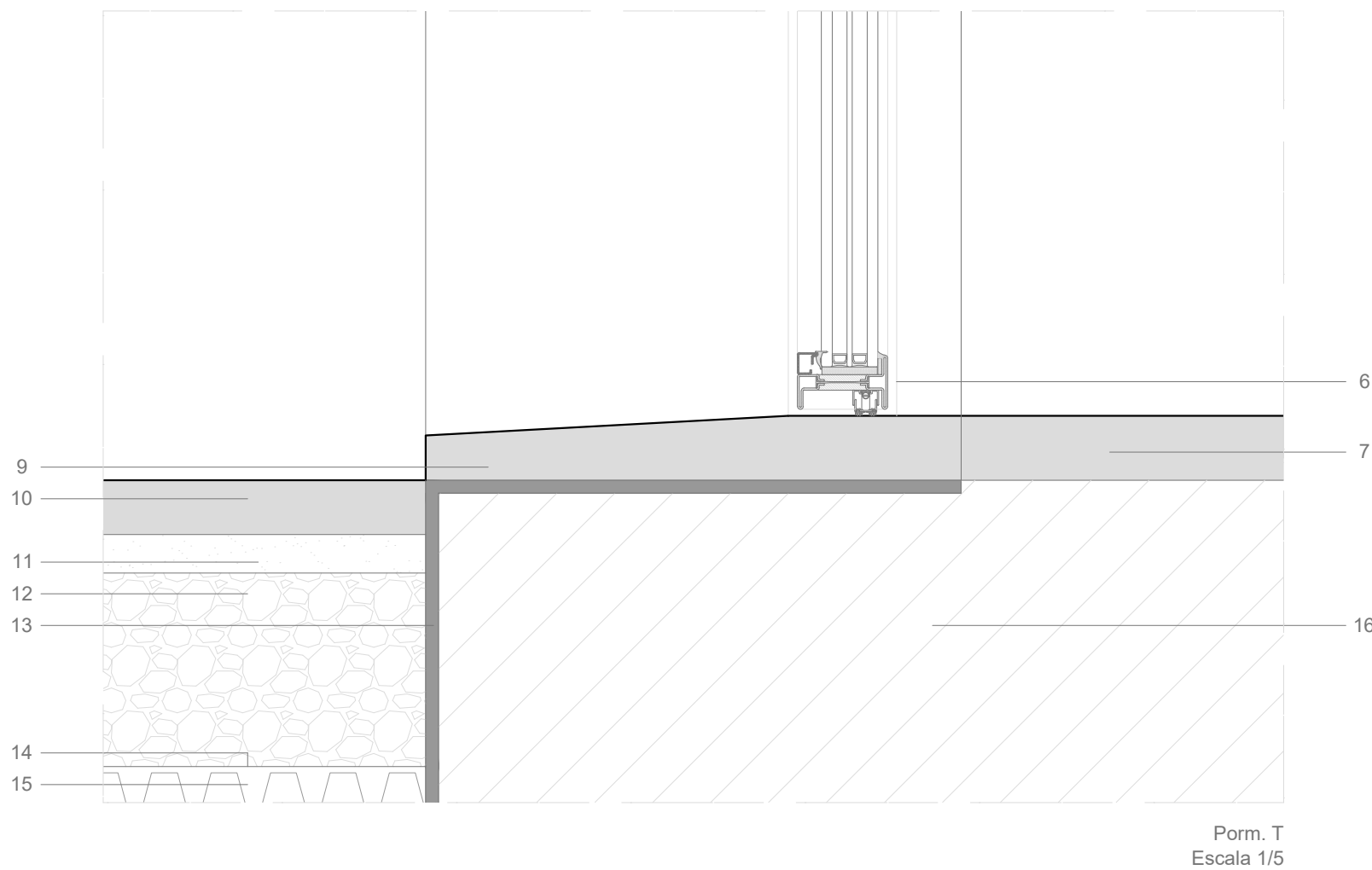
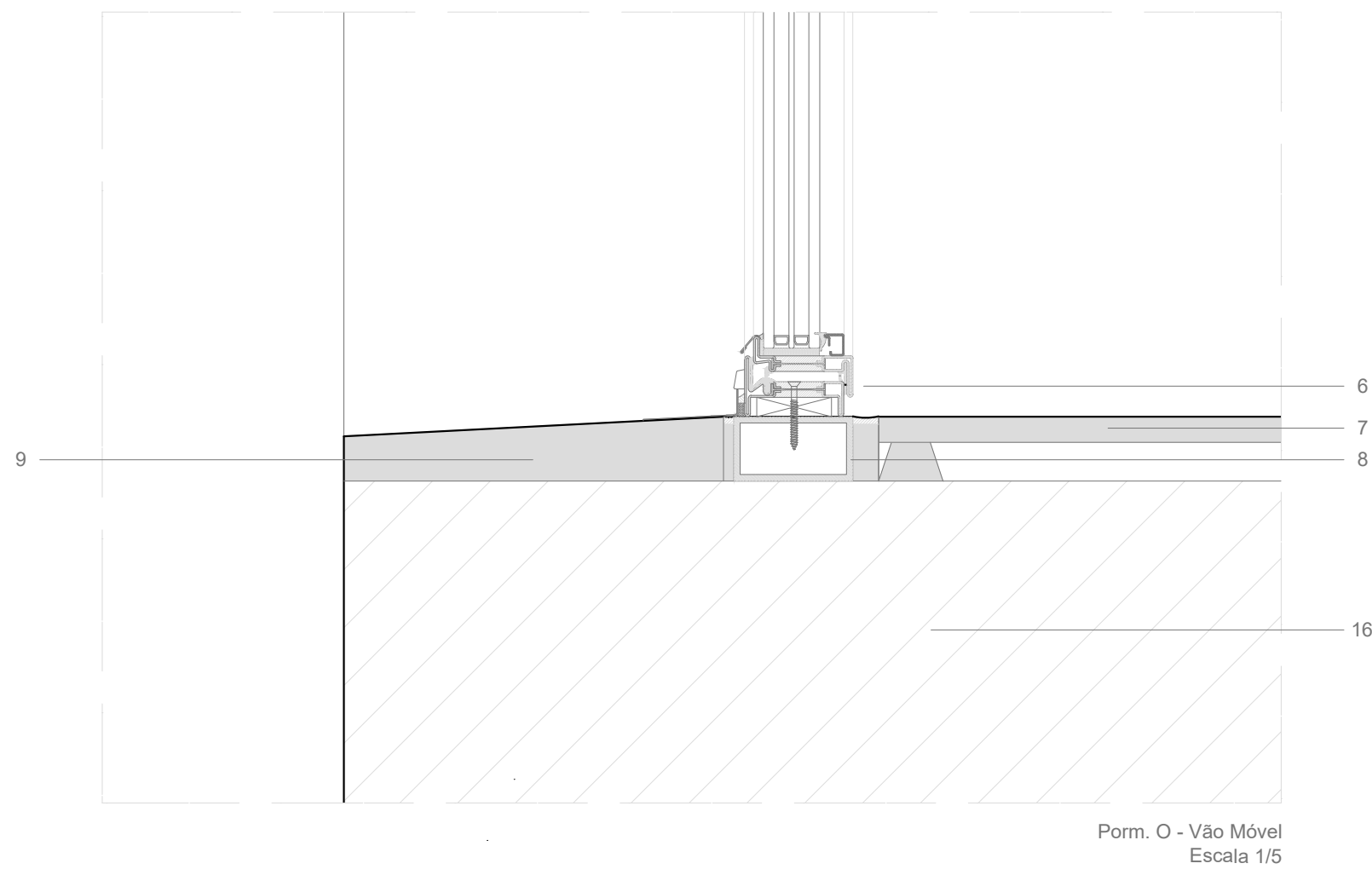
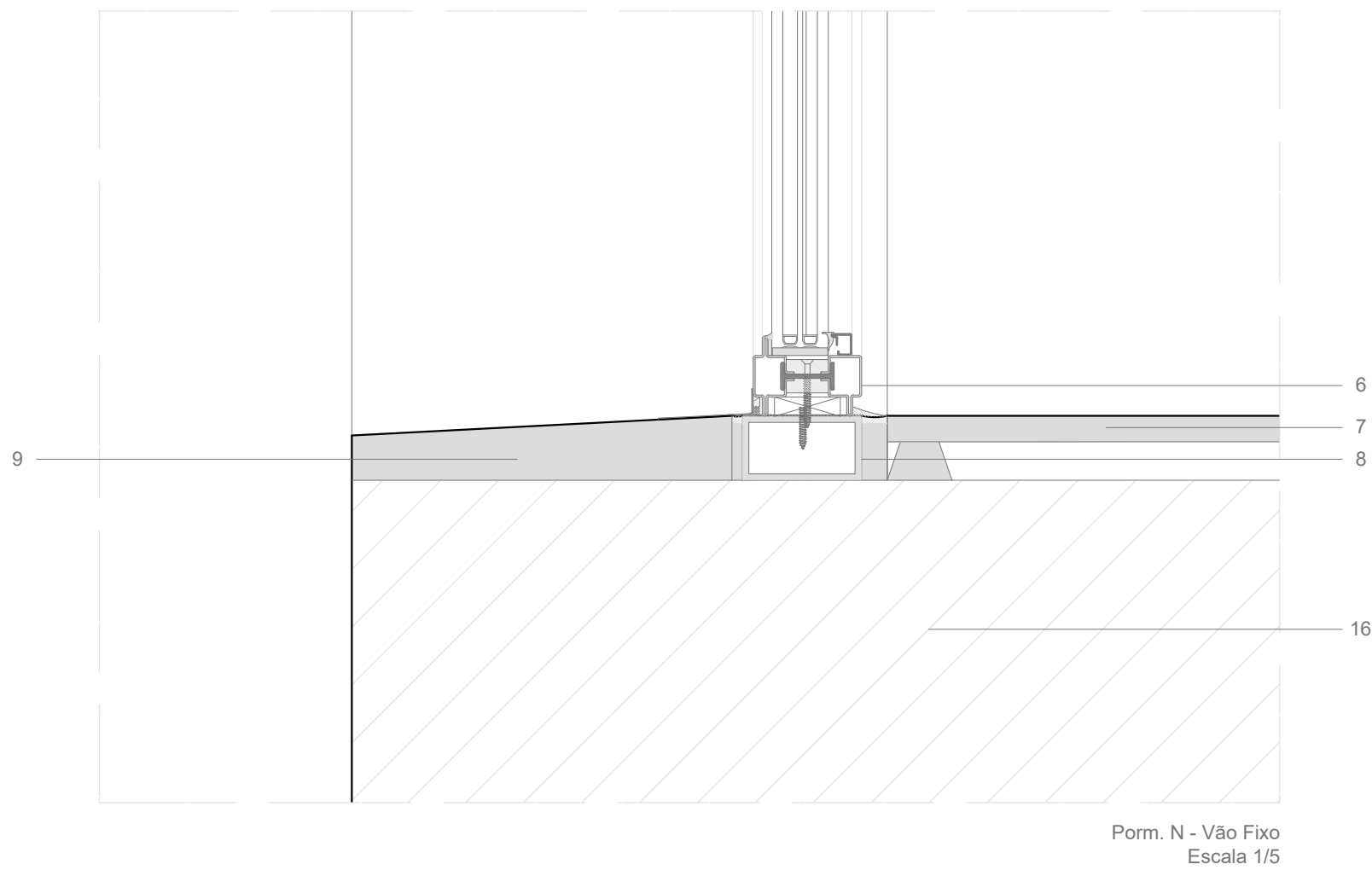
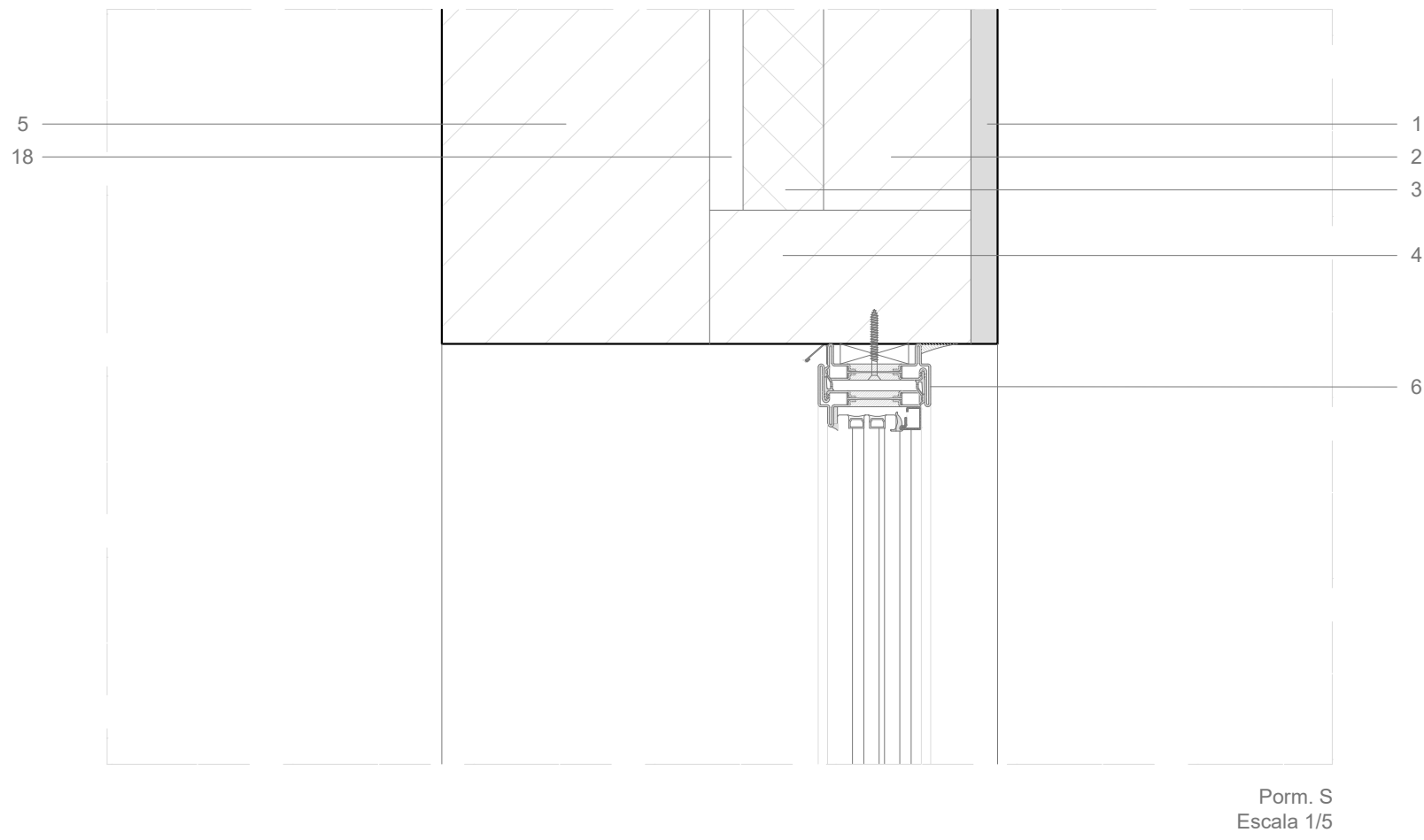
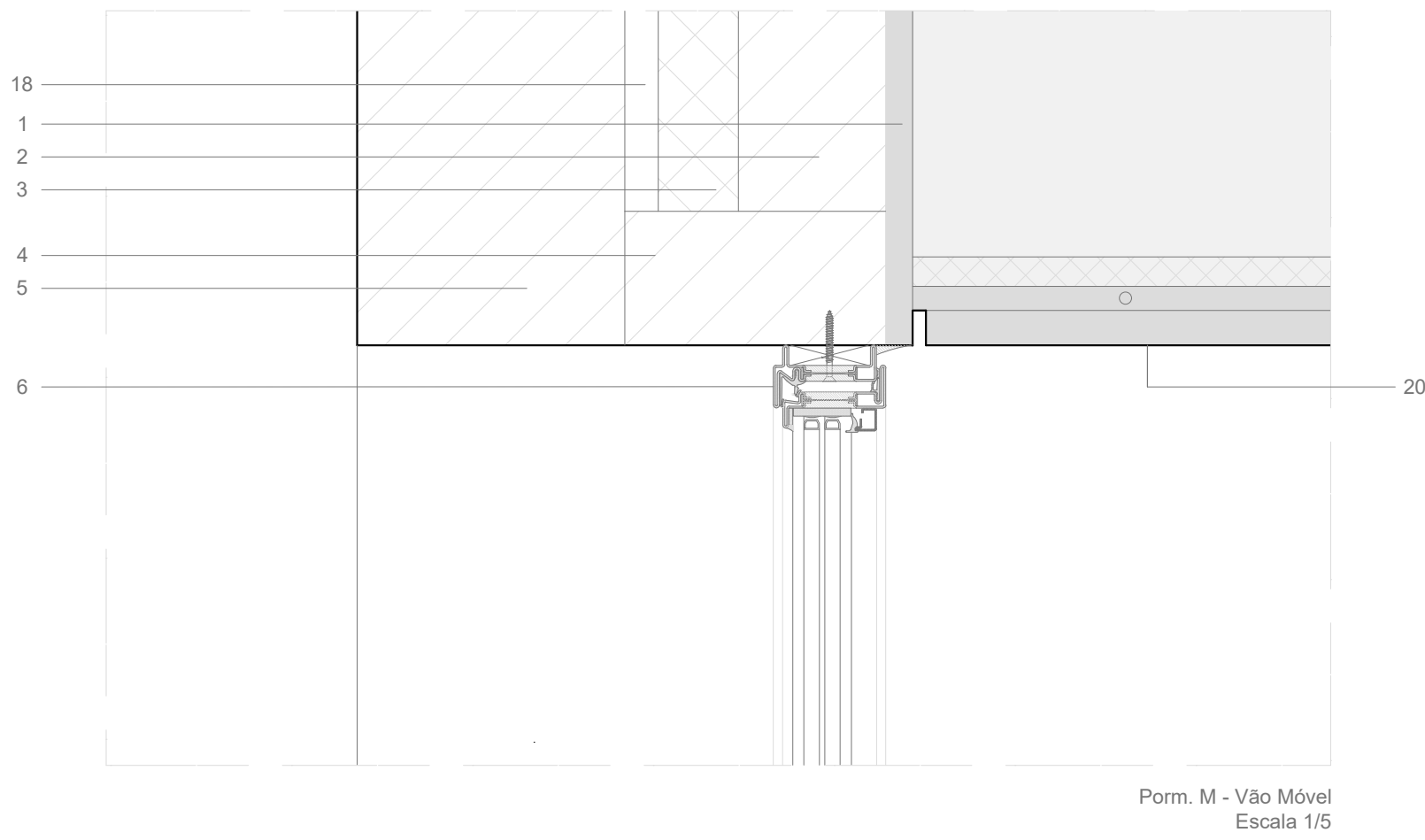
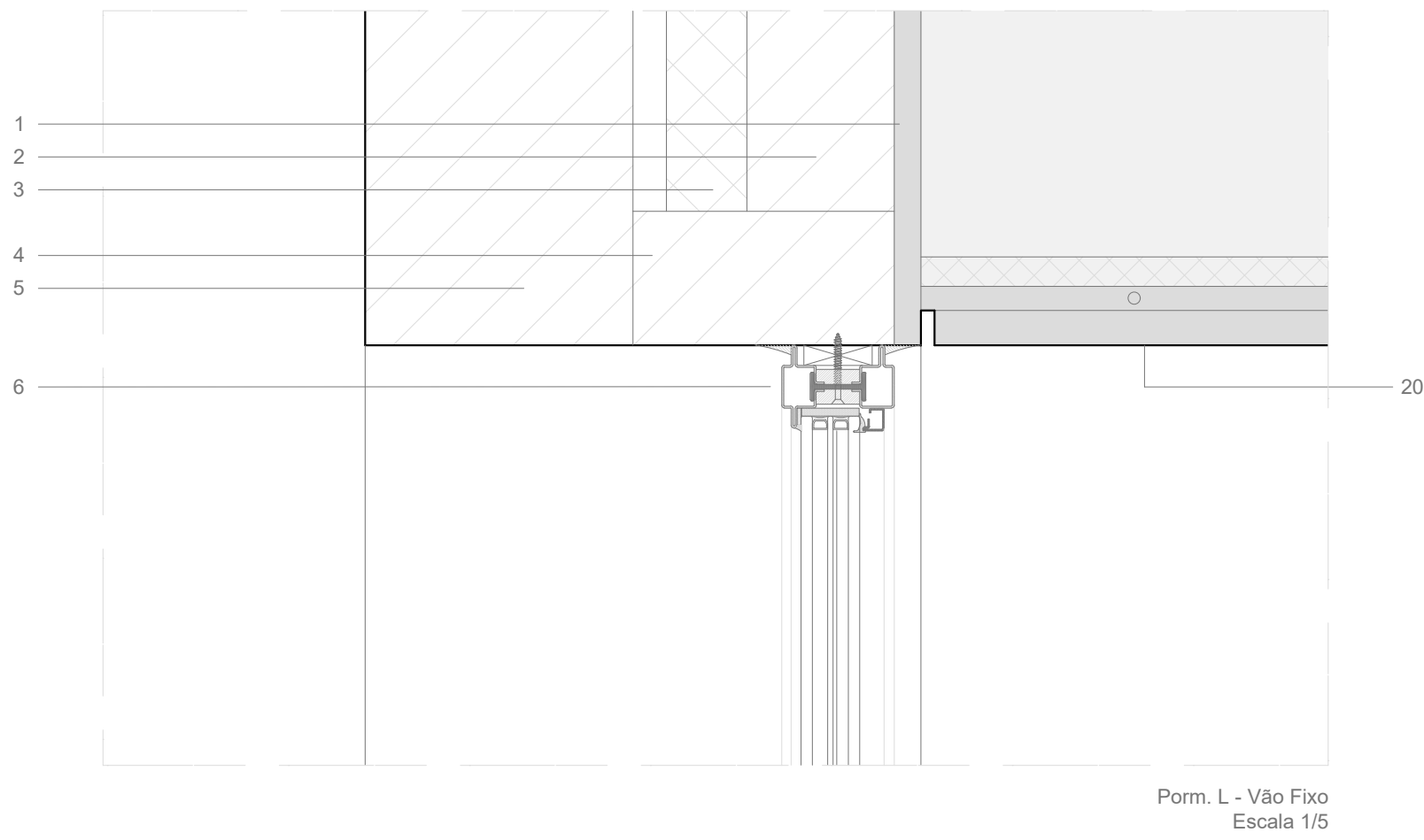
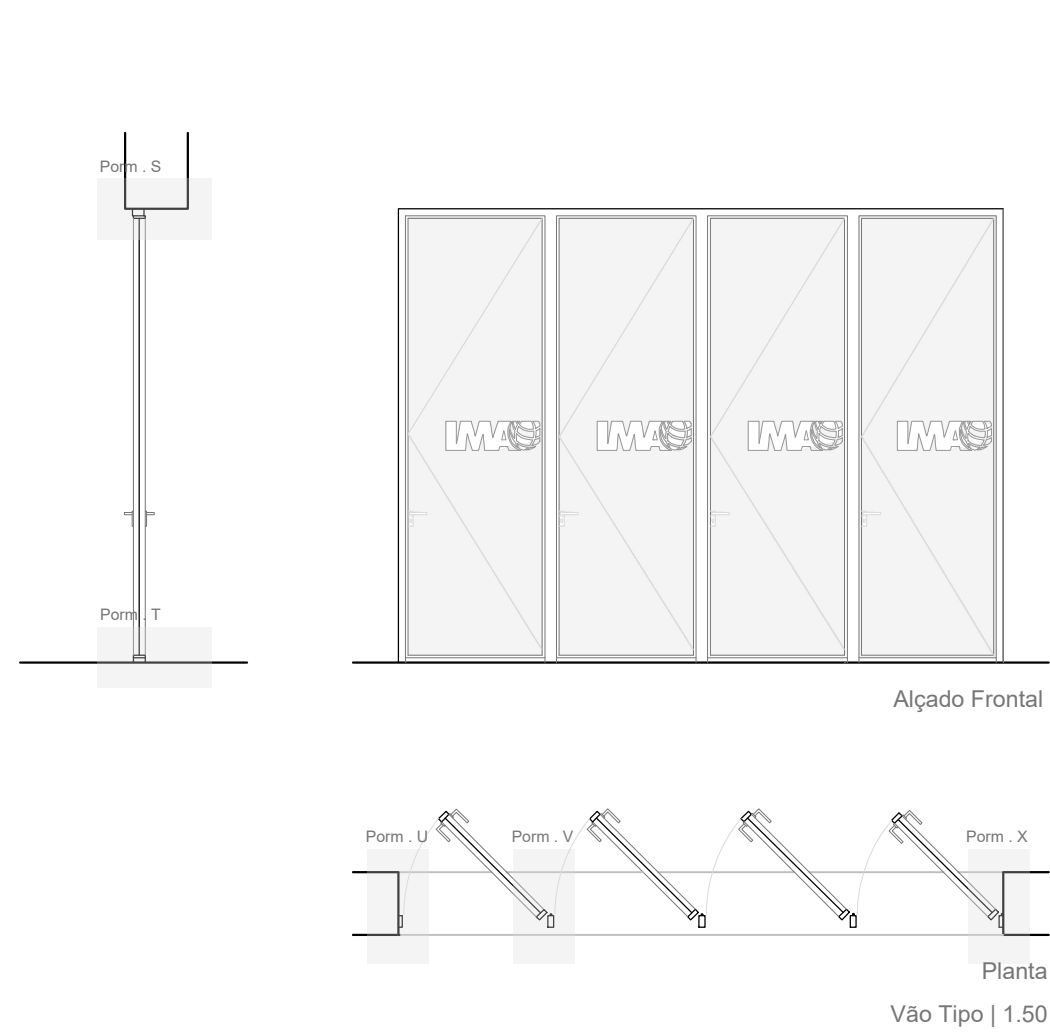
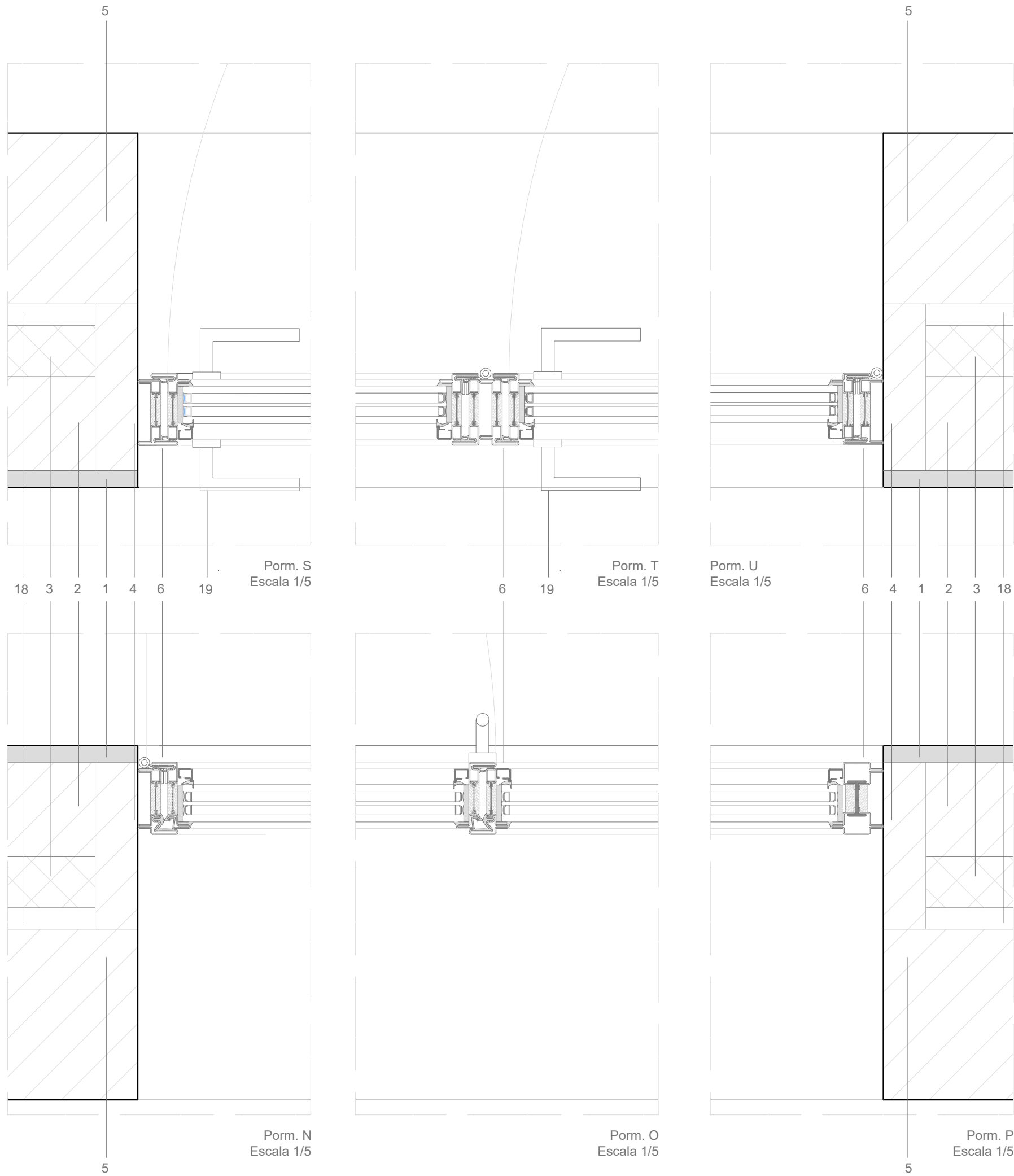
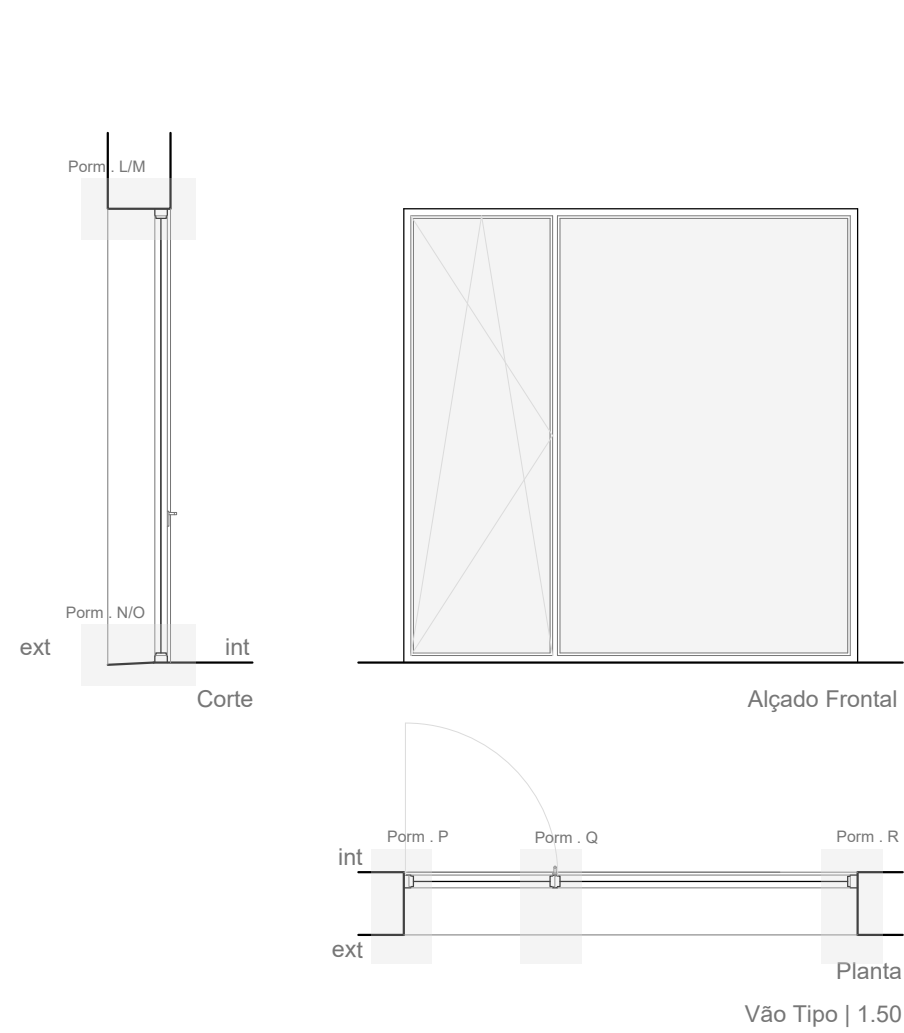


Porm. B
Escala 1/5



Porm. C
Escala 1/5

- 1 | Estuque pintado cor a definir
- 2 | Tijolo tradicional 11cm esp. tipo Preceram ref. PR302011170610
- 3 | Isolamento térmico tipo Roofmate 6cm esp.
- 4 | Peça de remate em betão pré-fabricado
- 5 | Betão à vista espessura 20cm
- 6 | Caixilharia de aço tipo Secco OS2 75 com ruptura térmica e vidro triplo
- 7 | Pavimento interior de acordo com o local de aplicação do vão
- 8 | Perfil Rectangular de 100x50 mm por 5mm de espessura tipo Alu-stock
- 9 | Soleira em betão pré-fabricado
- 10 | Pavimento permeável tipo Paviston betão poroso
- 11 | Base de gralilha regularizada 3cm esp.
- 12 | Gralilha compacta 15cm esp.
- 13 | Tela anti-raízes tipo WSB 100-PO da ZinCo GmbH
- 14 | Filtro PV
- 15 | Sistema de drenagem tipo Stabilodrain SD 30, com enchimento de gralilha de granulometria baixa
- 16 | Laje em betão armado
- 17 | Revestimento interior de acordo com o local de aplicação do vão
- 18 | Caixa de Ar



- 1 | Estuque pintado cor a definir
- 2 | Tijolo tradicional 11cm esp. tipo Preceram ref. PR302011170610
- 3 | Isolamento térmico tipo Roofmate 6cm esp.
- 4 | Peça de remate em betão pré-fabricado
- 5 | Betão à vista espessura 20cm
- 6 | Caixilharia de aço tipo Secco OS2 75 com ruptura térmica e vidro triplo
- 7 | Pavimento interior de acordo com o local de aplicação do vão
- 8 | Perfil Rectangular de 100x50 mm por 5mm de espessura tipo Alu-stock
- 9 | Soleira em betão pré-fabricado
- 10 | Pavimento permeável tipo Paviston betão poroso
- 11 | Base de gralilha regularizada 3cm esp.
- 12 | Gralilha compacta 15cm esp.
- 13 | Tela anti-raízes tipo WSB 100-PO da ZinCo GmbH
- 14 | Filtro PV
- 15 | Sistema de drenagem tipo Stabilodrain SD 30, com enchimento de gralilha de granulometria baixa
- 16 | Laje em betão armado
- 17 | Revestimento interior de acordo com o local de aplicação do vão
- 18 | Caixa de Ar
- 19 | Manipulo com cabo vitróvio truncado, tipo Secco Sistemi
- 20 | Tecto suspenso em gesso cartonado tipo Pladur estrutura simples T-45